

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

ANA CAROLINA ROMAN RODRIGUES

**A argumentação no Ensino de Geografia**

SÃO PAULO  
2017



ANA CAROLINA ROMAN RODRIGUES

**A argumentação no Ensino de Geografia**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia Humana

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda

SÃO PAULO  
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

RR696a Rodrigues, Ana Carolina Roman  
A argumentação no ensino de Geografia / Ana Carolina Roman Rodrigues ; orientadora Maria Eliza Miranda. - São Paulo, 2017.  
274 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Ensino. 2. Argumentação. 3. Ensino de Geografia. 4. Dialogismo. 5. Bakhtin . I. Miranda, Maria Eliza , orient. II. Título.

RODRIGUES, A. C. R. **A argumentação no Ensino de Geografia.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Geografia Humana.

Aprovado em:

Professora Orientadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_



## **AGRADECIMENTOS**

No momento em que vejo o trabalho de dissertação, ao qual me dediquei por quase três anos, encerrado, lembro-me da necessidade e da vontade que tenho de escrever os agradecimentos para aqueles que me deram todo tipo de suporte necessário para que pudesse chegar a esse momento. Sabemos que a escrita é um processo solitário, porém, durante os momentos dedicados a ela, tive interlocutores diretos e indiretos: muitos deles, eu convivi e conheci por meio de livros, e outros estiveram aqui, perto ou longe geograficamente, mas sempre com suas palavras de afeto, mensagens e abraços virtuais ou calorosos em dias difíceis.

Recentemente, me dediquei à leitura de um filósofo francês chamado Jean Luc Nancy e, em seus escritos, ele discute o que é o toque e a proximidade entre coisas e pessoas. Tal reflexão atravessa o momento em que estou escrevendo essa dedicatória e, gostaria de dedicar essa dissertação a todos aqueles cujas palavras que, de algum modo, me tocaram nesse período de pesquisa. A autoria dessa dissertação é permeada por todas essas vozes e gestos.

Nos próximos parágrafos, farei uma lista daqueles que estiveram comigo em reflexão e pensamento e que sempre estão próximos, em memória e em meus enunciados.

Aos meus ex-alunos e ex-colegas de trabalho da E.E. Manuela Lacerda Vergueiro, que, no tempo curto de convivência, me mostraram alguns desafios de ser professora e que estão todos os dias na minha memória e na minha pesquisa.

Aos meus pais e avós, pelo amor e apoio incondicional durante todos os períodos da minha vida e dificuldades.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda pela paciência, ajuda e estímulo intelectual ao longo de todo processo de elaboração da dissertação de mestrado e durante todo período da graduação.

Aos colegas do Círculo de Estudos das Fronteiras Teóricas para Formação de Professores, fundamentais interlocutores para o amadurecimento de questões fundamentais à elaboração dessa dissertação e de minha prática docente.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marisol Barenco de Mello e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marisia Margarida Santiago Buitoni, pelas importantes contribuições dadas durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Marcelo Giordan, pelas considerações realizadas durante disciplina cursada no período da Pós-Graduação.



À Mariana Martins, amiga e uma das principais interlocutoras desse trabalho.

À Caroline Anelli, amiga e leitora crítica fundamental dessa dissertação.

À Ana Cândida Avelar, amiga e importante força para que eu não desistisse.

À Elisabeth Costa, Danilo Nunes Carmo, Bianca Volpi, Débora Visini pelo apoio, incentivo e companhia nos momentos mais difíceis.

À Luiza Feres pela amizade, disponibilidade e ajuda técnica com a pesquisa.

À Yonathan Listik, pelo amor e companheirismo.

À Sarah Monteath, João Eduardo Ramos, Bruno Lopes, Ivan Mota, Cássio Oliveira, Angélica de Jesus Batista, Marcos de Lucca Silveira, Tiago Borges, Maria Beatriz Machado, Itze Escalona, Daniel Rangel, Têra Queiroz, Luciana Soares pela amizade e ajuda.

Aos amigos Thierry Freitas, Thiara Grizilli, Lara Rivetti, Mariana Cobuci, Bia Mantovani, Luisa Tieppo e todos os amigos do Centro Universitário Maria Antonia da USP -amizades essenciais para a vida.

E, por fim, agradeço ao CNPq, que tornou possível a dedicação para tal trabalho.



## **RESUMO**

**RODRIGUES, A.C.R. A argumentação no ensino de Geografia.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

Este trabalho tem como objetivo central verificar as consequências para o aprendizado de alunos de uma sequência didática em Geografia que coloca ênfase no ensino da argumentação. A sequência didática foi concebida por um professor de Geografia da rede municipal de São Paulo no âmbito da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”, realizada dentro do Círculo de Estudos das Fronteiras Teóricas para Formação de Professores (Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo), coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda. O professor autor foi responsável pela elaboração do problema central da sequência, pelas atividades dos módulos que a compõe e por sua aplicação junto a alunos da 8º ano (antiga 7ª série) do Ensino Fundamental II. O título da sequência didática dada pelo professor autor foi “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização” e foi dedicada ao estudo do deslocamento de migrantes bolivianos para a Região Metropolitana de São Paulo. A argumentação é, neste trabalho, entendida como capacidade de linguagem fundamental para a formação dos enunciados dos estudantes e para o desenvolvimento de conceitos científicos no Ensino de Geografia. Propusemos uma metodologia de análise dialógica e responsiva (Bakhtin, 2010) para verificação de quais as mudanças nos enunciados dos sujeitos discursivos (alunos) quando participam de uma sequência didática em Geografia com ênfase em tal capacidade. Para tanto, identificamos dois núcleos centrais na argumentação nas elaborações textuais acerca do fenômeno geográfico estudado - a compreensão da dinâmica territorial da migração a partir de suas causas e consequências e a escala espaço-temporal na qual este se realiza.

**Palavras-chave:** Ensino, Argumentação, Ensino de Geografia, Bakhtin, Dialogismo.



## **ABSTRACT**

RODRIGUES, A.C.R. **Argumentation in Geography teaching**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

The aim of this work is to verify the consequences for students' learning of a didactic sequence in Geography that emphasizes the teaching and learning of argumentation. The didactic sequence was conceived by a Geography teacher in São Paulo's municipal educational system in the scope of the research "Reading and Writing in the Teaching of Geography and Teaching of Argumentation", realized within the Studies of the Frontiers for Teacher Formation Circle (Geography Department from São Paulo University), coordinated by Prof. Dr. Maria Eliza Miranda. The author-teacher was responsible for elaborating the sequence's central problem, the activities composing the modules and applying the sequence to Elementary School II's 8th grade (previously 7th grade) students. The didactic sequence's title, given by the author-teacher, was "Migration, Metropolitan Regions and Globalization" and it focused on the study of Bolivian migrants' displacement to São Paulo's Metropolitan Region. Argumentation, in our work, is understood as a fundamental language capacity for the students' utterance formation and for the development of scientific concepts in Geography learning. We proposed a methodology of dialogic and responsive analysis (Bakhtin, 2010) to verify the changes in the utterances made by discursive subjects (students) when they participate in a didactic sequence in Geography which emphasizes such capacity. In order to do so, we identified two central argumentative nuclei in the textual elaborations about the geographic phenomenon studied - the understanding of the territorial dynamics of migration from its causes and consequences and from the space-time scale in which it takes place.

**Keywords:** Teaching, Argumentation, Geography Teaching, Bakhtin, Dialogism.



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alunos participantes da pesquisa “A Leitura e a Escrita no Ensino de Geografia e a Aprendizagem da Argumentação” .....	56
Gráfico 2 - Elaborações realizadas pelo total de alunos.....	56
Gráfico 3 - Média de aproveitamento das três elaborações .....	57
Gráfico 4 - Porcentagem de elaborações por série.....	64
Gráfico 5 - Quantidade de alunos envolvidos na pesquisa.....	76
Gráfico 6- Quantidade de alunos dos 8º A e 8º B participantes das elaborações inicial, intermediária e final .....	77
Gráfico 7 - Distribuição dos alunos dos 8º A e 8º B por sexo.....	79
Gráfico 8 - Ocupações dos estudantes: porcentagem de alunos que trabalham e estudam dos 8ºA e 7ª/8º B.....	80
Gráfico 9 - Hábitos de estudos: horas dedicadas ao estudo diário por porcentagem de alunos dos 8ºA e 8º B .....	81
Gráfico 10 - Acesso à informação: principais fontes de informação para os alunos dos 8ºA e 8º B.....	81
Gráfico 11 - Acesso à Internet: porcentagem de alunos dos 8º A e 8º B que utilizam a internet.....	82
Gráfico 12 - Hábitos de leitura: tempo decorrido desde a leitura do último livro /porcentagem de alunos dos 8º A e 8º B.....	83
Gráfico 13 - Escolaridade da família: grau de escolaridade dos pais e mães dos alunos do 8º A e 8º B.....	84
Gráfico 14 - Motivos das migrações dos bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração .....	98
Gráfico 15 - Descrição dos motivos das migrações dos bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	100
Gráfico 16 - Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino.....	108
Gráfico 17 - Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	109
Gráfico 18 - Atividades exercidas pela população boliviana migrante em seu destino e separação por gênero de atividades identificados nas elaborações dos estudantes das 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	110
Gráfico 19 - Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	115
Gráfico 20 - Principais agentes para solução dos problemas encontrados pelos migrantes bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	118
Gráfico 21 - Principais agentes e ações para solução dos problemas encontrados pelos migrantes bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	122
Gráfico 22 - Causas das migrações bolivianas, problemas vivenciado pela população migrante e soluções propostas identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	124
Gráfico 23-Tipos de textos elaborados por alunos - ocorrência por etapas de elaboração.....	127

Gráfico 24 - Atores envolvidos no fluxo migratório boliviano para a região metropolitana de São Paulo identificados nas elaborações dos estudantes das 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	132
Gráfico 25 - “São Paulo” e as distintas divisões político-administrativas identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração .....	142
Gráfico 26 - Países citados nas elaborações textuais dos alunos como locais de saída e destino de migrantes .....	145
Gráfico 27 - Tipos de escala categorizadas recorrentes nas elaborações dos estudantes .....	149
Gráfico 28 - Periodização do fluxo migratório identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B - ocorrência por etapas de elaboração.....	157

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Sequências Didáticas elaboradas pelos Professor 1 .....	66
Tabela 2- Organização das ideias centrais do texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção -em busca de um paradigma alternativo” de Patrícia Tavares.....	70
Tabela 3 - Descrição geral da escola.....	76
Tabela 4 - Motivos identificados nos textos dos alunos relativos a migração identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B .....	98
Tabela 5- Problemas encontrados pelos bolivianos ao migrarem identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B .....	109
Tabela 6 - Soluções para os problemas vividos pelos migrantes bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8º A e 8º B .....	118
Tabela 7- Tipos de textos elaborados pelos alunos no âmbito da sequência didática organizados em categorias.....	126
Tabela 8 - Combinações dos tipos de textos elaborados pelos alunos (elaboração inicial/intermediária/final.....	129
Tabela 9 - “São Paulo” e as distintas divisões político-administrativas identificadas pelos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental .....	142
Tabela 10 - Fluxo migratório: escala internacional (1) .....	146
Tabela 11 - Fluxo migratório: escala internacional (2) .....	146
Tabela 12 - Fluxo migratório: escala internacional (3) .....	146
Tabela 13 - Fluxo migratório: escala internacional (4) .....	147
Tabela 14 - Fluxo migratório: escala internacional (país de saída e de destino) + ênfase na escala regional/local (5) .....	147
Tabela 15 - Fluxo migratório: escala internacional (país de saída e de destino) + ênfase na escala regional/local (6) .....	148
Tabela 16-Fluxo migratório escala internacional (ênfoque no país de origem) + escala regional/local (7) .....	148
Tabela 17 - Fluxo migratório escala internacional + escala regional (8) .....	149
Tabela 18 - Fluxo migratório escala local/ regional (ênfoque no destino).....	149
Tabela 19 - Escalas temporais para a apreensão do fenômeno migratório identificadas nos instrumentos de aprendizagem da sequência didática.....	159



## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	21
INTRODUÇÃO .....	23
CAPÍTULO 1 – Argumentação como capacidade de linguagem e suas contribuições no Ensino de Geografia .....	29
1.1. O objeto de estudos deste trabalho: argumentação no ensino de Geografia .....	29
1.2. Argumentação como capacidade de linguagem .....	30
1.3. A argumentação na ciência e seu ensino na Geografia .....	36
CAPÍTULO 2 – Contextualização da Pesquisa .....	47
2.1. Pesquisas sobre o ensino da argumentação no Ensino de Ciências e de Línguas .....	48
2.2. Os professores e alunos-participantes da pesquisa .....	54
2.3. Sequências didáticas por gênero discursivo-textual no ensino de Geografia .....	60
2.4. Definição da amostragem .....	63
CAPÍTULO 3 – “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”: o plano de sequência didática por Gênero Discursivo-Textual .....	65
3.1. A sequência didática analisada .....	66
3.2. Caracterização geral da escola, do professor e dos alunos .....	75
3.3. Breve caracterização do professor e dos alunos do 8º ano A e do 8º ano B .....	77
CAPÍTULO 4 – A dinâmica territorial da migração: causas e consequências do fenômeno migratório a partir dos enunciados de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental II .....	85
4.1. Elaboração das categorias de análise a partir dos enunciados dos alunos .....	85
4.2. A dinâmica territorial da migração .....	89
<i>Causas do processo migratório</i> .....	97
<i>Soluções e propostas para a questão migratória</i> .....	117
4.3. As elaborações textuais dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental: causas, consequências e soluções propostas para o fluxo migratório boliviano .....	124
4.4. Os sujeitos que habitam o “território usado” identificados pelos enunciados dos estudantes .....	130
4.5. Considerações acerca da dinâmica territorial da migração caracterizada nas elaborações dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental .....	136
CAPÍTULO 5 – A escala espaço-temporal do fenômeno geográfico compreendida pelas elaborações textuais dos alunos .....	139
5.1. As escalas de análise espaciais do processo migratório de boliviano .....	141
5.2. As temporalidades do processo migratório de bolivianos para São Paulo .....	156
5.3. Considerações sobre a análise da escala espaço-temporal pelos alunos .....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	165
As perspectivas do ensino e aprendizagem da argumentação no ensino de Geografia .....	165
Os limites e o alcance da metodologia utilizada .....	166
REFERÊNCIAS .....	171
ANEXOS .....	177



## APRESENTAÇÃO

Esse trabalho de mestrado, realizado entre 2014 e 2017, no âmbito do programa de pós-graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, inscreve-se em um longo percurso de estudos e pesquisas iniciadas durante o Bacharelado e Licenciatura em Geografia na mesma universidade. Como bolsista de Iniciação Científica e monitora do Laboratório de Ensino e Material Didático do Departamento de Geografia, participei do Círculo de Estudos das Fronteiras Teóricas para a Formação de Professores, coordenado pela Profa. Dra. Maria Eliza Miranda, na qual professores das redes estadual e municipal de São Paulo, assim como alunos da graduação e pós-graduação, compartilharam questões e estudos teóricos sobre a educação pública e o ensino de Geografia. No âmbito desse grupo, ainda realizou-se a pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”, coordenada pela orientadora do nosso trabalho, ponto de partida para nossas reflexões. Coloco-me, deste modo, como interlocutora dos professores-autores envolvidos na pesquisa e, na construção deste trabalho de mestrado, minha posição de pesquisadora é marcada pela vivência e pelo aprendizado no contexto do Círculo.

A dissertação inicia-se pela introdução, na qual buscamos contextualizar a questão problema sobre a qual nos debruçaremos ao longo do trabalho e na qual delineamos já alguns de nossos pressupostos teóricos e objetivos. Discorreremos inicialmente sobre o significado da argumentação e o motivo pelo qual ela pode constituir um objeto de ensino indispensável ao Ensino de Geografia.

No Capítulo 1, apresentaremos os estudos de ensino da argumentação já realizados nos campos do Ensino de Ciências e de Língua Portuguesa. A partir deles, nos ocuparemos em identificar as contribuições dadas por tais campos ao Ensino de Geografia, ressaltando as especificidades do mesmo e a necessária afirmação do ensino da argumentação neste.

Nos Capítulos 2 e 3, caracterizaremos o contexto no qual nossa pesquisa foi realizada, destacando aquilo que circunscreve a enunciação dos sujeitos professor e aluno, com os quais dialogaremos para a construção de nosso trabalho. Apontaremos quais foram os pressupostos teóricos fundamentais à elaboração da sequência didática pelo professor e, após descrevê-la em detalhes, nos ocuparemos em detalhar as características de nossos interlocutores inscritos na pesquisa – professor e aluno – a partir das respostas dadas por eles a um questionário de caracterização. A sequência didática analisada por nós foi intitulada pelo professor-autor de “Migrações, Globalização e Regiões Metropolitanas”, tal que a ênfase da mesma colocou-se sobre os estudos do fluxo migratório de bolivianos para a Região Metropolitana de São Paulo

ao longo do século XX, e, sobretudo, a partir da década de 1990. A sequência foi aplicada em duas salas de alunos de 8º ano (antigas 7ªs séries) do Ensino Fundamental II em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Nos capítulos seguintes, 4 e 5, trataremos da metodologia e a análise da argumentação aprendidas na sequência didática a partir das elaborações textuais dos estudantes. Partiremos de dois eixos fundamentais identificados nesses enunciados de modo que, em cada um dos capítulos, nos ocuparemos com um deles. No Capítulo 4, a ênfase recairá sobre a compreensão dos alunos acerca da dinâmica territorial da migração, ou seja, de que modo eles articulam as causas e consequências do fenômeno migratório e chegam a propor soluções para o mesmo, colocando-se, em muitos dos casos, como sujeitos partícipes. Já no capítulo seguinte, vamos nos ater à escala espaço-temporal do fenômeno geográfico migratório segundo as elaborações textuais dos alunos. A partir desses eixos, identificados nos textos dos estudantes, pudemos perceber transformações em suas enunciações ao longo do processo de aplicação da sequência, tanto do ponto de vista do uso de conceitos e quanto da articulação argumentativa.

Por fim, chegaremos às considerações finais da dissertação, na qual retomamos alguns pontos do quarto e quinto capítulos e apontaremos os limites e potencialidades da metodologia de análise elaborada por nós para avaliar as consequências da pesquisa do ponto de vista da argumentação.

Nosso trabalho é um esforço de construção dialógica, de modo que tentamos, ao longo dele, destacar a palavra do outro e ser responsivo em relação a esta, considerando, sobretudo, seu contexto de enunciação. Esperamos contribuir com as pesquisas acerca do Ensino de Geografia a partir da metodologia e da análise realizada.

## INTRODUÇÃO

Durante diversos momentos de nossa vida, desde que somos socializados na infância, exercemos a atividade argumentativa: tentamos convencer nossos pais de que preferimos uma comida à outra, persuadimos nossos colegas para que brinquem conosco em determinado jogo, entre outras inúmeras situações nas quais a argumentação é o instrumento para compartilhar a nossa tomada de decisão com outros.

Desde muito cedo, as crianças são capazes de elaborar explicações para os fatos que ocorrem ao seu redor, esboçando argumentos por meio dos quais se colocam frente a estas situações (KUHN, 1993). Podemos dizer que a argumentação constitui uma capacidade de linguagem do ser humano que, antes do período escolar, está relacionada à sua socialização cotidiana (BRASSART, 1995).

Argumentar relaciona-se tanto à tomada de posição quanto a uma prática de linguagem. Perelman (2005) acredita que argumentamos em todas as esferas e momentos de nossa vida, de modo que, ao escolhermos uma palavra em detrimento de outra para nosso pensamento, por exemplo, já estamos exercendo uma atividade em que defendemos um ponto de vista e uma percepção sobre a realidade, e assim assumimos uma posição frente a ela. A atribuição de sentido aos objetos do mundo é aqui compreendida como uma prática argumentativa do ser humano a partir de uma atitude responsável e responsiva de um indivíduo frente ao mundo.

A argumentação, no entanto, pode ser também colocada como fundamental objeto de ensino, pois os alunos poderiam adquirir, a partir do aprendizado na escola, novas habilidades relativas a tal capacidade de linguagem no âmbito das diversas disciplinas. Existe uma longa tradição de estudos sobre o tema da argumentação no campo da Filosofia, da Linguística, do Direito e da Teologia, como podemos ver em Meyer (2005). No entanto, não nos debruçaremos sobre isso nesta dissertação.

Em nossas pesquisas, não identificamos trabalhos relacionados ao Ensino de Geografia nos quais a argumentação tivesse centralidade. Nesse sentido, propusemo-nos a dialogar com interlocutores de outras áreas do conhecimento, sobretudo do Ensino de Ciências e de Língua Portuguesa, de modo que pudéssemos propor uma abordagem para afirmar o papel do ensino da argumentação no ensino de Geografia e verificar as consequências de uma pesquisa sobre o ensino e aprendizagem da argumentação também no ensino desta disciplina.

Alguns pesquisadores do Ensino de Ciências, como Jiménez Aleixandre, Duschl & Grandy (2008), Kuhn (1993), Bricker, L. & Bell, P. (2008), Capecchi, M.C & Carvalho, A.M.P (2000), e Carvalho (1998) partem da concepção de que a argumentação é uma

estratégia de raciocínio em que dados, evidências e crenças são organizados de maneira sistemática e demonstrados para uma comunidade. A argumentação estaria relacionada ao pensamento científico (KUHN, 1993), e a uma maneira específica de se racionalizar a realidade e expor opiniões sobre ela (TREND, 2009). Aprender a argumentar seria acessar o processo de elaboração do conhecimento científico (SANDOVAL; MILLWOOD, 2005).

Assim, na escola, a razão pela qual a argumentação deve ser ensinada é epistêmica, ou seja, diz respeito às “crenças que possuem os indivíduos sobre a natureza do conhecimento e sua produção”<sup>1</sup> (SANDOVAL; MILLWOOD, 2005, p. 72, tradução nossa). Ao ter acesso a esse procedimento das Ciências, os alunos identificariam o campo científico enquanto um campo discursivo, no qual se realizam embates e tomadas de posições a partir de metodologias e argumentações diversas. Ainda segundo Kuhn (1993), o ensino da argumentação na escola também teria o fundamental papel de fazer o aluno se perceber dentro de uma cadeia de enunciados. Haveria, assim, duas dimensões fundamentais do argumento a serem ensinadas para além de sua dimensão epistêmica: o papel da oposição e a negociação entre as partes; e o movimento de reflexão do indivíduo sobre o próprio pensamento, percebendo as bases e limites de seus fundamentos (LEITÃO, 2011).

Segundo pesquisadores do Ensino de Língua Portuguesa, a argumentação é uma capacidade de linguagem fundamental aos indivíduos em sua socialização. Ou seja, é uma aptidão necessária para o sujeito elaborar e realizar enunciados argumentativos dentro de uma determinada atividade de linguagem. Tal capacidade de linguagem ainda se relaciona aos gêneros de texto e de discurso que são aprendidos e utilizados pelos sujeitos discursivos<sup>2</sup> nas diversas situações de comunicação. Aprender a argumentar, para os pesquisadores do ensino de Línguas, é se munir de instrumentos de linguagem para responsividade (BAKHTIN, 2010) dos enunciados.

Podemos ainda afirmar que, do ponto de vista psicológico, os indivíduos desenvolvem suas estruturas psicológicas a partir da linguagem (VIGOTSKI, 2010). Em contato com o conteúdo da experiência histórica humana, o indivíduo, objetivando comunicação e inserção no mundo, elabora conceitos e categorias para exprimir sua existência. Esses conceitos podem ser relacionados às vivências – conceitos cotidianos – ou por generalizações realizadas a partir do contato com o conhecimento socialmente e historicamente compartilhado – conceitos

---

<sup>1</sup> “[...] beliefs that individuals hold about the nature of knowledge and its production” (SANDOVAL; MILLWOOD, 2005, p.72).

<sup>2</sup> Adentraremos tal debate no primeiro capítulo deste trabalho.

científicos. A estrutura do pensamento se modificaria com a apropriação e utilização de conceitos científicos para exprimir nossa experiência no mundo, tal que:

[...] todo conceito científico deve apoiar-se em uma série de conceitos espontâneos que germinaram até chegar à escola e transformá-los em científicos. Nos termos mais gerais pode-se dizer que o conceito espontâneo se transforma em uma nova parte do seu desenvolvimento. A criança o conscientiza, ele se modifica na estrutura, ou seja, passa à generalização de um tipo mais elevado no aspecto funcional e revela a possibilidade das operações, dos signos que caracterizam a atividade do conceito científico. Noutros termos, ele adquire uma qualidade essencial que distingue a estrutura, o círculo e atividade do conceito científico (VIGOTSKI, 2010, p. 539/540).

A argumentação, entendida como fundamental para a constituição destes conceitos científicos, teria, assim, o papel de transformadora das estruturas de pensamento e de produção de novos significados (LIBERALI, 2013). Nas Ciências Exatas e Biológicas, a argumentação integra parte fundamental dos procedimentos de construção do conhecimento. Nas Ciências Humanas, a argumentação é ainda mais central, como afirmaremos em nosso trabalho, pois o objeto dessas ciências consiste nos textos elaborados pelos homens (BAKHTIN, 2010) e em sua diversidade.

Ao trocarmos palavras e elaborarmos textos, expomos valores, signos e significados. No processo de atribuição de significado a estas palavras acontecem embates entre contextos culturais, sociais, políticos e ideológicos, tal que se realizam conflitos entre enunciados que se colocam enquanto hegemônicos e os textos produzidos de maneira individual (BAKHTIN, 2010). A argumentação teria aí papel fundamental para possibilitar a realização do diálogo entre os homens e a leitura dos diversos textos existentes.

A Geografia, como “Terra dos Homens” (CLAVAL, 2010), parte dessa perspectiva. Na ciência geográfica, estudamos uma espécie de produção de texto realizada pelos homens em sua relação com o espaço. Ao compreendermos o mundo de outros indivíduos e suas representações – de que maneira eles se adaptaram a determinado território, como se utilizam dos recursos energéticos, como organizam suas cidades e hierarquias sociais – acessamos ainda formas de elaboração da linguagem: ao pensarmos o conhecimento geográfico, temos implícita a preocupação com a linguagem-mundo (WOLFF, 1999) de outros seres, revelando-se aí uma potencial relação de alteridade. Nessa relação, os sujeitos enunciadorese percebem vivendo em um mesmo espaço banal – ou *território usado* (SANTOS, 2000) – partilhando histórias e relações que se realizam temporalmente na configuração de dada espacialidade.

Milton Santos, assim, sugere que compreendamos o território a partir de duas perspectivas: na primeira, ele é visto como recurso para a realização das atividades

econômicas e da sociedade como um todo; na segunda, ele é compreendido como abrigo, no qual a vida e as relações se realizam:

[...] Nesse caso, o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática, e seu exercício comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representar um papel. O território se metamorfoseia em algo mais do que um simples recurso e, para utilizar uma expressão, que é também de Jean Gottmann, constitui um abrigo (2000, p. 112).

A dimensão do abrigo e as diversas relações que se realizam no território estão presentes na enunciação dos diversos sujeitos que habitam a superfície terrestre, assim como a outra dimensão – pragmática e econômica. Ao nos aproximarmos desses enunciados, reconhecemos que não habitamos o mundo de maneira solitária e que nos diversos domínios da vida, inscritos nos domínios do mundo, escolhemos determinados aspectos de nossa linguagem como construção ideológica (BAKHTIN, 2010). A argumentação teria o potencial de conter e ampliar a “[...] luta incessante para significar o mundo e expressar o eu e o nós” (BAKHTIN, 1998, p. 142).

Um dos enfoques possíveis para nosso trabalho seria nos debruçarmos a identificar os elementos que estruturaram a argumentação em Geografia a partir dos diversos paradigmas que já tiveram destaque nessa ciência e verificar de que maneira tais estruturas encontram-se nos trabalhos dos alunos. Gomes (1996), por exemplo, identifica três horizontes relativos ao método e à compreensão da ciência geográfica contemporânea: o horizonte lógico-formal, o horizonte da crítica radical e o horizonte humanista. Esses horizontes buscam se legitimar a partir da ideia de modernidade e de revoluções científicas. A busca incessante por “um novo momento, original e único, na construção do saber geográfico” (GOMES, 1996, p. 30) mostra-se como paradigmática para tais horizontes. O diálogo entre estes horizontes com o objetivo de construção do conhecimento geográfico se encontraria em suspensão, pois esses horizontes propõem somente a negação um do outro:

[...] De fato, as correntes do pensamento geográfico moderno articulam-se em torno de uma estrutura similar, na qual são encontradas a mesma refutação da tradição ou do antigo, uma mesma pretensão a ultrapassar as “velhas” dicotomias, e uma mesma certeza de alcançar uma verdade científica superior. Assiste-se também, no desenvolvimento de cada uma dessas correntes, a uma intenção de legitimação do novo ponto de vista, pela tentativa de refundar as raízes da “verdadeira geografia moderna”, através de uma revalorização de certos elementos ou personagens esquecidos nos relatos do passado (GOMES, 1996, p.43).

A opção por tal debate nos levaria à ênfase nos nossos estudos sobre autores clássicos do pensamento geográfico e à elaboração de uma metodologia de análise que pudesse abarcar a diversidade e os tipos de argumentação utilizados por esses autores ao longo da história dessa ciência. Optamos, porém, por uma investigação sobre a maneira como a Geografia

contribui para o desenvolvimento da capacidade de linguagem da argumentação dos estudantes e, mais do que isso, para a sua formação discursiva.

Tomamos como ponto de partida a compreensão de que ao aprender as estratégias relativas à argumentação na perspectiva da Geografia, os indivíduos compreenderiam que o conhecimento da Ciência Geográfica está em processo de construção, e, mais do que isso, se instrumentalizariam discursivamente diante da Geografia produzida pelos seres humanos com conceitos e novas estruturas de pensamento.

O ensino que privilegia o diálogo e a dimensão de construção do conhecimento em detrimento da reprodução do conteúdo se coloca como um dos horizontes fundamentais deste trabalho. Partimos, nesta pesquisa, da centralidade do ensino da argumentação na escola e, sobretudo, no ensino de Geografia, por seu potencial enquanto capacidade de linguagem e por sua dimensão sócio científica (COSTA, 2008). O aprendizado da argumentação se relaciona, por fim, à formação discursiva destes alunos e à compreensão de que a ciência:

[...] não é ideologia, ou não deveria confundir-se com ideologia, embora a ideologia possa utilizar-se da ciência. Ciência não é religião, que é fruto de uma posição de fé, é dogmático: acredito, ponto e basta. Ciência não pode progredir na ausência de dúvidas, em termos absolutos a verdade é inatingível, é possível que se chegue àquilo que se acredita ser uma verdade, normalmente modesta e parcial, mas a dúvida é alguma coisa que persiste sempre (PETRONE, 1998, p. 62).

Nesse sentido, objetivamos verificar as consequências para o aprendizado de alunos participantes de uma sequência didática em Geografia que coloca ênfase no ensino da argumentação. A sequência didática foi concebida por um professor de Geografia da rede municipal de São Paulo no escopo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”, realizada no âmbito do Círculo de Estudos das Fronteiras Teóricas para Formação de Professores – DG- USP, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda. O professor-autor foi responsável pela elaboração da sequência e pela aplicação desta com os alunos do 8º ano<sup>3</sup> do Ensino Fundamental I. O título da sequência didática dada pelo professor-autor 1<sup>4</sup> foi “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”, na qual se destacou o deslocamento de migrantes bolivianos para a Região Metropolitana de São Paulo.

Este trabalho está dividido em duas partes: na primeira serão caracterizados os sujeitos e contextos da pesquisa, e também uma breve revisão bibliográfica sobre os estudos da argumentação no contexto escolar e as contribuições que estes estudos podem dar ao ensino

<sup>3</sup> Durante o processo de aplicação das sequências didáticas nas escolas municipais de São Paulo, o processo de alteração para o ensino fundamental de 9 anos estava ainda sendo implementada, de modo que, em todo o material da sequência e os fundamentais enunciados em torno da mesma, se utiliza a denominação 7ª série. No entanto, optamos, em nosso trabalho, por adotar a denominação “8º ano” em nosso trabalho ao invés de 7ª série de modo a seguir a classificação e a seriação atuais.

<sup>4</sup> Identificaremos o professor-autor da sequência estudada nesse trabalho como professor-autor 1.

de Geografia. Na segunda parte, nos ateremos à elaboração de uma metodologia de análise de elaborações textuais de alunos do Ensino Fundamental II que privilegie a capacidade de linguagem da argumentação e a análise de tais elaborações, considerando as especificidades das enunciações e de seus sujeitos. Por fim, organizamos um capítulo de considerações sobre perspectivas possíveis para o ensino de Geografia a partir das análises dos textos de alunos e do diálogo com as referências teóricas.

Com o objetivo de apontar importância da capacidade de linguagem da argumentação para o desenvolvimento do pensamento científico (VIGOTSKI, 2010) no Ensino de Geografia, propusemos uma metodologia de análise para verificação de quais são as transformações nos enunciados dos sujeitos discursivos – alunos – quando participantes de uma sequência didática em Geografia com ênfase em tal capacidade. Nossa metodologia de trabalho se propõe dialógica e responsiva, de modo que se constrói considerando e enfatizando as vozes dos sujeitos partícipes da sequência didática. Compartilhamos com Bakhtin (2010) a ideia de que o diálogo com os sujeitos enunciadorees é essencial para a atribuição de sentido, o que constitui a singularidade deste trabalho.

Identificamos dois núcleos centrais da argumentação nas elaborações textuais dos estudantes acerca do fenômeno geográfico estudado: a compreensão da dinâmica territorial da migração a partir de suas causas e consequências e a escala espaço-temporal na qual este se realiza. Tais núcleos relacionam-se ao entendimento da migração a partir de uma perspectiva espaço-temporal e, ao mesmo tempo, consideram as dinâmicas territoriais, nas quais diversas formas de habitar o espaço são colocadas em diálogo, em suas múltiplas escalas e possibilidades de apreensão. Os sujeitos que aprendem a argumentar adquirem instrumentos de linguagem para leitura e para escrita de textos, operando com importantes conceitos socialmente e historicamente elaborados e atribuindo-lhes significado.

Aprender a argumentar no Ensino de Geografia é encarar a complexidade do conhecimento e da condição humana<sup>5</sup> (MORIN, 2010). Ou seja, o aprendizado de tal capacidade nos permitiria, de algum modo, tomar consciência da coletividade e de nosso destino comum na era planetária. A educação, assim, assumiria importante responsabilidade com o mundo de “[...] transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 2003, p.12).

---

<sup>5</sup> Morin define a condição humana deste modo: “A humanidade é uma entidade planetária e biosférica. O ser humano, ao mesmo tempo, natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência.” (Morin, 2010, p. 40, grifo do autor).

## **CAPÍTULO 1 – Argumentação como capacidade de linguagem e suas contribuições no Ensino de Geografia**

### 1.1. O objeto de estudos deste trabalho: argumentação no ensino de Geografia

Durante nossas leituras, deparamo-nos com uma questão similar àquela proposta por Schneuwly e Dolz (2004) em seus estudos sobre os gêneros discursivo-textuais no ensino de línguas: é possível se ensinar a argumentar no ensino de Geografia? A escola seria um lugar de comunicação que permite que exista a argumentação e que ela seja aprendida? Essas dúvidas são pano de fundo de nossa reflexão e nos debruçaremos sobre elas nas próximas seções.

No campo do Ensino de Línguas, alguns autores (LEITÃO, 2011; LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006; LEITÃO; DIANOVIC, 2011; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) distinguem situações de comunicação cotidianas das situações escolares. Em situações de comunicação escolares, por exemplo, argumentar associa-se a defender opiniões perante temas considerados polêmicos, sem necessariamente apoiar-se em dados e considerar as ressalvas para aquilo que se afirma. Além disso, Leitão (2011) assinala que, em muitos casos, o aprendizado do argumento na escola está relacionado a conteúdos específicos do currículo: aprende-se a argumentar, por exemplo, na disciplina de Biologia quando os alunos aprendem a teoria da evolução de Darwin e precisam analisar casos específicos de evolução animal para comprovar ou refutar essa teoria.

Nos casos retratados anteriormente, que dizem respeito ao ensino de Línguas e de Ciências, a argumentação é vista como sinônimo da exposição de opiniões acerca de determinados assuntos e, ainda, como parte de conteúdos específicos. Tais perspectivas nos parecem limitadoras, pois não consideram, por exemplo, que qualquer objeto de linguagem quando trabalhado na escola é deslocado de uma esfera social de circulação e passa a integrar outra, adquirindo outros objetivos.

Em nosso ponto de vista, entendemos que, em uma aula de Língua Portuguesa, se o professor pede, por exemplo, para que um estudante escreva um texto dissertativo, ele cria uma situação de comunicação artificial (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) ao contexto de elaboração desse tipo de texto como atividade escolar. O aluno é chamado a elaborar um enunciado do gênero textual dissertação e do gênero de discurso acadêmico em sala de aula, proporcionando uma situação para que o gênero possa existir nesse contexto. Para tanto, o estudante deve ser dotado da capacidade de linguagem da argumentação, de modo a se apoiar

nela para a elaboração de seus textos. A capacidade de linguagem não é, porém, inata, e configura importante objeto de ensino e aprendizagem na escola.

No âmbito do ensino de Ciências, e, sobretudo, no ensino de Geografia<sup>6</sup>, partimos da compreensão de que a argumentação não pode ser reduzida à parte de um conteúdo específico, pois argumentar é operação essencial ao processo de elaboração do conhecimento científico, uma vez que este é elaborado social e historicamente em disputas constantes, de modo a não resultar “[...] de uma mera acumulação de factos imutáveis, [...] a ciência progride através de discussão, conflito e argumentação, e não através de concordância geral e imediata” (COSTA, 2008, p. 2). Ensinar a argumentar, a partir desta perspectiva, seria possibilitar o acesso à compreensão da natureza do conhecimento científico aos alunos e, mais do que isso, capacitá-los a avaliar e opinar sobre os impactos sociais deste conhecimento em suas vidas.

Nas próximas seções do trabalho, nos dedicaremos a explorar as duas perspectivas que identificamos anteriormente – a argumentação enquanto capacidade de linguagem e aquela relacionada à argumentação no ensino de Ciências, sobretudo da Geografia – com o objetivo de discutir suas contribuições para a afirmação da ênfase no ensino da argumentação no Ensino de Geografia.

## 1.2. Argumentação como capacidade de linguagem

Nessa seção retomaremos a afirmação da importância do aprendizado da argumentação em sala de aula, passando por sua compreensão enquanto capacidade de linguagem. Tomemos como ponto de partida a teoria da enunciação de Bakhtin (2010).

Segundo o filósofo, a possibilidade da comunicação verbal se concretiza a partir da elaboração de enunciados pelos sujeitos discursivos em interação. Todo falante, segundo Bakhtin, insere-se em uma cadeia discursiva: não existe um sujeito que seja o primeiro a romper o “silêncio do mundo” (BAKHTIN, 2010). Somos sujeitos históricos que ocupam determinadas posições sociais, de modo que os enunciados de *outros* se realizam no momento em que o enunciador inicia seu ato de fala. Nossas palavras constantemente são confrontadas às de outros enunciadores, de modo que:

[...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2010, p. 217).

---

<sup>6</sup> Nos dedicaremos às especificidades das Ciências Humanas nas próximas seções.

O ato responsivo do sujeito enunciador realiza-se no momento em que, ao enunciar, ele considera seus interlocutores diretos e indiretos, dirige-se a eles e espera resposta, tendo em vista que cada ação/enunciação ocorre somente uma vez. E, apesar de únicos, os enunciados são inacabados, pois integram uma cadeia de enunciação contínua no tempo e no espaço. Para elucidarmos tal afirmação, tomemos como ponto de partida o fato de que toda obra e palavra humanas não se encerram no contexto em que estão sendo proferidas, pois é praticamente impossível identificar, ao certo, de onde elas vêm e quando serão retomadas no futuro. Elas integram uma grande temporalidade – maior do que a vida de cada um dos indivíduos (BAKHTIN, 2010).

Apesar da heterogeneidade de enunciados e infinita diversidade, eles podem ser agrupados, como propõe Bakhtin (2010), em gêneros de discurso. Há algumas características destes textos que são relativamente estáveis e se mantêm de acordo com as esferas sociais de circulação. Esses gêneros, porém, são constantemente modificados, de modo que Todorov (1980) enuncia a distinção entre a realidade histórica e a realidade discursiva do gênero. A realidade histórica diz respeito a uma dimensão espaço-temporal maior na qual se insere este gênero – a um cronótopo de um longo tempo histórico, no qual se insere este discurso; o segundo relaciona-se ao acontecimento do enunciado e ao cronótopo contemporâneo a ele.

Os gêneros do discurso consistem em uma espécie de agrupamento dos enunciados que circulam socialmente e que possuem características relativamente estáveis construídas social e historicamente: “Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, a comunicação discursiva seria quase impossível” (BAKHTIN, 2010, p. 283). Dentro de cada esfera social aparecem elaborações específicas de tipos de enunciado pela escolha do gênero no qual se dará a comunicação discursiva e pela intencionalidade do autor, como explicita Amorim (2004, p. 112):

[...] Os gêneros discursivos organizam nossa fala tal como formas gramaticais. Falamos em gêneros e aprender a falar é aprender a estruturar enunciados e a pressentir o gênero na fala do outro, desde as primeiras palavras outras. Os gêneros nos são dados do mesmo modo que nos é dada a língua materna cujo domínio adquirimos antes e independentemente de qualquer estudo gramatical.

A diversidade dos gêneros discursivos é equivalente às possibilidades da ação humana, pois as esferas de ação modificam-se e complexificam-se constantemente, de modo a alterar também características e os tipos de gêneros a elas incorporadas. Os gêneros são uma espécie de instrumento mediador do discurso dos homens no mundo, isto é, “um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva que permite, a um só tempo,

a produção e a compreensão de textos” (SCHNEUWLY, 2004, p. 24). O instrumento pode ser compreendido como aquilo que dá determinada forma a uma atividade, mas ao mesmo tempo representa uma dada atividade, de modo que eles são lugares de transformação do comportamento da realidade e da esfera de ação.

Os gêneros discursivos não são aprendidos pelos sujeitos por meio de manuais: eles são adquiridos nos processos interativos em que o sujeito tem contato com enunciados de outros. Nesse processo, o sujeito produz determinados gêneros de texto, subordinados à dimensão discursiva constituída na interação verbal e que também são produtos histórico-sociais (COSTA, 2014). Quanto maior o conhecimento dessas formas discursivas, maior a liberdade e a responsividade<sup>7</sup> dos sujeitos na situação de enunciação (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Bakhtin (2010) ainda divide os gêneros em duas classes: gêneros primários e secundários. Os primários, mais espontâneos e relacionados a situações cotidianas, instrumentalizam o sujeito a agir em situações cotidianas. Os últimos relacionam-se à ampliação da esfera de circulação dos indivíduos e ao domínio de capacidades de linguagem, de modo que, “quando escolhemos um determinado tipo de oração, [...] escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado inteiro que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha” (BAKHTIN, 2010, p. 286). Os gêneros primários servem de suporte para o desenvolvimento dos secundários, tal que o domínio dos diversos gêneros em situações de comunicação diversas é o que constitui a autonomia do sujeito nas várias esferas de ação.

A produção de um gênero discursivo se relaciona sempre a uma interação, regulada pela organização enunciativa de uma determinada situação de produção, definida pelo lugar social da interação, pelos lugares sociais dos interlocutores e pelas finalidades da interação (COSTA, 2014). De outro modo, podemos dizer que o uso de determinado gênero está relacionado à ação discursiva colocada no plano comunicacional dentro de lugares sociais definidos entre os interlocutores, mas cambiáveis e em movimento constante (BAKHTIN, 2010). Essa abordagem concentra-se nos discursos e nas especificidades de cada uma das esferas de comunicação.

---

<sup>7</sup> Entendemos a responsividade a partir de Bakhtin, para quem: “toda compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo, é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar” (BAKHTIN, 2010, p.271/272). O sujeito responsivo coloca-se como aquele que compreende seu discurso dentro de uma complexa cadeia de enunciação e como disponível à resposta desses outros enunciados e interlocutores.

No entanto, deve-se considerar ainda que a situação de interação e os papéis sociais dos interlocutores exercem influência no modo pelo qual o argumento é construído e em quais instrumentos discursivos<sup>8</sup> são utilizados pelo sujeito. Não há um único modelo de construção da argumentação, mas nas esferas de circulação social dos textos e de ação de seus enunciadores são construídas condições para determinadas enunciações (LEAL; MORAIS, 2005).

As capacidades de linguagem estão relacionadas às aptidões requeridas do indivíduo para a sua enunciação, o que pressupõe sempre a mediação instrumental de um gênero de texto e de discurso. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), estas podem ser subdivididas em três níveis: capacidade de linguagem, capacidade de ação e capacidades linguístico-discursivas. As primeiras relacionam-se à possibilidade de elaboração de representações do contexto da atividade/agência linguística, adaptando sua produção a esse ambiente. A segunda é a capacidade que possibilita ao enunciador fazer escolhas no nível discursivo relacionadas à estrutura geral do texto. E, por fim, a última, capacidade linguístico-discursiva, é aquela que permite ao enunciador realizar operações, como as escolhas lexicais e mecanismos de textualização e modalização das vozes.

Embora classificadas nesses três níveis, as capacidades de linguagem não operam de forma linear e totalmente compartimentada. Uma capacidade não age sozinha, pois depende das demais, de modo que é a articulação entre os três níveis que proporciona a mobilização dos esquemas de utilização do gênero de maneira responsiva.

Argumentar consiste no momento em que o sujeito identifica, reflete e escolhe a sua própria representação de mundo, utilizando-se dos instrumentos discursivos que detém. A argumentação, nesse sentido, pode se aproximar do conceito de ideologia para Bakhtin e o Círculo. Para esses autores, ideologia não pode ser entendida como falsa consciência ou somente como a expressão de uma ideia. A ideologia é a “expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2008, p. 171), ou seja, a ideologia é constituída pelo conjunto de signos e de objetos imateriais cujo sentido é atribuído por determinado grupo dentro de determinado contexto<sup>9</sup>. Segundo este autor, todo enunciado é ideológico: ele se dá na esfera de uma das ideologias e expressa sempre uma posição de avaliação.

---

<sup>8</sup> Explicitaremos, ao longo deste tópico, o significado de instrumentos neste trabalho.

<sup>9</sup> Faraco (2009) define e sintetiza o conceito de ideologia da seguinte maneira: “ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para se usar certa terminologia da tradição marxista)”.

Qualquer palavra enunciada em nossa vida está cercada de limites e apoios a partir dos quais é elaborada: a argumentação está nessas escolhas realizadas pelos sujeitos relacionadas à forma e ao conteúdo de seus discursos. Ao aprender a argumentação enquanto capacidade de linguagem, o sujeito se apropria de instrumentos ideológicos para construir seu discurso de modo a considerá-lo mais claramente como parte de uma cadeia de discursos.

Por fim, cabe ainda dizer que os estudos que concebem a argumentação enquanto capacidade de linguagem tendem a romper com uma visão de conhecimento pronto e acabado – a argumentação seria central, pois abre determinada “cadeia criativa” (LIBERALI, 2002), de modo que os papéis de interlocutores (produtores oradores e ouvintes leitores) se modificam de acordo com dada situação:

[...] No papel de produtores-oradores, podem se colocar como sujeitos argumentantes (CHARAUDEAU, 2008), que se posiciona com relação à verdade de uma proposta existente. Seu *ethos* projetado tem valor essencial para o modo como o desenvolvimento discursivo será realizado. Podem assumir um papel de agenciadores políticos, que buscam estabelecer relações entre as ideias e conexões entre posições distintas. Ou ainda, como mestres do raciocínio, que criam bases para que ideias se entrelacem umas às outras ou sejam interligadas na busca de novas possibilidades.

Por sua vez, no lugar de ouvintes-leitores, participam da enunciação na condição de sujeitos capazes de reagir e de interagir diante das propostas e teses que lhes são apresentadas. As disposições em que se situam os ouvintes-leitores (*pathos*) são fundamentais no processo de construção discursiva e de elaboração e reorganização das ideias em contraste. Nesse sentido, os enunciadores se tornam membros da multiplicidade ou parte de uma comunidade argumentativa em que o desequilíbrio na relação de lugares sociais é um pressuposto (LIBERALI, 2002, p. 63).

Para elaborar uma dissertação, o aluno deve ainda mobilizar a capacidade de linguagem da argumentação: ou seja, as aptidões necessárias que são necessárias para que ele realize enunciados dentro de uma atividade discursiva argumentativa – o que sempre pressupõe a mediação instrumental de um gênero de texto. Isso significa que o sujeito que possui a capacidade de linguagem da argumentação está apto, por exemplo, a produzir um enunciado argumentativo dentro de um gênero de discurso em uma determinada situação de interação:

[...] O desenvolvimento das capacidades de linguagem constitui-se, sempre, parcialmente, num mecanismo de reprodução, no sentido de que modelos de práticas de linguagem estão disponíveis no ambiente social e de que membros da sociedade que os dominam têm a possibilidade de adotar estratégias explícitas para que os aprendizes possam se apropriar deles (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 44).

Na situação escolar exposta anteriormente, tanto o gênero discursivo-textual quanto a capacidade de linguagem são deslocados dos espaços em que estes tradicionalmente circulam com o objetivo de que o aluno se aproprie destes instrumentos para utilizá-los em outras circunstâncias da vida. Nessa possibilidade de transformação reside um dos principais

potenciais do aprendizado no âmbito escolar, já que é nesse momento em que os alunos se apropriam de instrumentos da linguagem e exercitam suas capacidades de linguagem<sup>10</sup>.

Ao permitirmos que os sujeitos desenvolvam a capacidade de linguagem da argumentação da melhor maneira possível, isso lhes permite uma transformação em sujeitos responsivos e dialógicos (BAKHTIN, 2010) – esse enunciado será retomado posteriormente nesse capítulo.

No caso do ensino de Línguas, a abertura para indeterminação e a centralidade compartilhada entre professor e aluno colocam-se como condições para a realização do aprendizado da argumentação compreendida enquanto capacidade de linguagem. E parte-se do pressuposto que a argumentação tem como uma das suas principais características a possibilidade de que todos envolvidos em tal atividade tenham seus pontos de vista modificados, pois os sujeitos expressam ideias, são ouvidos e podem perceber o limite de seus enunciados.

Segundo Fiorin (2015, p. 26), “todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso”<sup>11</sup>. Assim, no âmbito do ensino da ciência geográfica, a compreensão da argumentação como uma capacidade de linguagem é importante para a afirmação da ênfase que deve ser dada a ela no ensino. A capacidade de linguagem argumentação é fundamental para que o sujeito elabore seus enunciados e textos de modo a dialogar com outros já elaborados. A argumentação é uma tomada de posição, ou seja, uma tomada de consciência e posição frente aos enunciados do conhecimento e dos sujeitos que elaboram textos ao habitar o planeta.

---

<sup>10</sup> Schneuwly e Dolz (2004, p.69) destacam que a introdução de todo gênero na escola é resultado de uma decisão didática, cujo objetivo é dominar o gênero de discurso. Essa operação pressupõe a transformação desse gênero, pois ele é gênero a aprender. Para os pesquisadores, trata-se de um gênero de referência, “construído numa dinâmica de ensino-aprendizagem para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é precisamente este”. Criam-se modelos didáticos de gênero e os alunos devem ser submetidos a situações de comunicação semelhantes às reais.

<sup>11</sup> Fiorin (2015, p.29) tem afirmação relevante acerca desse tema: “Ora, se argumentação é a tomada de posição contra outra posição, a natureza dialógica do discurso implica que os dois pontos de vista não precisam ser explicitamente formulados. Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento”. A partir da perspectiva defendida por esse autor, a nossa preocupação com a formação do sujeito enunciativo e a aprendizagem sobre gêneros discursivos na escola remeteria imediatamente à ênfase na argumentação.

### 1.3. A argumentação na ciência e seu ensino na Geografia

Sabemos que crianças elaboram teorias para explicar o mundo no qual vivem: elas elaboram formas de representação do mundo – mesmo que fragmentárias (KUHN, 1993) – desde os quatro ou cinco anos de idade. Ao tentarem relacionar informações sobre o mundo real com suas teorias, as crianças já exercem o início de uma atividade científica (RUFFMAN et al, 1993 apud KUHN, 1993). A aprendizagem do pensamento científico e de suas regras é a revisão e o aprimoramento dessas teorias a partir do raciocínio e da linguagem científica.

Para Lemke (1997), ao aprender as Ciências, aprendemos novas palavras e estruturas discursivas e, nesse sentido, esse processo se assemelharia ao aprendizado de outro idioma em que devemos aprender a falar, ler e escrever, considerando as especificidades inscritas na esfera discursiva da ciência. Em muitos casos, as esferas cotidiana e científica compartilham algumas palavras; no entanto, elas possuem significados distintos e atribuídos ao longo da história do conhecimento científico.

O aprendizado de Ciências, segundo a autora, fundamenta-se não somente no conhecimento dos participantes sobre o assunto discutido, mas também no domínio necessário dos gêneros de texto e do discurso da linguagem científica. Enquanto em um desses eixos temos os diversos conteúdos, no outro, tem-se a maneira de organizar nosso raciocínio (LEMKE, 1997, p.28):

[...] Tal como acontece com a aprendizagem de uma língua estrangeira, o domínio da ciência requer prática ao falar, não somente ao escutar. Quando precisamos combinar as palavras e dar a elas sentido, fazer perguntas, argumentar, raciocinar e generalizar, é quando nós aprendemos a falar cientificamente<sup>12</sup> (tradução nossa).

Ao argumentar cientificamente, estruturamos o pensamento a partir de regras do pensamento científico e com uma linguagem própria do conhecimento. Nesse sentido, o ensino das ciências encontra seu fundamento no pensamento científico, posto além da explicação científica<sup>13</sup>. Para ela, o pensamento científico tem caráter e natureza social.

Com relação às Ciências Humanas, a argumentação recoloca-se como questão fundamental. O pesquisador nas ciências humanas se depara com uma interessante duplicidade: seu objeto é, na verdade, outro sujeito. Assim, o conhecimento dessas ciências só

---

<sup>12</sup> “Al igual que con el aprendizaje de un idioma extranjero, el dominio de la ciencia requiere de la práctica al hablar, no solo al escuchar. Cuando tenemos que unir las palabras que tengan sentido, formular preguntas, argumentar, razonar y generalizar, es cuando aprendemos la temática de hablar científicamente” (LEMKE, 1997, p. 28).

<sup>13</sup> Segundo Kuhn (1991), a explicação científica se relaciona à utilização de conceitos para designar alguns fenômenos, já o pensamento científico implica em se apropriar de operações centrais relativas ao conhecimento científico e sua elaboração.

é possível a partir do encontro do pesquisador com seu outro (pesquisado), cercado por toda a incerteza e transformação inerente às relações humanas:

[...] O argumento para isso é o de que o conhecimento que os homens podem ter do mundo natural é diferente do conhecimento que os homens podem ter de si mesmos, sobre sua natureza, suas criações e formas de vida. Ao levar em conta a particularidade do encontro do pesquisador com o seu outro e, conseqüentemente, a especificidade do conhecimento que pode ser gerado a partir dessa condição, o que se destaca é a produção de um conhecimento inevitavelmente dialógico<sup>14</sup> e alteritário. Para Bakhtin, há que se considerar a complexidade do ato bilateral e da profundidade do conhecimento que se constitui e se revela na relação dialógica eu-outro (JOBIM et al, 2012, p. 111).

O pesquisador, a partir de uma perspectiva de Bakhtin<sup>15</sup>, não é neutro: ele se deixa afetar pelas circunstâncias, pelo contexto da pesquisa e pelas tensões entre eu-outro com o pesquisado. Na interação irrepitível entre sujeitos, são elaborados textos que revelem compreensões, ainda que provisórias, para dar sentido aos acontecimentos na vida: “toda atitude humana pode ser entendida como um texto em potencial e pode ser compreendida unicamente pelo contexto dialógico da própria época [...]” (BAKHTIN, 2010, p.312). O texto, segundo Bakhtin, permite que nós conheçamos o sujeito enunciativo e, ao mesmo tempo, faz com que esse sujeito se constitua enquanto um objeto de estudos.

Esses textos vivem “de suas ressonâncias com as lembranças, as imagens mentais, as representações íntimas de si, dos outros, do mundo do leitor” (LANGLADE, 2013, p. 31), e nenhum sujeito pode encontrar neles um significado acabado, mas um constante movimento de significação. Ao aproximar-se desses textos e atribuir-lhes significado, o pesquisador aproxima-se de si e de suas referências.

<sup>14</sup> O dialógico também é um conceito fundamental para Bakhtin, pois “[...] qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2011, p. 400).

<sup>15</sup> Bakhtin (1885-1970) foi um filósofo cuja produção é muito complexa: abrange desde análises literárias de importantes cânones da literatura mundial como Rabelais e Dostoievski até reflexões de caráter filosófico sobre a linguagem humana. O pensamento de Bakhtin ultrapassa a visão da língua como um sistema, pois entende o sentido como algo a ser construído a partir dos diversos enunciados no movimento de interação entre dois interlocutores. Ao nos referirmos a Bakhtin, nesse trabalho, nos referimos às ideias do Círculo de Bakhtin, grupo de estudiosos de diversas disciplinas, do qual Mikhail Bakhtin fazia parte junto com o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan Kanaev, a pianista Maria V. Yundina, o professor de literatura Lev V. Pumpianski, os estudiosos da literatura e da linguagem Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. O grupo se reuniu periodicamente para estudos de literatura, arte, biologia e os diversos campos do conhecimento que estavam em momento de ascensão. No entanto, durante a ditadura de Stalin na União Soviética, o grupo acabou se desfazendo pelo exílio, pela perseguição de seus membros e por diversos assassinatos. Os pesquisadores passaram a publicar livros e artigos sem assinatura ou utilizando pseudônimos, de modo que a autoria de alguns textos os quais estudamos é objeto de controvérsia. Em nosso texto, no entanto, teremos a seguinte postura com relação aos textos de autoria não definida: colocaremos os nomes dos possíveis autores dos textos, de modo a destacar a dimensão da produção dialógica do conhecimento e, ao mesmo tempo, não perder de vista que o pensamento no Círculo era diverso. A posição que tomamos, nesse caso, relaciona-se à leitura do texto de Faraco (2009), que problematiza a atitude do pesquisador frente o problema.

Os textos por nós elaborados são compostos por argumentos e posicionamentos dos sujeitos, principalmente ao pensarmos na atribuição de significado às palavras nele compreendidos e, mais ainda, na escolha das mesmas. Nesse sentido, Francis Wolff resume de forma interessante o significado de argumentação: para ele, existimos somente e graças aos nossos pensamentos, que se estruturam a partir da nossa linguagem. Ao argumentarmos, nos relacionamos com os outros como nossos iguais e afirmamos convicções e razões pelas quais concebemos determinado pensamento; deste modo, “minha convicção poderá deixar de ser minha para se tornar um pensamento compartilhado” (WOLFF, 2010, p.38). Argumentar é fornecer razões pelas quais afirmamos ou negamos determinados enunciados considerando meu interlocutor e suas perspectivas de mundo (WOLFF, 2010).

A Geografia, como as demais Ciências Humanas, parte da atribuição de significado aos textos elaborados por homens – considerando a dificuldade de se estabelecer uma via única para a compreensão destes. Na academia, constroem-se textos científicos para a compreensão dos enunciados e textos (BAKHTIN, 2011) elaborados pelos homens, nesse caso, no processo de ocupação e representação do espaço. Os textos produzidos pelos geógrafos se inscrevem em contexto histórico, social e político específico, e não podem ser encarados enquanto verdades, mas enquanto textos, em permanente reelaboração e ressignificação. Nesse sentido, podemos afirmar que compreender a Geografia é dialogar tanto com os sujeitos do discurso científico e quanto com os sujeitos produtores do espaço.

Tal diálogo implica na organização dos dados da realidade considerando distintas escalas e selecionando aspectos relevantes, de modo a compreender a Geografia dos homens, isto é, de que maneira eles produzem e modificam o espaço da Terra em que vivem – elaborando e reelaborando enunciados e textos acerca do mesmo:

[...] A caricatura do outro que nós tínhamos em nosso pensamento é substituída por uma visão mais matizada: nem tudo é perfeito naquilo que descobrimos ao viajar; certos comportamentos são chocantes porque brutais e injustos. Mas [...] quanto mais conhecemos, mais temos a chance de descobrir aquilo que os explica: isso nos ajuda a compreendê-los. O outro não é mais aquele que vive o mundo de cabeça para baixo e ignora as regras mais elementares. É alguém que pratica uma outra maneira de habitar na terra, de criar laços, de negociar arranjos (CLAVAL,2010, p.50).

Em um olhar atento ao espaço, podemos percebê-lo enquanto a somatória dessas diversas intervenções humanas sobre a Terra ao longo da história. Tais intervenções se aplicam tanto para o espaço já construído quanto para aquele suscetível ainda a se tornar objeto das ações humanas (Santos, 2000).

Desde o início de suas atividades em sociedade, o homem se apropria de fragmentos do espaço em grupos, identifica-se com eles e torna-os território de suas atividades. Neste

território superpõem-se um sistema natural e um conjunto de elementos criados em sociedade. Os homens modificam o território ao longo da história: tornam-no *território usado*, ou seja, “tanto resultado do processo histórico quanto base material e social das novas ações humanas” (SANTOS, 2000):

[...] Território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistema de coisas criadas pelos homens. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território utilizado por dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem (SANTOS, 2000, p.96).

A perspectiva do território usado nos leva a refletir ainda sobre o espaço banal, ou seja, espaço no qual a vida de todos os homens e agentes que vivem e produzem o espaço se realiza. No espaço banal realiza-se a totalidade social nas quais inúmeras redes de relações são tecidas entre agentes que ocupam lugares complementares e conflitantes (SANTOS, 2000). Compreender a Geografia é, nesse sentido, conseguir abranger a diversidade produzida pelos homens em seu processo de apropriação do espaço e de realização de sua vida no território e a partir de diversas escalas.

A Geografia e seu discurso ocupam-se de apresentar o mundo de outros indivíduos e suas representações – entender de que maneira eles se adaptaram a determinado território, como se utilizam dos recursos energéticos, como organizam suas cidades e hierarquias sociais etc.

[...] situações que são de tal forma parte integrante da vida das pessoas e do destino dos grupos que todo mundo as conhece. Aparentemente, a geografia se contenta com enunciar na forma de um discurso estruturado o que, para o homem comum, é antes o registro das práticas, das habilidades e das técnicas correntes. Ela torna assim acessível ao público as experiências que este ignorava (CLAVAL, 2010, p.11).

Essa ciência nos permite compreender textos e perceber o outro não mais como aquele “que vive o mundo de cabeça para baixo e ignora as regras mais elementares. O outro é alguém que pratica outra maneira de habitar na terra” (CLAVAL, 2010, p. 50), ou seja, alguém que *argumenta* sobre o planeta de forma diversa. Disso decorre a interface<sup>16</sup> fundamental entre a ciência geográfica e os estudos da Filosofia da Linguagem: caberia a nós,

---

<sup>16</sup> O pensamento por interfaces encontra seus fundamentos na teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Para ele, em nosso mundo hiperespecializado, perdemos a noção do todo e da complexidade dos processos, ou seja, perdemos a noção daquilo que “é tecido junto”. Nesse sentido, o autor propõe o desafio de se pensar o conhecimento a partir da globalidade, ou seja, considerando a multidimensionalidade dos fenômenos, e, mais do que isso, sendo “capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita” (MORIN, 2010, p. 14).

que detemos o conhecimento dessa ciência, decifrar textos e argumentos elaborados pelos outros seres que habitam o nosso mundo e o produzem tanto quanto nós.

Por meio do contato com tais argumentos, reconhecemos que não habitamos o mundo de maneira solitária e, ao olharmos para o território, conseguimos identificar a diversidade de maneiras pelas quais é possível realizar a vida.

A partir de Bakhtin, sabemos ainda que qualquer texto compreende dois aspectos centrais: *tema* e *significação*. A significação diz respeito ao que é historicamente estável do texto, quer dizer, o sentido que elementos historicamente e socialmente assumem e que são estáveis dentre os membros de determinada comunidade e contexto. Já o tema refere-se ao sentido construído diretamente ao momento de enunciação: o tema é a realização do significado relativa a dado contexto específico e que não é repetível.

O tema é um sistema de signos dinâmicos e complexos que se adequa às condições de um movimento de evolução na elocução. Ele depende muito da significação, ou seja, daquilo que é reiterável, mas decorre do contexto e da enunciação. O tema relaciona-se intimamente às múltiplas potências de sentido, tal que não há possibilidade do enunciado se repetir e nem ser previsível, pois se realiza concretamente em momentos com particularidades e envolvendo indivíduos distintos. Tais indivíduos podem ser portadores de vozes “infinidamente distantes, anônimas, quase impessoais [...], quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente” (BAKHTIN, 2010, p. 330). Os textos elaborados pelos homens em relação ao seu entorno possuem tema específico e também unidades de significação. Ao confrontarmos tais textos, dialogamos com eles a partir de nossos pressupostos de existência e somos responsáveis pela realização destes enquanto textos e unidades potenciais de significação. Não há texto neutro: todo texto é um discurso carregado de ideologias a partir do qual nos colocamos enquanto indivíduos discursivos responsivos.

Vigotski, no texto “Pensamento e Palavra” (2010), propõe a mesma distinção exposta por Bakhtin a partir dos termos *sentido* e *significado*. O sentido relaciona-se a uma formação mais fluida, dinâmica e complexa, e o significado é uma zona mais estável e exata. É necessário, porém, nos adentrarmos ainda mais nessa distinção.

O significado é uma importante unidade que reflete de maneira mais simples a unidade entre o pensamento e a linguagem. Não pode haver nenhuma palavra sem significado, pois, se assim o fosse, a palavra nada mais seria do que um som ou um ruído. Significado é sinônimo de conceito, ou seja, de generalizações relacionadas aos objetos concretos e a abstrações relativamente estáveis. Essa unidade de pensamento não é completamente estável, pois

sempre existe um movimento de transformação e desenvolvimento dos conceitos: eles dependem da experiência histórica, social e cultural dos indivíduos e dos discursos.

Com relação ao sentido, podemos dizer que este se modifica de acordo com as distintas situações de enunciação, sendo determinado pela consciência daqueles que estão dialogando. Os sentidos das palavras enunciadas são atribuídos continuamente em situações diversas: uma palavra, por exemplo, pode ter um determinado significado, porém, ao fazer parte de um enunciado, ela ganha sentidos distintos daqueles que convencionalmente atribuímos a elas.

O significado é somente “uma pedra no edifício dos sentidos” (VIGOTSKI, 2010, p. 465). Recorremos aos significados para expressarmos com exatidão nosso pensamento e estruturarmos nosso discurso. No entanto, tendemos a caminhar para zonas cada vez mais fluidas desses significados em situações reais de comunicação e nos dirigimos aos sentidos dessas palavras. Sendo assim, sentido e significado não são excludentes.

Ao argumentarmos, demonstramos a inseparabilidade de sentido e significado ou, como podemos dizer a partir de Bakhtin, de tema e de significação, das palavras e textos que enunciamos. A argumentação pressupõe que o indivíduo compreenda o contexto de seu enunciado e, a partir deste, enuncie textos com o objetivo de clarificar, expor e defender um ponto de vista. Podemos dizer que o sujeito, ao argumentar, mobiliza os diversos sentidos das palavras e realiza seus significados possíveis.

Ao trocarmos palavras e elaborarmos textos, trocamos valores, signos e significados tal que a palavra é aquilo que move a nossa sociedade (NAGAI; COELHO, 2010). No processo de atribuição de significado a estas palavras acontecem embates entre contextos culturais, sociais, políticos e ideológicos, tal que se realizem conflitos entre enunciados que se colocam enquanto hegemônicos e os textos produzidos de maneira individual (BAKHTIN, 2010). A argumentação teria papel fundamental para possibilitar a realização do diálogo entre os homens e a leitura dos diversos textos elaborados por eles e, nesse sentido, é fundamental para a Geografia.

Sobre o significado, Vigotski (2010, p. 521) ainda afirma:

[...] todo significado da palavra é, por um lado, um discurso, porque está na natureza da palavra o fato de ela ter significado (as palavras desprovidas de significado são simplesmente som vazio) e, por outro lado, todo significado representa uma generalização.

Para o autor, qualquer significado surge como produto e processo de pensamento. Vigotski faz a distinção entre conceito científico e espontâneo, considerando que o caminho do desenvolvimento é diferente nos dois casos. Os conceitos espontâneos surgem nas próprias reflexões da criança sobre as suas experiências imediatas e cotidianas, e não são

sistematizados<sup>17</sup>. Já os conceitos científicos compreendem abstrações e generalizações aprendidas pelos indivíduos a partir das definições históricas, culturais e sociais da experiência humana. Eles se originam na atividade estruturada e especializada do ensino e se caracterizam pela sua organização sistemática e lógica. Esse conhecimento não se relaciona necessariamente a questões científicas, mas a sua organização é científica, pois possui estrutura formal, lógica e descontextualizada (KOZULIN, 1998).

Para Vigotski, o caminho de desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos nos indivíduos é distinto, pois:

[...] a gestação de um conceito científico, ao contrário, não começa pelo choque imediato com os objetos, mas pela relação mediada com os objetos. Se lá a criança caminha do objeto para o conceito, aqui é forçada constantemente a fazer o caminho inverso do conceito para o objeto (2010, p. 348).

Ao se apropriar de determinados conceitos, eles exercem fundamental papel no desenvolvimento do pensamento dos indivíduos, que passam a operar com generalizações e com maior complexidade relacionada à generalidade e à abstração.

Segundo o autor, a psicologia tradicional seguiu as ideias da lógica formal para definir conceitos: conceito se relaciona a uma estrutura mental abstrata, concebida a partir de generalizações e da somatória de objetos do mundo concreto. O conceito é vazio de conteúdo, pois, em sua formação, com o agrupamento cada vez maior de fenômenos, o mundo concreto perde lugar. Para esse paradigma, o conceito poderia ser compreendido como uma fotografia tirada de longe de vários dos objetos do mundo. Vigotski posiciona-se contrário a essa perspectiva: para ele, os conceitos são formados a partir do conhecimento dos nexos e relações entre os objetos abarcados por um mesmo conceito. A operação não é de somatória, mas de objetivar a complexidade a partir de atos de pensamento e da generalização desses conceitos.

O conceito é resultante do processo de elaboração da linguagem, e este nos permite chegar ao significado de cada um dos objetos com mais clareza (VIGOTSKI, 2010). Assim, Vigotski aproxima, em muitos de seus textos, o processo de aprendizagem de conceitos científicos ao aprendizado de uma língua estrangeira, tendo em vista que o caminho que este percorre no desenvolvimento do indivíduo se realiza a partir da mediação de situações e palavras não necessariamente vivenciadas por ele, mas por abstrações do real. Assim, a linguagem não pode ser encarada como um meio para expressar uma ideia já formada e

---

<sup>17</sup> Vigotski dá o exemplo do conceito de irmão para explicar tal distinção. A criança utiliza o conceito de irmão para se referir a determinada pessoa. Ela, no entanto, chega a generalizar o conceito de irmão como aquele que é filho dos mesmos pai e mãe.

concebida, mas um meio de criação e recriação de ideias e conceitos, e de compreensão de si e do outro.

A palavra traz em si o conceito, e se relaciona aos nexos que existem na realidade e ao modo pelo qual o mundo interior dos indivíduos se estrutura: a compreensão de si passa pela compreensão da “experiência social da humanidade historicamente formada” a partir do contato com a palavra e com os conceitos. Ao relacionarmos pensamento e palavra temos a seguinte máxima: “o pensamento não se exprime pela palavra, mas nele se realiza” (VIGOTSKI, 2010, p. 409) – de modo que a relação entre pensamento e palavra é de condicionado/condicionante, em uma dupla via. Ao elaborar conceitos, o indivíduo generaliza sua experiência e busca se comunicar, tal que a existência de cada um, segundo este autor, se relacionaria com a maneira pela qual o indivíduo consegue exprimi-lo verbalmente. Para o autor, as palavras se relacionam a conceitos quando são apropriadas pelos indivíduos e parte da práxis no mundo. Os conceitos são mais do que generalizações dos objetos do mundo: localizam-se no movimento de conhecer o objeto em todos os seus nexos e relações verbais e reais.

Ao assimilar determinado conteúdo que só pode ser apreendido por conceitos e por palavras, o indivíduo começa a participar de esferas da vida cultural e social antes não acessadas por ele. Além disso, passa a compreender complexas interdependências e relações dentro de cada área da realidade e suas diversas esferas. O pensamento, a partir da palavra, desenvolve-se não somente por conta de seu conteúdo, mas pelas novas formas de operar com o conceito que passam a estruturar o ato de pensar:

[...] O conhecimento, no verdadeiro sentido da palavra, a ciência, a arte, as várias esferas da vida cultural podem ser corretamente assimiladas apenas em conceitos. É também certo que a criança assimila verdades científicas e é permeada com determinada ideologia, que está enraizada em vários campos da vida cultural, mas a criança assimila tudo isso de maneira incompleta, de modo não adequado para assimilar o material cultural existente, não participa ainda ativamente na criação deles<sup>18</sup> (VIGOTSKI, 2012, p.64, tradução nossa).

O indivíduo em contato com a incompletude da palavra do outro passa a ter uma postura responsiva em relação ao mundo que o cerca. O conceito consiste no confronto de valores sociais, tal que os conflitos da língua se apresentam como reflexos dos conflitos da sociedade em determinado contexto e formariam a consciência do indivíduo. Esse tipo de

---

<sup>18</sup> “[...] El conocimiento en el verdadero sentido de la palabra, la ciencia, el arte, las diversas esferas de la vida cultural pueden ser correctamente asimiladas tan solo en conceptos. Es cierto que también el niño asimila verdades científicas y se penetra con una determinada ideología, que se arraiga a diversos campos de la vida cultural, pero el niño asimila todo esto de manera incompleta, no adecuada al asimilar el material cultural existente, no participa aún activamente en su creación” (VIGOTSKI, 2012, p. 64).

operação de linguagem e de pensamento permite que o indivíduo opere em outro campo da consciência social objetiva do mundo e da ideologia social (BAKHTIN, 2010).

Segundo Vigotski, o pensamento e os conceitos não estão ligados entre si por um vínculo primário – o vínculo surge, modifica-se e amplia-se no desenvolvimento do pensamento e da palavra. Entender o mundo a partir de conceitos científicos relaciona-se intimamente à mediação das palavras na experiência dos sujeitos. Ao internalizar e, posteriormente, externalizar esses conceitos em suas enunciações, o sujeito parte para a generalização e a abstração de seu contexto e traz à tona sua representação de mundo. O uso e a escolha desses conceitos fazem parte do processo de aprendizagem desses sujeitos.

A escola é o lugar, para Vigotski, em que fundamentalmente se dá a relação entre conceitos científicos e espontâneos, e se aprendem os conceitos científicos. Nesse lugar, os sujeitos são colocados em uma posição artificial de aluno. Tal situação não é comum em outras esferas da vida, nas quais os indivíduos se utilizam de conceitos e de sua cognição para resolver eventuais problemas e resolver as situações que apareçam em si. Na escola, o aluno é colocado, por meio da mediação do professor, em situações nas quais a aplicação direta dos recursos e conceitos são suspensos. Não se trata, para Vigotski, de resolver problemas na escola, mas de se criar uma situação na qual o aluno deva realizar as atividades na escola não para fins práticos, mas para dominar e avaliar suas próprias ações e processos. O objetivo da escola, no limite, seria desnaturalizar a posição das crianças de modo que elas possam converter as situações vividas e suas práticas em seu próprio objeto de análise (KUZOLIN, 1998). O aprendizado e o desenvolvimento de conceitos científicos na escola têm relação com essa artificialidade (VIGOTSKI, 2010), pois os enunciadores reelaboram e generalizam conceitos a partir de situações escolares nas quais refletem sobre seus instrumentos e conceitos para resolução de problemas e tarefas.

Em situações escolares nas quais o aprendizado da argumentação é colocado como pano de fundo, sobretudo no ensino de Ciências Humanas, identificamos três principais contribuições. A primeira diz respeito à Ciência, que passa a ser compreendida tanto como uma prática social inserida em contextos temporais e espaciais, como uma esfera discursiva: o discurso científico aparece como não unívoco e a escola passa a ser compreendida como uma das esferas de circulação de discurso e dos distintos gêneros dos quais ele faz parte. O ensino e a aprendizagem da argumentação, nesse sentido, modificam os objetivos do ensino de Ciências:

[...] Os objetivos do ensino das ciências, como o aprendizado de conceitos e de modelos ou o desenvolvimento de atitudes e de habilidades, são parte da adoção por parte do alunado da cultura científica, transformando a aula de ciências em uma

comunidade onde se produz e se usa o conhecimento<sup>19</sup> (DÍAZ DE BUSTAMANTE; JIMÉNEZ ALEIXANDRE, 2003, p.361, tradução nossa).

A segunda relaciona-se ao aprendizado e uso de conceitos científicos para a construção do enunciado pelos alunos. Ao atribuírem significado às palavras e se apropriarem de conceitos científicos, o pensamento dos alunos passa a considerar generalizações. A elaboração do discurso argumentativo incorpora outras palavras e significados, de modo que os enunciadores alunos podem dialogar com outros enunciadores.

Por fim, com relação à Geografia, a aprendizagem da argumentação possibilita aos alunos o entendimento dos textos elaborados pelos homens em seu processo de ocupação da superfície da Terra – considerando toda a sua diversidade. Os enunciadores alunos podem dialogar de maneira responsiva com esses textos, buscando dar centralidade ao entendimento do espaço a partir da dimensão de território usado e de espaço banal em uma perspectiva histórica, social e política. Essa perspectiva permite ao aluno se aproximar da heteroglossia<sup>20</sup> desses textos elaborados acerca do espaço e também se posicionar frente a eles.

---

<sup>19</sup> “Los objetivos de la enseñanza de las ciencias, como el aprendizaje de conceptos y modelos o el desarrollo de actitudes y destrezas, forman parte de la adopción por parte del alumnado de la cultura científica, transformando la clase de ciencias en una comunidad donde se produce y se usa el conocimiento” (DÍAZ DE BUSTAMANTE; JIMÉNEZ ALEIXANDRE, 2003, p. 361).

<sup>20</sup> Preferimos, nesse texto, usar o termo “heteroglossia”, conceito de Bakhtin, e não “polifonia”, por conta das considerações de Faraco (2009) acerca desses dois termos. Para o autor, a polifonia não é um universo permeado por muitas vozes, mas aquele em que todas as vozes têm o mesmo valor e potência. Segundo Faraco, a ideia de polifonia relaciona-se ao contexto histórico do autor: em um momento em que todas as vozes eram caladas diante do poder de Stalin, Bakhtin enunciava o desejo por “um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de um modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra” (FARACO, 2009, p. 79). Para o autor, a polifonia se coloca como uma postura filosófica e não como um recurso literário, de modo que a escrita polifônica é praticamente restrita aos romances de Dostoievski. A heteroglossia, no entanto, se relaciona à multiplicidade de vozes, em seus contextos específicos, de modo a permitir que tais vozes dialoguem na construção de significados. Bakhtin se posiciona contrário a qualquer tendência a monologização das vozes ou seja “de negar a existência de um outro eu com iguais direitos e responsabilidades. Uma atitude monológica ou um modelo monológico do mundo é autocentrado e insensível às respostas do outro” (FARACO, 2009, p. 77). Ao afirmarmos que o aluno se aproxima da heteroglossia dos textos elaborados acerca do espaço, buscamos enfatizar a diversidade dos mesmos e a possibilidade de todos receberem devida atenção. Em nosso trabalho, também nos ocupamos com a heteroglossia de enunciados dos estudantes, como afirmaremos nas próximas seções.



## CAPÍTULO 2 – Contextualização da Pesquisa

Este trabalho tem como um de seus objetivos centrais verificar as consequências de uma pesquisa sobre ensino e aprendizagem da argumentação no Ensino de Geografia dentro do escopo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda. Para tanto, buscamos elaborar uma metodologia que considere os sujeitos discursivos envolvidos na pesquisa – alunos e professores – e seus diversos enunciados dentro do contexto de enunciação de elaboração dos materiais a serem analisados.

Nossa metodologia parte do diálogo direto com os textos elaborados pelo professor e pelos alunos. Diálogo, em nosso texto, não designa uma determinada forma composicional em narrativas escritas na qual se representa a conversa entre as pessoas. Diálogo e relações dialógicas são compreendidos a partir da referência de Bakhtin: são relações de sentido que se estabelecem entre enunciados em toda a interação verbal – não somente na comunicação face a face. Ao elaborar determinado enunciado, o sujeito passa a integrar uma esfera de discurso, na qual se têm posições específicas e na qual o sujeito recorre a uma grande temporalidade e a outros interlocutores. Quando o sujeito enuncia qualquer palavra, devemos ter em vista que:

[...] A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma do falante”, não pertence apenas a ele. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). Ele não é representado pelo autor e é inadmissível que seja introjetado (introjeção) no autor (BAKHTIN, 2011, p.328).

O diálogo não pode ser entendido como uma busca por consensos entre diversos enunciados, mas, como expresso por Voloshinov (2017), há sempre uma espécie de combate ideológico<sup>21</sup>, no qual contextos de enunciação são sobrepostos e a partir do qual se cria um espaço de enfrentamento entre os enunciados e enunciadores e suas vozes sociais (BAKHTIN, 2011).

Acreditamos, nesse trabalho, na proposta de uma metodologia que parta da nossa relação responsiva, enquanto pesquisadores, com as palavras de outros enunciadores, constituindo, assim, uma relação dialógica. Assim, antes de procurarmos entender o conteúdo nos enunciados a serem analisados, nos ateremos brevemente a descrever e analisar o

---

<sup>21</sup> Cabe lembrar que o ideológico, nesse caso, remete à perspectiva do círculo de Bakhtin, já explicitada anteriormente em uma nota.

contexto concreto em que os textos foram enunciados e o movimento da fala desses enunciadorees.

Analisaremos uma amostra de textos de alunos de um professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Esses textos foram elaborados em uma sequência didática aplicada no segundo semestre de 2013, no contexto das pesquisas do Círculo de Estudos das Fronteiras Teóricas para Formação de Professores, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda e vinculado ao Laboratório de Ensino e Material Didático do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo – LEMADI. Os textos dos alunos e outros materiais desta pesquisa fazem parte do Banco de Dados que vem sendo organizado, a partir de diversos estudos desde 2009, pela professora coordenadora do Círculo.

Além do olhar atento a esse contexto, vamos recorrer a um breve levantamento bibliográfico de pesquisas já realizadas sobre possíveis metodologias de análise acerca do ensino da argumentação no Ensino de Línguas e no Ensino de Ciências – dois campos cujas especificidades já foram explicitadas no capítulo anterior, mas que podem contribuir ao ensino da argumentação em Geografia.

No capítulo anterior, afirmamos que existem diversos fatores que justificam a importância da argumentação no ensino de Geografia e das diversas disciplinas. Dentre as pesquisas consultadas para construirmos nosso argumento, podemos destacar que as preocupações centrais da argumentação no ensino se relacionam tanto à formação discursiva dos alunos e sua capacidade argumentativa quanto à sua importância epistêmica. Estas pesquisas, porém, ainda se detêm sobre a possibilidade de avaliarmos o ensino de determinada disciplina e da argumentação dos alunos. Podemos investigar o ensino e a aprendizagem da argumentação a partir de quais parâmetros?

Dentre os trabalhos analisados, podemos situar dois caminhos recorrentes para responder a essa pergunta: o primeiro busca modelos para se ensinar o argumento e avaliá-lo; o segundo prioriza a situação de comunicação e tem como ponto de partida os textos (orais ou escritos) elaborados pelos alunos e professores para conceber uma proposta de metodologia de análise. Nossa intenção, nesta seção inicial do capítulo, é trazer tais referências para diálogo.

## 2.1. Pesquisas sobre o ensino da argumentação no Ensino de Ciências e de Línguas

As pesquisas de Sasseron e Carvalho (2009; 2011a; 2015a; 2015b; 2015c) apontam que muitos estudos já foram realizados acerca da argumentação no ensino de Ciências, e que a

maioria deles se utiliza de modelos já concebidos para ensinar e avaliar a argumentação dos alunos. As autoras enfatizam, sobretudo, a contribuição do modelo criado por Toulmin<sup>22</sup> (2001) como solução adotada por muitos pesquisadores para este impasse.

Podemos citar, por exemplo, os trabalhos de Jiménez Aleixandre, Reigosa Castro e Álvarez Pérez (2000), que analisam a argumentação oral dos alunos em aulas de Ciências. Esses autores propõem uma ampliação do que Toulmin (2001) denomina como dado – eles distinguem dados fornecidos e obtidos<sup>23</sup> – para pensarmos a argumentação dos alunos em aulas de Ciências. Tal modificação advém, segundo os autores, das dificuldades de utilização do layout proposto por Toulmin para a análise do processo de aprendizagem e das outras operações epistêmicas – como experimentos e pesquisa. Em nossa opinião, ao diferenciar dados fornecidos e obtidos, os pesquisadores colocam a ênfase da análise no pensamento científico e em sua estruturação no âmbito escolar (VIGOTSKI, 2001), pois buscam compreender como os alunos se apropriam dos conceitos envolvidos no ensino de Ciências e lhes atribuem sentidos dentro de determinada situação de aprendizagem.

No caso de Erduran (2008) e Driver, Newton e Osborne (2000), observamos uma abordagem que combina os métodos qualitativos e quantitativos. Os autores inicialmente

---

<sup>22</sup> Stephen Toulmin propõe uma abordagem estrutural daquilo que ele denomina como célula argumentativa. Para ele, o argumento é “como um organismo: tem uma estrutura bruta, anatômica, e outra mais fina e, por assim dizer, fisiológica [...] Podem-se distinguir as fases principais que marcam o progresso do argumento a partir da afirmação inicial de um problema não resolvido, até a apresentação final de uma conclusão” (TOULMIN, 2001, p. 135). Toulmin distingue entre os elementos invariáveis da argumentação, ou seja, aqueles que dizem respeito à forma e independem do assunto que se trate, e os elementos variáveis, que dependem do tipo de assunto em questão. Em seu entendimento, não se trata de ver se, dadas as premissas, podemos extrair determinada conclusão, mas de verificar quais dados e critérios podem ser invocados para dar força a uma tese. O raciocínio é argumentativo na medida em que organiza e seleciona dados apresentados para suportar determinada tese e faz apelo a regras para construção de dada racionalidade. Ao elaborar seu layout, Toulmin não se preocupa com o contexto em que se dá um confronto entre as teses, pois se trata, sobretudo, de um padrão de avaliação muito mais centrado em um monólogo argumentativo do que em uma interação. O “organismo argumentativo” seria estruturado a partir de um dado (D), de sua justificativa (J) e de uma conclusão (C). É possível apresentar um argumento contando apenas com esses elementos, de modo que sua composição básica seria: “a partir de um dado D, já que J, então C”. Os dados (D) são afirmações que fundamentam uma conclusão. A justificativa (J) é o motivo pelo qual conseguimos relacionar fatos e chegar à determinada conclusão.

Além dos elementos já citados, a justificativa pode ser apoiada em uma alegação que dá suporte a ela – o *backing* (B), conhecimento básico ou ainda apoio. O *backing* (B) pode ser uma garantia baseada em uma autoridade ou lei jurídica ou científica validada por uma comunidade e parte de um consenso. Toulmin (2001) também elenca como parte importante do argumento um qualificador modal (Q), que é aquilo que confere aval a conclusão obtida anteriormente, isto é, nos dá especificações das condições necessárias para que uma dada justificativa seja válida: “[...] o qualificador é o elemento que representa o centro de avaliação de um argumento, sobre o qual podem incidir, por parte do interlocutor adversário ou do auditório, qualificadores distintos, o que se traduz na produção ou não dos contra-argumentos” (NASCIMENTO; VIEIRA, 2009).

E, por fim, no viés oposto, as condições de exceção ou refutação (R) fazem com que as justificativas percam um pouco de sua força e contestem as suposições por elas mesmas criadas, indicando circunstâncias em que as garantias não se aplicam ou condições de exceção possíveis para que tal conclusão se realize.

<sup>23</sup> Os autores propõem que pensemos em termos de dados fornecidos e obtidos: os primeiros relacionam-se às informações que chegam aos alunos por intermédio do professor, livro-texto, roteiro do experimento; já os segundos são aqueles relativos a situações experimentais empíricas ou hipotéticas, ou seja, procedem de uma experiência e de processo de investigação.

avaliam a quantidade e a combinação de elementos que constituem os argumentos para Toulmin. Erduran (2008) afirma que o argumento que apresenta “conclusão-dado-justificativa” é menos elaborado do que aquele em que se apresentam “conclusão-dado-qualificador-justificativa-refutação” – o critério de avaliação, neste caso, é quantitativo e relativo à combinação de elementos. Após se ater a essa somatória das partes que compõem o argumento, Erduran se dedica a avaliar qualitativamente cada uma das combinações de elementos elaboradas pelos alunos e sustenta sua tese que a combinação de partes que compõe o argumento presente no discurso do aluno representa a maior capacidade argumentativa do aluno sobre determinada questão. Já Driver, Newton e Osborne (2000) classificam os tipos de argumentos utilizados pelos alunos em níveis de complexidade considerando o modelo de Toulmin: no nível 1, estariam os alunos que combinam, em seus argumentos, afirmações isoladas com justificativas de maneira desarticulada; no nível 2 as afirmações teriam justificativas; no nível 3 justificativas e qualificadores aparecem juntos e articulados na composição de um argumento, e, por último, no nível 4, distintos argumentos se relacionam para a construção do discurso.

Por fim, podemos ainda destacar o estudo de Kuhn (1993), no qual a autora privilegia a refutação e seu estudo como um dos principais critérios para se pensar na qualidade da argumentação por seu caráter dialógico (KUHN, 1993): fazer refutações seria considerar vozes dissonantes do discurso do texto, explicitando as condições para a contra argumentação e possibilitando uma perspectiva dinâmica ao processo de argumentação. A autora se utiliza do modelo proposto por Toulmin, porém, sua ênfase na avaliação recai sobre a refutação.

A maior parte dos estudos que se propõem ensinar a argumentar a partir de modelos se depara com um limite: o contexto de enunciação em que se insere o argumento não é considerado. Essas pesquisas partem da premissa de que existe uma estrutura para qualquer enunciado argumentativo, independentemente da situação de comunicação e do conteúdo sobre o qual se argumenta.

A afirmação anterior merece algumas considerações: ao explicitarmos a dificuldade de se ensinar um modelo para elaboração de argumento e para a comunicação discursiva, nós estamos considerando a perspectiva de Bakhtin em “Questões de estilística no ensino da Língua”. Nesse texto, o autor discute o aprendizado de formas gramaticais na educação básica pelos estudantes. Sua primeira afirmação no texto é a seguinte: “As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo” (BAKHTIN, 2013, p. 23). Ensinar argumentação não é o mesmo que

ensinar gramática; no entanto, a comparação nos parece interessante, tendo em vista a conclusão do autor em sua pesquisa. Se as formas gramaticais forem ensinadas a partir de uma perspectiva que coloca ênfase em regras e descontextualiza as palavras e articuladores, elas perderão expressividade (BAKHTIN, 2013), ou seja, aparecerão como elementos distantes do uso e de suas possibilidades expressivas com relação ao pensamento. Os alunos não aprendem e utilizam tais elementos linguísticos quando aprendidos deste modo, pois “o pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e da complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca” (BAKHTIN, 2013, p. 42/43). Ensinar o argumento a partir de um modelo desconsidera a complexidade de cada momento e situação discursiva em que os alunos têm de se posicionar e argumentar.

A argumentação é o momento em que se realiza um conflito de vozes em uma cadeia criativa de objetos partilhados:

[...] Nesse âmbito, o papel preponderante da argumentação se firma como propiciadora de um constante movimento de produção do novo, na medida em que pressuponho um outro como capaz de se posicionar em relação ao eu. Assim, como aponta Goulart (2007 e 2010), em relação ao caráter argumentativo do discurso, argumentar passa a ser visto como o próprio ato de enunciar [...]; e enunciar é agir sobre o outro, isto é, enunciar extrapola a ideia de compreender e responder enunciados (LIBERALI, 2013, p. 48).

Considerando as diversas formas de se pensar e representar a realidade, a argumentação seria o momento de identificar, refletir e escolher, a partir da exposição dos diversos interlocutores, sua própria representação de mundo. Assim, não há previsibilidade quanto aos elementos gramaticais e linguísticos que devem estar presentes em qualquer argumento.

Compostos por enunciados, os argumentos se definem a partir de três fatores: horizonte espacial comum dos interlocutores; o conhecimento e compreensão comum da situação por parte destes; e, por fim, a sua avaliação comum de uma dada situação (VOLOSHINOV, 2017). Podemos dizer que a argumentação prescinde de interação e seu ensino e aprendizado deve considerá-la.

Em nossa incursão pelo campo do ensino de Língua Portuguesa e de Ciências, nos deparamos com pesquisas sobre argumentação que partem da afirmação de que o contexto da enunciação, e, sobretudo, a posição do sujeito na cadeia discursiva, são elementos a serem considerados em seu ensino e aprendizagem.

Surge outra maneira de se avaliar a argumentação, desta vez, no sentido inverso daquele proposto pelo uso dos modelos: ensiná-la dentro do contexto em que circulam os enunciados. Nesses estudos, autores como Leal e Morais (2010) e Liberali (2013) propõem que

consideremos o ensino da argumentação a partir de sequências didáticas relacionadas a um gênero de discurso e de texto, como podemos perceber nesse excerto:

[...] Segundo Dolz, Pasquier e Bronckart (1993), o aprendiz, na produção de um gênero em determinada interação, deve adaptar-se às características do contexto e do referente (*capacidades de ação*) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas necessárias (*capacidades discursivas e linguísticas*) (COSTA, 2014, grifo do autor)

O ensino da argumentação deveria se propor a ensinar as operações de linguagem relacionadas à capacidade de linguagem argumentação considerando as características específicas de gêneros discursivos e textuais dentro dos quais estes discursos circulam, de modo a possibilitar aos sujeitos enunciadore autonomia discursiva. Trata-se, dito de outro modo, de se ensinar a argumentar considerando as esferas de comunicação no qual se insere essa capacidade de linguagem e, mais do que isso, os tipos mais ou menos estáveis de enunciados existentes dentro dessa esfera e os tipos de texto nelas presentes – identificados, nesse trabalho, como gêneros de texto a partir da concepção de Bronckart (1999).

Leal e Morais (2010, p. 8) conceituam a argumentação como “[...] uma atividade social especialmente relevante, que permeia a vida dos indivíduos em todas as esferas da sociedade, pois a defesa de pontos de vista é fundamental para que se conquiste espaço social e autonomia”. Ao utilizarmos determinados recursos linguísticos para argumentar, assumimos a posição que ocupamos no mundo e o lugar a partir do qual nos colocamos; assim, a estrutura depende da situação de interação e dos papéis sociais dos interlocutores.

Tais circunstâncias definem, por exemplo, a apresentação ou não da contra argumentação e da adoção de “mecanismos mais explícitos de defesa de seus pontos de vista ou deixará alguns pressupostos e pontos de vista implícitos para que o próprio ouvinte/leitor possa fazer as suas inferências” (LEAL; MORAIS, 2010, p. 26), com o objetivo de construir argumento que seja relevante, suficiente e aceito pelo interlocutor em determinada situação.

Leal e Morais (2010) partem do contexto de elaboração das atividades dos alunos para avaliar as consequências do ensino dessa capacidade de linguagem em sala de aula. Eles se aproximam dos enunciados dos alunos dentro da aula de Língua Portuguesa a partir da identificação de alguns elementos: ponto de vista claro, justificativa, justificativa da justificativa, contra argumentação. A partir deles, os pesquisadores buscam o movimento que se inscreve na fala desses enunciadores e como estes se relacionam ao contexto de enunciação.

Leitão (2007) parte do pressuposto de que existe um número limitado de organizações discursivas comuns que aparecem em gêneros discursivos diversos, dependendo do efeito

buscado pelo enunciador em seu interlocutor. No plano psicológico, as sequências implicam na realização de certos movimentos discursivos que se materializam no texto em um conjunto de fases características de cada sequência, e:

[...] Embora não haja acordo sobre quantas e quais seriam as fases definidoras da sequência argumentativa, é questão de quase consenso entre estudiosos da área que esta incluiria: formulação de um ponto de vista (fase 1), apreciação de elementos que orientam para a aceitação do ponto de vista (fase 2), consideração de elementos que restringem esta possibilidade (fase 3), e estabelecimento de conclusão (fase 4) que evidencia a consideração de prós e contras levada a efeito nas fases precedentes (ADAM, 1992; BRONCKART, 1999; TOULMIN, 1990; VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1992, entre outros apud LEITÃO, 2007, p. 81).

Assim, ensinar a argumentar teria como objetivo ensinar cada uma dessas fases aos alunos, para que eles tenham autonomia para usar essa sequência nos diferentes gêneros. E, para conseguirmos observar o aprendizado da argumentação, a autora propõe que consideremos três elementos que constituem uma unidade de análise efetiva para este propósito. São eles: argumento, contra-argumento e resposta.

A abordagem de nosso trabalho se aproxima da perspectiva de Leitão (2007), Leal e Morais (2010) e também de Liberali (2013), pois buscamos construir nossas categorias de análise a partir da caracterização do contexto de enunciação dos textos dos alunos e de uma postura dialógica com relação a eles. Para nós, a pesquisa pressupõe que a relação entre pesquisador e pesquisado seja compreendida como uma relação entre sujeitos discursivos em situações de enunciação e posições diferentes. Os cronótopos<sup>24</sup> dos textos dos alunos e o nosso são distintos; no entanto, nossa metodologia de trabalho pretende responder de maneira responsiva às especificidades destes dois tempos e espaços.

No caso dessa pesquisa, temos uma relação externa com os acontecimentos relatados e vivenciados pelos nossos interlocutores alunos em seu processo de escrita e, ao mesmo tempo, estivemos próximos o tempo inteiro do processo de elaboração do professor. Podemos afirmar, talvez, que nossa posição configura-se em uma posição de exotopia (BAKHTIN, 2011), tal que buscamos reconhecer a autoria dos estudantes e dialogar com os mesmos, tentando sintetizar ou totalizar a problemática exposta por nossos interlocutores (AMORIM, 2004 e JOBIM E SOUSA; ALBUQUERQUE, 2012).

---

<sup>24</sup> O conceito de cronótopo é fundamental na obra de Bakhtin, pois ele diz respeito a um tempo e espaços específicos na criação da obra literária. Em um importante texto literário, há diversos cronótopos que podemos identificar, pois eles dizem respeito a lugares coletivos ou “uma espécie de matriz espaço temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem” (AMORIM, 2004, p. 105). Em nosso caso, estamos nos referindo ao tempo-espaço no qual os textos foram elaborados e o tempo-espaço da nossa pesquisa.

Considerando essa perspectiva, nós, enquanto pesquisadores, devemos explicitar nossas posições em relação aos textos de nossos pesquisados, de modo que somente tal posição possa revelar ao sujeito algo que ele mesmo não pode ver:

[...] O mundo é, portanto, território no qual nossa atividade é desenvolvida, concebida sempre em uma estreita interação com o outro. Assim, cada tarefa nossa será considerada um encontro com o outro baseado em responsabilidade específica gerada pela relação com este outro: por conta da minha posição única e irrepitível no espaço e no tempo, eu sou a única pessoa capaz de meus atos concretos, que repercutem de uma maneira conclusiva no outro, mas que, antes de mais nada, estão feitos "para o outro", buscando seu olhar e sanção (BUBNOVA, 2015, p.11, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Deste modo, antes de entrar nas especificidades de nossa metodologia de análise e explicá-la em detalhes, vamos conhecer o contexto de enunciação destes textos.

## 2.2. Os professores e alunos-participantes da pesquisa

Os enunciados com os quais estamos dialogando em nossa pesquisa estão circunscritos a um contexto específico. No âmbito mais imediato, a cadeia enunciativa (BAKHTIN, 2001) em que se inserem circunscribe a escola, uma sala de aula de Geografia e a aplicação de uma sequência didática elaborada dentro do escopo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda.

Os objetivos da pesquisa consistiam em verificar quais os impactos relacionados à centralidade dada à leitura e à escrita no ensino de Geografia com alunos do Ensino Fundamental na Rede Municipal de São Paulo. Tal ênfase se realizou por meio do planejamento e da aplicação de sequências didáticas organizadas por situações-problema e gêneros discursivo-textuais com enfoque no desenvolvimento da capacidade de argumentação e da dialogicidade.

Além disso, os professores, ao elaborarem e aplicarem suas sequências, compartilhavam sua visão, tendo em vista sua participação em um grupo de estudos e pesquisas que considerava que a formação teórica é fundamental à prática docente. Foram colocadas três fronteiras teóricas para subsidiar os estudos e trabalho dos professores: a aprendizagem

---

<sup>25</sup> “El mundo es, pues, el territorio en el cual se desarrolla nuestra actividad, concebida siempre en una estrecha interacción con el otro. Así, cada quehacer nuestro tendrá el carácter de un encuentro con el otro basado en una responsabilidad específica que la relación con el otro genera: debido a mi posición única e irrepitible en el espacio e el tiempo, yo soy la única persona capaz de realizar mis actos concretos, que repercuten de una manera concluyente en el otro pero, antes que nada, que están hechos “para el otro”, buscando su mirada y su sanción” (BUBNOVA, 2015, p. 11).

mediada segundo Reuven Feuerstein, os princípios da dialogicidade de Mikhail Bakhtin e a complexidade dos saberes segundo Edgar Morin.

Cada um dos professores envolvidos na referida pesquisa – totalizando sete – foi autor de uma sequência didática. Os professores-autores foram responsáveis pela elaboração de uma questão problema, eixo estruturante do trabalho na sequência, e de uma proposta de atividades, organizada em módulos, nos quais os alunos solucionariam o problema proposto a partir de uma perspectiva geográfica.

Todas as sequências didáticas envolvidas na pesquisa tiveram enfoque no ensino do gênero de texto dissertação e da capacidade de linguagem da argumentação no Ensino de Geografia, assim como uma relação entre professor e aluno fundamentada na perspectiva da dialogicidade em Bakhtin. Todas as sequências didáticas foram aplicadas no mesmo período, e se distinguiam quanto ao Tema, Assunto e Conteúdo, além de sua aplicação ter sido realizada em escolas diferentes.

As escolas nas quais a pesquisa foi realizada são as seguintes:

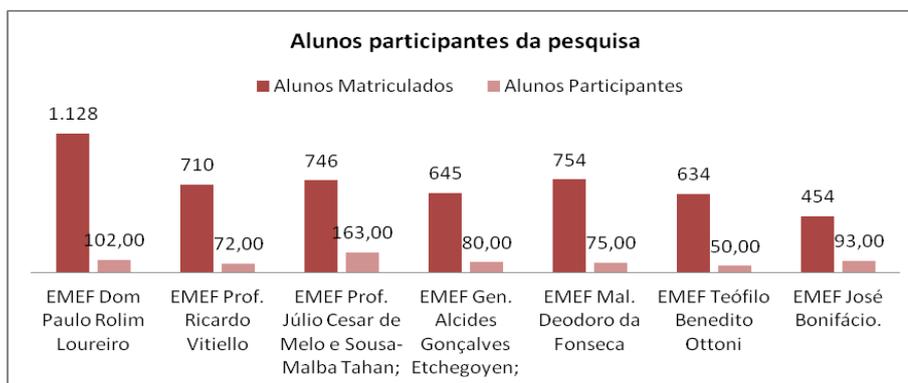
1. EMEF Dom Paulo Rolim Loureiro;
2. EMEF Prof. Ricardo Vitiello;
3. EMEF Prof. Júlio Cesar de Melo e Sousa-Malba Tahan;
4. EMEF Gen. Alcides Gonçalves Etchegoyen;
5. EMEF Mal. Deodoro da Fonseca;
6. EMEF Teófilo Benedito Ottoni;
7. EMEF José Bonifácio.

Tais escolas estão localizadas em distintas regiões da cidade, conforme realizado por Mota (2015):

[...] Não acreditamos ser possível que se continue ignorando a questão urbana ou territorial das escolas. Nos sete *entornos* que analisamos aqui, questões de extrema relevância social foram observadas, desde a presença, em menor ou maior quantidade, de favelas em todos os *entornos*, muitas delas associadas a áreas de risco; a predominância de moradias de autoconstrução, em detrimento às áreas verticalizadas; e a associação das escolas com equipamentos urbanos, devido à importância de sua presença no território urbano (MOTA, 2015, p. 118).

Segundo dados levantados por Mota (2015), o número de alunos das sete escolas municipais participantes da pesquisa era de 5.071 alunos de Ensino Fundamental – 1,17% dos alunos nesta modalidade em toda rede municipal de São Paulo. Dentre um universo de 5.071 alunos matriculados no Ensino Fundamental nas escolas selecionadas, participou da pesquisa um total de 635 alunos, tal que a amostra represente 12,52% desse universo, distribuídos da seguinte maneira (“Gráfico 1 – Alunos participantes da pesquisa”):

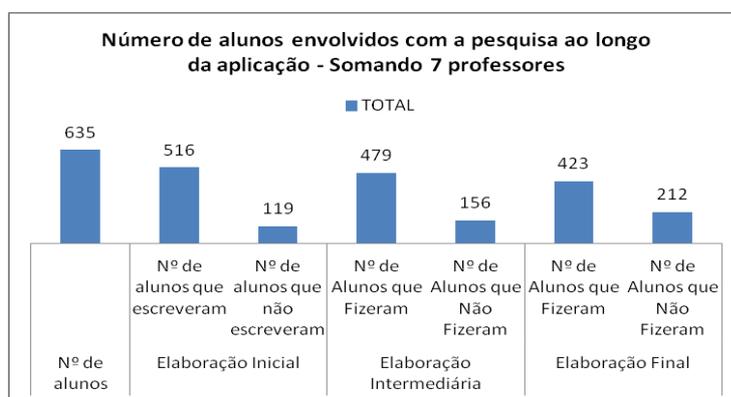
Gráfico 1– Alunos participantes da pesquisa “A Leitura e a Escrita no Ensino de Geografia e a Aprendizagem da Argumentação”



Fonte: elaborado pela autora (2016), a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. A organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP, Luiza Ferez, e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

De um modo bem generalizado, cada sequência contemplava três elaborações textuais feitas pelos alunos e diversos módulos de atividades entre essas elaborações. Como podemos ver abaixo no “Gráfico 2 – Elaborações realizadas pelo total de alunos”, desde o início da pesquisa, não contamos com todos os alunos matriculados para a realização da sequência: 516 fizeram a primeira elaboração e o número diminuiu entre a elaboração intermediária e a elaboração final – chegando a 423 na elaboração final. Os dados apontam inicialmente para a dificuldade de dar a continuidade ao processo de ensino e aprendizagem na escola por conta ausência dos alunos no tempo e espaço da escola.

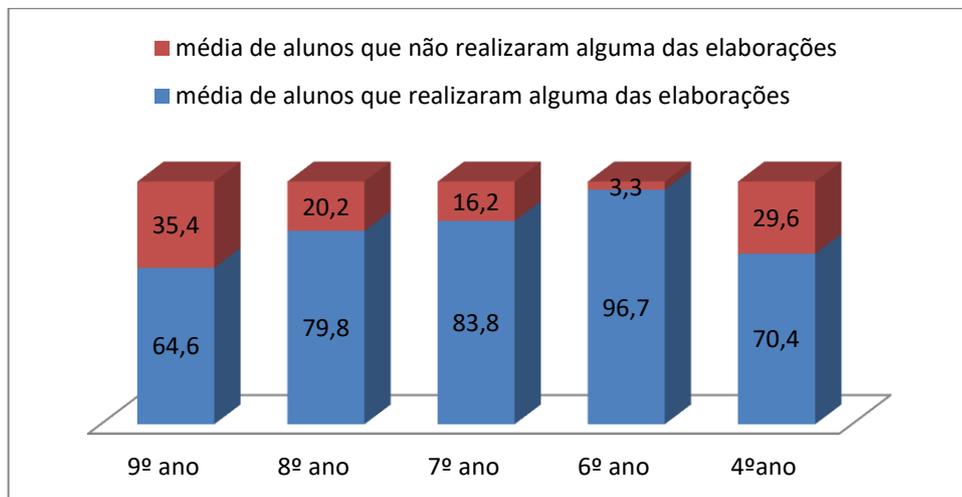
Gráfico 2 – Elaborações realizadas pelo total de alunos



Fonte: elaborado pela autora (2016), a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI- USP, Luiza Ferez, e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Ao verificarmos a continuidade de realização e aplicação da sequência didática por séries, temos quadro ainda mais desigual, como podemos verificar no “Gráfico 3 – Média de aproveitamento das três elaborações”. A relação entre o avanço das séries e a descontinuidade do processo se mostra clara: quanto mais os alunos avançam nas séries escolares, há mais descontinuidades em seu processo de ensino e aprendizagem, ou seja, eles participam de maneira mais irregular às atividades em sala de aula. A amostragem selecionada dentro do contexto da pesquisa (alunos que têm as três elaborações) diminui conforme os alunos mudam de ano/série.

Gráfico 3 – Média de aproveitamento das três elaborações



Fonte: elaborado por Luiza Ferez (2015). Acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. A organização dos dados foi realizada com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

A partir do Gráfico 3, podemos afirmar que o maior aproveitamento da pesquisa em termos quantitativos foi do 6º ano do Ensino Fundamental (96,7%), seguido pela 3º ano do Ensino Fundamental (70,4% de aproveitamento). No entanto, nas séries que se seguem, há, conforme o aumento da idade-série, menor participação em todas as etapas da pesquisa, progressivamente: 7º ano (83,8% dos alunos participaram das três elaborações), 8º ano (79,8% dos alunos participaram das três elaborações) e 9º ano (64,6% dos alunos participaram das três elaborações).

As descontinuidades no processo de aplicação da sequência didática, assim como a variação de alunos envolvidos, são elementos importantes para refletirmos sobre problemas encontrados na escola atualmente: parecem existir correlações entre as dificuldades encontradas pelos alunos, sua queda de rendimento, e as descontinuidades no processo de

aprendizagem na escola. A relação entre esses fatores parece de múltiplas causalidades. Ressalvo aqui, entretanto, que neste trabalho não serão investigadas as causas das descontinuidades que se verificam com os dados apresentados. Se a aprendizagem é processual e depende da mediação realizada entre professor e aluno com relação ao conhecimento, as descontinuidades verificadas prejudicam a realização do plano de ensino do professor e influem na relação dos alunos com o conhecimento. A definição de uma amostra selecionada dentro do contexto da pesquisa parte da necessidade de construir uma objetividade em relação à aprendizagem da capacidade de argumentação analisando os textos de alunos que realizaram as três elaborações e, portanto, cujo aproveitamento, por hipótese, pode ter sido maior.

Nos dedicaremos nas próximas seções a delinear alguns dos eixos estruturantes destas sequências didáticas para melhor situar nosso objeto.

### 2.3. Eixos centrais da pesquisa: diálogo e resolução de problemas

O diálogo como centralidade na pesquisa parte da perspectiva de Bakhtin (2010):

[...] O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real (e deste modo também para mim mesmo), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta (BAKHTIN, 2010, p. 297).

Ao dialogarmos, eu e o outro nos encontramos, pois: “expressar a si mesmo significa fazer de si mesmo para outro e para si mesmo”. A expressão do sujeito é expressão do discurso interior e da consciência individual criada socialmente e historicamente, a partir da circulação em esferas sociais diversas, nas quais emergem os discursos primários e secundários (BAKHTIN, 2010, p. 315).

A ação discursiva estrutura-se por estes meios e os gêneros de texto, de modo que estes aparecem como uma espécie de configuração mais estável de sistemas semióticos, linguísticos ou não, que permitem que se aja eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação. Ao dar ênfase ao diálogo em sala de aula, a prática docente se orienta para o desenvolvimento possível da *atividade mental do nós* nos alunos (BAKHTIN, 2010), ou seja, tem potencial de tornar os sujeitos autônomos nas esferas de ação e de circulação de seu discurso.

Com relação ao conhecimento científico, a aula dialógica “estabelece a ideia de relatividade da autoria individual e conseqüentemente o destaque do caráter coletivo, social da produção de ideias e textos” (LUKIANCHUKI, 2001, p. 1). O conhecimento passa a ser encarado como um processo de construção constante, do qual participam também sujeitos diversos. Na sala de aula, o discurso científico é desconstruído como unívoco e absolutamente verdadeiro, assumindo a dimensão engendrada através do processo de sua elaboração.

Em resposta a tal concepção dialógica de conhecimento científico, o professor modifica também sua prática, orientando-a, no caso desta pesquisa, para a proposta de Resolução de Problemas, elaborada a partir de Pozo e Crespo (1998).

Solucionar problemas na escola, segundo Echeverria e Pozo (1998), seria responsável por “induzir nos alunos uma busca e apropriação de estratégias adequadas não somente para darem resposta a perguntas escolares” (ECHEVERRIA; POZO, 1998, p. 14). O método científico passaria a ser percebido como um conjunto de estratégias a partir das quais problemas são resolvidos com hipóteses, argumentação, modelos teóricos, experimentações e procedimentos quantitativos e qualitativos de análise. Tais estratégias podem ser transpostas para outros momentos e dimensões da vida do indivíduo, que passaria a entender a dimensão do ensino e aprendizagem como um suceder de perguntas feitas e refeitas.

Além disso, a Resolução de Problemas nessa pesquisa foi pensada para que os alunos pudessem realizar a transposição do conhecimento espontâneo para o conhecimento científico (VIGOTSKI, 2010) no processo da resolução de um problema na perspectiva da ciência geográfica.

[...] Nos conceitos científicos operamos com uma correlação dos aspectos semântico e físico do discurso diferente daquela com que se opera nos conceitos espontâneos; logo, com outra via de desenvolvimento porque passa o aspecto semântico desse discurso. Entretanto, essa diferença deve servir para nós como indicador de que entre os processos de desenvolvimento dos conceitos no convívio social e dos conceitos da escola existe um vínculo profundo e recíproco, que é possível justamente porque o desenvolvimento desse ou daquele conceito segue por caminhos diferentes (VIGOTSKI, 2010, p.540).

Assim, na Resolução de Problemas, supõe-se que os alunos incorporem em sua prática discursiva importantes aspectos da estruturação do discurso da ciência geográfica, chegando a algumas generalizações relativas ao aspecto funcional dos conceitos e palavras, tal que “revelaria a possibilidade das operações, dos signos que caracterizam a atividade do conceito científico” (VIGOTSKI, 2010, p. 545).

Ao assimilar determinado conteúdo que só pode ser apreendido por conceitos, o indivíduo começa a participar de esferas da vida cultural e social antes não acessadas por ele.

Além disso, passa a compreender complexas interdependências e relações dentro de cada área da realidade e suas diversas esferas. O pensamento, a partir da palavra, se desenvolve não somente por conta de seu conteúdo, mas pelas novas formas de operá-las, que passam a estar envolvidas no ato de pensar (VIGOTSKI, 2010).

### 2.3. Sequências didáticas por gênero discursivo-textual no ensino de Geografia

A metodologia de ensino e aprendizagem da língua nativa por gêneros discursivo-textuais foi disseminada no Brasil pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. O ensino da língua seria, então, considerado uma prática social:

[...] O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997).

Caberia à escola ensinar aos alunos as diversas estratégias e possibilidades de se expressarem no mundo.

A metodologia proposta pelos PCNs de Língua Portuguesa convergia diretamente para as pesquisas de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), pesquisadores de Genebra, responsáveis por pensar em uma proposta de sequência didática para o ensino de línguas francófonas na Suíça. A proposta genebrina se baseia nas concepções encontradas nos estudos do Círculo de Bakhtin já explicadas anteriormente sobre os gêneros do discurso.

Para Schneuwly, gêneros discursivos são instrumentos mediadores e transformadores da atividade:

[...] Instrumento mediador, ele tem que ser também transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização. Esses esquemas de utilização são plurifuncionais: por meio deles, o instrumento faz ver o mundo de uma certa maneira e permite conhecimentos particulares do mundo (o machado e a dureza da madeira, para tomarmos o exemplo leontieviano). Ele define classes de ação possíveis, através das finalidades que se podem atingir graças a ele (cortar árvores); ele guia e controla a ação durante seu próprio desenvolvimento (SCHNEUWLY, 2004, p. 27).

A escolha do uso de determinado gênero está relacionada à ação discursiva colocada no plano comunicacional dentro de lugares sociais definidos, mas cambiáveis e em movimento constante (BAKHTIN, 2010). Assim, o enfoque na proposta de ensino e aprendizagem de gêneros de discurso e de texto na escola permite ao aluno se tornar mais independente em diversas esferas de ação e de circulação de seu discurso. Assim,

[...] As sequências didáticas instauram uma primeira relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam esta apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.50).

Os objetivos da sequência didática por gêneros discursivo-textuais é o de permitir com que os alunos tivessem acesso aos instrumentos necessários ao desenvolvimento dos gêneros discursivos propostos na sequência e a determinadas situações historicamente concebidas nas quais podem se utilizar de tais instrumentos. A sequência aqui analisada foi organizada em módulos, tal que os alunos conseguissem, um a um, aprender as formas estáveis relativas a determinado gênero e, assim, ter uma prática discursiva capaz de ultrapassar barreiras de comunicação.

Na proposta de ensino e aprendizagem genebrina, a sequência didática inicia-se com a apresentação da situação problema para os alunos. Nesse momento, o professor deve expor aos alunos o “projeto de comunicação que será realizado ‘verdadeiramente’ na produção final” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY; 2011, p. 84). E, ao mesmo tempo, essa apresentação prepara os alunos para a continuação das atividades: o professor deve apresentar o problema de comunicação bem definido de maneira explícita, e preparar os alunos para trabalharem os conteúdos e sua importância nos próximos módulos:

[...] A fase inicial de aprendizagem permite, portanto, fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado. Na medida do possível, as sequências didáticas devem ser realizadas no âmbito de um projeto de classe, elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY; 2011, p.100).

A situação problema apresentada aos alunos e o projeto de comunicação da sequência didática de nossa pesquisa são distintos da proposta genebrina, pois colocam a Geografia como objeto de ensino e aprendizagem junto ao gênero discursivo textual dentro de um projeto de comunicação.

A situação problema é elaborada com o objetivo de que os alunos a respondam a ela a partir de uma perspectiva geográfica que considera que:

[...] As práticas, as habilidades e os conhecimentos indispensáveis a qualquer vida social têm componentes geográficos: aqueles que são imprescindíveis aos que viajam, transportam, comunicam. [...] Eles compreendem a habilidade, não somente daqueles que constroem as infraestruturas, mas também a arte daqueles que as utilizam.

Os componentes geográficos das práticas indispensáveis a qualquer vida social compreendem tudo aquilo que torna possível habitar a Terra e ali se instalar (CLAVAL, 2010, p. 30).

A apresentação da problemática da sequência didática pelos professores envolvidos na pesquisa é o momento de definição central do objeto de ensino para os alunos e de delimitação de características cruciais com relação ao gênero de discurso e texto aprendidos na sequência didática

Após a definição e contextualização dos alunos sobre a situação problema a ser trabalhada, o professor pede aos alunos que elaborem um texto inicial que serve como uma vivência destes diante da situação problema. O professor pode perceber a partir da leitura dos textos dos alunos as dificuldades iniciais que aparecem e propor atividades nos módulos seguintes para sua superação; os alunos conhecem aí também seus limites quanto à situação problema e conseguem ter melhor entendimento do projeto de trabalho a ser desenvolvido. A sequência didática se inicia pela definição do que é necessário trabalhar em termos de capacidades de linguagem dos alunos e, no caso da nossa pesquisa, dos conteúdos geográficos a serem mobilizados para a resposta da elaboração final.

Os módulos seguintes são organizados de modo a prever uma diversidade de atividades relativas ao conteúdo a ser aprendido e também aos gêneros de discurso contemplados na sequência. Por fim, o momento da elaboração final visa que os alunos aprendam também a repensar e reescrever um texto, pois tudo aquilo que é escrito e as formulações dos seres humanos se inserem em um constante movimento de transformação, de modo que toda escrita deve ser também encarada como reescrita constante.

Como já ressaltamos anteriormente, na proposta desta pesquisa foram feitas adaptações dos elementos encontrados em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), pois as sequências didáticas de aprendizagem da Geografia passaram a considerar a aprendizagem dos gêneros discursivos textuais acadêmicos próprios da Geografia e ainda a capacidade de linguagem argumentação. Houve preocupação com a aprendizagem do gênero discursivo textual em uma situação de comunicação, como na proposta genebrina; porém, o conteúdo da Geografia se articula com a aprendizagem do gênero: os professores autores de sequências escolheram questões e situações problemas geográficas para trabalhar com seus alunos, de modo a possibilitar que estes vivenciassem o processo de construção do pensamento científico da Geografia.

Para responder uma questão problema a partir de uma perspectiva geográfica, os alunos precisaram ter determinadas informações e instrumentos discursivos. A organização modular também foi utilizada, pensando, sobretudo, nos diferentes níveis e escalas de apreensão que o aluno teria que compreender para elaborar uma possibilidade de solução à questão problema.

Além disso, objetivou-se elaborar novas modalidades de instrumentos de mediação para o ensino de Geografia com enfoque na leitura e na escrita.

Os textos de alunos que analisaremos adiante são o resultado de sequências didáticas aplicadas no ensino de Geografia e cuja autoria (de cada sequência) é dos professores de Geografia envolvidos na pesquisa.

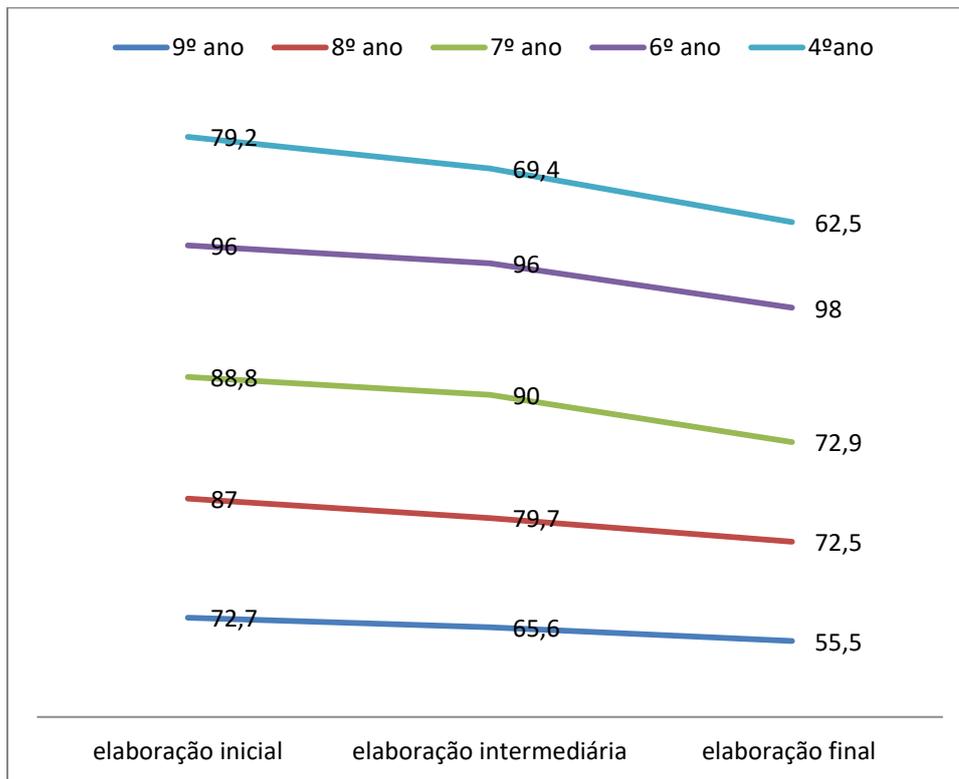
#### 2.4. Definição da amostragem

Com o objetivo de verificar as consequências de uma pesquisa sobre aprendizagem da argumentação no ensino de Geografia dentro do escopo desta pesquisa, definimos uma amostragem a partir dos dados obtidos, seguindo tais critérios:

- gênero de texto: dissertação – nosso primeiro critério para limitação da nossa amostragem consistiu nas elaborações nas quais os professores trabalharam com o gênero textual dissertação e com o gênero de discurso acadêmico.
- número de alunos que participaram da elaboração inicial, intermediária e final.
- estabilidade entre os alunos que participaram das três elaborações – esse critério tem caráter quantitativo e qualitativo, pois além de identificar o número de elaborações iniciais, intermediárias e finais feitas pelos alunos, buscamos dar conta da continuidade do processo de ensino. Os textos de alunos que participaram das três elaborações são, do nosso ponto de vista, imprescindíveis quanto à compreensão do processo de ensino de Geografia desta sequência.

Seguindo os critérios anteriores, temos que: apesar de maior aproveitamento relativo às três elaborações no 7º ano, ocorre uma grande diminuição do número de alunos participantes das elaborações intermediárias e finais – 90% dos alunos desta série participaram da etapa intermediária da sequência, mas apenas 72,5% realizaram a elaboração final, com diminuição de 17,5% na participação –, como podemos verificar no “Gráfico 4 – Porcentagem de elaborações por série”. No 8º ano, tal tendência entre a elaboração intermediária e a final também ocorre; no entanto, é percentualmente menor, chegando a 6,8%. Há estabilidade relativa maior entre os alunos que participaram das três elaborações no 8º ano: na elaboração inicial, a participação chegou a 87% dos alunos, seguida da elaboração intermediária com 79,7%, e final de 72,9%.

Gráfico 4– Porcentagem de elaborações por série



Fonte: elaborado pela autora (2016) a partir do acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”. Organização de dados realizada com o auxílio do software Sphinx v.5.1.0.7.

A partir dos critérios estabelecidos, a 7ª série/8ºano foi selecionada como amostra para nossa pesquisa. Dois professores dedicaram-se a trabalhar com este ano/série; no entanto, analisaremos somente o trabalho de um deles. A nossa proposta de metodologia para a compreensão do aprendizado da argumentação no âmbito das sequências didáticas para o ensino e aprendizagem de Geografia passa pela necessidade de pensarmos uma metodologia que ultrapasse o recorte da sequência didática em questão, embasando novas reflexões sobre o potencial pedagógico da argumentação e seu aprendizado (COSTA, 2008); não deixamos de ter em vista, no entanto, a necessidade de circunscrever da maneira mais precisa possível o contexto em que circulam os discursos e partir deles para pensarmos quaisquer metodologia e estudo, a partir de nossos referenciais teóricos.

### **CAPÍTULO 3 – “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”: o plano de sequência didática por Gênero Discursivo-Textual**

Neste capítulo apresentaremos a sequência didática por gênero discursivo-textual elaborada pelo professor-autor 1, docente da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, realizada com duas turmas de 7ª série/8º ano. Intitulada “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”, o professor de Geografia elaborou uma questão problema a ser respondida pelos alunos.

Primeiramente, descreveremos quais foram as atividades previstas e quais foram realizadas pelos alunos do professor no âmbito desta sequência didática por gênero discursivo-textual. Para tanto, nos debruçamos inicialmente sobre as gravações das reuniões do Círculo de estudos nas quais o professor discute o processo de elaboração da sequência didática e também o material impresso elaborado por ele para ser utilizado em sala de aula com os alunos, no qual constam todas as instruções para a elaboração das atividades e seus objetivos.

Em um segundo momento, vamos caracterizar brevemente os sujeitos alunos e professores envolvidos nesta pesquisa. A caracterização foi realizada a partir de dois questionários que integram o banco de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”, organizado sob a coordenação da Profª Drª Maria Eliza Miranda. O objetivo central aqui é apresentar dados relevantes para que possamos compreender os enunciados produzidos por alunos e professores em sua elaboração textual. Em cada enunciado, o sujeito possui “outros do diálogo” (BAKHTIN, 2011) que permeiam a escolha de palavras e a construção do significado destas. Ao nos aproximarmos ao máximo destes “outros” e dos contextos de enunciação a partir desta caracterização, nos colocamos em uma posição mais próxima aos enunciadores, considerando as especificidades dos encadeamentos de seu discurso e da atribuição de significado.

### 3.1. A sequência didática analisada

A tabela abaixo apresenta a síntese da sequência didática elaborada pelo professor:

Tabela 1 – Sequências didáticas elaboradas pelos professor-autor 1

<b>Título da sequência</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
<b>Questão-problema da sequência</b>	O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>Número de módulos</b>	3 (+ 2 leitores críticos)
<b>Número de aulas previstas</b>	31
<b>Capacidade de linguagem a ser trabalhada</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>Gênero discursivo-textual a ser trabalhado</b>	DISSERTAÇÃO

Fonte: organizado pela autora (2016) a partir do acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

A sequência didática elaborada pelo professor-autor 1 tinha título “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização” e a proposta foi organizada a partir de três módulos centrais, três elaborações (inicial, intermediária e final) e três módulos denominados “Leitor Crítico”.

Estes últimos são parte fundamental da proposta, pois os alunos precisam entrar em contato com exemplos do mesmo gênero de texto e de discurso com o qual vão trabalhar. É proposto ao aluno que leia textos elaborados por seus colegas e os avalie de acordo com critérios claros, discutidos em sala de aula por professor e alunos (no caso das sequências que integram a pesquisa, estes critérios seguiram as cinco competências avaliadas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, organizadas em uma tabela distribuída pelo professor, apresentada no ANEXO A).

A atividade “Leitor Crítico” tem como objetivo avaliar as competências dos alunos relativas à autoria e à crítica, fazendo-os repensar o gênero textual ensinado na sequência enquanto uma estrutura textual e também quanto ao conteúdo relacionado ao problema proposto. O contato do aluno com outros textos é fundamental, tendo em vista que o mesmo deve ser capaz de comparar seu trabalho com critérios a partir da identificação dos elementos essenciais do gênero proposto, no discurso alheio (VOLOSHINOV, 2017), escritas nas elaborações textuais.

Os alunos podem se orientar pelas avaliações dos colegas para construir seus textos posteriores, aprendendo também que a atividade da escrita é inacabada e:

[...] Na atividade de escrita, o processo de produção e o produto final são, normalmente, separados (salvo nas interações escritas diretas, como no caso da Internet, por exemplo). Dito de outra forma, o escritor pode considerar seu texto

como um objeto a ser retrabalhado, revisto, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que o dá a seu destinatário. O texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita. [...] O aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever. A estruturação da sequência didática em primeira produção, por um lado, e em produção final, por outro, permite tal aprendizagem (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEWLY, 2011, p. 112).

Ao ter contato com as competências e com a descrição dos critérios de avaliação circunscritos por cada uma delas, o aluno avalia seu colega e atribui uma nota para o desempenho do mesmo, seguindo também as instruções de uma grade de correções elaborada no contexto do Círculo de Estudos. Após tal avaliação, o professor avalia a correção do aluno e também o texto avaliado, de modo a construir dois instrumentos de avaliação.

Como introdução às atividades da sequência elaborada pelo professor-autor 1, ele propôs uma discussão prévia sobre o gênero discursivo-textual a ser trabalhado: quais as características fundamentais ao gênero, seu contexto de elaboração e circulação, e a importância da esfera discursiva deste gênero no nosso cotidiano. Essa estrutura de organização foi comum a todos os professores que participaram da elaboração de sequências textuais; a especificidade de cada um e a autoria revelam-se a partir da elaboração dos módulos e da temática escolhida por cada um deles.

Após a contextualização do gênero, o professor contextualizou a situação problema a partir do texto:

O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino? Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo de elevada miscigenação, ou seja, composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais onde eles se estabelecem? Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?<sup>26</sup>

O professor leu junto com a classe o enunciado e, posteriormente, pediu aos alunos que fizessem sua primeira elaboração textual. Como já dissemos anteriormente, nesse momento da sequência cabe ao professor discutir com a turma as características fundamentais do gênero de texto a ser ensinado e, após a realização dos textos, avaliar e identificar aspectos relacionados ao conteúdo e ao gênero presentes nos textos dos alunos. Munido desses textos iniciais, construídos somente a partir da apresentação da problemática da sequência e de sua

---

<sup>26</sup> Acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

contextualização pelos alunos, o professor pôde orientar sua prática para as dificuldades apresentadas e repensar os módulos posteriormente realizados.

A sequência do professor-autor 1 teve como ponto de partida a seguinte pergunta: “O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?”, e, a partir dela, os alunos trabalharam quatro textos de distintos gêneros discursivo-textuais: o texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo”, de Patrícia Taves de Freitas<sup>27</sup>; o “Mapa dos principais fluxos migratórios internacionais no final do século XX e início do século XXI”, elaborado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro<sup>28</sup>; e duas tabelas – a primeira intitulada “Principais países de origem dos imigrantes internacionais do Brasil entre 2005-2010”<sup>29</sup>, e a segunda, “Brasil e Unidades da federação selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil”<sup>30</sup>. Durante todo nosso trabalho, vamos nos referir a esses textos utilizados pelo professor em sala de aula e eles constituirão o ANEXO A do trabalho.

Desde a contextualização, fica claro que o professor generaliza o fenômeno migratório para além do caso boliviano. A migração é um fenômeno motivado por diversas causas e em contextos variados; no entanto, ele interroga os alunos sobre quais são (se existirem) as especificidades deste fenômeno no mundo contemporâneo. Após tal generalização, a problematização orienta os alunos a refletirem sobre as condições de vida encontradas pelos migrantes em seus locais de destino e desloca-se para a compreensão do fenômeno migratório Bolívia – São Paulo: os bolivianos, segundo o texto do professor, são um povo que tem se

<sup>27</sup> FREITAS, Patrícia Tavares de. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. Pg. 155- 163. Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível em [http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro\\_bolivianos.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf) Acesso em 08.jul.2013 - Acervo de documentos da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

<sup>28</sup> Disponível em: [http://www.vestibular.uerj.br/portal\\_vestibular\\_uerj/arquivos/arquivos2009/provas\\_e\\_padroes\\_respostas/provas/2009ed\\_geo.pdf](http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009ed_geo.pdf) Acesso em 08/07/2013 - Acervo de documentos da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

<sup>29</sup> Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000008473104122012315727483985.pdf> Acesso em 08.jul.2013- Acervo de documentos da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

<sup>30</sup> Fonte: XAVIER, Iara Rolnik. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. pg. 117. Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível no acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

destacado nas recentes migrações para São Paulo; assim, pede-se que os alunos elaborem uma dissertação que responda a uma questão sobre a motivação desses migrantes.

O professor, por tal enunciado, orientou os alunos a construírem um texto dissertativo com enfoque na migração boliviana. Porém, ao generalizar e questionar o fenômeno migratório como um todo, parece ser sugerido aos alunos que considerem o fenômeno para além do caso boliviano e, mais do que isso, considerem em seu texto não somente os motivos da migração, mas as consequências destas para a população migrante em seu país de destino. Nos capítulos seguintes vamos investigar a escrita dos alunos e verificar a ocorrência de textos com tais características. É importante ressaltar que esse enunciado e contextualização serão repetidos em todas as elaborações realizadas durante a sequência didática pelos alunos.

Após elaborarem a sua primeira dissertação, os alunos realizaram a atividade do “Leitor Crítico”, mediada pelo professor, em três aulas. Na primeira, os alunos foram introduzidos às Grades de Correção e à Tabela (ANEXO A) que deveriam preencher para a avaliação do seu colega. Na segunda aula, iniciaram o trabalho de leitura e avaliação dos textos. Por fim, na terceira, os alunos tiveram contato com seus textos corrigidos pelo professor e pelos colegas, de modo a avaliar seus textos e atividades e concentrar suas atenções nessas dificuldades e nas competências avaliadas negativamente.

Após tais atividades, professor e alunos iniciaram o trabalho no Módulo 1 da sequência. O objetivo deste módulo, segundo o professor, era “construir, junto com os alunos, o conceito de imigração a partir da leitura do texto ‘Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo’, de Patrícia Freitas, e como ele se expressa através do espaço ao longo dos tempos, interferindo, entre outras coisas, nos contextos regionais”<sup>31</sup>. Para tanto, os alunos foram agrupados em grupos para leitura de partes do texto selecionadas pelo professor, e tiveram que organizar suas leituras e sistematizá-las em palavras-chave. Em cada grupo, o professor também se ateve sobre o conceito de palavra-chave e sua importância como sistematização da leitura e das ideias mais relevantes do texto.

A leitura do texto foi ainda acompanhada da identificação e definição das funções dos articuladores argumentativos presentes nos fragmentos de textos dos alunos. A realização dessa atividade pressupunha que os alunos passassem a compreender o que são esses

---

<sup>31</sup> FREITAS, Patrícia Tavares de. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. Pg. 155- 163. Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível em [http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro\\_bolivianos.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf) Acesso em 08.jul.2013 - Acervo de documentos da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

articuladores e suas funções, de modo que o professor se propôs a explicá-los durante a realização da atividade.

A atividade posterior à identificação das palavras-chave e articuladores argumentativos contidos no texto foi a organização de um painel oral com as palavras-chave recolhidas em todos os textos pelos alunos. Nesse momento da sequência, o professor foi responsável por construir, junto à classe, a unidade argumentativa entre todos os fragmentos e ideias do texto.

Após essa atividade, os alunos realizaram a Elaboração Intermediária e a segunda atividade de “Leitor Crítico”, avaliando o texto do colega e promovendo reflexões sobre a própria elaboração. Antes de passarmos para as atividades compreendidas pelos próximos módulos, cabe nos atermos ao texto utilizado pelo professor em sua sequência. Organizaremos, na tabela 2, as principais ideias do texto no formato de uma tabela pra que possamos ter uma síntese do mesmo<sup>32</sup>.

Tabela 2 – Organização das ideias centrais do texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma alternativo”, de Patrícia Freitas

<b>Texto/ Título</b>	<b>Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma alternativo</b>
<b>Gênero de Texto</b>	Artigo científico
<b>Gênero de discurso</b>	Acadêmico
<b>Introdução do texto: ideias centrais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Provenientes de terras altas do altiplano andino, o fluxo migratório de bolivianos direcionado para o trabalho informal em oficinas de costura, na cidade de São Paulo;</li> <li>- A autora identifica “novos fluxos migratórios” (FREITAS, 2013) e coloca os migrantes como as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização.</li> </ul>
<b>Especificidade/Abordagem teórica seguida pelo texto e explicitada na introdução</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordagem da escola de Chicago;</li> <li>- Considerar “o que essas populações que se colocam em movimento criam, em termos de arranjos e territorialidades, a partir desse movimento e das respostas coletivas diante dos constrangimentos estruturais que lhes são impostos” (FREITAS, 2013).</li> </ul>
<b>Motivos pelos quais os bolivianos migram</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- início século XX: migração de estudantes e profissionais liberais, motivados pela dimensão política e para ascender profissionalmente; no contexto, havia um contingente de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas;</li> <li>- Década de 1990, fluxos compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas, motivados pelo êxodo rural e desemprego urbano que atingiram a Bolívia a partir de meados da década de 1980, devido a uma</li> </ul>

<sup>32</sup> Cabe ressaltar, porém, que os tópicos por nós organizados na tabela não correspondem necessariamente aos pontos trabalhados pelo professor-autor 1 em sala de aula com seus alunos. Não tivemos acesso direto à aplicação da sequência didática, de modo que a organização do texto em tópicos tem como objetivo sintetizar as informações do mesmo para que o leitor tenha acesso a elas.

	forte recessão econômica e desastres naturais provocados pelo “El Niño”; - Começaram a ser empregados em atividades artesanais e/ou industriais, no comércio e em trabalhos domésticos.
<b>Espacialização do fenômeno</b>	- Adensamento e diversificação dos fluxos que, apesar de continuarem se dirigindo para a Argentina e Brasil, se dirigiram também, intensamente, para o Peru e a Venezuela, na América Latina, para os Estados Unidos, países da União Europeia – principalmente, Itália e Espanha – e também Israel, Japão e Austrália.
<b>Periodização da migração boliviana para o Brasil</b>	- Década de 1990; - Segunda metade da década de 1990; - Século XX.
<b>Condições encontradas pelos bolivianos ao migrarem para o Brasil</b>	- Relações de trabalho com os coreanos nas oficinas de costura; - Segunda metade da década de 1990: “a ligação entre coreanos e bolivianos começa a se dissipar. Enquanto, por um lado, a comunidade coreana adquire destaque e reconhecimento social devido ao sucesso comercial alcançado nos bairros do Brás e do Bom Retiro, por outro lado, os imigrantes bolivianos passam a aparecer também como ‘exploradores’ do trabalho de seus compatriotas” (FREITAS, 2013); - Bolivianos se transformarem também em pequenos empreendedores, donos das oficinas de costura e recrutadores da força de trabalho; - Sistema complexo de vida para eles que se inserem em São Paulo.

Fonte: organizado pela autora (2017).

Esse conteúdo trabalhado inicialmente pelo professor possui elementos que merecem ser destacados. Inicialmente, cabe expor que ele traz explicitamente uma abordagem sociológica do tema: para sua autora, tem-se uma inflexão na migração boliviana contemporânea que acarreta necessária revisão no paradigma de análise sociológica. A autora pontua, por exemplo, as transformações existentes na migração boliviana contemporânea em relação àquela que ocorria nos anos 1990. Para ela, os migrantes contemporâneos são menos qualificados e fazem parte de um processo do capitalismo contemporâneo, no qual a globalização impulsiona movimentos migratórios entre países menos desenvolvidos. O fluxo migratório contemporâneo entre São Paulo e Bolívia relaciona-se a problemas encontrados na Bolívia relativos ao êxodo rural e ao desemprego urbano no país, acompanhados com fenômenos climáticos que prejudicaram as populações, como o El Niño.

Ao migrarem para países como Brasil, o contingente de migrantes bolivianos encontra condições de vida precárias e trabalho nas tecelagens. O contingente que veio antes da década de 1990 era mais diverso – composto, sobretudo, por estudantes e profissionais liberais – de modo que conseguiu ascender profissionalmente e em termos de formação, ou acabou sendo empregado em casas de família, sobretudo no caso de mulheres.

Para a autora, o foco nas atividades exercidas pelos bolivianos ao chegarem ao Brasil e as condições de trabalho encontradas e vividas por eles é traço comum às mais diversas

abordagens. No entanto, para ela, o mais importante é compreender quais são as territorialidades produzidas por eles e as especificidades destas. Ela destaca, por exemplo, como as condições de trabalho precárias ligavam-se diretamente ao trabalho e às relações de trabalho com os coreanos.

Tal perfil, porém, sofre recente transformação, pois se tem um processo de mobilidade social entre os migrantes: atualmente há migrantes bolivianos empregando outros bolivianos e, ao mesmo tempo, migrantes de outros países, como Paraguai e Peru, que também chegam à cidade, no setor de confecção e em outros serviços importantes para a comunidade.

O texto ressalta a importância do entendimento da migração boliviana em dois aspectos: a migração relacionada ao trabalho, mas também de acordo com uma compreensão que extrapole a abordagem da relação entre exploradores e explorados, e que compreenda os espaços e as relações produzidas e existentes dentro da própria comunidade e que criam novas facetas em torno de tais sociabilidades.

Segundo o professor, o texto foi escolhido de acordo com as seguintes intenções:

Professor-autor 1: Quero que ele aprenda a relacionar diversos fatores. Social... A sociedade, a sociedade não é imutável, ela é...

[...] Professor-autor 1: Indo pelo que eu estava iniciando a falar que a sociedade, ela... as sociedades não são imutáveis, elas se transformam, se modificam, pode se deslocar pelo espaço. A influência das cidades por que... saber que a cidade não é uma coisa estática também, não é aquela coisa tipo estão lá os prédios, as casas e as pessoas andando nela. Tem todo um porquê daquilo. Então o porquê de existirem aquelas coisas e o que faz com que... existem influências econômicas, culturais, os bolivianos que chegam com as... em geral, estou colocando bolivianos por causa da sequência, mas as culturas se transformam, a miscigenação.<sup>33</sup>

Após analisarmos o texto, cabe pontuarmos que os objetivos do professor, sobretudo com relação à compreensão dos espaços e localidades produzidas pelo fluxo migratório, convergem com a escolha do texto e suas ideias centrais. Resta-nos, posteriormente, verificar, a partir de critérios do âmbito da argumentação geográfica, como o texto é composto e, mais do que isso, de que modo se constrói a relação entre as informações e a estrutura do gênero nele inscritas e o texto dos alunos.

Após se aprofundarem nos debates propostos pelo texto, os alunos partiram para o Módulo 2 da sequência didática. O objetivo do professor para as atividades propostas nesse módulo era de que os alunos aprendessem a identificar os movimentos migratórios em um mapa.

---

<sup>33</sup> Transcrição realizada por Ana Carolina Roman Rodrigues (2017) de uma gravação de reuniões do Círculo de Estudos a partir do acervo da Pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”. O acervo é fundamentado pelo Termo de Livre Consentimento do professor quanto a sua participação na Pesquisa e as gravações em áudio e vídeo estão sob responsabilidade da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> M. Eliza Miranda no Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMADI – do Departamento de Geografia da USP.

A compreensão da linguagem cartográfica teria destaque na proposta do professor; porém, ele não trabalhou com um mapa na sequência didática, mas com a imagem de um planisfério, intitulada “Principais fluxos migratórios internacionais no final do século XX e início do século XXI”<sup>34</sup>. Essa distinção entre imagem e mapa é importante, pois estamos nos referindo ao mapa enquanto gênero de texto que, na linguagem cartográfica, apresenta elementos estruturais fundamentais:

[...] Um mapa dá uma imagem incompleta do terreno. Ele nunca é uma reprodução tão fiel quanto pode sê-lo, por exemplo, uma fotografia aérea. Mesmo o mais detalhado dos mapas é uma simplificação da realidade. Ele é uma construção seletiva e representativa que implica o uso de símbolos e de sinais apropriados. As regras dessa simbologia pertencem ao domínio da semiologia gráfica, que estabelece uma espécie de gramática da linguagem cartográfica (JOLY, 1990, p. 7).

Segundo Joly (1990, p. 16), tais elementos são: as coordenadas geográficas, o componente de qualificação (ou seja, “uma modulação do fundo do mapa por uma mancha (cor ou sinal), que é uma característica do lugar: qualitativa, quantitativa ou ambas”, a escala, a legenda e um tipo de projeção. A falta de um desses elementos descaracteriza o objeto gráfico como mapa, de modo que podemos nos referir a ele de outras maneiras. No caso, optaremos por descrevê-lo como ilustração.

A ilustração retrata um planisfério terrestre com o nome de alguns países e regiões do mundo, de modo que duas cores indicam, na legenda, as principais regiões de destino e de saída de migrantes. A peça é ainda composta por setas, que indicam os principais fluxos migratórios, e, além disso, há números sobre os países e regiões pintados no mapa. Estes números não têm correspondente na legenda, assim como não há escala na imagem.

Na atividade realizada foi proposto aos alunos que selecionassem cinco regiões do planeta em que, segundo a imagem, há maior recebimento de migrantes, e cinco outras em que há saída de pessoas. A partir daí, os alunos compararam as informações da ilustração com as informações no texto lido e descreveram as relações entre os fluxos migratórios descritos pelo artigo científico e pela imagem do planisfério. Por fim, os alunos também realizaram a atividade de completar a legenda do mapa com os possíveis significados dos números indicados na imagem e descrever a situação do Brasil e da Bolívia a partir da imagem.

O Módulo 2 ainda compreendeu outras atividades. Os alunos foram convidados a considerar dois textos de gêneros distintos para a realização das tarefas pedidas pelo professor, que incluíam atividades para desenvolver mecanismos de busca e comparação de

<sup>34</sup> Disponível em

[http://www.vestibular.uerj.br/portal\\_vestibular\\_uerj/arquivos/arquivos2009/provas\\_e\\_padroes\\_respostas/provas/2009ed\\_geo.pdf](http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009ed_geo.pdf) Acesso em 08/07/2013 - Acervo de documentos da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

dados muito precisos. O tempo previsto pelo professor para a realização das atividades foi de 3 aulas, o que, de fato, foi pouco tempo, como relatado pelo professor. A tarefa se estendeu por mais aulas do que o previsto.

Após trabalhar com o planisfério no módulo anterior, os alunos iniciaram o Módulo 3 da sequência didática. O professor não explicitou as instruções dadas aos estudantes; no entanto, foram pontuados os objetivos do módulo: comparar dados estatísticos com a leitura do texto, de modo a perceber semelhanças e diferenças dos fluxos migratórios bolivianos com outros fluxos ao redor do mundo e do Brasil.

Os instrumentos escolhidos pelo professor nesse momento do trabalho foram duas tabelas. A primeira, intitulada “Principais países de origem dos imigrantes internacionais do Brasil entre 2005 e 2010”<sup>35</sup>, é adaptada de dados do Censo Demográfico do IBGE de 2011, e possui 10 linhas e duas colunas, que organizam de maneira decrescente a porcentagem de imigrantes no país. A tabela inicia-se com os Estados Unidos e o Japão, países que ocupam lugar de destaque no capitalismo global. A tabela, porém, considera um fenômeno recente no país – a migração de retorno. A porcentagem de migrantes que vem para o Brasil dos Estados Unidos é de cerca de 25%, de modo que 84,2% dentro desses 25% iniciais já são brasileiros. O mesmo não ocorre de um país como a Bolívia: apesar de participar somente com 8% do total de imigrantes no Brasil, apenas 25% desses migrantes eram brasileiros. Esta observação é central para que os alunos compreendam as nuances envolvidas no processo migratório e o fenômeno como um todo.

A segunda tabela, intitulada “Brasil e as unidades da federação selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil”<sup>36</sup>, organiza periodicamente desde 1970 a migração dos bolivianos para o Brasil e para os seguintes Estados da Federação: Rondônia, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Na tabela, temos as informações de que, até 1970, a migração boliviana está concentrada no Mato Grosso do Sul – cerca de 47% dos migrantes se dirigiam para esse estado. A partir dos anos 1970, a configuração começou a se alterar, de modo que Rondônia e São Paulo ganharam destaque em detrimento da queda de Mato Grosso. O contingente de migrantes no Brasil teve queda brusca entre 1970 e 1990, e a partir dessa década, retomou o

---

<sup>35</sup> Op. Cit.

<sup>36</sup> Op. Cit.

crescimento – período em que o Estado de São Paulo atinge papel de principal destino para os migrantes bolivianos.

Essas transformações podem ser relacionadas ao texto lido pelos alunos, sobretudo pelos períodos migratórios organizados no mesmo: a primeira leva de migrantes, vinda entre as décadas de 1970 e 1980, composta por profissionais liberais e estudantes, acabou migrando para outras cidades e estados do país, onde conseguiu se estabelecer. A partir da década de 1990, o contingente populacional boliviano migrante aumenta e passa a concentrar-se em São Paulo, tanto no Estado quanto na capital, devido a maiores possibilidades de emprego, sobretudo no setor de confecção.

Essas duas últimas tabelas, segundo os objetivos expostos pelo professor para este último módulo da sequência, serviriam para que os alunos comparassem novas informações com aquelas presentes nos textos. Após realizar a atividade com essas tabelas, os alunos realizaram a elaboração final e o último dos módulos “Leitor Crítico”.

Em linhas gerais, nessa sequência didática, os alunos foram levados a comparar a migração boliviana a outros fluxos de migrantes para o Brasil, estabelecendo distinções e similaridades quanto aos motivos pelos quais as migrações se realizam e as suas consequências para o país que as recebe e para os migrantes. O eixo central que estruturou o trabalho do professor nessa sequência foi o texto da socióloga Patrícia Freitas, “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo”, de modo que as atividades dos módulos seguintes da leitura do texto articularam-se diretamente a ele e os alunos constantemente foram levados a retomar as informações e leituras do mesmo.

### 3.2. Caracterização geral da escola, do professor e dos alunos

A escola escolhida como amostra de nosso trabalho foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal Deodoro da Fonseca (Tabela 3), localizada na zona oeste da cidade de São Paulo e sob responsabilidade da Diretoria de Ensino do Butantã.

Tabela 3 – Descrição geral da escola

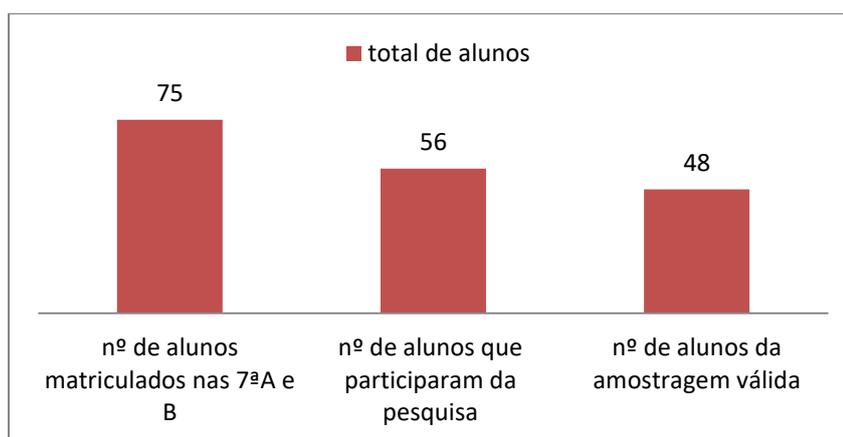
<b>Escola:</b>	EMEF Mal. Deodoro da Fonseca
<b>Professor</b>	Professor-autor 1
<b>Endereço:</b>	Praça Imprensa Paulista, 30 – Caxingui
<b>Distrito</b>	Butantã
<b>Diretoria de Educação</b>	Butantã
<b>Turnos de funcionamento</b>	manhã, tarde e noite
<b>Modalidades:</b>	Ensino Fundamental e EJA

Fonte: acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

No período de aplicação da sequência didática elaborada pelo professor-autor 1, estavam matriculadas no Ensino Fundamental e no Ensino de Jovens e Adultos da EMEF Marechal Deodoro da Fonseca 754 alunos, considerando os três turnos de aula da escola. Nas sétimas série A e B do Ensino Fundamental, nas quais o professor aplicou a sequência didática, somavam-se 75 alunos matriculados. Destes 75, 56 participaram das elaborações inicial, intermediária e final.

Ao nos debruçarmos sobre o conteúdo dos textos, porém, observamos que muitos deles copiaram os textos de apoio da sequência didática em resposta ao enunciado da sequência didática, no qual havia claras instruções para a elaboração de uma dissertação autoral. Nesse caso, desconsideramos a participação desses alunos em nossa amostra válida e ficamos com um total de 48 alunos, isto é, 144 textos elaborados, como mostrado no gráfico abaixo:

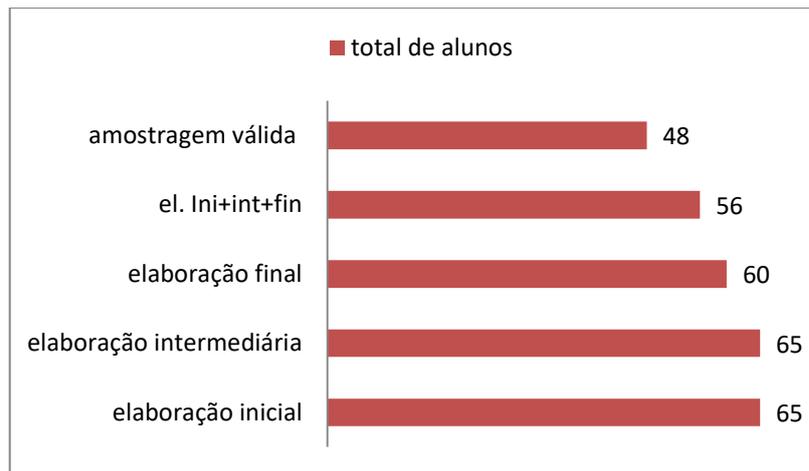
Gráfico 5 – Quantidade de alunos matriculados na escola/ número de alunos envolvidos na pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

A partir do enunciado anterior sobre o aproveitamento da pesquisa, observaremos com maior atenção o ocorrido com a amostra ao longo das elaborações inicial, intermediária e final.

Gráfico 6 – Quantidade de alunos 8° A e 8° B participantes das elaborações inicial, intermediária e final



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

A análise do “Gráfico 6 – Número de alunos participantes das três elaborações”, evidencia aparente regularidade no número de elaborações iniciais e intermediárias realizadas pelos alunos (total de 65 elaborações). Na elaboração final, o número decresce para 60. O total de alunos que participaram das três elaborações é, no entanto, 56 alunos – aproveitamento de 74% em termos quantitativos.

### 3.3. Breve caracterização do professor e dos alunos do 8° ano A e do 8° ano B

A seguinte caracterização dos alunos e professores foi realizada por um Questionário de Caracterização dos Professores e um Questionário de Caracterização dos Alunos, elaborados no âmbito da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eliza Miranda. Os dados fazem parte do banco de dados desta pesquisa e foram organizados a partir da utilização do Software Sphinx, que permite a combinação e o cruzamento de dados relativos a textos.

O professor-autor 1 lecionava, no período da pesquisa, há três anos na EMEF Marechal Deodoro da Fonseca, localizada cerca de 12 km de sua residência, zona oeste da cidade de São Paulo. Ele realizou o Ensino Básico na rede estadual de São Paulo e sua formação

acadêmica universitária foi realizada na UNESP - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus de Ourinhos, curso de Bacharelado e Licenciatura em Geografia. Durante a graduação, participou de atividades de pesquisa, como uma Iniciação Científica sobre Geografia Urbana, Econômica e dos Transportes, expressando, no questionário de caracterização, desejo de continuar seus estudos em nível de pós-graduação para buscar fundamentos para a sua prática docente.

Dedicado à docência entre 6 a 10 anos, ele relatou já ter ministrado aulas em seis escolas das redes pública estadual e municipal de São Paulo. No período de aplicação da pesquisa, o professor lecionava para o 8º ano e 9º ano e para todo o Ensino Médio.

O seu envolvimento com o Círculo de Estudos se iniciou em julho de 2011, logo após a realização do Curso de Extensão “Programa do desenvolvimento do ensino e aprendizagem mediada (2012)”, organizado pela Profª Drª Maria Eliza Miranda e realizado no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. A aplicação da sequência didática elaborada no âmbito da pesquisa foi realizada com alunos com os quais o professor já tinha vínculo: ele foi professor módulo<sup>37</sup> desta escola em 2011, quando os alunos estavam na 5ª série do Ensino Fundamental e voltou a lecionar para os mesmos alunos como professor responsável pela disciplina de Geografia.

De acordo com o professor-autor 1, a aplicação da sequência didática foi valorizada pela Coordenação Pedagógica da escola e pelos professores de outras disciplinas:

[...] A Coordenação Pedagógica apresenta um interesse grande em auxiliar os professores e os alunos em suas necessidades básicas. Os debates promovidos nas reuniões coletivas são interessantes e acaloradas, não deixando os professores caírem no comodismo, sempre questionando o que podemos fazer para melhorar determinado problema. Ela deu total apoio ao projeto da sequência que aplico nas 7ªs e é comum ela cobrar dos professores a elaboração de sequências didáticas.<sup>38</sup>

A caracterização dos alunos foi realizada a partir de um questionário que também integra o banco de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”. Composto por vinte questões, a maioria fechadas, o “Questionário de Caracterização dos Alunos” objetivava descrever aspectos da vida familiar dos alunos (escolaridade da família, número de pessoas que compartilha a moradia, as figuras principais

<sup>37</sup> Segundo a portaria 4194/08 da Secretaria Municipal de Educação:

Art. 5º - Os Professores sem regência de classes/aulas ou com quantidade de aulas atribuídas, em número inferior ao legalmente estabelecido, ficarão submetidos à Jornada Básica do Docente- JBD ou Jornada Básica do Professor-JB, conforme o caso, e em cumprimento das horas aula faltantes, em horário determinado, de acordo com as necessidades da Unidade Escolar, devendo obrigatoriamente, ministrar aulas na ausência do regente de classes/aulas.

Os professores que chamamos de módulos são aqueles que passam uma carga horária de 30 horas na escola e não possuem necessariamente regências de turmas.

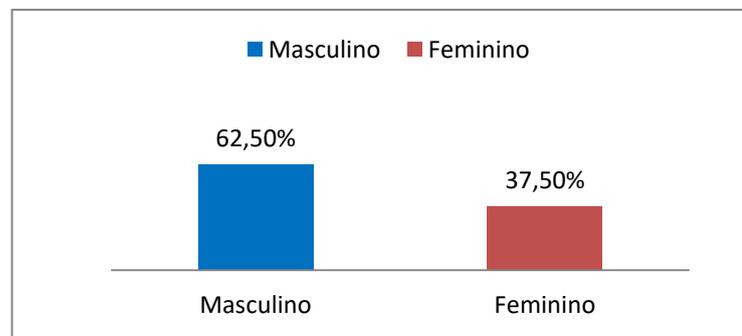
<sup>38</sup> Fonte: acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

do núcleo familiar), questões relativas à condição da moradia (se própria, alugada ou cedida; número de cômodos e pertences existentes), e, para além disso, hábitos culturais dos alunos: leitura, lazer e uso de internet. O questionário foi aplicado pelos professores autores da sequência em suas respectivas salas de aula e a direção da escola foi responsável pela assinatura de um termo de Anuência do Diretor da Unidade Escolar<sup>39</sup> para que pudéssemos compor o banco de dados da pesquisa.

Inicialmente, cabe dizer que as porcentagens a seguir se referem ao número de alunos que responderam ao formulário, totalizando 64 alunos. A amostragem válida para nossa pesquisa está inclusa nessa porcentagem. Com o objetivo de descrever brevemente o universo desses estudantes, não vamos nos ater em discutir, sob uma perspectiva sociológica, os dados da pesquisa a partir de inferências sobre esse universo. Partiremos das informações dadas pelos estudantes, mediados pelo professor nesse contexto específico de enunciação para caracterizá-lo.

Ao verificarmos o “Gráfico 7 – Distribuição dos alunos 8ºA e 8ºB: Sexo”, identificamos que a porcentagem de alunos do sexo masculino é superior à porcentagem do sexo feminino nas duas classes: 62,5% dos alunos são homens enquanto 37,5% são mulheres.

Gráfico 7 – Distribuição dos alunos 8º A e 8º B por sexo



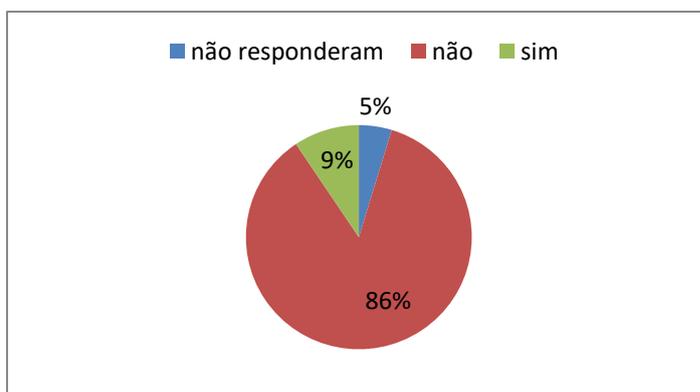
Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. A organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Como podemos verificar no “Gráfico 8 – Porcentagem de alunos que trabalham e estudam dos 8ºA e 8ºB”: 9% dos alunos se dedicam ao trabalho além de estudar. Ao verificarmos, no entanto, o tipo de contratação de tais alunos, 3% deles se dedica a um trabalho regular e contribui para o sustento da casa, enquanto o resto deles tem outros regimes

<sup>39</sup> Acervo da Pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

de trabalho não especificados. Há uma porcentagem significativa de alunos dedicados ao trabalho, porém, a maior parte deles (86%) dedica-se somente aos estudos.

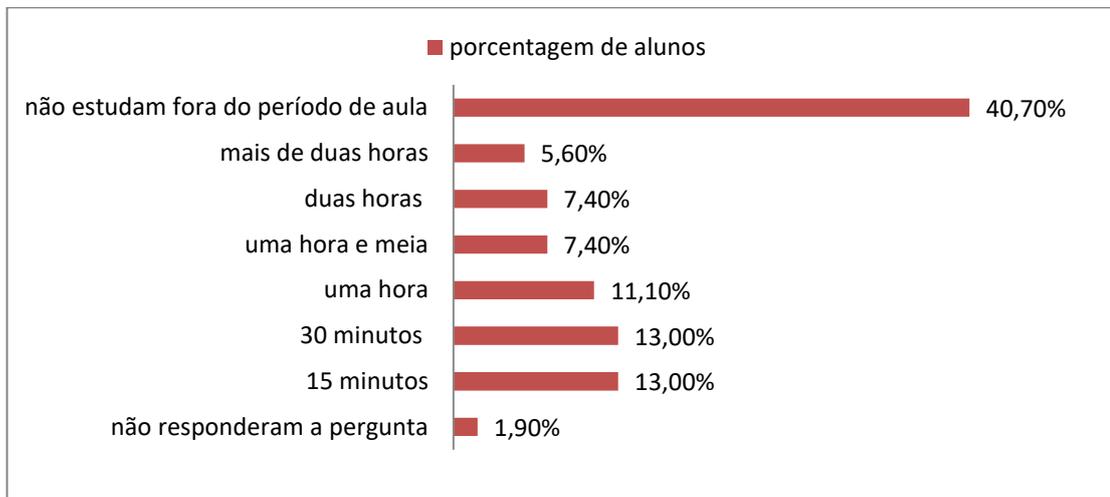
Gráfico 8 – Ocupação dos estudantes: porcentagem de alunos que trabalham e estudam das 7<sup>a</sup>/8<sup>a</sup>A e 8<sup>o</sup>B



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. A organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Os dados anteriores nos indicam uma grande porcentagem de alunos que poderia se dedicar mais tempo aos estudos além do momento da sala de aula. No entanto, ao verificarmos os hábitos de estudos dos alunos no “Gráfico 9 - Hábitos de estudos dos alunos dos 8<sup>o</sup>A e 8<sup>o</sup>B: Horas de estudo/ porcentagem de alunos”, percebemos que 37,5% dos alunos não estudam fora do período de aula. Os alunos que se dedicam a até 1 hora de estudo fora da sala de aula por dia são maioria: somando-se àqueles que se dedicam a 30 minutos, 15 minutos e uma hora por dia, temos 40,7% dos alunos. Por fim, temos um uma porcentagem de 18,8% de alunos que se dedicam a mais de uma hora e meia para a atividade de estudos.

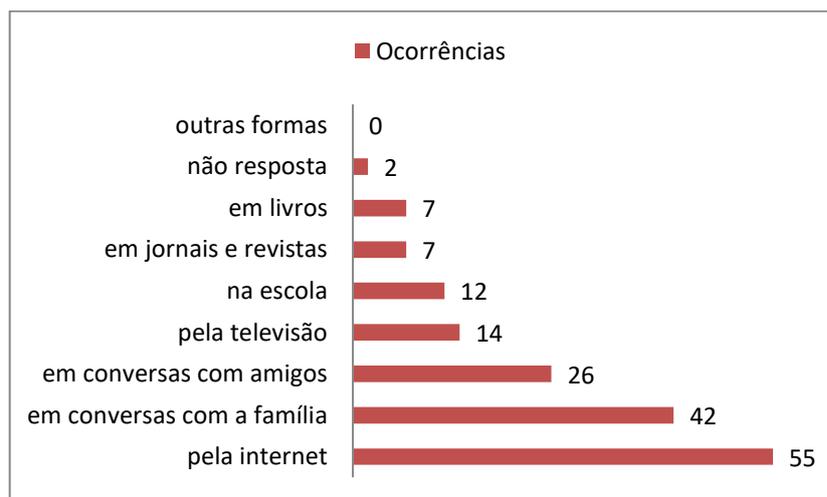
Gráfico 9 – Hábitos de estudos: horas dedicadas ao estudo diário por porcentagem de alunos 7<sup>a</sup>/8<sup>o</sup>A e 8<sup>o</sup>B



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

É interessante tentar correlacionar os dados de hábitos de estudos e as fontes de informação dos estudantes, como podemos ver no “Gráfico 10 – Principais fontes de informação/ocorrência” nos formulários dos alunos das turmas envolvidas.

Gráfico 10 – Acesso à informação: principais fontes de informação para os alunos 7<sup>a</sup>/8<sup>o</sup>A e 7<sup>a</sup>/8<sup>o</sup>B



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação” - Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

A escola é citada doze vezes pelos alunos como principal fonte de informação, ficando atrás ainda da televisão. A internet (55 ocorrências) e as conversas com a família (42

ocorrências) são as principais fontes de informação dos alunos, de modo que eles parecem se dedicar a essas duas atividades enquanto não estão na escola e não se dedicam aos estudos. Com relação à internet, nós também investigamos o acesso à rede e verificamos que 97% dos estudantes têm acesso frequente para os mais diversos fins (“Gráfico 11 - Acesso à Internet/ porcentagem de alunos do 8ºA e 8ºB”).

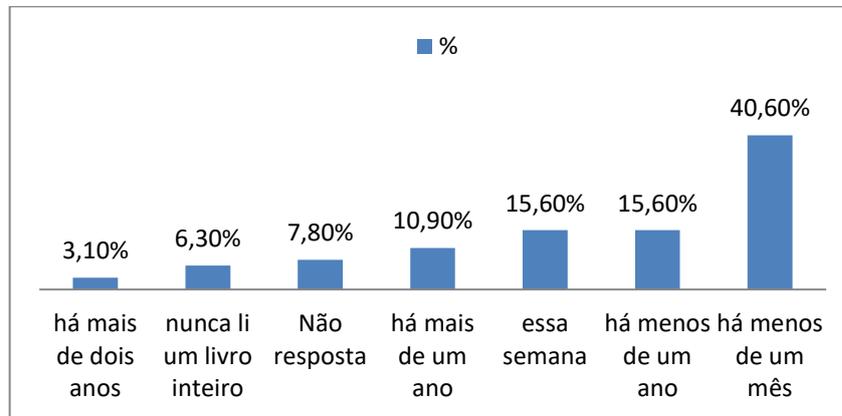
Gráfico 11 – Acesso à Internet: porcentagem de alunos dos 8º A e 8º B que utilizam a internet



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Ainda no “Gráfico 10 – Principais fontes de informação/ocorrência nos formulários dos alunos dos 8ºA e 8ºB”, percebemos que os livros aparecem em 7 ocorrências com relação às principais fontes de informação dos alunos. No entanto, ao consultarmos as informações relativas ao “Gráfico 12 – Último livro lido/porcentagem de alunos”, nós conseguimos identificar que cerca de 40% dos alunos se dedicaram à leitura há menos de um mês e 15,6% se dedicaram à leitura na semana de aplicação da sequência e há menos de um ano. Podemos dizer que os alunos não veem a leitura como fonte de informação, mas leem livros – importante resultado para pensarmos as capacidades de linguagem dos alunos e seus hábitos de leitura e escrita. É preocupante também o fato de que 6,3% deles nunca tenham lido um livro inteiro.

Gráfico 12 – Hábitos de leitura: tempo decorrido desde a leitura do último livro /porcentagem de alunos dos 8º A e 8º B

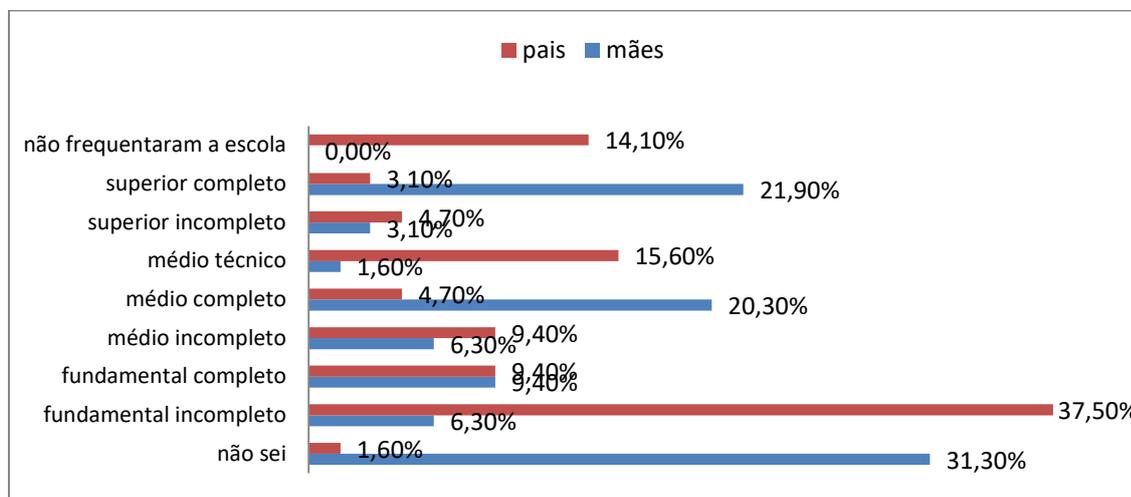


Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”. Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI-USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Por fim, temos os dados referentes à escolaridade das mães e pais dessas crianças. Para nós, é importante saber se a geração de alunos que estamos falando é ou não a primeira geração da família a cursar o Ensino Médio, pois isso pode ser relacionado a hábitos culturais dos pais e, por conseguinte, dos alunos. Cabe ressaltar que essa afirmação nada tem de determinista: pensamos ser fundamental a mediação dos pais para os hábitos de estudo e leitura em casa, pois as crianças têm como referência suas famílias para se tornarem adultos e se sociabilizarem no mundo. Ao observarmos o “Gráfico 13 – Escolaridade da família: grau de escolaridade dos pais e mães dos alunos do 8ºA e 8ºB”, identificamos que muitos dos alunos não sabem a escolaridade de suas mães (31,30% deles responderam que não sabem a escolaridade da mãe, enquanto 1,6% respondeu que não sabem a escolaridade do pai). O fenômeno que se destaca no gráfico é que a porcentagem de mães de alunos que possuem, somados, o médio e o superior completos chega a 42% enquanto a porcentagem com relação a pais é 7,8%. Os dados relacionados a etapa do ensino técnico e fundamental dos pais também é relevante: são 15,6% dos pais dos alunos que possuem ensino técnico completo contra 1,6% de mães; com relação ao ensino fundamental, o total de pais que não concluiu essa etapa de escolarização é 37,5 %, contra 6,3% do número relacionado às mães. Assim, podemos afirmar que a escolaridade das mães, na amostra de alunos analisada em nossa pesquisa, é maior do que a escolaridade dos pais.

Não cabe a nós fazer um estudo sociológico desses dados em nosso trabalho; porém, cabe destacarmos que eles revelam que os alunos de nossa pesquisa têm referências familiares que cumpriram uma avançada etapa de escolaridade.

Gráfico 13 – Escolaridade da família: grau de escolaridade dos pais e mães dos alunos dos 8º A e 8º B



Fonte: elaborado pela autora (2017) a partir do acervo de dados da Pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação” - Organização dos dados foi realizada com o auxílio da estagiária do LEMADI- USP Luiza Ferez e com a utilização do software Sphinx v.5.1.0.7.

Em poucas palavras, podemos sintetizar um perfil geral dos alunos envolvidos na pesquisa: moradores da zona oeste de São Paulo com acesso ao Ensino Superior, sobretudo quando consideramos as mães dos alunos. Os alunos têm hábitos de leitura regulares, apesar de não considerarem a leitura de livros como fonte fundamental de suas informações.

## **CAPÍTULO 4 – A dinâmica territorial da migração: causas e consequências do fenômeno migratório a partir dos enunciados de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental II**

### 4.1. Elaboração das categorias de análise a partir dos enunciados dos alunos

Como já afirmamos anteriormente, a elaboração das categorias de análise deste trabalho foi realizada a partir dos enunciados dos alunos do 8º ano A e B, participantes da sequência didática. Buscamos a construção de uma metodologia de análise dialógica, na qual o pesquisador busca se aproximar ao máximo do contexto de enunciação de seu interlocutor pesquisado e dialoga com os enunciados produzidos pelo outro.

A partir desse encontro, o pesquisador passa a produzir textos, dando forma e conteúdo ao acontecimento vivido no campo da pesquisa: ele elabora um texto escrito, no qual cria zonas provisoriamente estáveis de pensamento e reflexão sobre dada realidade (AMORIM, 2012).

As categorias por nós elaboradas colocam-se nessa posição: foram construídas a partir de nosso contato com os enunciados dos alunos e compõem uma reflexão marcada por nossa posição de sujeito enunciador pesquisador e por nosso contexto de enunciação. O diálogo que nós estabelecemos com os textos dos alunos é marcado por nossa presença enquanto pesquisadores no processo de concepção das sequências didáticas e pela fala do professor-autor, registrada em audiovisual e parte do acervo dessa pesquisa, além de nosso convívio durante a elaboração e aplicação das sequências. Outro pesquisador, cujo objeto de pesquisa é também a argumentação, ao se deparar com esses textos e sem a vivência que tivemos na sequência didática, colocaria questões distintas ao se ter contato com os enunciados dos estudantes em suas elaborações inicial, intermediária e final.

Assim, entendermos a unicidade da relação que temos com esses textos e a que outros pesquisadores podem vir a ter é fundamental para a compreensão da metodologia por nós proposta neste trabalho. Há dois momentos fundamentais nesse encontro: o encontro do pesquisador e seu outro, e o encontro do pesquisador e o texto a ser elaborado por ele.

[...] Em cada um destes momentos, de produção de conhecimento no âmbito das ciências humanas, o que se coloca em destaque é o compromisso ético de construir o sólido entendimento humano da experiência vivida (JOBIM E SOUSA; ALBUQUERQUE, 2012, p.110).

A partir da observação anterior, nos dedicaremos a descrever a elaboração das categorias de nossa pesquisa. A centralidade desse capítulo é o modo pelo qual os alunos

compreendem a dinâmica territorial da migração boliviana, destacando suas causas e consequências fundamentais. O objeto de nossa análise foi definido pela leitura inicial de todos os textos elaborados pelos estudantes acompanhadas de reflexão acerca do ensino da argumentação em Geografia e sua importância na situação de aprendizagem específica.

Para nós, não se trata de categorizar os argumentos utilizados pelos alunos a partir das categorias elaboradas ao longo da história dos estudos da argumentação, mas de compreender de que maneira a ciência geográfica e seu aprendizado podem ajudar na construção dos argumentos do sujeito aluno em diversos textos acerca de sua experiência no território e acerca da experiência do outro. A argumentação é vista como capacidade de linguagem fundamental ao desenvolvimento do pensamento geográfico dos sujeitos enunciadores alunos.

O entendimento acerca do fluxo migratório de bolivianos para a Região Metropolitana de São Paulo a partir do conhecimento geográfico passa pela apreensão da dinâmica espacial histórica e da composição do território usado (SANTOS, 2000). Ou seja, o fenômeno geográfico da migração requer que os estudantes considerem que o homem realiza sua vida social e cultural em uma parcela do espaço por nós denominada território. Nesse fragmento, o espaço banal e cotidiano entra em conflito com os interesses econômicos e políticos, tal que essa produção territorial nunca é ileso das ações realizadas no passado e é permeada por disputas, que dizem respeito tanto à sua representação quanto à sua materialidade.

Após a discussão sobre a dimensão histórica e territorial do fenômeno geográfico da migração e de sua base territorial, os alunos podem compreender de outro modo qual a situação vivenciada pelas populações migrantes – tanto aquelas que motivam a saída dessa população de seu território quanto as dificuldades por eles encontradas ao chegarem a seu local de destino – propondo ainda generalizações acerca do tema.

A capacidade de contextualizar o fenômeno a partir do território e compreendê-lo como algo que se realiza em escala global é essencial para despertar o que Morin denomina de “senso de responsabilidades nos sujeitos” (MORIN, 2010, p. 18). O autor nos conta que esse senso tem direta relação com a percepção mais generalizada dos fenômenos e contextualização destes. Ao compreendermos as questões a partir de uma perspectiva globalizante, percebemos a responsabilidade que temos perante determinada situação e podemos consolidar alguns laços de solidariedade com esses outros (MORIN, 2010; SANTOS, 2000) – que, no caso, são os migrantes e sujeitos que se submetem ao deslocamento. Nesses laços, somos sujeitos partícipes da mudança social e da proposição de soluções para as dificuldades vivenciadas pelas diversas populações.

Assim, o aprendizado dos estudantes acerca do processo migratório no âmbito do Ensino de Geografia se realiza tanto pela incorporação de diversos conceitos geográficos que passam a reestruturar o pensamento desses alunos sobre o fenômeno, de modo a considerar as dinâmicas sociais e humanas territoriais<sup>40</sup>, quanto pela articulação desses conceitos na elaboração de argumentos nos quais os estudantes discorrem acerca do fenômeno geográfico estudado, considerando os diversos textos já produzidos pela ciência geográfica e pelos sujeitos diretamente envolvidos no deslocamento espacial.

Considerando a importância do conhecimento geográfico para a formação discursiva dos estudantes e para sua aproximação à dinâmica territorial que se insere na vida dos sujeitos migrantes, identificamos três eixos estruturantes para a caracterização do fenômeno migratório que aparecem nas elaborações dos estudantes:

1. Motivos pelos quais o fluxo migratório ocorre.
2. Consequências desse fluxo para as populações que dele fazem parte e para os locais que acolhem esses migrantes.
3. Soluções para as condições de vida da população migrante no local de recepção.

Esses eixos serão o ponto de partida de nossa análise, e a partir deles caracterizaremos as especificidades dos enunciados dos estudantes da 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II em suas elaborações inicial, intermediária e final no âmbito da sequência didática “Migrações, regiões metropolitanas e globalização”.

Com o objetivo de construir nosso trabalho de um modo mais coerente do ponto de vista teórico, os próximos capítulos, dedicados à análise empírica dos enunciados dos textos dos alunos, serão construídos a partir da heteroglossia entre nossa voz e a de nossos interlocutores, alunos da rede municipal de São Paulo participantes da sequência didática “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”, elaborada pelo professor-autor 1. Os próximos capítulos serão permeados por citações de enunciados de alunos e do professor-autor da sequência didática.

---

<sup>40</sup> Cabe lembrarmos da discussão que fizemos anteriormente a partir de Vigotski, para quem: “qualquer significado da palavra surge como produto e processo de pensamento, logo, já não se pode dizer do significado da palavra que ele é um discurso ou pensamento. É um pensamento discursivo ou a unidade de discurso e pensamento, ou seja, aquela unidade real viva que conserva em si mesma todas as propriedades pertencentes ao discurso e ao pensamento enquanto processo indiviso. A mim se afigura que o desenvolvimento dos significados das palavras é um processo celular interno de desenvolvimento ou mudanças. [...] O processo de mudança interna do próprio pensamento acarreta inevitavelmente mudança e operações de pensamento, ou seja, também estão na dependência do tipo de estrutura do pensamento aquelas operações que são possíveis no campo deste pensamento” (VIGOTSKI, 2010).

Assim, diante de nosso arcabouço teórico – fundamentado nas ideias de Bakhtin – cabe nos posicionarmos ainda acerca do *discurso reportado*, fenômeno também estudado pelo autor e seu Círculo. O discurso reportado não é simplesmente uma citação do texto do outro, mas deve ser considerado como um ato que revela uma apreensão valorada da palavra de outrem (FARACO, 2009, p. 140), ou seja, “reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões”.

Vamos retomar, assim, a concepção de palavra para Bakhtin, pois:

[...] O falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva (STELLA, 2010, p. 178).

A compreensão do mundo se dá a partir do confronto entre as palavras da consciência do sujeito e palavras que circundam a sua realidade externa, entre o mundo interno e as ideologias externas. Todo sujeito, ao utilizar determinada palavra em seu enunciado, se posiciona frente ao mundo que o rodeia a partir da escolha das palavras para composição de seu enunciado. A palavra configura um território comum entre o falante e seu interlocutor em interação. Na interação, os sujeitos dialogam com os enunciados de Outros que não estão mais presentes no momento da interação, como já dissemos anteriormente. Nesse momento, aquilo que Volóchinov denomina discurso alheio é incorporada em nosso enunciado. O discurso alheio é aquele que conserva independência na construção e no sentido do discurso: ela é “*discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249, grifo do autor).

O discurso alheio aparece para o falante como uma enunciação de outro sujeito. Ao ser deslocado entre contextos de enunciação distintos, esse discurso não necessariamente modifica o contexto que a acolhe imediatamente. Essa transformação depende da intenção do falante e de outros fatores. Ao ser incorporada de forma ativa, como parte integrante do discurso que a reporta, o discurso alheio é modificado em sua composição sintática e estilística e pode conservar sua independência. A incorporação do discurso alheio em nosso discurso deve ser entendida a partir de sentido sociológico da recepção, segundo Voloshinóv: cada sociedade selecionaria e *gramaticalizaria* aspectos da percepção do discurso alheio com um fim específico dependendo da língua, da época e dos grupos sociais envolvidos, tal que:

[...] A língua não existe por si só, mas somente combinada como organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação sociodiscursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisado por nós. Além disso, parece-nos que, nessas formas em que a própria língua percebe a palavra alheia e a individualidade do falante, expressam-se mais proeminentes e salientes os tipos de comunicação socioideológica que se alternam na história (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262).

Volóchinov descreve duas principais maneiras de transmissão do discurso alheio: o estilo linear e o estilo pictórico<sup>41</sup>. No tipo linear, criamos contornos exteriores para o discurso alheio dentro do enunciado do autor; no estilo pictórico, atenuamos os rígidos contornos que separam o discurso alheio da palavra do autor, de modo que os contextos distintos entre os interlocutores se mostram mais difusos. O estilo pictórico tem diversas consequências para a estrutura dos enunciados: ora o discurso alheio assume controle no enunciado e mostra-se autoritária, ora o autor utiliza-se do discurso alheio a descontextualizando.

Bakhtin analisa em termos gramaticais e estilísticos casos em que o discurso alheio é reportado e suas especificidades<sup>42</sup>. Não entraremos em detalhes sobre cada uma das especificidades dos modos de citação nos diversos casos apresentados pelo autor. No entanto, cabe ressaltar que, ao nos apropriarmos dos enunciados de professores e alunos, circularemos entre limites dos discursos diretos e dos discursos indiretos, e nos utilizaremos de tal recurso de modo a refletir sobre como nos posicionamos em relação aos sujeitos discursivos.

#### 4.2. A dinâmica territorial da migração

No texto “O presente como espaço”, Milton Santos dedica-se a discutir a centralidade do tempo para a configuração territorial e espacial. O autor afirma que:

[...] O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram [...]. Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não porém como *espaço*; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (SANTOS, 2004, p. 14).

<sup>41</sup> O autor parte de uma distinção do crítico e teórico da arte Wollflin para caracterizar estas duas maneiras de se apropriar do discurso alheio.

<sup>42</sup> O autor descreve as especificidades do discurso direto, discurso indireto e do discurso indireto livre e toda sua potencialidade. Ao final de sua descrição, Bakhtin descreve a potencialidade do discurso indireto livre, recepção ativa do enunciado do outro, nova orientação espacial dinâmica.

Para o autor, ao observarmos o espaço, nos deparamos com uma configuração na qual se sobrepõem diversas temporalidades e processos. Os diversos territórios são também produtos históricos de tensões entre atores, seus interesses e as diversas formas de apropriação.

O fluxo migratório especializa-se e integra-se diretamente à dinâmica territorial e à sua formação anterior, modificando-a. A história e a geografia do território se colocam como fatores de influência tanto para a saída da população de determinada realidade quanto de atração para outra, tal que a realização do fenômeno migratório, ao produzir dinâmicas espaciais diversas, transforma e sobrepõe as diversas formações que compõem o território. Nesse sentido, o entendimento geral acerca da migração relaciona-se à sua dimensão processual e ao movimento provocado pelo fluxo de pessoas nos territórios que são meio e motivos para a realização destes.

A sequência didática elaborada pelo professor-autor 1 e aplicada nos 8º anos do Ensino Fundamental II enfatizou a dinâmica do fluxo migratório, como podemos observar no enunciado que contextualiza a sequência, no qual se privilegiam os fatores motivadores do fenômeno como um todo e suas consequências para as condições de vida da população migrante:

O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino? Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais da onde eles saem e onde eles se estabelecem? Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?<sup>43</sup>

As relações de causalidade relacionadas ao fenômeno migratório são enfatizadas pelo enunciado da sequência didática, de modo que os textos elaborados pelos estudantes, em sua maioria, são compostos a partir de uma argumentação deste tipo, no qual a causa do fenômeno tem centralidade.

O linguista Fiorin (2015) afirma que, dentre as diversas formas de argumentar, tem-se a explicação causal dos fenômenos. Sabemos, porém, que ao nos referirmos à “causa” evocamos uma longa discussão filosófica em torno de tal conceito: essa discussão não é objeto de nosso trabalho. O argumento de causalidade relaciona-se ao encadeamento dos

---

<sup>43</sup> Situação problema da sequência didática elaborada professor-autor 1 – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

fatos, no qual um acontecimento produz um dado efeito. Sabemos que os fenômenos apresentam uma multiplicidade de causas, de modo que o enunciador escolhe aquelas que mais o interessam para os propósitos de sua argumentação.

Cabe ao interlocutor do enunciador, porém, verificar se os fatos e dados narrados pelo enunciador possuem, de fato, um valor causal.

[...] é preciso ver se os fatos têm, realmente, valor causal. Os seres humanos têm dificuldade de admitir o acaso, pois ele escapa a qualquer determinação, é aquilo que não tem sentido. As pessoas na busca por sentido atribuem o que é do domínio da causalidade a, por exemplo, instâncias transcendentais, como a vontade divina (FIORIN, 2015, p. 152).

Dentre os recursos empregados na argumentação causal, tem-se a ilustração e o uso de exemplos. Na argumentação causal apoiada no uso de exemplos, o enunciador identifica no exemplo a possibilidade da elaboração de enunciados gerais. No caso da ilustração, casos particulares são vistos como modelos e permitem também fazer enunciações generalizadoras.

Não classificaremos os argumentos dos alunos a partir das categorias elaborados por Perelman e Olbrechts Tyteca (2005) ou por Toulmin (2001), pois, em nosso trabalho, buscamos verificar quais as principais relações de causalidade identificadas pelos alunos como motivadores e como consequências do fluxo migratório boliviano. Para tanto, agrupamos os enunciados seguindo critérios que elaboramos a partir dos enunciados dos estudantes.

Categorizamos os enunciados relativos aos motivos pelos quais as populações migram, aqueles que enfatizam os problemas por elas encontrados em seu país de destino; e, aqueles que nos propõem soluções para tais questões migratórias. A partir da organização e classificação desses enunciados de nossa amostragem válida, sistematizamos os dados obtidos de modo qualitativo.

Essa seção do trabalho terá como fio condutor as elaborações de Natália F., de modo que possamos compreender a análise que fizemos de todos os alunos e que sistematizamos a partir de gráficos e de citações diretas dos enunciados nos textos. Todas as citações aparecerão com a grafia original do aluno, de modo que apresentem alguns problemas de concordância e ortografia. Nossa opção por não corrigi-las relaciona-se a importância de reportarmos os enunciados de modo mais fiel possível para dialogar com eles. As elaborações por estudante estão organizadas no ANEXO B.

Vamos, então, a elaboração inicial da aluna Natália F.<sup>44</sup>:

Migrações – Bolívia

<sup>44</sup> Os nomes dos alunos foram mantidos, mas não revelaremos o sobrenome dos alunos envolvidos na sequência por motivo de sigilo quanto à identidade dos alunos autores.

Atualmente, muitos bolivianos têm migrado para o Brasil à procura de uma vida melhor.

Os bolivianos vêm para o Brasil talvez porque o país deles (Bolívia) não satisfaz às necessidades básicas, então eles decidem migrar para algum outro lugar que possa dar uma vida melhor ao indivíduo e à família dele.

O Brasil é uma grande opção para os estrangeiros, mas com muita gente do exterior vindo para cá (principalmente em São Paulo) o país acaba ficando desproporcionado pois todos vão para as metrópoles e o resto do país (norte, nordeste) ficam com uma população muito pequena em relação à São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, a população de São Paulo acaba ficando com poucos benefícios do povo brasileiro e os estrangeiros acabam saindo no “lucro”.

Desde os primórdios, já haviam migrações, mas os motivos agora são outros. O que antes, os motivos agora são outros. O que antes, o motivo era a busca por alimentos, hoje as pessoas migram pelo dinheiro.

Futuramente, de tanto as pessoas migrarem para um mesmo local, a população mundial ficará localizada em determinados “pontos”, e esses locais não irão atender as necessidades dos migrantes (elaboração inicial de Natália F – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O título da elaboração nos traz importante informação acerca do foco do texto da aluna. Seu enfoque é a migração de bolivianos e, no primeiro parágrafo, ela apresenta o principal motivo para tais migrações: a busca por uma vida melhor.

No parágrafo seguinte, a autora destaca os problemas encontrados na Bolívia e volta a afirmar a “necessidade de uma vida melhor ao indivíduo e a sua família”. No terceiro parágrafo, a aluna inicia uma problematização acerca da escolha da migração para o Brasil pelos migrantes. Para ela, o fluxo migratório para o Brasil é maior do que a quantidade de pessoas que país está preparado para receber, o que provoca problemas com a população local. A aluna esboça, nesse parágrafo, preconceito contra os migrantes, sobretudo relativo à sobrecarga no sistema social do país que recebe a população.

A aluna expõe que essa migração ocorre em algumas cidades e pontos específicos do país, sobretudo nas metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro, o que provoca um descompasso entre o crescimento populacional desses locais e de outras cidades brasileiras. A migração, para a aluna, é vista como um fenômeno que ocorre entre países. No entanto, para ela, há uma clareza de que há cidades e pontos mais atraentes do que outros para os migrantes bolivianos.

No parágrafo seguinte, a aluna se dedica a listar os principais motivos pelos quais as populações se deslocaram no passado e atualmente: para ela, a migração atual tem relação direta com renda, diferente do fluxo anterior, no qual a principal motivação era a busca por alimentos. Por fim, ela exhibe preocupação relativa ao futuro dessas cidades e países que recebem esse contingente de pessoas, pois ficarão superlotados e não poderão receber bem esses migrantes.

Muitos povos, de diversos lugares se deslocam para outros países, e às vezes até para outros continentes à procura de uma vida melhor.

Atualmente, os motivos dessas migrações são as melhorias na qualidade de vida (tentar estabelecer sua vida), satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas.

Um grande exemplo dessas migrações, são os bolivianos, que se destaca como um dos principais grupos para estabelecer residência em São Paulo (Brasil).

Muitos bolivianos saíram da Bolívia, por motivos políticos e para crescer profissionalmente. As mulheres também se deslocaram, mas elas trabalhavam como babás e empregadas domésticas.

Para os bolivianos, migrar para o Brasil, tem tanto pontos positivos quanto negativos.

Muitos bolivianos não se adaptaram com o Brasil, por sua língua, costumes, clima e política; e sofriam preconceito por virem de outro país e falar outra língua.

Porém, aqui eles poderiam tentar a vida, trabalhando em lojas, para sustentar sua família; ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho.

Aqui no Brasil, parte dos bolivianos são imigrantes clandestinos, ou seja, são ilegais aqui no Brasil. Isso é muito comum, com países fronteiriços, onde as pessoas se deslocam, para o país vizinho, onde é mais desenvolvido e pode ter uma vida melhor.

Ao contrário da Bolívia, aqui no Brasil eles podiam trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro nas indústrias têxteis, trabalhando na confecção de tecidos, muitas vezes no subsolo dos prédios, trabalhando geralmente para os coreanos, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos (porque o real vale mais que o peso boliviano).

Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outro país, pela sua qualidade de vida, deveria melhorar o país, investindo em melhorias internas (dentro do país), como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país, assim milhares de bolivianos não teriam que se deslocar para ter uma vida melhor (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O título da elaboração intermediária da aluna se aproxima àquele atribuído ao texto anterior: “Migração boliviana”. Esse título indica que o texto trará, em seu conteúdo, uma discussão sobre esse fluxo migratório específico.

No primeiro parágrafo, as migrações são contextualizadas e identificam-se suas motivações: a procura por uma vida melhor. Esse parágrafo se assemelha àquele da elaboração inicial; no entanto, nesse caso, ela não enfatiza os bolivianos como única população migrante que busca condições de vida melhores. A aluna inicia generalizações sobre as migrações e, no parágrafo seguinte, passa a enumerar os motivos pelos quais as pessoas migram: “qualidade de vida (tentar estabelecer sua vida), satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas”, e enfatiza motivos generalizados pelos quais a população se desloca.

Dentro desses fluxos migratórios, a autora destaca o movimento populacional boliviano para São Paulo. A partir desse parágrafo, deixa de enumerar genericamente os motivos que provocam deslocamentos populacionais e passa a focar a migração da população boliviana. A migração entre países fronteiriços é destacada, de modo que a proximidade entre os países

seria um dos fatores que explicaria o fluxo entre Brasil e Bolívia, somado ao distinto desenvolvimento entre esses países.

A aluna Natália F. explica que a migração boliviana para o Brasil é marcada por pontos positivos e negativos. Entre os positivos está a possibilidade de empregos em vários setores que permitem a sobrevivência das famílias. Entre os negativos, a aluna destaca o preconceito e a situação de ilegalidade dos migrantes:

[...] Muitos bolivianos não se adaptaram com o Brasil, por sua língua, costumes, clima e política; e sofriram preconceito por virem de outro país e falar outra língua (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A situação de ilegalidade a qual se encontram faz com que os bolivianos se submetam a condições de trabalho precárias, ilegais e mal remuneradas. Os coreanos aparecem, pela primeira vez na elaboração da aluna, como sujeitos que se articulam ao processo migratório.

No parágrafo final da elaboração, a aluna descreve medidas a serem realizadas pelo governo boliviano com o objetivo de frear o fluxo migratório de pessoas que deixam o país. Para a aluna, trata-se de investir em infraestrutura, tecnologia e qualidade de vida, tal que a população consiga, em seu país, ter condições para viver.

A elaboração intermediária da aluna é diferente da inicial: inicialmente, ela generaliza um fenômeno que existe para além do caso boliviano. Em um segundo momento, ela caracteriza as particularidades do fluxo migratório boliviano para São Paulo identificando motivos específicos para este caso e destacando as dificuldades encontradas pelos bolivianos. Há quebra de expectativas relacionadas ao fenômeno migratório e, além disso, a aluna deixa de lado uma perspectiva da elaboração inicial, na qual ela analisava o território e os problemas ocasionados pelos migrantes.

A elaboração final da aluna nos traz outro importante movimento de argumentação:

As migrações bolivianas.

Muitas pessoas se deslocam de vários lugares, em busca de uma vida melhor.

Atualmente, os bolivianos vêm se destacando pela sua grande população no Brasil. Os motivos dessas migrações são vários, onde no topo está a busca para tentar estabelecer suas vidas, satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas (estudo, alimentação, saúde, moradia e transporte) de boa qualidade.

Porém, muitos bolivianos não migram apenas para o Brasil mas também para a Argentina. Isso é muito comum entre países fronteiriços, onde um país menos desenvolvido (Bolívia) entra ilegalmente no país vizinho (Brasil/Argentina), onde é mais desenvolvido.

As migrações acontecem no mundo todo, onde muitas vezes, as pessoas de países subdesenvolvidos vão para países desenvolvidos ou até mesmo para outros países subdesenvolvidos, onde tem uma melhor qualidade de vida.

Muitos bolivianos saem da Bolívia por motivos políticos e para crescer profissionalmente; mas outros apenas tentam uma vida melhor trabalhando em lojas

(principalmente em confecções na área têxtil), para sustentar sua família, ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho. Porém, muitos bolivianos não se adaptam ao Brasil, por sua língua, costumes, clima e política, e as vezes, sofrem até preconceito por virem de outro país e falar outra língua.

Os bolivianos que trabalham nas indústrias têxteis na confecção de tecidos, geralmente trabalham no subsolo dos prédios (pois são ilegais no Brasil e dependem do emprego para sobreviver) para os coreanos e tendo um trabalho escravo, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos.

Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outro país, pela sua qualidade de vida, deveria melhorar o país, investindo em melhoras internas como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país, assim milhares de bolivianos não teriam que se deslocar para ter uma vida melhor (elaboração final de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A elaboração final da aluna mantém a estrutura do título da elaboração intermediária e inicial: a ênfase do seu texto é a migração boliviana. Novamente, ela contextualiza a migração de um modo geral e relaciona-a, de um modo genérico, a busca por “uma vida melhor”. Nos parágrafos posteriores, ela destaca o fluxo migratório boliviano e suas motivações. Nessa elaboração, diferente das demais, ela descreve e exemplifica os motivos para essa migração:

[...] Os motivos dessas migrações são vários, onde no topo está a busca para tentar estabelecer suas vidas, satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas (estudo, alimentação, saúde, moradia e transporte) de boa qualidade (elaboração final de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nos parágrafos seguintes, a relação entre as diferenças de desenvolvimento entre os países que acolhem os migrantes e seus países de origem é retomada. A migração se realizaria, segundo a elaboração, para países mais desenvolvidos e, sobretudo, para aqueles que compartilham fronteiras. Destaca-se ainda a referência da aluna ao fluxo de migrantes da Bolívia para o Brasil e para a Argentina, países vizinhos ao seu país natal, mas que têm melhores condições de vida para receber os migrantes.

Após destacar o desenvolvimento e subdesenvolvimento dos países como motivos para atração e repulsão da população, respectivamente, a aluna volta a discorrer sobre o caso do fluxo migratório boliviano para o Brasil, destacando as ocupações dos trabalhadores ao chegarem ao país, sobretudo no setor de confecção.

Apesar das possibilidades, a aluna expõe importante ressalva para o cenário positivo exposto anteriormente:

[...] Porém, muitos bolivianos não se adaptam ao Brasil, por sua língua, costumes, clima e política, e as vezes, sofrem até preconceito por virem de outro país e falar outra língua (elaboração final de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A aluna lista as dificuldades encontradas pelos migrantes no Brasil. E, em termos de construção do argumento, o texto passa a ilustrar as situações precárias vividas pelos migrantes. Os coreanos são novamente lembrados enquanto empregadores dessa população, que passa a exercer atividades mal remuneradas e chega a se referir a condições de trabalho escravo para descrevê-las.

Por fim, a solução proposta para modificar a situação dos migrantes bolivianos é a contenção do fluxo migratório. Para tanto, o governo desse país deveria investir em:

[...] melhoras internas como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país (elaboração final de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A partir das elaborações realizadas pela aluna, pudemos identificar algumas motivações para a saída dos migrantes bolivianos de seu país. A relação de causalidade entre a migração e a possibilidade de mudança de vida não diz respeito somente à migração da Bolívia para São Paulo, mas ao fenômeno migratório de maneira generalizada.

Na elaboração inicial, a aluna expõe preocupações referentes às dificuldades de acolhimento do grande contingente de migrantes decorrentes da sobrecarga na infraestrutura e nas possibilidades de trabalho nas cidades de destino de tal população. Ela parece encarar esse fenômeno a partir de uma perspectiva consideravelmente negativa.

Nas elaborações intermediária e final, a aluna generaliza o deslocamento populacional e identifica-o como fenômeno migratório. Ela passa, assim, a investigar os motivos propulsores desse deslocamento de um modo geral e no caso específico ao qual se dedica no texto. Após listar motivos, ela destaca os problemas vividos por essa população, sobretudo relativos às condições de trabalho oferecidas no setor têxtil – principal setor econômico que acolhe esse contingente populacional. Por fim, em ambos os textos, ela propõe que sejam tomadas atitudes pelo governo boliviano.

Essas últimas elaborações textuais são significativas a partir de alguns pontos: em primeiro lugar, a aluna passa a evidenciar, em seu discurso, os problemas decorrentes do fluxo migratório a partir da perspectiva dos bolivianos. Há, nesses textos, a identificação do sujeito enunciativo com os sujeitos sobre os quais ela está realizando os enunciados. Seu enunciado é permeado pela preocupação com as dificuldades encontradas no contexto brasileiro – diferente da elaboração inicial, na qual a ênfase da aluna recaiu sobre as consequências da migração para o país e a cidade que acolhe o fluxo migratório.

Em segundo lugar, a aluna utiliza exemplos para evidenciar seu ponto acerca dos problemas vividos pelos migrantes. Ela se apoia em uma diversidade maior de motivos

propulsores de migração e, mais ainda, em situações problemáticas vividas pela população. Além disso, as elaborações passam a incorporar mais sujeitos partícipes do processo migratório: os migrantes de um modo geral aparecem, assim como os coreanos e o governo boliviano. Há, nesse caso, um interessante movimento de caracterização da problemática e de evidência de agentes diversos incorporados ao fenômeno. Por fim, a aluna passa a propor soluções para a contenção do contingente populacional boliviano que sai do seu país e enfrenta diversas complicações. Dentre elas, a aluna evidencia a necessidade de investimento e mudança do Estado na Bolívia.

Nas três elaborações, a principal motivação da migração boliviana é a busca por melhorias e oportunidades de vida. Estas, porém, se ligam ao trabalho, o qual, ao mesmo tempo, é causador de diversos problemas enfrentados pela população. Sua argumentação passa, a partir da elaboração intermediária, a compreender também as consequências de fenômenos migratórios e expor a possibilidade de mudanças com relação ao quadro anterior.

O exercício anterior de análise ilustra o procedimento de análise geral que norteia o nosso trabalho de pesquisa. Optamos por quantificar as variáveis qualitativas com o objetivo de identificar o movimento da argumentação e da dinâmica territorial relacionada ao fluxo migratório nos enunciados dos alunos, como fizemos anteriormente. Ao quantificar esses elementos, descrevemos e nos aproximamos do movimento discursivo argumentativo geral dos textos.

### *Causas do processo migratório*

As causas do processo migratório boliviano para o Brasil serão o nosso objeto de estudo desta seção. Elaboramos cinco categorias, sendo elas: motivações sociais, econômicas, políticas, pessoais, e motivos relacionados diretamente às condições de vida e trabalho na Bolívia. Essa última categoria foi criada, pois, ao analisarmos os textos, percebemos que, enquanto alguns dos alunos enfatizavam motivos mais genéricos e ligados à busca dos imigrantes ao saírem do seu país, outros se preocupavam, sobretudo, com a caracterização das condições encontradas na Bolívia e que foram motivadoras da migração. Nos próximos parágrafos, vamos nos aproximar da diversidade de enunciados encontrada nos textos dos alunos.

A partir dessas categorias, iniciamos a elaboração de subcategorias mais descritivas acerca das motivações que levaram à migração, como podemos ver abaixo na tabela:

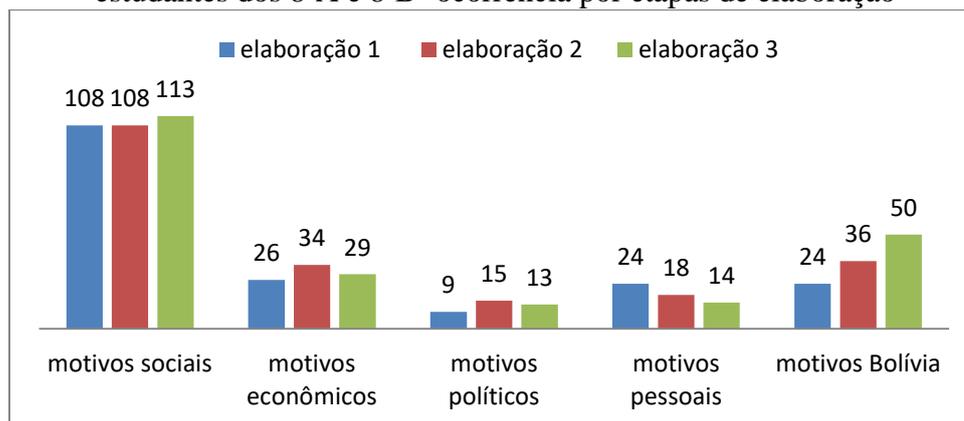
Tabela 4 – Motivos identificados nos textos dos alunos relativos à migração e organizados em categorias

Sociais	Econômicos	Políticos	Pessoais	Motivos Bolívia
Segurança	Desenvolvimento e Subdesenvolvimento	Liberdade no Brasil	Interesse Pessoal	Recessão econômica na Bolívia
Trabalho	Renda/Econômicos	Políticas sociais no Brasil	Turismo/Férias	Desemprego urbano
Alimentos	Ascensão de emprego	Políticos/Direitos	Família	Êxodo rural
Cultura + Educação	Globalização	Corrupção		Condições de trabalho e de vida na Bolívia são ruins
Necessidades Básicas	Custo de vida	Migração para Brasil mais fácil		Comércio ilegal
Saúde		Guerras		Ambientais
Oportunidades de vida melhor				

Fonte: organizado pela autora (2017).

A partir dessas categorizações, organizamos o seguinte gráfico considerando as três elaborações dos alunos<sup>45</sup>:

Gráfico 14 – Motivos das migrações dos bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB- ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: Organizado pela autora (2017).

<sup>45</sup> Optamos, em nossa análise, por privilegiar os dados e sua análise por elaborações. Não consideramos a sua divisão por sala, pois não temos informações sobre como o processo de aplicação da sequência didática se realizou especificamente em cada uma delas.

Nas elaborações iniciais dos alunos, temos a ocorrência de 108 textos que se apoiaram em motivos sociais para explicar a migração boliviana para a Região Metropolitana de São Paulo. Em segundo lugar, 26 textos apoiaram-se em motivos econômicos, enquanto ambos os motivos pessoais e as motivações relacionadas à Bolívia contaram com 24 textos, em cada um dos critérios. Os motivos políticos estão em último lugar nessa análise, com apenas 9 textos.

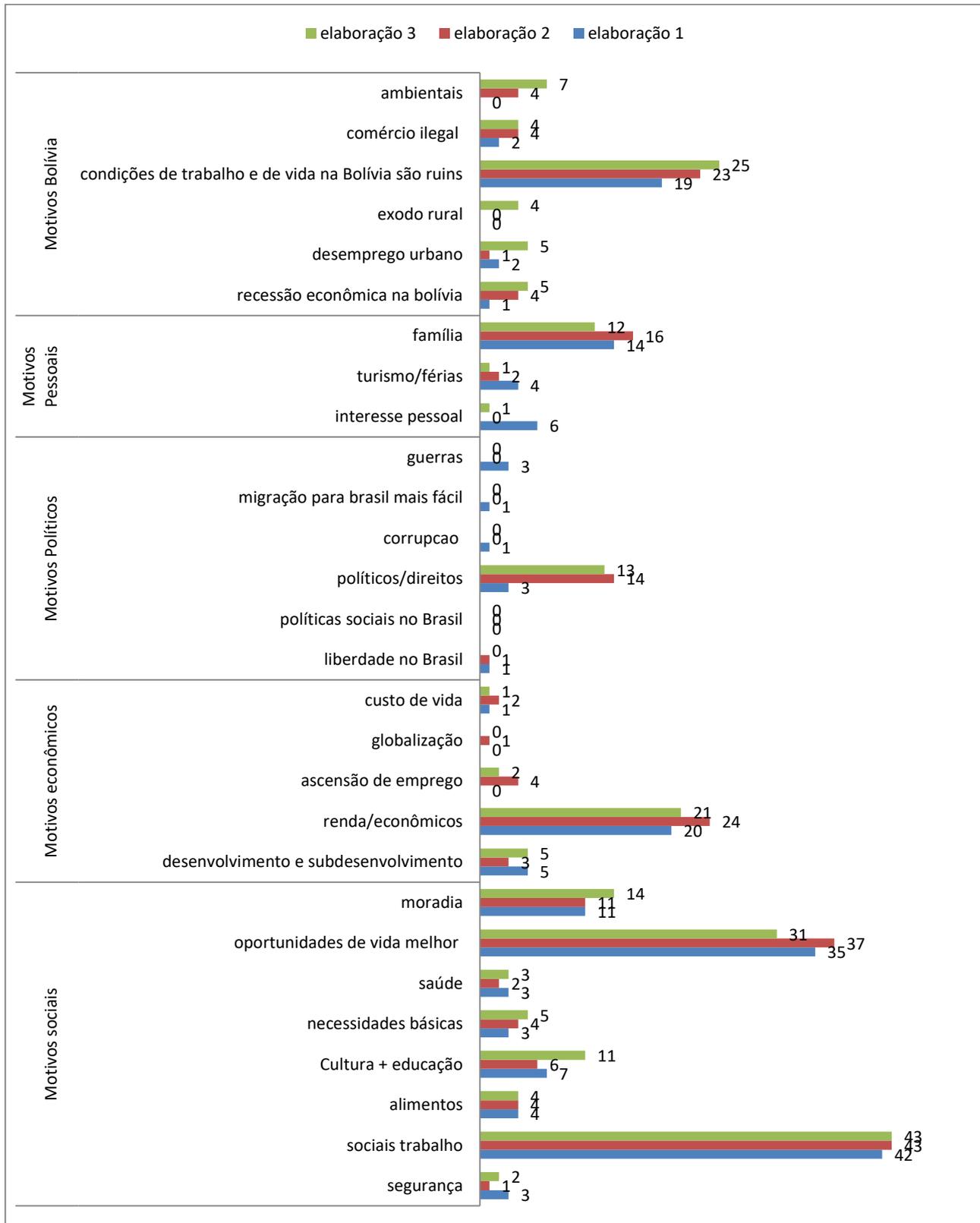
Cabe lembrar que os números do gráfico anterior relacionam-se com a ocorrência de enunciados agrupados em determinadas categorias nos textos dos alunos. Há textos em que os alunos combinam, por exemplo, motivos sociais com motivos econômicos e políticos.

Na elaboração intermediária, os motivos sociais permanecem como os mais explicitados pelos alunos com relação à migração boliviana. Atrás deles, temos os motivos relacionados à Bolívia – 40 textos citam tais motivos – e aqueles relativos à economia. Nesse sentido, percebe-se uma interessante mudança na ênfase dada aos alunos, que passam a considerar as condições de vida na Bolívia e a caracterização das condições do país que estimulam a saída da população de seu território.

Na última elaboração, o fenômeno descrito acima se acentua: os alunos passam a se preocupar mais ainda com os motivos sociais impulsionadores da migração e com a descrição dos problemas encontrados na Bolívia, e menos com as questões que categorizamos como pessoais. Pudemos identificar que essa mudança de enfoque com relação à análise do processo migratório relaciona-se a uma transformação do entendimento acerca da migração: ela deixa de ser considerado um fenômeno composto por indivíduos e é elevada a escala de um fluxo composto por diversas pessoas que têm problemas em comum. Além disso, por conta dos módulos e atividades propostas pelo professor com a utilização dos instrumentos de mediação, os alunos passam a ter mais elementos descritivos da situação no país de saída.

Ao observarmos o Gráfico 15, síntese sobre o uso de cada um dos motivos pelos quais migram os bolivianos, e nos aproximarmos ainda mais de cada um dos critérios elaborados, temos o seguinte:

Gráfico 15 – Descrição dos Motivos das migrações dos bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8<sup>o</sup>A e 8<sup>o</sup>B, ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Os motivos sociais são os mais recorrentes nas elaborações dos alunos. Nas elaborações iniciais, os alunos enfatizam a migração por conta da busca de trabalho e de oportunidades de vida. A subcategoria “oportunidades de vida melhor” abrange alguns enunciados como os da aluna Natália F., relacionados às oportunidades de vida melhor:

[...] Atualmente, muitos bolivianos têm migrado para o Brasil à procura de uma vida melhor.

Os bolivianos vêm para o Brasil talvez porque o país deles (Bolívia) não satisfaz às necessidades básicas, então eles decidem migrar para algum outro lugar que possa dar uma vida melhor ao indivíduo e à família dele (elaboração inicial de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Ou, ainda, como da aluna Nayhara R:

[...] Bolivianos vem para região metropolitana de São Paulo para arrumar uma condição melhor de se viver porém Bolívia tem uma condição mais baixa (elaboração inicial de Nayhara R. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O enunciado de Nayhara R. compara as condições de vida em São Paulo com aquelas encontradas na Bolívia. A continuidade de seu texto, porém, quebra a expectativa com relação à migração, pois as condições de vida e de trabalho no país que acolhe esses migrantes não é aquela esperada, como descreveremos posteriormente neste texto.

A busca por oportunidades de vida distintas daquelas encontradas em seu país de origem e por trabalho permanecem na elaboração intermediária e na elaboração final, o que demonstra que a relação entre migrações e trabalho e o desejo por melhores oportunidades está consolidada desde o início na perspectiva dos alunos. Com relação a perspectivas de trabalho, podemos dizer que o indicador ainda cresce entre a elaboração inicial e intermediária.

Na elaboração inicial de Luiz Henrique S.A., o trabalho é identificado como um dos principais motivos propulsores da migração:

[...] A questão do trabalho traz a maioria dos bolivianos. Mas São Paulo não é um mar de rosas como os bolivianos e muita gente pensa. A violência é grande, por isso, bolivianos podem morrer por vândalos e bandidos, como o caso do menino boliviano morto em assalto (elaboração inicial de Luiz Henrique S. A. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Para ele, há problemas em São Paulo. No entanto, eles não dizem respeito ao trabalho propriamente dito, mas à violência no país. O texto intermediário do aluno continua correlacionando a migração ao trabalho; porém, parece complexificar essa questão, descrevendo as condições de trabalho encontradas pela maioria dessa população:

[...] O outro motivo é a qualidade de vida e o trabalho. Na Bolívia, o salário é baixíssimo, para eles R\$300,00 é como se fosse um salário mínimo, imagine o salário que eles ganhariam, por isso vários migraram, principalmente nas empresas

têxteis, onde a maioria das empresas eram comandadas pelos coreanos, que migraram para o Brasil antes dos bolivianos (elaboração intermediária de Luiz Henrique S. A. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Esse movimento é percebido em grande parte da elaboração dos alunos, como mostramos nas elaborações de Natália F., no qual a aluna passa a destacar os problemas vivenciados pela população de migrantes no Brasil.

A subcategoria relacionada à busca por cultura e educação como fator motivador da migração tem aumento em termos de ocorrência da primeira elaboração para a última. Ela aparece inicialmente em 7 textos, mantém-se na segunda elaboração e aumenta sua presença para 11 nas elaborações finais. A cultura e a educação passam a ser valorizadas ao longo das elaborações dos alunos, assumindo maior importância em comparação, por exemplo, com um indicador mais genérico como “necessidades básicas”, que se mantém apenas com um pequeno aumento entre as elaborações inicial, intermediária e final.

As elaborações de Samuel D. confirmam a tendência identificada no parágrafo anterior:

[...] Na minha opiniao migrarão para São Paulo porque é uma cidade, melhor com melhor benefícios tem mais oportunidades de empregos tem melhor condição financeira e mudarão também pra ter uma vida melhor (elaboração inicial de Samuel D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração inicial, o aluno afirma que a migração de bolivianos para São Paulo se explica pelos benefícios oferecidos pela cidade, por questões econômicas e pela busca por melhores condições de vida. No texto intermediário, ele mantém sua generalização: “Os bolivianos migrarão para o Brasil em busca de uma vida melhor (...)” e completa com sucinta descrição dos aspectos que podem tornar as condições de vida melhores: “são mais oportunidades no trabalho, salários melhores, uma política melhor dentre outros aspectos que melhoram a condição de vida”. Já na elaboração final, ele incorpora ao seu discurso outros elementos para caracterizar a motivação da migração da população boliviana, considerando agora cultura e educação:

[...] Os principais casos que colaboram para a migração dos bolivianos são busca de emprego, escolas melhores para seus filhos, e uma política melhor, e sair dificuldades que a Bolívia está passando (elaboração final de Samuel D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A temática da moradia também tem maior recorrência nas elaborações intermediárias e finais dos alunos. Quanto à busca por saúde e segurança não é possível identificar uma tendência de crescimento na preocupação de alunos acerca delas, pois aparecem de maneira pontual em algumas elaborações. O único caso que se diferenciada generalização é o do aluno Victor A.:

Milhares de bolivianos migram para São Paulo diretamente para metrópole, por motivos salariais, políticos e saúde. A procura de emprego para ter uma vida melhor [...] (elaboração intermediária de Victor A. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Milhares de bolivianos, vem para o Brasil diretamente em São Paulo, por motivos financeiros, melhor condição para a sua saúde e até por motivos políticos. Em de viver bem! (elaboração final de Victor A. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração intermediária e final do aluno, a saúde aparece como fator impulsionador do fluxo migratório. Ela aparece listada ao lado dos mesmos motivos nos dois textos elaborados pelo aluno.

A aluna Natália F. também destaca a saúde como motivo da saída da população de seu país. O item é exposto pela aluna a partir da generalização sobre necessidades básicas:

[...] Os motivos dessas migrações são vários, onde no topo está a busca para tentar estabelecer suas vidas, satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas (estudo, alimentação, saúde, moradia e transporte) de boa qualidade (elaboração final de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Retomando a elaboração de Natália F., há uma passagem em que a aluna destaca que a migração, de um modo geral, era motivada por satisfazer necessidades básicas e, atualmente, volta-se, fundamentalmente, para a busca por dinheiro. Essa preocupação, bem como outras relacionadas, fazem-se presentes em diversos enunciados de alunos, de modo que elaboramos uma categoria para agrupá-las, denominada “motivos econômicos”.

Dentre eles, destaca-se a renda. Os alunos enfatizam, em muitos dos seus textos, a importância da migração voltada a conseguir salários melhores do que aqueles encontrados no país de origem dos migrantes. Alguns alunos relatam que as atividades exercidas pelos migrantes no Brasil também não têm altas remunerações; no entanto, dadas as condições de vida na Bolívia e os baixos valores pagos pelo trabalho, a vida no local de acolhimento desses migrantes parece melhor.

[...] Os Bolivianos eles migram a cidade de São Paulo para ter uma vida melhor, por que aqui em São Paulo é evidente que tem mais oportunidade de emprego. Quando os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo eles trabalham no setor de confecção de roupa de artesanatos, que ganham em torno aqui no Brasil de R\$300,00 e lá na Bolívia, que o dinheiro deles é o Peso que não tem valor então lá varia o salario (elaboração final de Cibele E. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Em diversas elaborações, os motivos sociais e econômicos se aproximam nesses critérios de análise: busca de empregos e salários superiores àqueles encontrados na Bolívia. Identificamos um enunciado comum, já explicitado pelo excerto do texto de Cibele E.: os alunos explicitam que os salários encontrados pela população boliviana no Brasil não são

altos e bons. Porém, dada as condições de vida e a desvalorização do dinheiro em seu país de origem, os bolivianos submetem-se a essas condições.

A explicação econômica para condições de trabalho encontradas na Bolívia, em alguns dos textos, relaciona-se ao desenvolvimento e subdesenvolvimento dos países. Em 5 elaborações iniciais, 3 intermediárias e 5 finais, estes conceitos aparecem como elemento que de motivação da migração boliviana. O fluxo migratório, conforme podemos observar no enunciado desses alunos e no exemplo do texto de Natália F, realiza-se de países denominados, pelos alunos, de “subdesenvolvidos”, para aqueles de maior nível de desenvolvimento. As elaborações intermediária e final da aluna Sophia S. são exemplos disso:

[...] A migração (o deslocamento de populações) acontece desde os primórdios, motivado por uma série de fatores que podem ser econômicos, ambientais ou sociais, por exemplo, e podem variar de acordo com a época. No mundo, é muito comum a migração de pessoas de países subdesenvolvidos para países desenvolvidos [...]

Embora muitos brasileiros vão para outros países mais desenvolvidos, pessoas de outros países também vem para o Brasil, um grande exemplo disso são os bolivianos (elaboração intermediária de Sophia S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A elaboração intermediária de Sophia retrata o fluxo migratório como motivado pelo nível desigual de desenvolvimento entre os países, e destaca o papel do Brasil nessa conjuntura. Já na elaboração final, ela continua afirmando a relação dessa diferença entre os países:

[...] No mundo, o tipo de migração mais comum é a de um país subdesenvolvido, para um país desenvolvido. Mas, também existe a migração entre países desenvolvidos e entre países subdesenvolvidos, tal é o caso da imigração entre a Bolívia e o Brasil, embora só tenha ganhado atenção da mídia no final do século XX ela existe há muito mais tempo (elaboração final de Sophia S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A globalização ainda é apontada por alguns como um fator que impulsiona a migração.

[...] Eles migram, por serem as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização. O vice-presidente da Câmara de comércio e Indústria coreano no Brasil, Tomás Choi, reconhece que foram os coreanos, donos de confecções, os primeiros a empregar os imigrantes bolivianos de forma ilegal (elaboração final de Sophia S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

É interessante observar que nas elaborações em que os alunos identificam como fator impulsionador da migração a relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e, mais ainda, naquelas em que o autor cita a globalização, esses conceitos são devidamente apropriados pelos estudantes pelos estudantes.

Dentre os motivos por nós categorizados como políticos, verificamos que a busca por direitos e o enunciado “por motivos políticos” são elementos que ganham relevância nos

textos dos alunos a partir da elaboração intermediária, como pudemos observar no Gráfico 14. Esse dado é interessante, tendo em vista que demonstra uma nova preocupação para os estudantes: motivos políticos dos mais diversos podem impulsionar a saída das pessoas de seus países. A compreensão do fenômeno migratório passa a ser encarada de maneira mais ampla: os migrantes não buscam somente sua subsistência em outros locais, eles também precisam de condições políticas favoráveis para realizar suas vidas.

Os outros motivos políticos citados nos textos dos alunos, como guerras, corrupção e a liberdade no Brasil tem ocorrência pontual e desaparecem em detrimento da compreensão mais ampla dessa busca por direitos.

Destacam-se, ainda, os motivos que identificamos como “motivos pessoais”. Dentre eles, temos o interesse pessoal, categoria que contempla a busca por diversão, consumo e turismo. Em 10 elaborações iniciais, a migração correlaciona-se diretamente a interesses pessoais dos migrantes. Nesses textos, percebemos como a migração é explicada a partir de uma perspectiva que a correlaciona diretamente com o consumo cultural e de mercadorias que existe no Brasil, sobretudo em São Paulo. No texto abaixo, por exemplo, o aluno afirma que a migração dos bolivianos para a região metropolitana de São Paulo justifica-se a partir das possibilidades de diversões distintas encontradas pelos migrantes.

[...] Acredita-se que a população migra para a cidade grande pois as condições de vida serem melhor. Pois ter mais chances de estudar em boas escolas e ter na vida um bom emprego. E ir crescendo na vida. E também o conforto de melhores hotéis, shopping e etc (elaboração inicial de Victor A. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A preocupação com a família, pertencente a categoria “motivos pessoais”, está em 14 elaborações iniciais, 16 intermediárias e 12 finais. Este indicador é interessante, pois verificamos que a relação entre migração e família aparece nas elaborações dos mesmos alunos, ou seja, eles iniciam seus textos com tal preocupação e ela se expressa até seu último texto. O enunciado recorrente entre as elaborações dos alunos é a busca por melhores condições para a família<sup>46</sup>, ou simplesmente pela capacidade de poder sustentá-la, como pudemos verificar na elaboração intermediária de Natália F..

[...] Muitos bolivianos saem da Bolívia por motivos políticos e para crescer profissionalmente; mas outros apenas tentam uma vida melhor trabalhando em lojas (principalmente em confecções na área têxtil), para sustentar sua família, ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

---

<sup>46</sup> O enunciado aparece nas elaborações inicial, intermediária e final de Sophia, já citadas anteriormente, e de outros alunos, como Victor A. e Gabriela R. B. – ambos em anexo.

Por fim, chegamos à última categorização relativa aos motivos pelos quais os bolivianos migram: as características existentes na Bolívia para que esse processo ocorra. Dentre os elementos que podemos destacar com relação à saída dos migrantes da Bolívia estão: a recessão econômica, o desemprego urbano, o êxodo rural, a única possibilidade de emprego estar relacionada diretamente ao comércio ilegal – sobretudo de drogas; as causas ambientais e, mais genericamente, as dificuldades encontradas nas condições de vida e trabalho na Bolívia.

Os fatores impulsionadores da migração mais descritivos do contexto boliviano – desemprego urbano, êxodo rural, recessão econômica, motivos ambientais – são discutidos no principal texto estudado pelos alunos na sequência didática, de modo que passam a crescer numericamente em termos de ocorrência a partir da segunda elaboração. Podemos observar, por exemplo, os motivos ambientais como exemplo de tal fenômeno: inicialmente, os alunos não enfatizam nenhum fenômeno ambiental como possível explicação para a migração; na segunda elaboração, 4 alunos propõem essa identificação, e, por fim, na última elaboração, o número cresce para 7.

Vejamos exemplos de textos, sobretudo a partir da elaboração intermediária, que passam a incorporar o contexto específico boliviano para o desenvolvimento de seus argumentos:

[...] Inicialmente é preciso lembrar que os bolivianos se deslocam clandestinamente por não terem condições de um bom salário e por quererem ter uma vida melhor. Mas uma coisa que poucas sabem é que a população boliviana começou a migrar para o Brasil na década de 1990 porque foram os que mais sofreram com o êxodo rural e o desemprego que atingiu a Bolívia (elaboração final de Bruno S. S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração de Bruno S. S., vemos que o aluno descreve e periodiza a crise boliviana, que foi propulsora da saída dessa população, destacando problemas relativos ao êxodo rural e ao desemprego. Outros motivos que aparecem nos textos dos alunos foram os desastres naturais provocados pelo aumento das chuvas causados pelo fenômeno climático El Niño:

[...] GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS PERDERAM O TRABALHO NA DÉCADA DE 1980 DEVIDO UMA PERDA DE ECONOMIA E INUNDAÇÕES CAUSADA PELA CHUVA (elaboração final de Leandro C. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Quanto à subcategoria “dificuldades encontradas nas condições de vida e trabalho na Bolívia”, podemos dizer que, inicialmente, 19 elaborações textuais identificam problemas genéricos bolivianos com a migração; no segundo texto, esse número cresce para 23; e ao

final do processo aumenta ainda para 25. Esse crescimento revela que os alunos passam a se preocupar mais com as condições de vida propulsoras da migração no país de origem.

Nos critérios anteriormente analisados, nos dedicamos a compreender o universo das motivações que impulsionavam os bolivianos a saírem de seu país. Podemos chegar à conclusão de que, por exemplo, a ênfase dos textos elaborados passa a considerar o contexto específico no qual se realizam as migrações e, mais ainda, a identificar mais fatores propulsores desse fenômeno em um mesmo enunciado.

### *Consequências do processo para a população migrante*

Além das transformações anteriormente explicitadas relativas ao entendimento dos fatores que impulsionam as motivações, há, nas elaborações textuais dos alunos, a crescente preocupação com as dificuldades e problemas que passam a ser vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino.

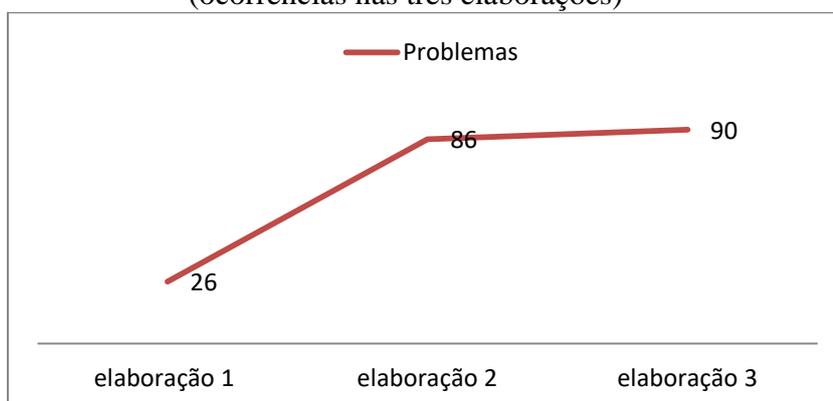
Desde o início alguns textos apresentam essa preocupação, como o texto de Natália F., no qual a aluna descreve os aspectos ilusórios da migração, decorrentes do inchaço populacional e da falta de infraestrutura em algumas cidades específicas do país. Outro exemplo se apresenta no texto da aluna Andressa M:

[...] Os bolivianos vem para São Paulo em busca de trabalho, salários melhores, melhores escolas, melhores moradias, enfim por uma vida melhor. Eles esperam chegar aqui e entrar em contato com uma vida mais fácil, no sentido desses aspectos, moradia, trabalho, escola e salário. Na verdade é o que se espera quando se faz uma mudança, tendência é que se faça uma mudança para se melhorar de vida. E é o que eles fazem vem pra cá e vão tentando melhorar a vida.  
Mas nem sempre dá certo às vezes eles acabam pior do que estavam antes de se mudar, talvez porque aqui em São Paulo já tenha muitas pessoas, e muita concorrência (elaboração inicial de Andressa M. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Andrea segue linha de argumentação semelhante à de Natália F.: existem concorrência e dificuldades em viver na cidade de destino dos migrantes bolivianos, o que rompe com as expectativas da realização da migração.

Como podemos ver no “Gráfico 16 – Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino (ocorrências nas três elaborações)”, no entanto, essa preocupação se acentua a partir da elaboração intermediária:

Gráfico 16 – Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino (ocorrências nas três elaborações)



Fonte: organizado pela autora (2017).

Da elaboração inicial para a intermediária, podemos verificar que há um aumento significativo no número de vezes que algum problema encontrado no local destino dos migrantes é citado. Na primeira elaboração, são cerca de 30 problemas citados pelos alunos, na segunda o número chega a 86, e cresce ainda mais na última elaboração (90 ocorrências). A vida dos bolivianos passa a ser problematizada pelos alunos, sobretudo na elaboração intermediária, na qual os textos começam a questionar a perspectiva da migração como uma solução.

Realizamos um inventário dos principais problemas relacionados às condições de vida no destino dos migrantes. A maior parte deles relaciona-se ao mundo do trabalho e da precariedade relacionada a este. Ao inventariarmos os problemas identificados pelos alunos como questões relativas às condições de trabalho no Brasil, conseguimos perceber que muitos deles utilizam o exemplo concreto do trabalho na tecelagem. Outros, sobretudo a partir da elaboração intermediária, generalizam ao máximo a condição de migrante e a precariedade do trabalho e da vida.

Para categorizarmos tais problemas como descritos pelos alunos em seus textos, elaboramos três categorias - problemas econômicos, sociais e políticos -, conforme a tabela:

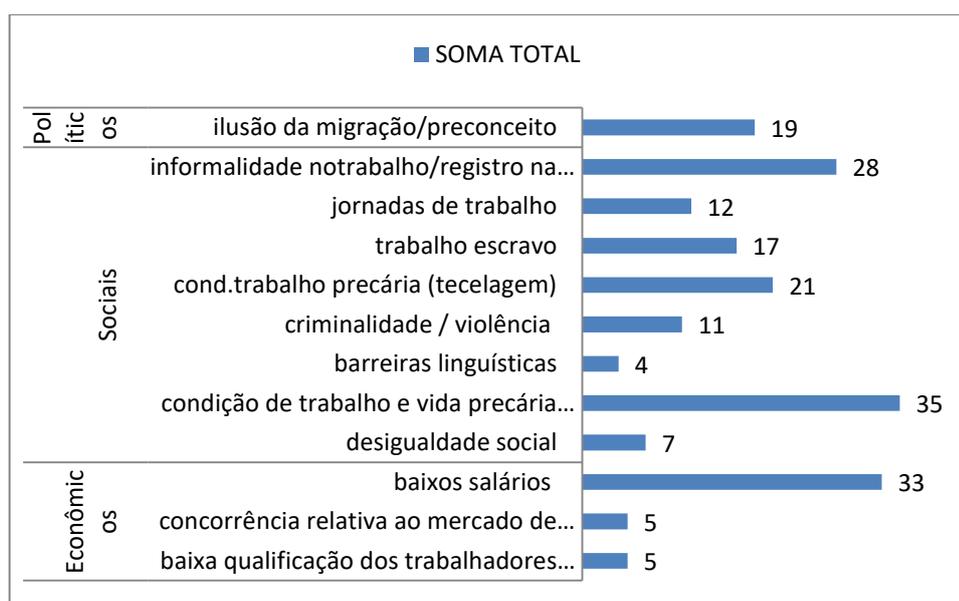
Tabela 5 – Problemas encontrados pelos bolivianos ao migrarem e organizados em categorias

<b>Problemas Econômicos</b>	<b>Problemas Sociais</b>	<b>Problemas Políticos</b>
Baixa qualificação dos trabalhadores bolivianos	Desigualdade social	Ilusão da migração/preconceito
Bolívia perde mão de obra	Condição de trabalho e vida precária (geral)	
Concorrência relativa ao mercado de trabalho em São Paulo	Barreiras linguísticas	
Baixos salários	Criminalidade / violência	
	Condições de trabalho precária (tecelagem)	
	Trabalho escravo	
	Jornadas de trabalho	
	Informalidade no trabalho/registro na carteira de trabalho	
	Exploração dos próprios bolivianos	

Fonte: organizado pela autora (2017).

A categoria dos problemas sociais abarca a maior diversidade dos enunciados dos alunos, como podemos verificar no “Gráfico 17 – Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu destino – ocorrência total nas três elaborações”:

Gráfico 17 – Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB, ocorrência nas três elaborações



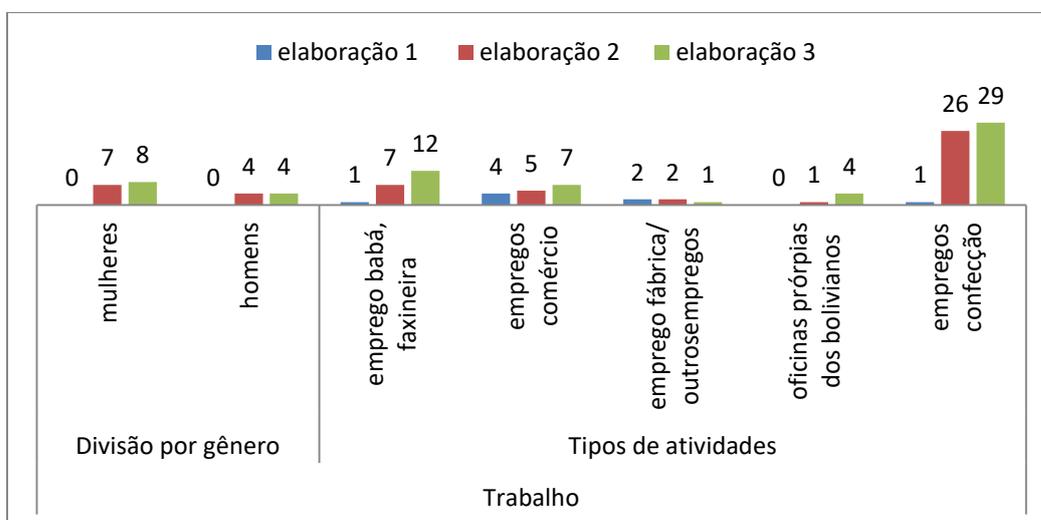
Fonte: organizado pela autora (2017).

Nesse mesmo gráfico, vemos que, dentro dos problemas sociais, a subcategoria mais genérica acerca das condições de vida e de trabalho no local de destino tem a maior recorrência (aparece 35 vezes nos textos), seguida pela informalidade do trabalho (ocorrência de 28 vezes), precariedade das condições de trabalho na atividade da tecelagem (21 vezes), e trabalho escravo (17 vezes).

Esses problemas apresentam-se como uma quebra de expectativa relacionada à migração: se, inicialmente, o principal motivo impulsionador do fluxo migratório são melhores condições de trabalho e de vida, de um modo generalizado, essa expectativa começa a ser quebrada a partir da identificação de que o principal problema encontrado pelos bolivianos são condições precárias: longas jornadas de trabalho, baixos salários e inexistente regulamentação dos possíveis trabalhos encontrados pelos bolivianos.

A partir da elaboração intermediária, os alunos ainda descrevem as ocupações empregatícias às quais se dedicam os migrantes em São Paulo. Cabe expor que os alunos destacam, em seus textos, sobretudo os trabalhos dos bolivianos em oficinas de costura e a ocupação de mulheres como babás e empregadas domésticas. Identificamos, portanto, duas principais questões: uma divisão do trabalho por gênero e a descrição dos tipos de atividade exercidos pelos bolivianos no local de destino após a migração. O Gráfico 17 sintetiza as informações identificadas no textos.

Gráfico 18 – Atividades exercidas pela população boliviana migrante em seu destino e separação por gênero de atividades identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB- ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

A divisão por gênero das atividades exercidas pelos migrantes ocorre 23 vezes nas elaborações dos alunos. Essa preocupação, porém, só aparece a partir da elaboração intermediária, pois, nesse momento da sequência, os alunos já trabalharam o Módulo 2 da sequência didática, no qual eles estudaram o texto “Imigração Boliviana para São Paulo e Migração Boliviana para São Paulo e Setor de Confecção – Em Busca De Um Paradigma Analítico Alternativo”, de Patrícia Tavares de Freitas, na qual há a seguinte afirmação:

[...] Nesse sentido, enquanto os bolivianos que vieram em meados do século XX, em menor escala, eram, em sua maioria, estudantes e profissionais liberais, que saíam da Bolívia por motivos políticos, para ascender profissionalmente ou adquirir alguma formação específica, sendo significativa também a emigração de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas (SILVA, 2006; CEPAL/CELADE/ OIM, 1999 apud FREITAS, 2012).

Nas elaborações dos alunos, como podemos ver abaixo, identificamos enunciados que passam a distinguir, após a leitura e trabalho no Módulo 2 com o texto, as ocupações de homens e mulheres no mesmo texto:

[...] Os Bolivianos migraram em São Paulo em busca de emprego e eles conseguiram trabalho de vender algumas coisas e vendiam comidas, cds, dvds, cartões telefônicos.

Mulheres trabalhavam muitos como empregadas, domésticas, babás e vendedoras. Os homens trabalhavam mais como vendedores e eram jovens bem sucedidos um Ex: migradores, e eles tinham comunicação por rádios piratas (elaboração final de Nayhara R. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nayhara R. expõe, em sua elaboração final, que o principal motivo pelo qual os bolivianos deixam seu país é a busca por melhores condições de trabalho. Em seguida, enuncia a divisão por gênero e por atividade.

Há outros alunos que apenas pontuam as ocupações de mulheres, como Natália F.:

[...] Os bolivianos vem para o Brasil por que na Bolívia não tem hospitais bons e por isso muitas mães de família vem para São Paulo para que seus filhos tenham uma vida melhor. As mães trabalharam como babás ou em confecções, elas juntamente com seus filhos são escondidos nos subsolos de prédios abandonados, para que ninguém veja (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A aluna, Natália F., como na maioria dos outros textos em que a migração de mulheres bolivianas é destacada, identifica o trabalho exercido pelas mulheres como atividades de babá e faxineira. Na elaboração intermediária, vemos que há ocorrência desta ocupação em 7 dos textos feitos pelos alunos; já na terceira elaboração, temos 12 textos que se ocupam de descrever estas atividades.

Com relação aos empregos no comércio, vemos que a ocorrência desta atividade aumenta entre as três elaborações. Na primeira, apenas quatro alunos pontuam essa possibilidade de trabalho no local de destino dos migrantes; já na elaboração final, este número aumenta para 7. Novamente, podemos identificar, no texto trabalhado no Módulo 1 da sequência, algumas importantes afirmações que podem ter servido como fonte de informações para os alunos:

[...] A partir da década de 1990, esses fluxos passaram a ser compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas. E apesar de verificar-se uma inserção relativamente variada desses imigrantes – em atividades artesanais e/ou industriais, no comércio e em trabalhos domésticos – adquire proeminência, justamente, sua entrada concentrada no setor de confecção (FREITAS, 2012)<sup>47</sup>.

Após a leitura e estudo desse instrumento pelos alunos, o emprego da mão de obra boliviana na tecelagem ganha destaque nos textos. Na elaboração inicial, antes do módulo no qual se insere o artigo, somente um dos alunos se dedicou a descrever essa possível ocupação dos bolivianos ao chegarem à região metropolitana de São Paulo. A partir da segunda, porém, os números chegam a 26 e 29 ocorrências entre os textos, respectivamente.

Ao nos dedicarmos atentamente a tais textos, percebemos que muitos deles correlacionam o trabalho na tecelagem às más condições vida, como explicitado por Caique:

[...] Muitos Bolivianos vem para o Brasil para trabalhar alguns são contratados para oficinas de costura clandestina alguns recebem pouco salário e não dá condições boas para o trabalho (elaboração final de Caique L. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Podemos destacar ainda os dados referentes à ocupação dos bolivianos em oficinas próprias. Inicialmente, não há elaborações em que os alunos identifiquem essa possível atividade para os bolivianos em seu país de destino. Na elaboração intermediária, um dos alunos cita essa possibilidade de trabalho. E, na elaboração final, há ocorrência de quatro textos que identificam a ocupação dos bolivianos em oficinas próprias após migrarem. Essa ocupação é correlacionada ao sucesso conquistado por alguns dos bolivianos em seu local de destino:

[...] Podemos afirmar que muitos bolivianos que apostaram em uma vida melhor na metrópole já se deram bem, atualmente são empresários e donos de comércio, só que nem todos tem essa mesma sorte, por isso, às vezes algumas pessoas podem até voltar o seu país, onde imigrou (elaboração final de Vitor E. D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

---

<sup>47</sup> Acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

A crescente ocorrência da descrição das atividades anteriormente explicitadas relaciona-se, novamente, com o texto de Patrícia Freitas, no qual a autora propõe periodizações para o fluxo de migrantes bolivianos e, mais do que isso, relaciona tais informações com a descrição do tipo de migrante envolvido nessa periodização, como podemos ver abaixo:

[...] A partir da década de 1990, esses fluxos passaram a ser compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas. [...]

Essa forma de organização da produção dos imigrantes coreanos – a partir do trabalho informal de imigrantes bolivianos, sem documentação, em pequenas oficinas de costura irregulares – conformava prática generalizada e bem sucedida para a diminuição dos custos de produção, em um ambiente recessivo para o setor de confecção como um todo, entre fins da década de 1980 e início dos anos de 1990 (FREITAS, 2012)<sup>48</sup>.

Retomando os problemas vivenciados pelos migrantes bolivianos ao chegarem ao Brasil, lembremos o texto de Natália F.:

[...] Ao contrário da Bolívia, aqui no Brasil eles podiam trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro nas indústrias têxteis, trabalhando na confecção de tecidos, muitas vezes no subsolo dos prédios, trabalhando geralmente para os coreanos, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos (porque o real vale mais que o peso boliviano) (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nesse excerto, a aluna explica que os bolivianos no Brasil conseguem trabalho. Porém, ela qualifica os empregos por eles conseguidos e descreve uma situação de exploração, sobretudo relacionada aos baixos salários. A aluna ainda compara o valor da moeda nos dois países, de modo a explicitar ainda mais seu argumento dos baixos salários: eles são muito baixos no Brasil. Os bolivianos, porém, submetem-se a eles porque não conseguem algo melhor em seu local de origem.

Assim, dentre os problemas econômicos vivenciados pelos bolivianos, destacam-se os baixos salários, explicitados em 33 das elaborações de aluno; a baixa qualificação dos profissionais e a concorrência relativa no mercado de trabalho. Os problemas apontados nessas elaborações dos alunos têm, novamente, relação com o universo do trabalho e com a frustração de algumas das expectativas desses migrantes ao chegarem ao seu local de destino. Nesse sentido, podemos evidenciar algumas elaborações de alunos:

[...] Quando Finalmente os bolivianos vem para o Brasil, ainda sim são explorados em sua maioria das vezes esses exploradores são coreanos que escondem os bolivianos nos subsolos de prédios antigos e os fazem trabalhar em sua maioria das vezes por apenas um prato de comida ou por 300 reais, somente em uma jornada diária de 16 horas (elaboração final de Giovana J. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

---

<sup>48</sup> Acervo da Pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”.

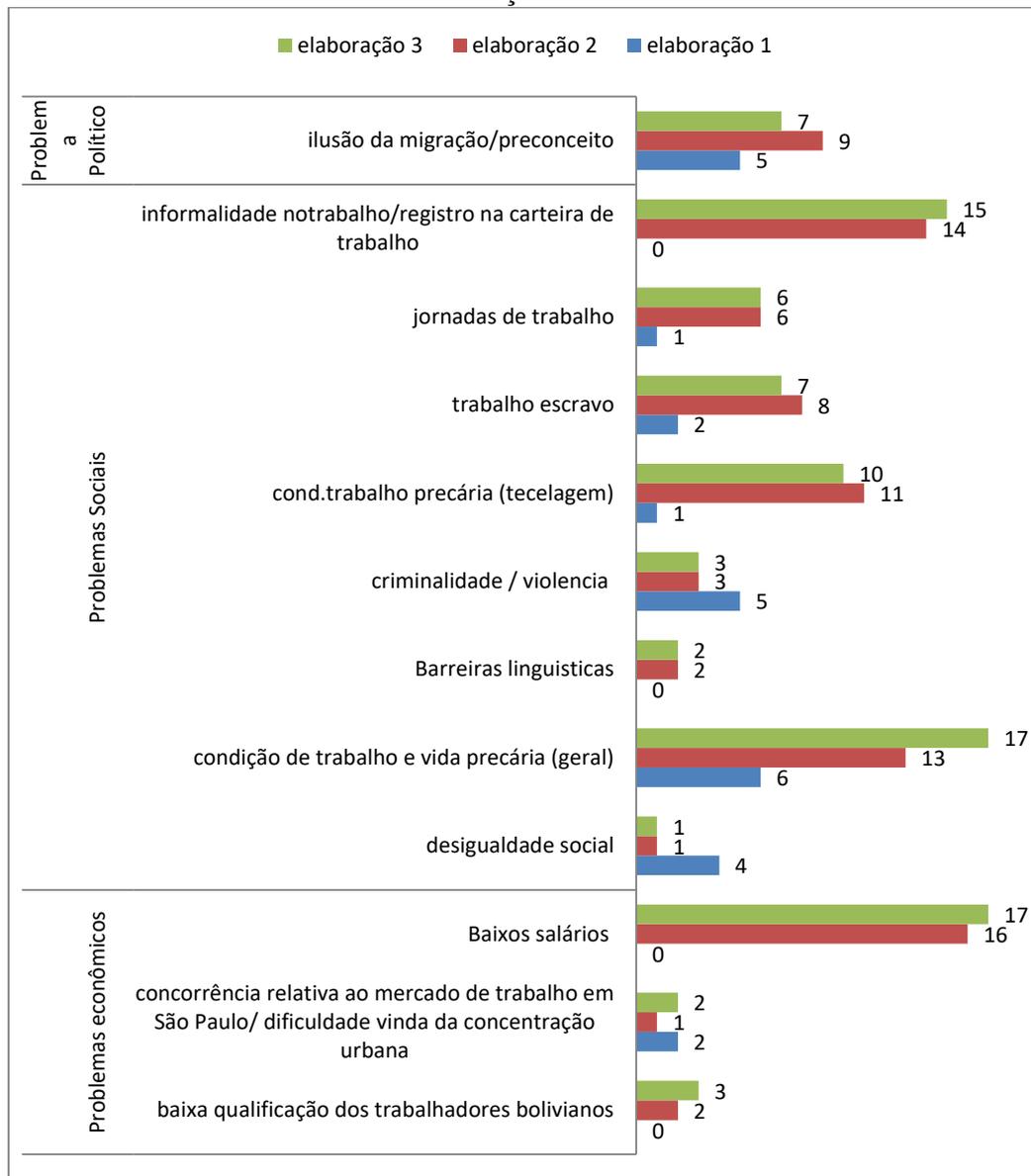
Nos textos anteriores, Giovana J. descreve as longas jornadas de trabalho dos bolivianos e os baixos salários recebidos por eles, mas, como já afirmamos anteriormente, alguns tendem a comparar as condições vividas no Brasil com aquelas encontradas na Bolívia. Como já dissemos, em comparação com os salários encontrados na Bolívia, dada a desvalorização da moeda local, os valores recebidos no Brasil parecem suficientes. Há textos que evidenciam a condição de trabalho escravo desses migrantes.

[...] São Poucos os que conseguem obter uma condição de vida Ampla, outros continuam lutando para obter sua própria vida sem ser escravizados por outros (elaboração final de Gessyara F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A aluna demonstra que, ao chegar ao país, os migrantes bolivianos encontram complexo quadro relacionado a possibilidades de trabalho, pois, além de um mercado saturado – no qual há também a presença de outros migrantes –, eles não possuem qualificações para bons trabalhos e acabam sendo empregados em trabalhos com baixos salários e más condições. Os alunos que fazem tais afirmações não consideram a dimensão estrutural da pobreza e da miséria, mas identificam a existência de um problema que é vivenciado pela população migrante.

Voltando às categorias dos problemas sociais, econômicos e políticos encontrados no lugar de destino dos migrantes, vamos focar na comparação entre as fases de elaboração. No gráfico abaixo (“Gráfico 19 - Principais problemas vivenciados pela população boliviana migrante em seu destino - ocorrência/por elaboração”), observamos a ocorrência de cada um dos problemas identificados pelos alunos por elaborações textuais.

Gráfico 19 – Problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB - ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Como dito anteriormente, ocorre ao longo das fases de elaboração dos alunos uma crescente preocupação com as dificuldades e problemas vividos pelos migrantes bolivianos em seu local de destino. Na elaboração inicial, somam-se apenas 19 ocorrências destes problemas nos textos. Com relação à categoria dos problemas econômicos, somente a concorrência relativa no mercado é citada como um dos problemas encontrados no Brasil. Quanto aos problemas sociais, podemos citar a desigualdade social e a violência no país, e as dificuldades relacionadas, sobretudo, às condições de vida e trabalho no local de acolhimento

dos migrantes, que incluem trabalho escravo e jornadas longas de trabalho, entre outros. Há, nesse momento, a identificação do problema da ilusão da migração e do preconceito contra esses migrantes no país de recepção dessa população.

Na elaboração intermediária, diversificam-se ainda mais os problemas sociais encontrados pelos migrantes: as barreiras linguísticas encontradas por eles, por exemplo, passam a ser identificadas como problema. Cresce o número de elaborações em que os problemas relacionados às condições de vida e de trabalho ganham destaque, de um modo geral, incluindo longas jornadas, informalidade e trabalho escravo. O problema político do preconceito e da ilusão dos migrantes ao chegarem ao seu destino – o número de elaborações que destacam tais questões aumenta para 9. Esses números se acentuam na elaboração final, na qual podemos identificar que os relatos acerca das condições de vida e trabalho mais genéricas e aquelas relativas ao trabalho nas oficinas de costura permanecem em destaque.

Os alunos problematizam ainda questões econômicas como os baixos salários, as jornadas de trabalho e a informalidade do trabalho como os principais problemas – eles aparecem, respectivamente, em 17, 6 e 15 vezes entre as elaborações finais dos alunos, muitas vezes combinados, como podemos observar no excerto abaixo:

[...] Quando Finalmente os bolivianos vem para o Brasil, ainda sim são explorados em sua maioria das vezes esses exploradores são coreanos que escondem os bolivianos nos subsolos de prédios antigos e os fazem trabalhar em sua maioria das vezes por apenas um prato de comida ou por 300 reais, somente em uma jornada diária de 16 horas.

Os bolivianos vieram para São Paulo para buscar uma melhor condição de vida. Na Bolívia o salário ganhado por eles é muito baixo, por isso vindo para São Paulo eles podem ganhar um salário de 500 reais para eles é ótimo.

Os bolivianos saem fugidos da miséria, mas ainda pior que hoje em dia no Brasil tem muitos aproveitadores que só querem usar os bolivianos, e pagar um salário miserável. Eu vi que eles trabalham mais ou menos 16 horas por dia e ganham 300 reais, ou só um prato de comida, eles ficam escondidos em subsolos de prédios pois os “Chefes” deles na maioria das vezes são coreanos e também eles não deixam que os bolivianos saírem para rua (elaboração final de Guilherme Y. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nessa elaboração, Guilherme Y. destaca que os bolivianos são explorados pelos coreanos em condições de trabalho sub-humanas. Apesar dessas condições, eles se submetem a tal relação, pois, na Bolívia, o quadro por eles vivenciado é ainda pior. Os bolivianos vivem em uma miséria extrema em seu país de origem e, ao chegarem a São Paulo, tal situação permanece ruim, mas ainda há benefícios que não existem na Bolívia e por isso a população se submete a isso.

A argumentação desses alunos passa a incorporar as condições de vida dos bolivianos em seu local de destino. Os enunciados passam a tratar da problemática da migração não só a partir das motivações para o fluxo, mas pelas consequências que ela traz para seus principais

agentes. Ao elaborar esse tipo de problematização, os alunos se aproximam dos sujeitos aos quais eles se dedicam a estudar e colocam-se em uma situação de solidariedade com relação à situação vivida por essa população. Eles identificam problemas fundamentais para a vida de qualquer ser humano e as dificuldades que poderiam ser encontradas.

### *Soluções e propostas para a questão migratória*

Há diversas elaborações em que os alunos apresentam a migração e problematizam as consequências da chegada dessa população no país de destino. Em outras, porém, os alunos, além de problematizarem como vivem os migrantes, ainda propõem soluções para a complexa situação vivenciada por eles.

As soluções projetadas pelos alunos podem ser caracterizadas a partir de três núcleos centrais: o primeiro diz respeito a possíveis alterações políticas na própria Bolívia, que consigam garantir a seus habitantes melhores condições de vida e de trabalho, de modo que os bolivianos não vejam a migração como única solução para seus problemas. Sobre essa solução, alguns alunos ainda propõem que os países que recebem migrantes advindos desse país colaborem com o governo boliviano, buscando garantir melhorias para todos.

A segunda alternativa sugerida para melhorar a situação dos bolivianos se resolveria com a maior regulamentação da política migratória e das relações de trabalho no Brasil, com o objetivo de que, ao chegarem, os migrantes possam ter respaldo legal e melhores condições de trabalho. Os alunos propõem ainda que essas mudanças serão realizadas somente se a população for às ruas protestar em busca da realização de suas demandas.

Por fim, o último tipo de solução dada pelos alunos que conseguimos identificar nos textos relaciona-se a denúncias feitas por organismos e organizações internacionais com relação à precariedade da vida e do trabalho nesses lugares.

Podemos verificar a distribuição dessas variáveis de acordo com a tabela abaixo:

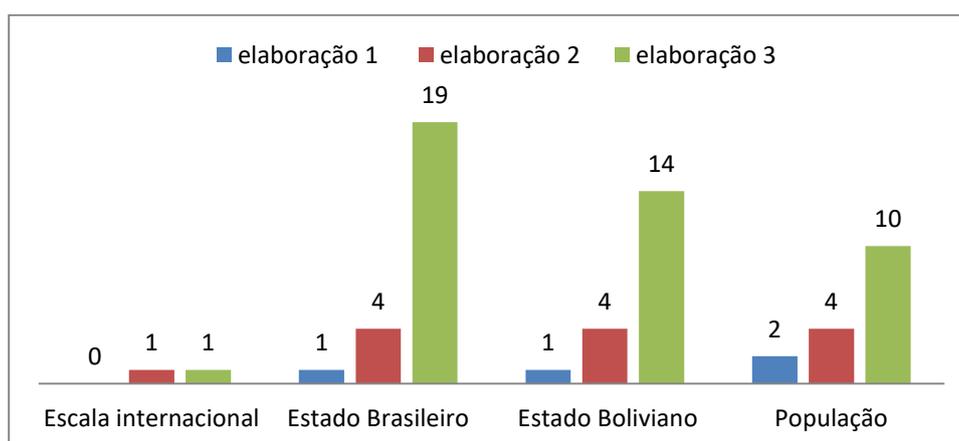
Tabela 6 – Soluções para os problemas vividos pelos migrantes bolivianos organizados em categorias

Escala Internacional	Estado Brasileiro	Estado Boliviano	População
Organismos internacionais	Visibilidade aos migrantes	Investimentos do governo boliviano em seu país	Ajuda da população
	Segurança fronteira		Protestos e denúncias
	Investimento e regulamentação do governo Brasileiro		Migração para outro país
			Retorno à Bolívia
			Diversificação das atividades econômicas pelos bolivianos

Fonte: organizado pela autora (2017).

Em termos de distribuição das soluções entre as elaborações dos alunos, identificamos que o Estado brasileiro é o principal agente responsável por proporcionar alguma solução aos problemas da população boliviana, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 20 – Principais agentes para solução dos problemas encontrados pelos migrantes bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB- ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Seguido do Estado Brasileiro, os alunos identificam o Estado Boliviano como responsável por tomar atitudes frente à questão. Seguida a ele, estão a população e

organismos internacionais. É crescente a ocorrência de todos esses agentes da primeira à última elaboração realizada pelos alunos.

Na elaboração inicial, são poucos os enunciados de alunos referentes à solução de possíveis problemas relativos ao fluxo migratório. Observamos que dois textos indicam a possibilidade de mobilização da população. Além disso, outros dois alunos reconhecem o Estado Boliviano e a população como possíveis agentes de transformação da questão.

A elaboração inicial de Giovana é interessante ilustração dessa preocupação primeira com a migração boliviana. Em seu enunciado, ela afirma que a migração de bolivianos para o Brasil é algo bom, tendo em vista que essa população é responsável por atividades que a sociedade em geral evita realizar; no entanto, ela também se mostra preocupada com as condições vividas pelos bolivianos em São Paulo e afirma que a solução é conter o fluxo migratório da Bolívia, dando melhores condições para que a população permaneça lá.

[...] Atualmente os bolivianos vem para São Paulo em busca de mais condições, e menos trabalho escravo.

Existem dois pontos de vista, É bom por que muitas vezes eles que fazem muitos trabalhos que a sociedade não faz e eles fazem, E é ruim pois eles tem trabalho escravo, trabalhando muito sendo explorados.

Finalmente a solução seria que o governo Boliviano desse melhores condições e os que já migraram tenham menos horas de trabalho e mais condições sociais (elaboração inicial de Giovana J. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”)

Podemos citar ainda, o texto de Natália F. que, como já dissemos anteriormente, afirma que a Bolívia deve dar melhores condições de vida e de trabalho para a sua população, de modo a garantir que a população não precise sair de seu país de origem para viver minimamente bem.

Na elaboração intermediária, os organismos internacionais e sua atuação são citados pela primeira vez em um texto como possíveis agentes para solução dos problemas vivenciados pelos migrantes bolivianos ao chegarem ao Brasil:

[...] Na opinião que um grupo tem eles falam a verdade, porque fala que os Bolivianos vem para São Paulo pela estrutura que na Bolívia e pelo “grande salário” de São Paulo (grande salário, porque na Bolívia o salário na média, é 230, em Reais), e o motivo de moradia, que ela a população, viveu, quase toda no campo, sem estrutura. Uma solução para isso na opinião desse grupo, é ter uma conta na ONU (A Bolívia) para ajudar a população com Dinheiro (elaboração intermediária de Ricardo J. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

No texto anterior, o aluno problematiza as condições de vida e de trabalho dos bolivianos em São Paulo. Ele é sensível aos baixos salários encontrados pelos migrantes e, mais ainda, às dificuldades encontradas por eles tanto no país de origem quanto em seu

destino. O aluno propõe, então, que haja uma intervenção da ONU para melhorar essas condições de vida.

Ainda na segunda elaboração, tanto o Estado Brasileiro, quanto o Boliviano e a população são citados com a mesma recorrência – quatro vezes cada um dentre os textos. Por fim, na elaboração final, a ocorrência de soluções propostas pelos alunos é maior. As organizações internacionais permanecem entre os agentes responsáveis por mudanças, assim como o Estado Brasileiro e o Boliviano – respectivamente, com 19 e 14 ocorrências. A ocorrência da população como um dos agentes solucionadores do problema também é maior, como podemos verificar abaixo.

[...] No entanto, no meu ponto de vista as migrações não são um problema, mas é certo que para melhorar as condições de vida dessa população deviam ser feito “uma parceria” do governo boliviano com ade outro país, assim um dava apoio ao outro melhoraria as condições de vida e de moradia, ou então, a população deveria pensar em fazer protestos onde todos defenderiam seus direitos, mas é certo de que todos esses protestos deveriam obter um resultado. Enfim, concluímos que existem vários motivos que levam os bolivianos a migrarem para vários países (elaboração intermediária de Vitória D. V. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nos enunciados da elaboração intermediária, a aluna Vitória D.V. propõe duas soluções para as más condições de vida encontradas pelos bolivianos no Brasil. A primeira é o acordo entre o governo boliviano e outro país de modo a garantir melhores condições de vida na Bolívia e evitar migração. Em um segundo momento, ela ressalta a necessidade também de que a população aja e modifique sua situação.

Com relação à atuação do governo brasileiro, alguns alunos identificam que a solução para o problema da migração seria uma intervenção do Estado Brasileiro. Andressa, por exemplo, pontua que essa intervenção seria aumentar a segurança na fronteira:

[...] A solução seria uma segurança mais rígida na fronteira. E o governo Boliviano dar melhores condições de vida (elaboração final de Andressa M. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Outros alunos propõem que o governo atue na fiscalização desse trabalho e não permita que os bolivianos passem por tamanha exploração.

Há ainda, soluções distintas, como aquelas pensadas por Giovana. Na elaboração inicial, ela expõe que a solução para diminuir o fluxo migratório para São Paulo seria o governo boliviano investir e regular o trabalho em seu país. O governo brasileiro deveria regular o fluxo migratório, garantindo a regularidade dos migrantes e, além disso, a população deveria se envolver em uma luta por melhores condições, expondo, sobretudo, sua insatisfação com o principal problema encontrado no país e motivador dos demais: a desigualdade social. No texto, a aluna ainda enfatiza os problemas vivenciados pelos bolivianos no Brasil, dentre eles,

o preconceito. Para ela, a população migrante deve lutar para ter os mesmos direitos da população:

[...] Finalmente a solução seria que o governo Boliviano desse melhores condições e os que já migraram tenham menos horas de trabalho e mais condições sociais.

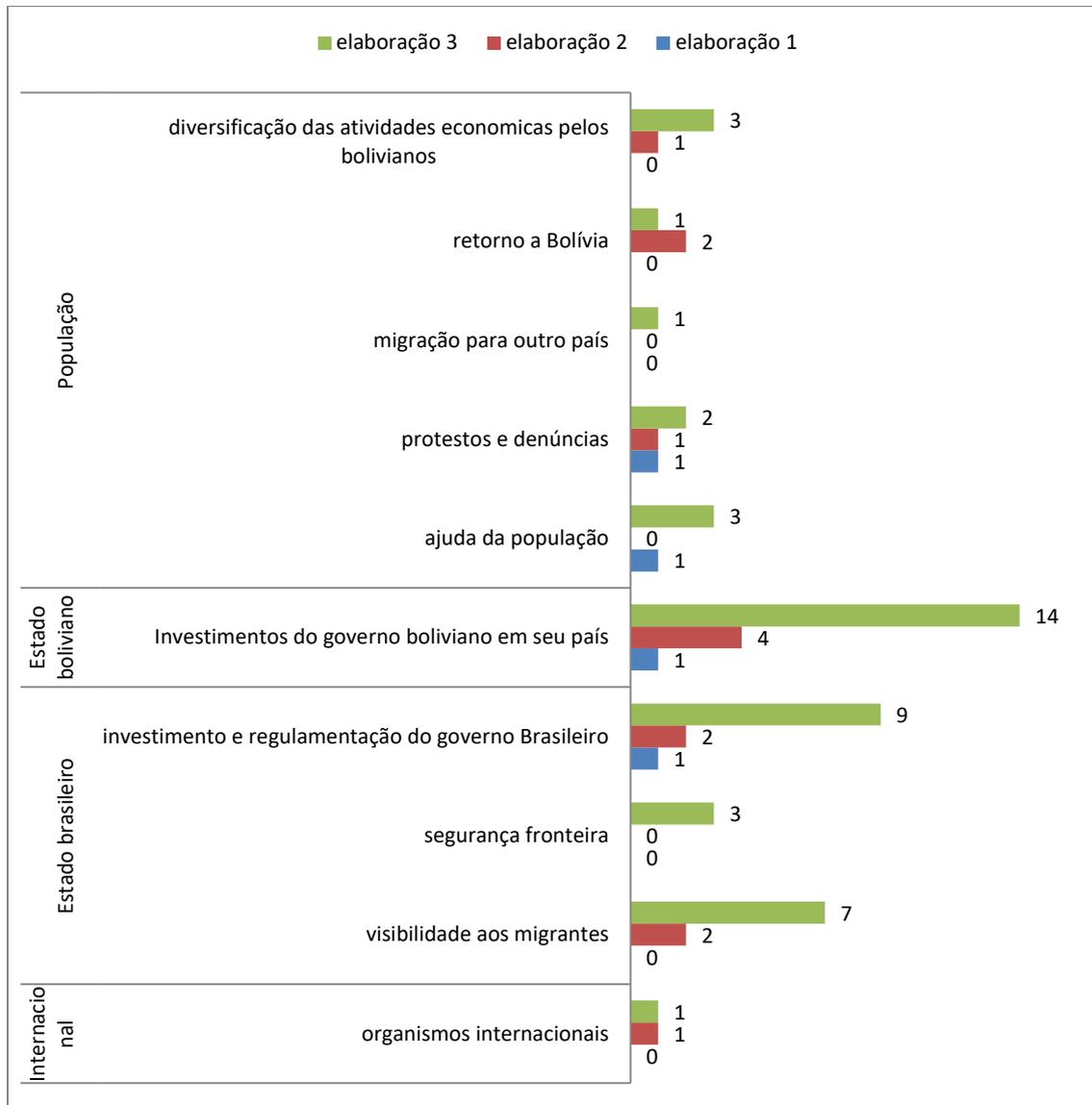
É certo que a migração é comum em todos os lugares do mundo independentemente do motivo. Passemos então a solução para a migração boliviana que seria de grande ajuda se o governo brasileiro se desse conta do problema e fizesse uma lei que todos imigrantes que viessem clandestinamente por problemas sociais em seu país tenham direitos a auxílios do governo

O motivo talvez dessa dificuldade seja talvez o fato de não ser um brasileiro, ou por causa da cor. Estrangeiros que procuram trabalho, poucos conseguem garantir o sucesso. Alguns acabam voltando para sua Pátria pelo fato de não serem aceitos aqui. O Ponto principal da vinda dos estrangeiros é a desigualdade social, mas o que eles não sabem é que o Brasil tem esse grande fato na ponta das mãos.

Por isso quero deixar claro: Estrangeiros lutem pelo seus direitos e procurem um país sem desigualdade social, que não seja igual ao Brasil! (elaboração inicial de Giovana J. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Ao observarmos a distribuição em cada um dos critérios entre as elaborações dos alunos no “Gráfico 21 - Principais agentes e ações para solução dos problemas encontrados pelos migrantes bolivianos - ocorrência/por elaboração”, identificamos que as soluções nas quais se coloca a ação da população como fundamental são diversas: desde ajuda, protestos e denúncias, até o retorno à Bolívia.

Gráfico 21 – Principais agentes e ações para solução dos problemas encontrados pelos migrantes bolivianos identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB - ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

O retorno à Bolívia é visto por duas elaborações iniciais e uma final como solução para o problema da migração, como vemos na elaboração final de Vitor:

[...] Com tudo isso, podemos concluir que, de um modo geral, os bolivianos vieram para região metropolitana de São Paulo, apostando na sorte em uma vida melhor na metrópole. A maioria dos imigrantes começou a trabalhar no setor de confecção, como fabricação de tecidos e materiais da área têxtil. Podemos afirmar que muitos bolivianos que apostaram em uma vida melhor na metrópole já se deram bem, atualmente são empresários e donos de comércio, só que nem todos tem essa mesma sorte, por isso, às vezes algumas pessoas podem até voltar o seu país, onde imigrou (elaboração final de Vitor – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O aluno explicita alguns problemas encontrados pela população boliviana em São Paulo, como os trabalhos no setor têxtil, que, não é bom para toda a população boliviana imigrante, somente para parte dela. Aqueles que não encontram outras possibilidades de trabalho muitas vezes acabam voltando para o país do qual migraram.

Com relação à ajuda da população, já identificamos anteriormente a possibilidade de mobilização e protestos: na elaboração inicial, há um dos textos que identifica a necessidade de ajuda da população, como no texto do aluno anteriormente citado. Os protestos e denúncias são vistos como propostas de solução em uma elaboração inicial e intermediária, e retomados em duas elaborações finais como alternativa.

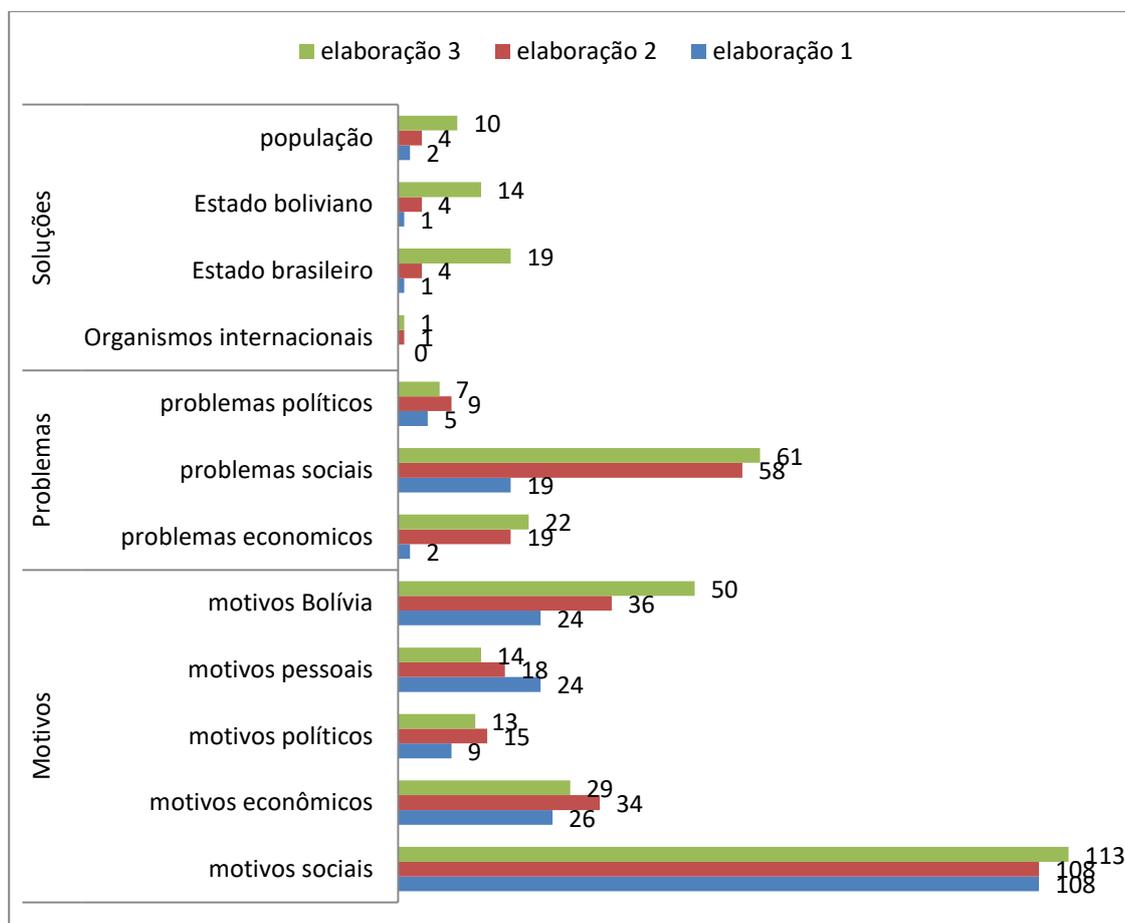
Quanto ao investimento do governo boliviano em seu país e conseqüente melhoria da Bolívia para conter o fluxo migratório, temos que, inicialmente, só uma das elaborações dos estudantes propõe tal solução. No entanto, essa solução passa a ser a mais popular entre os estudantes a partir da elaboração intermediária: a ocorrência desta solução passa para quatro na elaboração intermediária e chega a 14 na elaboração final.

O Estado Brasileiro ganha destaque nas elaborações dos estudantes de diversas maneiras: ele seria responsável por garantir a visibilidade dos migrantes, garantiria maior segurança na fronteira e, mais ainda, deveria regulamentar as atividades exercidas por esses migrantes. Esse último motivo aparece como o mais recorrente dentre todos aqueles identificados pelos alunos, sobretudo na elaboração final. Na maior parte dos textos que identificamos enunciados agrupados nessa categoria, os alunos elaboram uma espécie de chamamento para o governo e colocam-se em uma postura de luta por direitos de uma população.

#### 4.3. As elaborações textuais dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental: causas, consequências e soluções propostas para o fluxo migratório boliviano

Como síntese das análises anteriores, organizamos o seguinte gráfico no qual apresentamos a recorrência das categorias de análise em cada uma das etapas da elaboração:

Gráfico 22 – Causas das migrações bolivianas, problemas vivenciados pela população migrante e soluções propostas identificados nas elaborações dos estudantes dos 8ºA e 8ºB, ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Conforme já afirmamos, os motivos sociais foram aqueles que mais apareceram dentre as elaborações dos estudantes. Os alunos enfatizam as oportunidades de vida e de trabalho no local o qual se destina a população. A relação entre migração e trabalho é vista, desde elaboração inicial, como a principal impulsionadora do fluxo de pessoas.

Os motivos econômicos e políticos destacam-se na elaboração intermediária e decrescem na elaboração final. A maioria deles é, porém, substituído na elaboração final pela

descrição das condições de vida específicas na Bolívia. Tais informações são apresentadas aos estudantes e mediadas pelo professor durante o trabalho na sequência didática, sobretudo, no Módulo 1, no qual o texto de Patrícia Freitas dá ênfase ao contexto boliviano.

Os problemas vivenciados pela população migrante em seu destino aparecem a partir da elaboração intermediária dos estudantes. Os problemas econômicos vivenciados destacam-se: a população migrante boliviana se vê obrigada a se submeter a empregos com salários extremamente baixos, sobretudo por sua baixa qualificação. Os problemas sociais que passam a ser enfrentados pela população também se relacionam a tais empregos: os bolivianos vivenciam situações que se assemelham às condições de escravos.

A situação dos migrantes é vista com preocupação pelos estudantes, que se ocupam, a partir da elaboração final, em propor soluções para a situação. Os alunos propõem uma série de medidas, relacionadas, sobretudo, à atuação de alguns sujeitos. O Estado Brasileiro é considerado o principal deles, ele seria responsável por regulamentar a situação da população migrante e não permitir sua exploração de trabalho. Já o Estado Boliviano poderia reverter o fluxo de saída dessa população a partir do investimento na geração de empregos e infraestrutura. A população também aparece como sujeito atuante perante a situação, pois poderia organizar protestos para evidenciar às más condições de vida encontradas.

As análises anteriores recaem, sobretudo, no conteúdo da argumentação dos estudantes que, ao longo das elaborações, passam a incorporar conceitos e a generalizar o fenômeno migratório, colocando-se até como partícipes da solução do mesmo. Para além das análises anteriores, tentamos compreender o movimento da argumentação geral desses alunos. Preocupamo-nos em saber, por exemplo, se todas as elaborações iniciais são um inventário de motivos pelos quais os migrantes bolivianos saem de seu país ou se, a partir da leitura dos textos e do trabalho com os instrumentos da sequência didática, os alunos incorporaram aos seus enunciados textuais a problematização acerca da vida na região metropolitana de São Paulo, na qual os bolivianos são recebidos.

Elaboramos uma classificação dos tipos de textos elaborados pelos alunos. Inicialmente, nos propusemos em pensar três critérios para classificação dos enunciados: no primeiro, identificado pela letra A, os enunciados presentes nos textos atêm-se aos motivos pelos quais a migração de bolivianos ocorre; no segundo, identificado por B, consideramos os enunciados em que os alunos problematizam a situação dos bolivianos quando chegam a seu destino; e, no terceiro, identificado por C, os enunciados têm um caráter propositivo de soluções.

Voltamo-nos a classificar os enunciados de cada um dos textos, e ficamos com as seguintes combinações entre os textos dos alunos:

Tabela 7 – Tipos de textos elaborados pelos alunos no âmbito da sequência didática organizados em categorias

<b>Combinações entre a classificação dos enunciados</b>	<b>Descrição</b>
<b>A</b>	Textos que combinam enunciados sobre os motivos da migração dos bolivianos.
<b>AB</b>	Textos que combinam enunciados sobre os motivos da migração dos bolivianos e os problemas vivenciados por eles no local em que os acolhe.
<b>ABC</b>	Textos que combinam enunciados sobre os motivos da migração dos bolivianos, os problemas vivenciados por eles no local em que os acolhe e proposta de soluções para esses problemas.
<b>AC</b>	Textos que combinam enunciados sobre os motivos da migração dos bolivianos e propostas de soluções para os problemas que geram a migração.

Fonte: organizado pela autora (2017).

Vamos nos deter, nos próximos parágrafos, a descrever cada um dos tipos de textos que categorizamos anteriormente.

Os textos da aluna Natália F., os quais estamos acompanhando desde o início da nossa análise, representam dois tipos de texto categorizados por nós: AB e ABC. A elaboração inicial de Natália explicita os motivos pelos quais os bolivianos migram para o Brasil e, logo em seguida, ela problematiza as condições de vida que eles acabam tendo e as consequências para o país que os recebe. As elaborações intermediária e final da aluna são distintas. Nelas, a aluna identifica os motivos pelos quais os bolivianos saem do seu país – ela identifica, na última elaboração, mais motivos do que na intermediária e descreve-os. E, em um segundo momento, ela problematiza as condições de vida dos migrantes em São Paulo, principalmente relacionadas à sua atividade empregatícia: a maior parte dos migrantes acaba trabalhando no setor têxtil. A aluna, por fim, em ambas as elaborações, propõe soluções para diminuir o fluxo migratório da Bolívia. As elaborações intermediária e final da aluna se parecem muito, e ambas podem ser categorizadas como textos do tipo ABC.

Com relação aos textos do tipo A, ou seja, aqueles que privilegiam os motivos da migração, temos o seguinte exemplo:

[...] São Paulo é cidade grande, com muitos comércios e vagas de emprego. Na Bolívia, não há muitos comércios nem vagas de emprego, mas também fica

pendente na renda do país. Os bolivianos na maioria das vezes optam por migrar para o Brasil, pois a renda acaba sendo mais alta e com mais vantagens de vida (elaboração inicial de Giulia V. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração inicial de Giulia V., a aluna identifica os motivos pelos quais os bolivianos migram para São Paulo. Esse tipo de texto, o qual nós categorizamos como tipo A, compara as condições de vida em São Paulo com aquelas encontradas na Bolívia, sobretudo relacionadas à renda. Na elaboração, a aluna privilegia uma análise breve sobre as motivações que fizeram os bolivianos migrarem.

Na elaboração intermediária, porém, o texto da aluna deixa de enfatizar somente os motivos pelos quais a população migra. Ela enfatiza os problemas encontrados pelos bolivianos fora de seu país de origem, como sua ocupação como trabalhadores das tecelagens. Nesse texto, a aluna dá ênfase tanto às motivações dos bolivianos a migrarem quanto aos problemas por eles enfrentados no Brasil. Esse é um tipo de texto que categorizamos como texto tipo AB.

A causa da migração boliviana

A migração boliviana está cada vez mais frequente. Os imigrantes bolivianos acabam optando por vir para São Paulo.

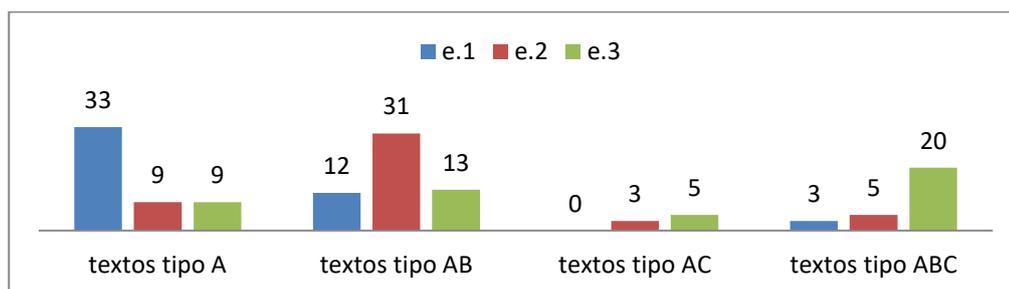
Na Bolívia a vida é difícil, tem muita pobreza, assim os bolivianos imigram para outro país, optam pelo Brasil, principalmente para São Paulo, por ser um país mais próximo e com uma maior valorização do dinheiro.

Aqui em São Paulo, a busca de trabalho nas periferias, os bolivianos trabalham irregularmente, de acordo com as leis eles deveriam receber o salário mínimo, mas o que eles ganham é bem menos que isso

Trabalhando irregularmente, acabam sendo postos para trabalhar em porões embaixo das lojas, para assim não serem descobertos (OBS: os bolivianos são ótimos na confecção de roupas) (elaboração intermediária de Giulia V. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Após a categorização e exemplificação dos tipos de textos, quantificamos, por elaboração, a recorrência de cada um deles:

Gráfico 23 – Tipos de textos elaborados por alunos - ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Os textos aqui identificados como A estão presentes, sobretudo, nas elaborações iniciais realizadas pelos alunos: são 33 textos desse tipo e que respondem à questão sobre quais são os motivos que impulsionam a migração dos bolivianos. Nesses textos, os enunciadores respondem à questão problema que estrutura a sequência didática. Esse tipo de texto, porém, não deixa de existir nas elaborações intermediárias e finais: eles representam 9 elaborações intermediárias e 9 elaborações finais dos alunos. A escrita de textos preocupados em identificar motivos pelos quais a migração ocorre responde diretamente à pergunta feita pela sequência didática: quais são os motivos pelos quais a população boliviana migra para a Região Metropolitana de São Paulo. Sem a mediação do professor e o trabalho com os instrumentos da sequência didática, os alunos buscaram dar conta de responder somente à pergunta feita. Em um segundo momento, na elaboração intermediária, muitos deles se apropriaram dos conceitos e do conhecimento trabalhado nos módulos da sequência e modificaram a ênfase de sua elaboração. Verificamos, por exemplo, que os textos que combinam os enunciados acerca das motivações bolivianas com aqueles que trazem as consequências e propostas de solução para a problemática vida dos migrantes em seu país de destino ganham destaque a partir da elaboração intermediária.

Os textos por nós denominados AB, aqueles em que os alunos enunciam os motivos pelos quais os migrantes bolivianos saem de seu país e, mais do que isso, problematizam a situação dos migrantes em seu local de destino estão entre os mais numerosos. Esse tipo de texto aparece já em 12 elaborações iniciais dos alunos e, na elaboração intermediária, esse número chega a 31 textos. Na elaboração final, o número cai para 13 textos. A diminuição desses números, no entanto, não se relaciona a um retorno à elaboração de tipo A, ou seja, àquela que prioriza as motivações dos migrantes para deixarem seu país. Na última elaboração realizada pelos alunos, podemos perceber um aumento na ocorrência do tipo de texto que denominamos ABC: textos nos quais se colocam as motivações pelas quais migram os bolivianos junto aos problemas por eles enfrentados em seu local de destino e soluções para estes. Os textos ABC, no entanto, distribuem-se ainda, em menor número, entre as elaborações iniciais e intermediárias dos alunos. Desde a primeira elaboração, há 3 textos que trazem motivos, problemas e soluções para a migração dos bolivianos. Na segunda, esse número aumenta para 5, e chega a 20 na elaboração final.

Por fim, identificamos ainda um quarto tipo de texto entre as elaborações dos alunos: aqueles em que aparecem os motivos pelos quais as migrações ocorrem e, logo em seguida, propõem soluções para conter esse fluxo migratório. Denominamos esse tipo de texto de AC

e ele está presente em três elaborações intermediárias e cinco finais. Ele é o menos recorrente dentre todos os tipos por nós categorizados; no entanto, alguns alunos dedicam-se a essa construção, pois enumeram os motivos para a migração e a possibilidade de modificá-los e solucioná-los, de modo a conter o fluxo de pessoas. Esse tipo de texto é interessante, pois a solução proposta pelos alunos tem direta relação com os motivos pelos quais a população migra.

Conseguimos, a partir da elaboração das categorias anteriores, identificar as principais combinações entre os tipos de textos presentes nas elaborações iniciais, intermediárias e finais dos alunos: são, ao todo, 17 tipos de combinações, como descritas no gráfico abaixo. A elaboração inicial é indicada pelo primeiro elemento de leitura da esquerda para a direita e, separada por vírgulas, temos a elaboração intermediária e, por fim, a final.

Tabela 8 – Combinações dos tipos de textos elaborados pelos alunos (elaboração inicial/intermediária/final)

	Elaboração			Ocorrência na elaboração dos estudantes
	Inicial	Intermediária	Final	
TIPO DE TEXTO	A	AB	ABC	10
	A	A	A	6
	AB	AB	ABC	5
	AB	AB	ABC	4
	A	AB	AB	4
	A	AB	AC	3
	A	ABC	ABC	2
	A	A	AB	4
	ABC	AB	ABC	1
	AB	AB	ABC	1
	AC	AC	ABC	1
	ABC	ABC	ABC	1
	ABC	AB	ABC	1
	AB	AC	AC	1
	AB	AB	A	1
	A	AC	AC	1
	A	A	AB	1

Fonte: organizado pela autora (2017).

A combinação mais recorrente entre os tipos de texto elaborados pelos alunos é dos tipos A/AB/ABC, o que significa que os alunos elaboraram inicialmente textos nos quais problematizavam a migração dos bolivianos a partir de sua motivação; em seguida, na elaboração intermediária, os textos combinavam motivações e problematizações acerca da

vida dos bolivianos no seu local de destino; e, por fim, na elaboração final, ainda buscaram compor soluções para esse problema. Essa combinação demonstra o processo de aprendizagem acerca da migração no qual os alunos estiveram envolvidos. Em seus textos, eles incorporam outras informações e tornam a questão boliviana mais complexa. Ao final do processo de estudos, há propostas de soluções ao problema e muitos dos alunos colocam-se ainda como partícipes na transformação. Podemos dizer, a partir de Vigotski, que o conceito científico se forma e se consolida no enunciado desses estudantes, sobretudo o conceito de migração, de modo a percebê-la como um fluxo e como um processo, no qual o território é transformado, assim como o modo de vida e de realização da vida dessas pessoas.

A segunda combinação mais recorrente é de alunos que permanecem, nas três elaborações, enfatizando somente os motivos pelos quais a população migra. Nesses cinco textos, porém, observamos que os motivos não permanecem os mesmos: os alunos incorporam novas motivações e problemáticas acerca da Bolívia e da vida nesse local. Os textos desses alunos tendem a descrever mais a situação vivenciada no país de origem e que expulsa a população.

Por fim, destaca-se ainda a combinação de textos dos tipos AB/AB/ABC. Nessa sequência, os alunos já iniciam seu trabalho destacando que a migração também traz complicações para os migrantes envolvidos no processo. Eles mantêm o argumento que identifica motivos e problematizam a situação de vida na elaboração inicial e na intermediária. Na elaboração final, porém, eles incorporam uma proposta de solução para a questão vivenciada.

#### 4.4. Os sujeitos que habitam o “território usado” identificados pelos enunciados dos estudantes

Durante a sequência, as elaborações dos estudantes passam por diversas transformações relativas ao gênero de texto, aos tipos de relação de causalidade do fenômeno migratório e, além disso, esses alunos passam a incorporar *palavras outras* aprendidas a partir da leitura dos textos e do estudo dos módulos da sequência didática.

A argumentação na elaboração inicial dos alunos apoia-se, sobretudo, em generalizações acerca da condição boliviana. Com o passar do tempo, tais generalizações são articuladas com os elementos estudados nos textos que integram os módulos da sequência didática, de modo a conceitualizar o modo de vida migrante combinadas às especificidades do caso boliviano, destacando características dos territórios boliviano e brasileiro que fazem com

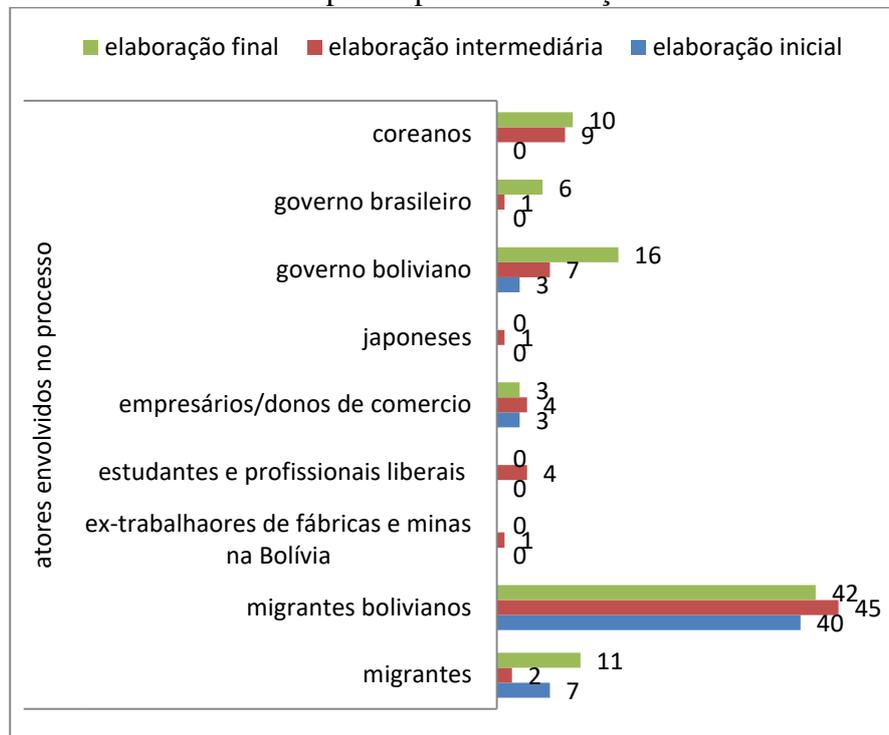
que o fluxo migratório ocorra. Há, sobretudo nas elaborações intermediária e final, um caráter descritivo acerca do país que impulsiona a saída dos migrantes e também das condições vividas pelos recém-chegados ao país de destino.

Um dos elementos interessantes a ser observado nas elaborações dos alunos é o papel que outros migrantes passam a assumir – por exemplo, os coreanos, principais empregadores dos recém-chegados bolivianos no Brasil. Os alunos passam a entender a migração a partir de perspectivas distintas e de um modo mais integrado, no qual a causalidade entre as ações dos distintos sujeitos passa a ser destacada, assim como o papel desempenhado pelos mesmos do ponto de vista das motivações, problemas e soluções que compõem o fenômeno geográfico da migração de populações bolivianas para a região metropolitana de São Paulo.

Assim, nos próximos parágrafos, nos dedicaremos um pouco mais a estudar os principais atores identificados pelos alunos como partícipes tanto do fluxo migratório quanto da recepção da população no local de destino da população. Ao ressaltarem determinados atores, a compreensão do fenômeno migratório pelos sujeitos se torna ainda mais complexa: constroem-se relações de alteridade entre os sujeitos alunos e aqueles envolvidos no processo migratório.

Para construir nossas reflexões acerca deste tema, nos dedicamos à leitura e à categorização de todos sujeitos presentes na elaboração dos estudantes. Em um dos textos, por exemplo, o aluno se utiliza do termo “japonês” para se referir à população oriental que emprega bolivianos no setor têxtil. O aluno provavelmente se equivocou quanto à nacionalidade desses migrantes; no entanto, ele passa a enunciar distintas relações entre os migrantes que vivem em um mesmo país e/ou cidade. Esses novos enunciados são reveladores de uma mudança no entendimento dos alunos a respeito da migração, de modo a incorporar questões relativas à sociabilidade e ao estabelecimento da vida dos migrantes. Organizamos, assim, o gráfico abaixo a partir das três elaborações realizadas pelos alunos da amostra válida:

Gráfico 24 – Atores envolvidos no fluxo migratório boliviano para a região metropolitana de São Paulo identificados nas elaborações dos estudantes das 8° A e 8° B - ocorrência por etapas de elaboração



Fonte: organizado pela autora (2017).

Em 115 textos, os migrantes bolivianos são identificados como os principais sujeitos envolvidos no fluxo migratório estudado na sequência didática. Ao verificarmos esse indicador dentro das elaborações iniciais, intermediárias e finais, percebemos que, inicialmente, oito alunos não destacam os sujeitos migrantes bolivianos como principais sujeitos do fluxo migratório. Esses textos se referem de maneira genérica a fluxos migratórios ou se referem aos migrantes a partir de um sujeito oculto indicado pelo pronome “eles”.

Como vemos abaixo na elaboração final de Elias:

[...] Em primeiro lugar com o pensamento de uma vida melhor, tentam vir para São Paulo se arriscando perder a vida vindo a pé para ganhar um salário mínimo enfrentando rios e tempos [...]

Aliás, eles vem para trabalhar na confecção de roupas e também muitas vezes longe de onde eles moram, ou seja, uma parte do salário para condução.

Muitos deles poderiam vir de avião mas às vezes não tem o dinheiro para vir legalmente e muitos deles vendem suas roupas no Brás

Por último eles são muito excluídos da sociedade Brasileira (elaboração final de Elias S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O aluno utiliza a terceira pessoa do plural em toda a sua elaboração, explicitando que se refere a um grupo de pessoas. No entanto, parece responder ao enunciado da sequência didática sem preparar o leitor para tanto em seu texto. A maioria dos textos nos quais

encontramos esse tipo de enunciado segue o mesmo padrão: o aluno responde à pergunta da sequência didática.

A partir da elaboração intermediária, o número de elaborações em que os bolivianos aparecem como sujeitos citados explicitamente pelos alunos aumenta para 45. A maioria dos alunos evidencia os bolivianos já na primeira linha de seu texto:

[...] Os Boliviano emigram para o Brasil em Busca de uma vida melhor, porque a vida que eles têm lá não é que não dar para viver, mas a situação de eprego, carteira assinada, não é realizada ou melhor comparada como aqui no Brasil (elaboração intermediária de Daniel S. S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A categoria referente aos migrantes de um modo geral foi elaborada tendo em vista que uma parcela dos estudantes utiliza tal categoria para se referir à população que se desloca no fluxo migratório. O número de alunos que não identifica os migrantes exclusivamente com bolivianos é de 7 nas elaborações iniciais. Esses alunos caracterizam as motivações para qualquer fluxo migratório.

Na elaboração inicial, mas, sobretudo a partir da intermediária e final, os textos dos alunos passam a generalizar os migrantes para além dos bolivianos. A migração passa a ser retratada como um fenômeno para além do caso bolivianos-São Paulo, o que demonstra a generalização em termos conceituais feitas pelos alunos. Tal fato pode ser demonstrado nas elaborações de Natália F., e também na elaboração abaixo:

[...] No Brasil há vários estrangeiros de vários Países, por certos motivos ou circunstância vieram para o nosso País, antes era muito difícil atravessar a fronteiras para outros países, hoje tudo é legalizado.  
Alguns não aceitam a chegada dos estrangeiros no nosso país, pelo simples fato de ser de outro país. Mas não sabem ao menos o motivo que os tenha trazido aqui. Esse motivo é nada mais que a Procura de trabalho, uma vida melhor, guerras que destróem milhões de habitantes dos outros países, ou simplesmente conhecer o nosso país. Esse é o motivo que os trazem aqui no nosso País.  
Os estrangeiros Passam por várias dificuldades nos países que não são suas pátrias (elaboração inicial de Gessyara F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O texto de Gessyara F. enfatiza a vida do estrangeiro no Brasil. O objeto de debate dela é essa condição de não pertencimento, os problemas vividos por essa população em seu novo país. Quanto às categorias “ex-trabalhadores das fábricas e minas na Bolívia” e “estudantes e profissionais liberais”, identificamos apenas algumas elaborações nas quais elas aparecem. Elas aparecem de maneira extremamente pontual e os alunos se utilizam delas para descreverem os indivíduos bolivianos que migram. O texto de Freitas, instrumento da sequência, traz a distinção entre as características da população migrante ao longo do fluxo migratório, como podemos identificar no texto de Gabriel A. C.:

[...] Os bolivianos migram para o Brasil por vários motivos, como quererem melhores empregos porque aqui o trabalho deve ser melhor do que na Bolívia, comida e moradia mais baratas, melhores condições de vida.

Além disso uma boa parte de estudantes e profissionais liberais, saíam da Bolívia por motivos políticos, que também saíam mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas.

A partir da década de 1990, começou ocorrer isso, principalmente por jovens com baixas qualificações, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas (elaboração intermediária de Gabriel A. C. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A elaboração do estudante faz periodização da migração semelhante àquela encontrada no texto. Ele faz citações daquelas informações que aprendeu com a leitura e discussão do texto em sala de aula: o contingente migratório é transformado de acordo com o contexto histórico no qual se realiza a mudança.

Nessas elaborações, os alunos identificam os migrantes bolivianos com essas profissões. Não são trabalhadores de outros setores, mas são especificamente os trabalhadores das fábricas e das minas que migram para o Brasil a partir de determinado período de tempo. No caso dos “estudantes e profissionais liberais”, a migração é identificada pelos alunos como relacionada ao período inicial do fluxo migratório. Inicialmente, segundo o texto de Patrícia Freitas, essa parcela da população vinha ao Brasil motivado a estudar e a trabalhar em empregos melhores. Esses trabalhadores eram mais qualificados do que os trabalhadores que vieram ao Brasil nesse último fluxo migratório.

Os coreanos aparecem nos textos dos alunos a partir da elaboração intermediária. Eles são identificados como aqueles que empregam os bolivianos – alguns dos textos dos alunos ainda identificam esse grupo com o trabalho exploratório ao qual são submetidos os bolivianos em seu local de destino. Podemos dizer que há, de um modo geral, uma visão negativa acerca da população de coreanos que vivem em São Paulo: eles sempre são tratados como aqueles que submetem os bolivianos a más condições de trabalho. Os enunciados dos alunos passam a incluir os coreanos como agentes fundamentais relacionados à migração dos bolivianos e explicam o fluxo migratório como algo mais complexo.

Com relação aos governos boliviano e brasileiro, podemos dizer que esses sujeitos são citados, sobretudo, a partir da elaboração intermediária como possíveis vetores para a solução dos problemas dos bolivianos: seriam eles os responsáveis por realizar medidas para conter a saída dos migrantes da Bolívia ou ainda possíveis agentes transformadores da situação vivida por tal população no local que a acolhe.

Podemos identificar, por exemplo, 16 textos da elaboração final na qual o governo boliviano aparece como um dos principais agentes de possível transformação da vida dessa

população em São Paulo. Esses enunciados, em sua maioria, propõem uma mudança estrutural na Bolívia. Para eles, o governo deveria melhorar as condições de vida de sua população, de modo a conter o fluxo migratório.

[...] Se o governo investisse nos trabalhadores com um aumento no salário e mais benefícios, os bolivianos não iria migra para o Brasil.

Mas mesmo o governo boliviano investindo nos trabalhadores, ainda ia ter uma certa porcentagem de bolivianos migrando para outros país, por causa do desenvolvimento da bolívia que é mais lento que de outros países (elaboração final de Bruno K. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O texto de Bruno K. revela a necessidade do investimento do próprio governo boliviano em seu país para conter o fluxo desses migrantes. No entanto, ele discorda de que essa medida seria suficiente para conter a quantidade de pessoas que deixam o país.

Quanto ao governo brasileiro, podemos afirmar que ele aparece nos textos dos alunos a partir da elaboração intermediária e ganha mais destaque na elaboração final. Os seis textos que trazem o Estado Brasileiro como sujeito relacionado à migração boliviana identificam-no como responsável pela mudança nas condições de vida encontradas pela população que passa a viver nesse país e na cidade.

Bruno K., por exemplo, explicita que:

[...] É certo que a migração é comum em todos os lugares do mundo independentemente do motivo. Passemos então a solução para a migração boliviana que seria de grande ajuda se o governo brasileiro se desse conta do problema e fizesse uma lei que todos imigrantes que viessem clandestinamente por problemas sociais em seu país tenham direitos a auxílios do governo (elaboração final de Bruno K. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nesse texto, o aluno se posiciona frente ao Estado brasileiro e cobra dele uma postura em relação ao contingente de migrantes que vive na precariedade no Brasil.

Por fim, cabe ressaltar que algumas elaborações descrevem a atuação de organismos internacionais e outros agentes que devem tomar atitudes com relação às condições precárias vivenciadas pelos migrantes bolivianos. Porém, esses agentes não foram classificados no gráfico anterior, pois a ação por eles realizada é colocada como secundária: os enunciados colocam a ação destes sujeitos sempre vinculada à tomada de atitude e à ação de outros, como vemos abaixo na elaboração intermediária de Ricardo J.:

[...] São Paulo pela estrutura que na Bolívia e pelo “grande salário” de São Paulo (grande salário, porque na Bolívia o salário na média, é 230, em Reais), e o motivo de moradia, que ela a população, viveu, quase toda no campo, sem estrutura.

Uma solução para isso na opinião desse grupo, é ter uma conta na ONU (A Bolívia) para ajudar a população com Dinheiro (elaboração intermediária de Ricardo J. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

No texto, Ricardo cobra a ação da Bolívia com relação aos migrantes. No entanto, para se realizar, essa ação deve ser mediada por esses organismos e organizações internacionais.

#### 4.5. Considerações acerca da dinâmica territorial da migração caracterizada nas elaborações dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental

Após a leitura das elaborações dos estudantes e a análise a partir das categorias propostas por nós, cabe ressaltar alguns pontos fundamentais que dizem respeito, sobretudo, à argumentação e à compreensão do fenômeno migratório pelos estudantes.

A contextualização da sequência didática proposta pelo professor-autor 1 teve papel central na construção dos enunciados dos alunos: desde a elaboração inicial, a ênfase dos textos relaciona-se aos motivos pelos quais os bolivianos migram para São Paulo. A partir da elaboração intermediária – e, portanto, após o trabalho realizado com os estudantes nos módulos da sequência didática –, os enunciados passam a problematizar as condições de vida da população migrante boliviana em seu local de destino e, mais do que isso, são propostas distintas soluções possíveis e proposições para mudar as condições dessa população.

Além desse movimento na argumentação dos estudantes, no qual há ênfase na causalidade do fenômeno migratório boliviano, os alunos ainda incorporam informações em seus textos, e se apropriam de conceitos acerca do fenômeno migratório a partir da perspectiva geográfica. Podemos dizer que o próprio conceito de migração para a ciência geográfica passa a ser incorporado aos textos dos alunos: inicialmente, as elaborações identificavam a migração como um fenômeno no qual uma população se desloca com diversos objetivos e expectativas de melhores condições de vida – identificadas, nas elaborações dos alunos, por motivos já discutidos por nós anteriormente e que, em sua maioria, se relacionam ao universo do trabalho. Após a participação dos alunos nos módulos da sequência didática, os enunciados dos mesmos passam a identificar as motivações e consequências dos fluxos migratórios a partir da história e de características dos territórios de saída e de destino da população, considerando as especificidades dos mesmos e, mais do que isso, questionando a visão que enfatiza a migração enquanto uma solução para a vida das populações.

Os conceitos geográficos aprendidos na sequência passam a ser fundamentais e reestruturadores na construção dos textos e dos argumentos dos alunos em suas elaborações intermediária e final. Os alunos buscam responder às questões da sequência didática propostas

pelo professor-autor 1 em sua problematização a partir das nuances relativas ao fenômeno geográfico estudado.

O conceito “migração” refere-se inicialmente, nas elaborações dos estudantes, a questões cotidianas e a necessidades básicas de uma população que se desloca. A partir das atividades realizadas na sequência didática, o conceito reestrutura-se e assume caráter de científico (VIGOSTKI, 2010): as populações deslocam-se por motivos relacionados à vida social, econômica e política em um determinado território e em determinado contexto temporal.

Os alunos acumulam informações sobre o deslocamento dessa população. No entanto, tais informações não são suficientes para a mudança conceitual acerca da migração. Os conceitos, como já afirmou Vigotski, não são formados a partir do acúmulo de diversas informações. Eles reestruturam o pensamento do sujeito que o aprende, sobretudo daqueles que se encontram em importante fase de transição na adolescência: nenhum conteúdo novo se incorpora ao pensamento de maneira mecânica, mas experimenta um longo e complexo processo de pensamento e de transformação nas estruturas de pensamento já existentes:

[...] Sendo um importante meio de conhecimento e compreensão, o conceito modifica substancialmente o conteúdo do pensamento do adolescente. Em primeiro lugar, o pensamento por conceitos revela os profundos nexos, permite conhecer as leis que o regem, para ordenar o mundo que é percebido com a ajuda de uma rede de relações lógicas. A linguagem é um meio poderoso para analisar e classificar os fenômenos, de regularizar e generalizar a realidade (...). Ao conhecer com a ajuda das palavras o que são os signos dos conceitos, a realidade concreta, o homem descobre em seu mundo visível suas leis e nexos (VIGOTSKI, 2012, p. 71, tradução nossa)<sup>49</sup>.

A Geografia estudada pretende-se uma *ciência viva* (MORIN, 2010): os alunos expõem suas incertezas sobre o processo migratório, sentem-se partícipes da mudança social e, mais do que isso, preocupam-se com os sujeitos sobre os quais escrevem, aproximando-se dos mesmos em enunciados que buscam soluções para as dificuldades encontradas ao habitar territórios usados. A Geografia aprendida na sequência diz respeito aos “componentes geográficos das práticas indispensáveis a qualquer vida social que compreendem tudo aquilo que torna possível habitar a terra e aí se instalar” (CLAVAL, 2010, p. 30).

---

<sup>49</sup> “Siendo un medio muy importante de conocimiento y comprensión, el concepto modifica sustancialmente el contenido del pensamiento del adolescente. En primer lugar, el pensamiento en conceptos revela los profundos nexos que subyacen en la realidad, da a conocer las leyes que la rigen, a ordenar el mundo que se percibe con ayuda de una red de relaciones lógicas. El lenguaje es un medio poderoso para analizar y clasificar los fenómenos, de regular y generalizar la realidad. Al conocer con la ayuda de las palabras, que son los signos de los conceptos, la realidad concreta, el hombre descubre en el mundo visible para él las leyes y los nexos que contiene” (VIGOSTKI, 2012, p. 71).



## **CAPÍTULO 5 – A escala espaço-temporal do fenômeno geográfico compreendida pelas elaborações textuais dos alunos**

Paul Claval inicia um capítulo de seu livro “Terra dos Homens” com a seguinte colocação: “A experiência geográfica é a diversidade de lugares e de homens. O que se passa noutro lugar não se parece com o que se passa aqui” (CLAVAL, 2010, p. 51). Tal colocação retoma a questão principal no estudo de um fenômeno geográfico como a migração: quão diversas são e foram as maneiras de organização espacial do homem ao longo da história?

Os motivos que impulsionam os movimentos dos homens no espaço são diversos – e nos dedicamos no capítulo anterior a compreendê-los –; no entanto, essas diversas motivações podem ter, ao longo da história, também uma pulsão pessoal (CLAVAL, 2010): a necessidade de novas descobertas e de encontrar condições diferentes daquelas vividas em seu local de origem. Os deslocamentos, porém, inscrevem-se em âmbitos sociais diversos e que se transformam com o tempo.

Assim, ao buscarmos compreender esses fenômenos, é necessário que reconheçamos e analisemos as partes que os compõem, de modo a esquadrihá-los (HAESBAERT, 2015) a partir de múltiplas perspectivas analíticas – denominadas por nós de escalas.

Poderíamos, inicialmente, propor a distinção entre a escala geográfica e a escala cartográfica. A escala cartográfica expressa uma determinada extensão de terreno representada numericamente por frações, enquanto a escala geográfica se relacionaria à ordenação espacial necessária para a realização dos fenômenos. Neste trabalho, afirmamos a necessidade de combinarmos escalas geográficas e cartográficas para a compreensão do fenômeno e a elaboração de textos acerca da apropriação pelo homem do território usado (SANTOS, 2010) e seu deslocamento pelo mesmo.

Junto às diversas escalas analíticas espaciais para compreensão dos fenômenos, devemos ainda considerar que as transformações históricas são cruciais à organização destes. Assim, partimos da necessidade de pensarmos em escalas espaço-temporais, reconhecendo a importância da análise conjunta e indissociável entre as dimensões geográfica e histórica na produção do espaço e do território vivido pelo homem.

Ao buscarmos apreender a realidade a partir de uma dada escala, nos posicionamos acerca do espaço geográfico e passamos a vê-lo a partir de determinada perspectiva. Ao nos posicionarmos frente ao espaço e ao tempo considerando que ambos são heterogêneos e instáveis, a escala e a diversidade de escalas aprendidas para a compreensão dos fenômenos e

a combinação das mesmas são cruciais, pois, somente a partir delas, percebemos e expressamos a dimensão relativa e mutável do espaço em sua relação com o tempo.

Em nosso trabalho, os fenômenos geográficos devem ser compreendidos a partir das escalas por eles articuladas em sua realização no território, tal que as escalas cartográficas e geográficas devam ser consideradas em conjunto. A partir da articulação entre o espaço e o tempo, nos debruçamos inicialmente sobre a escala espacial dos fenômenos e, posteriormente, sobre a escala temporal dos mesmos. Sabemos, entretanto, que tais escalas de análise estão sobrepostas nas dinâmicas sociais e territoriais, e que a distinção entre elas se relaciona à organização de nosso texto e à categorização do enunciado dos estudantes acerca do fenômeno migratório descrito.

Ao nos debruçarmos sobre as elaborações dos estudantes, identificamos nelas três distintas escalas espaciais para a compreensão do fenômeno migratório boliviano. Estas foram, na realidade, explicitadas por Haesbaert (2015): são as escalas local, regional e nacional. Podemos acrescentar ainda a escala internacional para a compreensão dos fenômenos geográficos e sua realização – esta seria a articulação de esferas nacionais.

A primeira delas, a escala local, relaciona-se a espaços e relações cotidianas, com fronteiras bem definidas. Essa abordagem pressupõe que os acontecimentos espaciais sejam implicados junto às breves temporalidades. A segunda, escala regional, abrange um território no qual a mobilização social e a identidade são laços mais fortes. A presença do Estado na organização dos fenômenos nessa perspectiva, porém, é menos explícita. Constantemente, no entanto, os fenômenos locais interagem diretamente com os fenômenos regionais na configuração do território; no entanto, os fenômenos regionais possuem maior permanência temporal.

Quanto aos fenômenos em escala nacional, o território da nação e o Estado articulam-se em dada configuração territorial e em uma temporalidade ainda maior do que aquelas compreendidas no espaço regional. No caso dos fenômenos compreendidos em escala internacional, dois ou mais Estados articulam-se em uma configuração e temporalidade específica em um espaço que transcende o limite dos mesmos. Tem-se uma relação entre territórios nacionais e uma articulação entre os Estados Nacionais que controlam tais territorialidades.

Considerando as múltiplas escalas de análise, é necessário ainda dizer que, como não há espaço nacional ou regional estanque, os fenômenos compreendidos pelas distintas escalas também estão sobrepostos, tal que:

[...] nenhuma das escalas pode ser excluída, e é, sobretudo, na dinâmica do entrecruzamento entre o local, o regional, o nacional e o internacional, e dos inúmeros tempos aqui sintetizados como longos e breves, mas que, conforme diz Braudel, se desdobram em “dez”, “cem durações diferentes” – é aí que podemos encontrar um caminho fértil para nossas pesquisas (HAESBAERT, 2015, p. 114).

Assim, reafirmamos a necessidade de articularmos as diversas escalas para a apreensão dos diversos fenômenos e da complexidade de sua realização na superfície terrestre.

No caso da sequência didática por nós estudada neste trabalho, “ Migração, Regiões Metropolitanas e Globalização”, a migração, como um fenômeno geográfico, é retratada pelos alunos a partir dessas múltiplas perspectivas escalares: espaciais e temporais. Dedicarmo-nos, nos próximos parágrafos, a compreender de que modo se realiza a articulação entre o espaço e o tempo nos textos produzidos nesse contexto específico.

### 5.1. As escalas de análise espaciais do processo migratório de boliviano

O fenômeno migratório boliviano é descrito e aprendido pelos alunos a partir de distintas escalas nas quais se articulam diversos agentes. Nos enunciados dos estudantes, ressaltam-se, sobretudo, duas perspectivas para a compreensão e descrição do fenômeno: os locais de saída e de recepção desses migrantes.

Ao considerarmos a sequência didática e o contexto de sua aplicação – já caracterizados por nós em capítulos anteriores –, pudemos identificar que a questão problema proposta pelo professor como estruturante da sequência articula a saída de determinado contingente populacional de um país (Bolívia) para uma região metropolitana (São Paulo). Ou seja, ela lida com um fenômeno migratório que ocorre entre nações, mas se realiza em uma espacialidade específica dentro do país destino da população.

Nos textos dos alunos, porém, identificamos outras maneiras de apreensão do fenômeno migratório: há, por exemplo, articulações das escalas nacionais e regionais à escala local, nas quais a realização da vida na cidade é colocada como pano de fundo pelos alunos. Dentre os enunciados, é interessante destacar a diversidade de identificações político-administrativas utilizadas pelos alunos para se referir a São Paulo. Muitas vezes, o uso de determinada nomenclatura não se adequa ao sentido geral do texto. Há claramente uma dificuldade de conceitualização das diversas esferas administrativas a que se refere “São Paulo”.

Diante da diversidade de uso e da necessidade de elaborarmos categorias de análise, optamos por categorizar o uso de “São Paulo” no texto dos alunos a partir da primeira esfera político-administrativa a qual o aluno se refere no texto. Ou seja, se o aluno inicia sua

elaboração com o uso de “São Paulo” junto à expressão “Região Metropolitana” e, em seguida, somente se refere a “São Paulo”, optamos por identificar a abordagem escalar da elaboração do aluno a partir do enunciado inicial, pois assumimos que o aluno conhece o conceito de região metropolitana e optou por não repeti-lo no texto. Em outros casos, porém, se o aluno se refere inicialmente a São Paulo metrópole e, logo em seguida, se refere ao termo cidade de São Paulo, inserimos os textos em duas categorias de análise diversas.

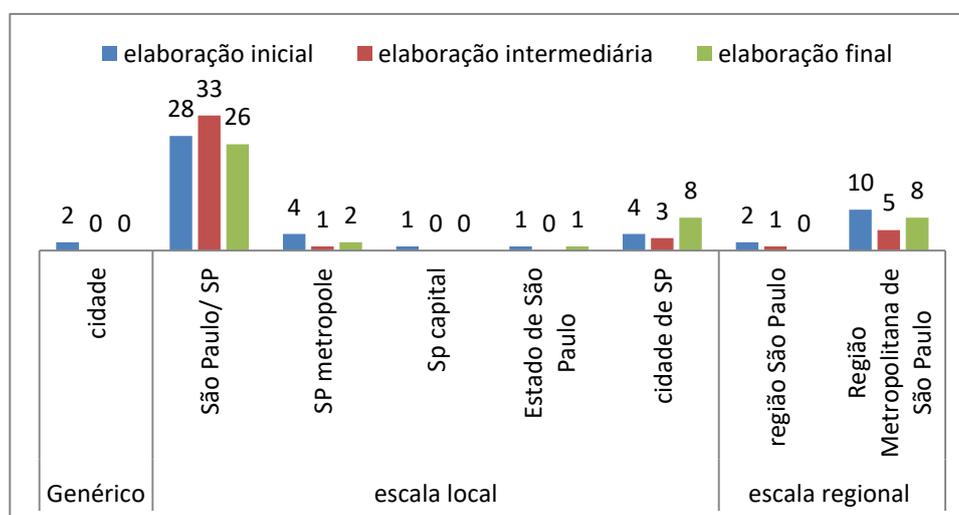
Na tabela abaixo, organizamos as diversas maneiras pelas quais os alunos se referem e conceituam São Paulo:

Tabela 9 – “São Paulo” e as distintas divisões político-administrativas identificadas pelos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental

<b>Divisões Político-Administrativas</b>
Cidade de São Paulo
Estado de São Paulo
São Paulo capital
São Paulo metrópole
São Paulo
Região Metropolitana de São Paulo
Região São Paulo

A partir da tabela anterior, organizamos as categorias no gráfico abaixo considerando a diversidade identificada nos enunciados dos alunos:

Gráfico 25 – “São Paulo” e as distintas divisões político-administrativas identificadas pelos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental



Como podemos verificar no gráfico anterior, nas elaborações inicial, intermediária e final, a maior parte dos alunos se refere a São Paulo sem especificar a qual esfera político-administrativa eles se referem. São 28 elaborações iniciais, 33 intermediárias e 26 finais que se apoiam nessa generalização. Na maioria dos textos, “São Paulo” é acompanhado de afirmações acerca das motivações pelas quais os bolivianos saem de seu país de origem:

[...] Eu acho que os bolivianos vem pra São Paulo, por que eles quer conhece São Paulo ou vem atrás de serviço ou visita parentes que mora em São Paulo (elaboração inicial de Bruno K – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Há elaborações, porém, que identificam São Paulo com uma cidade, como Bruno:

[...] A imigração dos bolivianos a São Paulo, começou na década de 90. O motivo dos boliviano ter vindo a São Paulo, foi por causa da grande produção de confecção no centro de São Paulo. E o salário que para nós brasileiros é pouco mas pros bolivianos é muito (elaboração inicial de Bruno K – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O aluno não se utiliza do termo “cidade de São Paulo”, mas se refere ao centro e identifica o Brás como um dos distritos centrais dessa categoria político-administrativa. Deste modo, identificamos o enunciado do aluno com a categoria “cidade de São Paulo”, também recorrente entre os textos dos alunos – aparece em uma elaboração inicial, três intermediárias e em oito finais.

A divisão administrativa de São Paulo compreendida como uma cidade passa a ser utilizada com maior frequência a partir da elaboração intermediária, tendo em vista as atividades realizadas pelos estudantes durante os módulos da sequência didática: no texto de Patrícia Freitas, “São Paulo” é identificada como cidade que recebe grande contingente de migrantes ao longo da história. No texto 4 da sequência (“Tabela 2. Brasil e unidades da Federação selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil.”), a tabela identifica São Paulo com um Estado pertencente ao Brasil, assim como Mato Grosso do Sul e Rondônia – polos de atração de migrantes em outros períodos.

Esses textos previstos na sequência didática foram fonte de informação importante para as elaborações realizadas pelos estudantes; porém, vê-se que, neles mesmos, a esfera político-administrativa a qual “São Paulo” se refere é diversa. Essa articulação entre escalas é essencial para a compreensão do fenômeno migratório, de modo que poderia ter sido objeto de mediação na sequência pelo professor.

Não houve dentre as atividades previstas na sequência um momento privilegiado para a identificação da organização político administrativa do território brasileiro. Para determinar as

escalas a que estavam se referindo em sua elaboração para descrição do fenômeno migratório, os alunos se apoiaram nos enunciados da sequência, de modo que a Região Metropolitana de São Paulo é enfatizada em muitas das elaborações.

Inicialmente e, sobretudo, seguindo o enunciado principal da sequência didática, os alunos se referem à Região Metropolitana como uma região que recebe um contingente de migrantes bolivianos. Na elaboração intermediária, o número de alunos que se utiliza de escala regional para se referir ao fenômeno migratório decresce, chegando a cinco, e, por fim, na elaboração final, ele volta a aumentar. Em algumas elaborações, sobretudo nas finais, destacam-se as vantagens comparativas da região metropolitana de São Paulo em relação a outros locais do Brasil, de modo que ela passe a ser uma explicação fundamental nos textos dos alunos. As oportunidades de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo são apontadas como melhores do que aquelas encontradas em outros locais dentro do mesmo país, de modo que o contingente populacional se concentra nesse local em busca dessas boas condições.

Com relação às outras expressões relativas a dimensões político-administrativas do território brasileiro e relacionadas a São Paulo, sua utilização é encontrada em casos isolados, assim não serão nosso objeto de estudo e análise. Denominações como “São Paulo capital” e “região de São Paulo” são exemplos desses casos.

Além das esferas político-administrativas referentes a São Paulo, os alunos também descreveram a migração a partir do termo “cidade”. Nas elaborações nas quais essa generalização ocorre, os enunciados dos alunos comparam as condições de vida na cidade e no campo. A cidade aparece como local com centralidade e atratividade para a população, que procura nela condições diferentes de vida daquelas encontradas no campo.

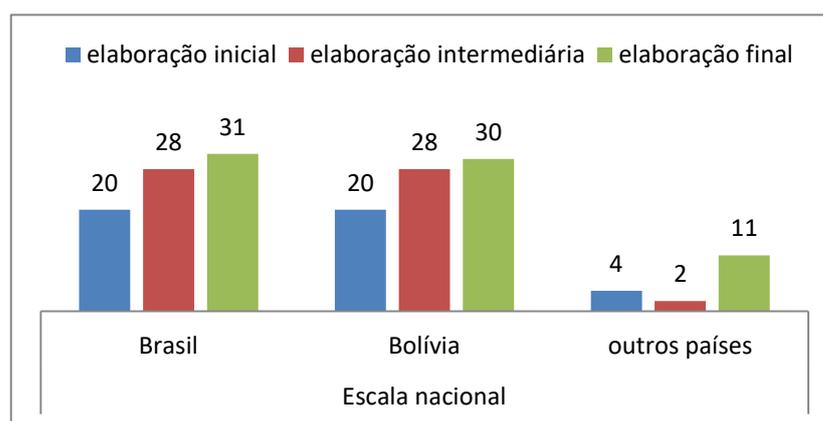
[..] No Brasil, a migração é muito comum, pessoas vão de uma cidade para outra, de um estado para outro e muitas vezes vão morar em outros países. A migração, não só no Brasil como no mundo todo, geralmente ocorre com pessoas que moram no interior e vão morar nas metrópoles, como São Paulo (elaboração inicial de Sophia S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A escolha dos alunos por identificar “São Paulo” a partir de determinada esfera da organização político administrativa em seus textos, porém, indica um tipo de percepção acerca do fenômeno migratório: grande parte dos estudantes passa a articular o fenômeno internacional da migração às especificidades regionais e locais do país de origem e do país de destino, tal que passe a importar cada vez mais para as elaborações dos estudantes o local para onde a população acaba se destinando dentro do âmbito internacional. São Paulo – cidade, Estado, região metropolitana, metrópole – destaca-se enquanto local que apresenta vantagens

se comparado aos demais destinos dentro do mesmo país. As escalas locais e regionais articulam-se ao fluxo de pessoas em escala internacional.

No gráfico abaixo, descrevemos, de modo quantitativo, as elaborações que se ocupam em descrever a migração como um fenômeno entre nações. Agrupamos e categorizamos somente elaborações em que os alunos deixam explícitos os nomes dos países de destino e de chegada do fluxo migratório – não categorizamos, por exemplo, textos em que o aluno se refere aos moradores desses países, como no caso do uso do termo “bolivianos”. Optamos por fazê-lo considerando que os alunos podem não compreender que o termo boliviano designa a população nascida na Bolívia e, portanto, assumimos que os alunos não remetem a escala nacional ao usá-lo.

Gráfico 26 – Países citados nas elaborações textuais dos alunos como locais de saída e destino de migrantes



Fonte: organizado pela autora (2017).

Nas elaborações textuais dos alunos, a identificação da migração com o país de saída e de chegada dos migrantes cresce nas três etapas de elaboração. Desde a primeira, o fenômeno migratório é identificado pelos alunos como uma questão que não se restringe aos bolivianos, mas acontece em escala global. Há, desde o início, a identificação de vários países para os quais a população migra: há quatro elaborações iniciais que os identificam. O número decresce na elaboração intermediária, pois, como já dissemos no capítulo anterior, a transição entre a primeira e a segunda elaboração é marcada por transformações nos enunciados dos alunos: inicialmente eles se ocupavam em caracterizar somente as motivações pelas quais as populações se deslocam, mas depois passam a considerar ainda as consequências dessas migrações, tal que os textos passem a enfatizar os problemas vividos pela população migrante.

Ao término das atividades realizadas durante a sequência didática, os alunos passam a generalizar ainda mais o fenômeno migratório para além do caso boliviano: os alunos passam a incorporar em seus enunciados as informações referentes a diversos fluxos migratórios nos quais os migrantes provenientes de diversos locais do mundo estão envolvidos, problematizando o processo migratório em âmbito global.

Após o inventário anteriormente realizado, organizamos categorias dos enunciados gerais elaborados no âmbito da sequência didática. A elaboração dessas categorias foi feita a partir da leitura dos diversos textos e posteriormente à categorização dos mesmos. O número de combinações entre as distintas escalas é imenso – totalizamos, em uma análise minuciosa, cerca de 30 tipos distintos de combinações entre os textos dos alunos – tal que organizamos agrupamentos entre os tipos de escalas encontradas.

Tabela 10 – Fluxo migratório: escala internacional (1)

<b>Fluxo migratório: escala internacional (1)</b>	
<b>País de saída</b>	<b>País de destino</b>
Bolívia	Brasil

Fonte: organizado pela autora (2017).

Na primeira delas, por nós denominada “Fluxo migratório: escala internacional (1)”, os fluxos são apresentados pelos alunos considerando que os migrantes saem de um país (Bolívia) e se dirigem a outro (Brasil). O fluxo migratório é compreendido a partir de uma escala internacional.

Tabela 11 – Fluxo migratório: escala internacional (2)

<b>Fluxo migratório escala internacional (2)</b>
<b>País de destino</b>
Brasil

Fonte: organizado pela autora (2017).

Tabela 12 – Fluxo migratório: escala internacional (3)

<b>Fluxo migratório: escala internacional (3)</b>
<b>País de saída</b>
Bolívia

Fonte: organizado pela autora (2017).

Na segunda e terceira categorias, identificamos enunciados compostos por fluxos migratórios também caracterizados a partir da escala internacional. Na categoria 2, os alunos indicam que o fluxo migratório é realizado em escala internacional, mas mencionam apenas a existências de um país de destino: o Brasil. Na categoria 3, os alunos identificam o fluxo migratório a partir do país de saída desses migrantes. Em ambos os casos, o fluxo de pessoas é destacado exclusivamente entre um dos pontos: de chegada ou de partida dos migrantes. Os alunos o compreendem somente a partir de um dos polos.

No quarto tipo de combinação encontrada dentre os enunciados dos alunos, consideramos os enunciados que, além de identificarem o país de saída e de destino dos migrantes, consideram ainda o fluxo migratório a partir de outros países enquanto receptores dessa população.

Tabela 13 – Fluxo migratório: escala internacional (4)

<b>Fluxo migratório: escala internacional (4)</b>		
<b>País de saída</b>	<b>País de destino</b>	
Bolívia	Brasil	Outros países

Fonte: organizado pela autora (2017).

No quinto tipo de categoria elaborada a partir dos textos dos estudantes, nós temos alunos que identificam o país de saída, o país de destino dos migrantes e, após isso, identificam a localidade específica para qual migra a população dentro de São Paulo. Nesse caso, aparecerem diversas denominações para São Paulo: Estado de São Paulo, São Paulo metrópole, Região Metropolitana de São Paulo, entre muitas outras.

Tabela 14 – Fluxo migratório: escala internacional (país de saída e de destino) + ênfase na escala regional/local (5)

<b>Fluxo migratório escala internacional (país de saída e de destino) + ênfase na escala regional/local (5)</b>		
<b>País de saída</b>	<b>País de destino</b>	<b>Localidade específica de destino</b>
Bolívia	Brasil	São Paulo
Bolívia	Brasil   Outros países	

Fonte: organizado pela autora (2017).

Na sexta e sétimas categorias, apresentam-se casos muito parecidos: os alunos combinam a escala internacional de compreensão do fenômeno migratório com a escala local e regional. As categorias se distinguem pelo fato de que a sexta compreende enunciados de alunos no qual o fenômeno é identificado a partir da escala internacional e o destino desses migrantes é descrito a partir da caracterização específica acerca da localidade para a qual a população migra – na qual se combinam diversas denominações e identificações para São Paulo.

Tabela 15 – Fluxo migratório: escala internacional (país de saída e de destino) + ênfase na escala regional/local (6)

<b>Fluxo migratório escala internacional (ênfase no país de destino) + escala regional/local (6)</b>	
<b>País de destino</b>	<b>Localidade específica de destino</b>
Brasil	São Paulo
Outros países	
Brasil	
Outros países	

Fonte: organizado pela autora (2017).

Na sétima categoria, identificamos enunciados nos quais os alunos enfatizam o país de saída dos migrantes e enfatizam local de chegada dessa população dentro desse país – tanto em âmbito local quanto regional. Novamente, temos como país de origem a Bolívia e a localidade específica para a qual a população migra é identificado a partir de diversas denominações.

Tabela 16 – Fluxo migratório escala internacional (ênfase no país de origem) + escala regional/local (7)

<b>Fluxo migratório escala internacional (ênfase no país de origem) + escala regional/local (7)</b>	
<b>País de origem</b>	<b>Localidade específica de destino</b>
Bolívia	São Paulo

Fonte: organizado pela autora (2017).

No oitavo tipo de combinação, os alunos expõem o destino dos migrantes como outros países ao mesmo tempo em que identificam a região metropolitana de São Paulo como o principal local de recepção.

Tabela 17 – Fluxo migratório escala internacional + escala regional (8)

Fluxo migratório escala internacional + escala regional (8)	
País de destino	Localidade de destino
Outros países	Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: organizado pela autora (2017).

Por fim, a nona combinação encontrada agrupa textos onde o local de saída do migrante não é identificado de nenhuma maneira pelo enunciado dos alunos e a ênfase recai sobre o seu destino: São Paulo ganha destaque exclusivo no texto desses alunos.

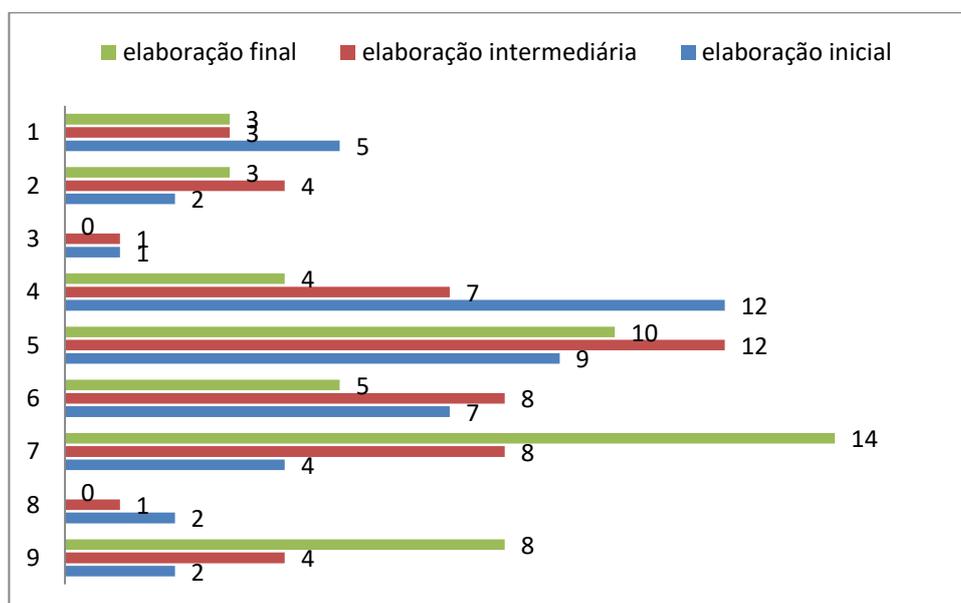
Tabela 18 – Fluxo migratório escala local/ regional (ênfase no destino) (9)

Fluxo migratório escala local/ regional (ênfase no destino) (9)	
São Paulo	
Região metropolitana de São Paulo	

Fonte: organizado pela autora (2017).

Após identificar as diversas combinações encontradas nos textos dos alunos, elaboramos um gráfico para sintetizar as categorias de escalas compreendidas pelos textos dos alunos nas três elaborações:

Gráfico 27 – Tipos de escala categorizadas recorrentes nas elaborações dos estudantes



Fonte: organizado pela autora (2017).

No gráfico anterior, demonstramos quantitativamente a combinação de escalas utilizadas pelos alunos para se referir ao fluxo migratório de bolivianos. A categoria mais recorrente é aquela que identificamos pelo número 5, na qual a migração é compreendida entre Brasil, Bolívia e São Paulo – em todas as variações de escalas político-administrativas. Em alguns dos textos dos alunos, eles enunciam as especificidades dessa cidade na recepção de migrantes:

[...] Talvez sim, em São Paulo há muita coisa aproveitável, há diversos espaços culturais para ver e aprender, diversas opções de tecidos, já que eles também vieram para trabalhar em oficinas de costura, ou podemos chamar de setor de confecção. Podemos encontrar muitas coisas em São Paulo talvez esse seja o motivo de os bolivianos migrarem aqui, talvez aqui eles vejam o que na Bolívia não tem (elaboração final de Taynara S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Em outros textos, os alunos somente localizam São Paulo como local – cidade, estado ou região – que recebe migrantes dentro do Brasil e não destacam motivos pelos quais a população se desloca especificamente para tal localidade. O texto dá ênfase às motivações gerais do fluxo:

[...] O desemprego é um grande fator em algumas dessas localizações em que pessoas se deslocam para lugares onde acreditam achar emprego, no caso de São Paulo (Brasil) acreditam achar liberdade por ser um estado de muitas variedades de etnias porém nesse processo alguns desses bolivianos se tornam “escravos” diante dos olhos dos coreanos por estarem clandestinamente em um país diferente em que são sujeitados a trabalhar em porões escondidos com péssimas condições de trabalho (elaboração inicial de Bruno S.S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

A maioria das elaborações textuais dos alunos tende a uma compreensão do fenômeno em escala internacional. Para os alunos, o fluxo migratório diz respeito a um fenômeno que ocorre entre países – no caso, entre Brasil e Bolívia. A maioria dos alunos, no entanto, considera ainda que o fluxo se realiza dentro dessa escala internacional e se integra com a escala local ou regional: os migrantes se destinam a uma cidade, estado ou região específica. Devemos destacar, porém, a dificuldade dos alunos com relação à compreensão dos conceitos de região, cidade e metrópole. Em muitos textos, esses conceitos combinam-se aparentemente sem critérios. Não houve atividade na sequência didática específica para a discussão dos limites políticos e administrativos que dizem respeito a São Paulo e nem mesmo atividades para a discussão do significado de região metropolitana, de modo que os textos dos alunos combinam as distintas maneiras de organização do território denominadas por São Paulo.

Em segundo lugar, a ênfase recai sobre a categoria 7, na qual a migração é compreendida como um fenômeno no qual os migrantes se deslocam de um país rumo a São

Paulo (e suas variações). Os alunos não localizam explicitamente em seu enunciado São Paulo como parte do Brasil, mas não podemos afirmar, porém, que eles não identificam essa cidade (ou Estado) dentro desse país: nos enunciados, os alunos privilegiam a percepção da migração de uma escala internacional para a escala local e regional.

As categorias identificadas pelo número 6 e 4 destacam-se dentre as elaborações dos estudantes. A categoria escalar identificada pelo número 6 relaciona-se à dinâmica populacional que se destina a determinado país e a um local específico dentro deste. Para eles, a migração ocorre para o Brasil e, mais especificamente, para São Paulo – considerando todas as suas variações. Os alunos não consideram o local de saída dos migrantes, apenas seu ponto de chegada.

No caso da escala identificada pelo número 4, os alunos novamente identificam a saída e a chegada dos migrantes a partir do âmbito internacional, incluindo ainda outros países como possíveis destinos para tal população – tal escala de análise, destaca-se, sobretudo, a partir da elaboração intermediária e final, momento em que os alunos já realizaram outras importantes atividades na sequência didática.

Tendo em vista as considerações gerais anteriores, nos dedicaremos, nos próximos parágrafos, a analisar as etapas da elaboração de maneira detalhada. Na elaboração inicial, a Região Metropolitana de São Paulo é enfatizada pelos alunos como principal destino dos migrantes bolivianos – esse dado pode nos remeter à conclusão de que o enunciado da sequência didática, provavelmente, foi o texto fundamental para a elaboração textual dos alunos. Podemos verificar, por exemplo, que muitos dos enunciados dos alunos começam como uma resposta direta ao problema da sequência:

[...] O que motiva a vinda de milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo é a procura de emprego e vida melhor, ter condições melhores de vida melhor, ter condições melhores de vida do que encontrada na Bolívia (elaboração inicial de Paulo H. F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Já na elaboração intermediária, a ênfase das elaborações dos enunciados textuais dos alunos passa a ser o país de destino (Brasil) e São Paulo, de modo que os textos passam a caracterizar as condições de vida e dificuldades encontradas pelos migrantes no Brasil. O texto deixa de ser direcionado somente para as motivações que impulsionam o fluxo migratório e passa a caracterizar a vida dos migrantes em seu local de destino. Na elaboração final, há outra transformação importante: os alunos passam a destacar ainda que a migração dos bolivianos ocorre também para outros países e a generalizar ainda mais o fenômeno. Os estudantes passam a caracterizar o fenômeno migratório para além das fronteiras entre Bolívia

e Brasil: ele passa a ser entendido considerando outros países. A sequência didática contribuiu novamente para essa relativa abertura à escala de compreensão dos fenômenos pelos estudantes, pois o módulo 3 da sequência foi dedicado à aprendizagem das diversas escalas que compõem o fenômeno migratório.

Após o levantamento geral sobre a diversidade de escalas identificadas pelos alunos em seus textos, nos dedicamos a verificar se havia possibilidade de agruparmos os diversos tipos de escala utilizados na elaboração inicial, intermediária e final. Tínhamos em vista que a diversidade por nós categorizada e, mais ainda, as possibilidades de combinações entre elas, eram muito grandes. Em um breve exercício de probabilidade, teríamos  $10^3$  possibilidades de combinações para a classificação dos diversos tipos de texto. Apesar de ter isso em vista, buscamos verificar se há combinações comuns entre as escalas articuladas entre os textos dos alunos.

Inicialmente, identificamos que praticamente todos os alunos não continuam os seus textos com as mesmas noções e perspectivas de escalas. Somente 4 alunos permanecem, durante toda a sequência, a descrever o fenômeno migratório a partir da mesma articulação de escalas. Outros alunos, por exemplo, têm sua abordagem modificada na elaboração intermediária ou na elaboração final. A grande maioria, porém, tem uma abordagem escalar transformada ao longo de toda sequência didática, não havendo um padrão em suas elaborações. Talvez essa diversidade nos leve a questionar o papel do aprendizado da escala dos fenômenos ao longo da sequência; porém, ao apreendermos o movimento geral dos enunciados dos alunos, é possível afirmar que eles se utilizam de tais recursos para se apropriarem e utilizarem o conceito de migração. Como apoio para o nosso argumento, vamos analisar inicialmente o texto de Caio D.:

[...] Muitos bolivianos migraram para São Paulo em busca de emprego, um bom salário e também uma melhor condição de vida. Os bolivianos tem um país com ruim condição por isso vieram migrar aqui em São Paulo. Mas também muitos bolivianos não vieram para São Paulo e preferiram ficar em seu país (elaboração inicial de Caio D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

[...]Muitos bolivianos migraram para São Paulo metrópole. A maioria migrou para São Paulo em busca de trabalho, e uma boa condição de moradia. A maioria dos bolivianos que vieram para São Paulo, e trabalham para coreanos em oficinas. (elaboração intermediária de Caio D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração inicial e intermediária, o aluno identifica as causas pelas quais os migrantes bolivianos vêm para o Brasil a partir de um quadro comparativo entre este local e seu país – ele não identifica, porém, a Bolívia como o país de origem desses migrantes. Além

disso, o aluno também não identifica qual a divisão político-administrativa a qual se refere São Paulo.

Na elaboração final, o aluno modifica seu texto: ele passa a identificar São Paulo com uma metrópole e, mais do que isso, identifica, pelo nome, o país do qual a população migra como Bolívia. Há, nesse texto, uma importante mudança relativa à percepção escalar do fenômeno: o aluno passa a compreender as especificidades da metrópole São Paulo em relação a outras divisões administrativas de São Paulo e, além disso, deixa claro que o contingente populacional por ele inicialmente denominado de bolivianos é proveniente da Bolívia, como podemos identificar abaixo:

[...] Milhares de bolivianos migraram para São Paulo metrópole. A maioria migrou em busca de trabalho. Eles também vieram em busca de uma condição de vida melhor que a da Bolívia, para viver com sua família. As mulheres que vem da Bolívia trabalham em oficinas de costura comandadas por coreanos, e também em casas de família como governantas, babá, faxineiras e também de arrumadeira. Portanto muita mulher vem para São Paulo trabalham muito recebem pouco dinheiro, mas é só para ter uma melhor condição de vida e de moradia do que na Bolívia (elaboração final de Caio D. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Há ainda o texto de Taynara S., exemplo importante do fenômeno por nós descrito anteriormente, sobretudo com relação à clareza e precisão conceitual quanto à localização do fenômeno migratório e sua escala. Diferente de Caio, em seu texto inicial, a aluna se refere a um fluxo migratório de bolivianos para a região metropolitana de São Paulo. Ela também não identifica, porém, de qual o país esse contingente migratório provém.

[...] Milhares de bolivianos estão migrando na região metropolitana de São Paulo, o que será que os motiva? Em São Paulo há muitas opções de trabalho, há muitos comércios e lojinhas, também há muitas fábricas grandes e que precisa de muitos trabalhadores em diversas funções. Podemos dizer que eles também tenham vindo migrar à procura de algo, do próprio interesse? Podemos dizer também que possivelmente eles tenham algo aqui, ou descobriam coisas aqui e vieram buscar ou então souberam de algum valor descoberto aqui (elaboração inicial de Taynara S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração intermediária, o texto de Taynara S. deixa de enfatizar a migração para a Região Metropolitana de São Paulo. Para ela, o contingente de migrantes passa a se destinar a São Paulo – sem explicitar qual a divisão política administrativa à qual ela está se referindo –, enfatizando ainda que esses trabalhadores são provenientes de um país específico: a Bolívia. A conjuntura política e econômica desse país é o principal motivo pelo qual o contingente populacional de bolivianos se afasta dele. O texto caracteriza o contingente migratório e suas ocupações no Brasil.

[...] Os bolivianos e sua migração em São Paulo Inicialmente é preciso lembrar que os bolivianos vieram para São Paulo para

trabalhar em oficinas de costura, ou chamadas, setor de confecção. Dos bolivianos que vieram, a maioria eram estudantes e profissionais liberais. Os bolivianos saíram da Bolívia principalmente por motivos políticos, mas também por uma forte recessão econômica e por desemprego, os bolivianos vieram migrar em São Paulo à procura de uma vida melhor e estável (elaboração intermediária de Thainá. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Por fim, a elaboração final de Taynara S. coloca-se como continuidade de sua elaboração intermediária. Em seu texto, a aluna explicita que os bolivianos saíram de seu país – Bolívia – em busca de condições distintas daquelas lá encontradas. A partir daí, ela destaca que o local específico para o qual este contingente migra é São Paulo – sem, no entanto, destacar à qual divisão político administrativa está se referindo. Para ela, São Paulo tem diversas vantagens possíveis de serem comparadas com as condições de vida da Bolívia.

Os bolivianos saíram da Bolívia por motivos políticos, forte recessão econômica e por desemprego, isso nós já sabemos, mas o que será que eles viram em São Paulo que os fez querer migrar aqui?

Podemos dizer que eles viram uma boa economia, muitas opções de trabalho e uma boa política? Talvez sim, em São Paulo há muita coisa aproveitável, há diversos espaços culturais para ver e aprender, diversas opções de tecidos, já que eles também vieram para trabalhar em oficinas de costura, ou podemos chamar de setor de confecção.

Podemos encontrar muitas coisas em São Paulo talvez esse seja o motivo de os bolivianos migrarem aqui, talvez aqui eles vejam o que na Bolívia não tem (elaboração final de Taynara S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Os textos de Taynara S. ilustram um fenômeno comum entre as elaborações dos estudantes. Inicialmente, os estudantes se apoiam no enunciado da sequência para redigir sua elaboração; após isso, passam a incorporar em seu próprio texto outros elementos textuais e a escala do fenômeno passa a ganhar outro tipo de preocupação, sobretudo relativa aos novos contornos dados pelo professor para a questão problema central da sequência didática.

Por fim, há outro tipo de combinação de escalas que nos chama a atenção no texto dos alunos. As elaborações de Giulia V. são exemplos dessa maneira de apreensão do fenômeno.

[...] São Paulo é cidade grande, com muitos comércios e vagas de emprego. Na Bolívia, não há muitos comércios nem vagas de emprego, mas também fica pendente na renda do país. Os bolivianos na maioria das vezes optam por migrar para o Brasil, pois a renda acaba sendo mais alta e com mais vantagens de vida (elaboração inicial de Giulia V. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração inicial da aluna, ele identifica São Paulo como uma cidade do Brasil para a qual os migrantes provenientes da Bolívia se dirigem. Há a comparação das condições vividas pela população. Na intermediária e final, ela persiste com as mesmas escalas para pensar o fenômeno migratório boliviano.

[...] A migração boliviana está cada vez mais frequente. Os imigrantes bolivianos acabam optando por vir para São Paulo. [...] Aqui em São Paulo, a busca de trabalho nas periferias, os bolivianos trabalham irregularmente, de acordo com as leis eles

deveriam receber o salário mínimo, mas o que eles ganham é bem menos que isso. Trabalhando irregularmente, acabam sendo postos para trabalhar em porões embaixo das lojas, para assim não serem descobertos (OBS: os bolivianos são ótimos na confecção de roupas) (elaboração intermediária de Giulia V. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Na elaboração intermediária, a aluna começa a se referir às condições vividas pelos bolivianos em São Paulo, destacando os problemas e a exploração do trabalho por eles vivenciada. Conseguimos identificar que a aluna se refere à cidade de São Paulo, pois se utiliza do termo periferia para descrever o local no qual os bolivianos acabam encontrando moradia. Ao final do processo, na elaboração final, a aluna continua caracterizando o modo de vida da população boliviana em seu local de destino e destaca ainda a divisão político-administrativa da cidade de São Paulo, indicando a relevância do centro da cidade de São Paulo e os locais ocupados pelo trabalho dos bolivianos.

[...] Inicialmente os bolivianos acabam migrando para São Paulo (Brasil) por condições precárias em seu país. Consequentemente, chegam procurando na confecção de roupas, por exemplo. No entanto, acabam trabalhando ilegalmente, em periferias, no centro da cidade. Aliás, em periferias, no centro da cidade acabam sendo postos para trabalhar nos porões das lojas. Sem dúvida alguma eles ganham um tanto de dinheiro a mais do que se fosse em seu país, Bolívia. Logo, é possível pensar em uma solução, que assim seja, drástica. Com muito mais razão é preciso melhorar a fiscalização em locais que o produtor de roupas seja desconhecido, ou até mesmo mais leis, para impedir ambos a começar um comércio ilegal (elaboração final de Giulia V.– acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Após nos dedicarmos à leitura de todas as elaborações e à categorização das escalas utilizadas pelos alunos, podemos reafirmar que não houve constância relacionada às escolhas dos mesmos. Em alguns casos, os alunos apresentam variação nas escalas da elaboração inicial até a última.

Na sequência didática não foram previstas atividades ou módulos cuja ênfase fosse o aprendizado sobre as escalas para a abordagem do fenômeno migratório. A questão problema da sequência didática destaca a saída dos migrantes bolivianos de seu país de origem e a chegada dos mesmos na Região Metropolitana de São Paulo. A ênfase do texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo”, de Patrícia Freitas, é a migração da população que deixa a Bolívia e migra para a cidade de São Paulo. Já os outros instrumentos trabalhados na sequência didática enfatizam e generalização da migração a partir de uma escala internacional: há países nos quais se destaca o fluxo de migrantes bolivianos e outros nos quais ele não ocorre. Há, porém, um dos

instrumentos (texto 4) o qual privilegia ainda a dinâmica da migração dentro do Brasil, colocando ênfase nos principais Estados do território que atraem essa população.

A ideia de combinar diversas escalas de análise nos textos dos estudantes sugere que os alunos percebem o fenômeno da migração a partir de diversos pontos de vista e escalas espaciais. No entanto, o que ocorre a partir da combinação dessas distintas escalas, sem a mediação intencional do professor, é que os alunos demonstram claras dificuldades de identificar a escala dos trabalhos por eles estudados. Não houve aula prevista para que os alunos aprendessem as distinções político-administrativas relativas a São Paulo.

A sequência didática elaborada pelo professor-autor 1 não colocou centralidade no aprendizado da dimensão escalar do fenômeno geográfico. Na verdade, a sequência coloca ênfase em tal aprendizado, mas não seguindo a escala do enunciado da questão problema norteadora da sequência. A principal escala apreendida pelos textos utilizados como instrumentos de aprendizagem na sequência didática é internacional e se articula com a dimensão local e regional: o fenômeno migratório é entendido como um fenômeno que se realiza entre países, e que, depois de realizado nesse âmbito, há uma atração maior em determinados locais e em outros menos, dentro de um mesmo país.

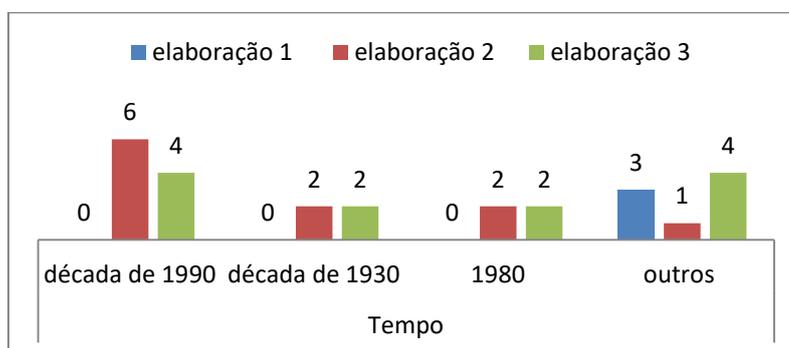
## 5.2. As temporalidades do processo migratório de bolivianos para São Paulo

Além de descrever a escala espacial dos fenômenos geográficos, os alunos dedicaram-se ainda a identificar a periodicidade relacionada a ela, ou seja, dedicaram-se a compreender o fenômeno também a partir de suas particularidades históricas.

No texto utilizado no Módulo 1 da sequência didática e de autoria de Patrícia Freitas, a autora identifica os distintos períodos nos quais ocorre a migração. Inicialmente, o contingente de migrantes era de um tipo; no entanto, com as alterações nas dinâmicas internas do país e na economia globalizada, esse contingente passou a ser maior e composto por outros extratos da população boliviana. A autora ainda ressalta que o Brasil tem política migratória alterada: até a década de 1930, o país se fechava para os migrantes; no entanto, a partir dessa década, isso foi modificado.

Nas elaborações dos estudantes, identificamos que a periodicidade acerca do processo migratório adquire relevância ao longo das elaborações realizadas por eles. Inicialmente, o número de vezes na qual os enunciados aparecem são quatro e, nas elaborações intermediária e final, esse número dobra, como podemos verificar no gráfico abaixo.

Gráfico 28 – Periodização do fluxo migratório proposta pelos estudantes participantes da sequência didática



Fonte: organizado pela autora (2017).

O texto de Natália F. é um importante exemplo acerca de enunciados nos quais se privilegia a periodização do fenômeno migratório:

[...] Desde os primórdios, já haviam migrações, mas os motivos agora são outros. O que antes, o motivos agora são outros. O que antes, o motivo era a busca por alimentos, hoje as pessoas migram pelo dinheiro.

Futuramente, de tanto as pessoas migrarem para um mesmo local, a população mundial ficará localizada em determinados “pontos”, e esses locais não irão atender as necessidades dos migrantes (elaboração intermediária de Natália F. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Nesse enunciado, a aluna generaliza o fluxo migratório para além do caso boliviano e nota que há transformações históricas com relação às motivações para esses movimentos. Ela anuncia uma espécie de grande temporalidade que circunscreve o processo migratório: o enunciado “Desde os primórdios” é o que dá o tom a isso que estamos nos referindo. A elaboração inicial de Bruno S.S. assemelha-se ao texto de Natália no enunciado desse grande tempo:

[...] Desde os primórdios os deslocamentos eram efetuados por às vezes não haver as melhores condições de vida porém em nossos dias não é diferente, populações se deslocam esperando fugir de problemas políticos econômicos e sociais.

O Brasil geralmente é uma das melhores opções por ser um país grande e com várias oportunidades e também por não haver discriminação com estrangeiros (elaboração inicial de Bruno S.S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Para o aluno, os deslocamentos sempre marcaram a vida em sociedade, tendo em vista que melhores condições de vida sempre são buscadas pelas populações. Atualmente, segundo ele, tais condições se relacionam, sobretudo, aos problemas políticos, econômicos e sociais vivenciados pelos migrantes bolivianos em São Paulo. A periodização em seu enunciado não considera os marcos temporais específicos relacionados ao fluxo migratório dos bolivianos, mas consiste em uma generalização histórica sobre o fluxo migratório das diversas populações.

A elaboração inicial de Sophia S. compartilha o argumento dos enunciados anteriores. A aluna destaca que a migração é um fenômeno comum na história do homem desde a Pré-História:

[...] A migração, o deslocamento de população, acontece desde a pré-história, por uma série de motivos que variam de acordo com as necessidades das pessoas, as condições locais e outras.

No mundo, muitas pessoas são migrantes ou imigrantes, pois saíram dos países em que nasceram e foram para outros, muitas vezes em busca de oportunidade de trabalho e melhores condições de vida, mas, nem sempre são bem sucedidos (elaboração intermediária de Sophia S. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Podemos dizer que há, no texto da aluna, uma generalização relativa ao tempo histórico na qual os fenômenos migratórios ocorrem: os fenômenos parecem se realizar em tempo muito maior do que costumamos percebê-los. A aluna indica uma continuidade histórica importante para a migração das diversas populações.

A partir da elaboração intermediária, os alunos passam a fazer uso de alguns marcos temporais mais precisos e específicos para a caracterização do fluxo migratório boliviano e do contingente populacional migrante: eles passam a se referir a décadas e aos fenômenos cuja temporalidade é mais próxima. As principais periodizações identificadas no texto são as décadas de 1990, 1980, 1930 e outras – nessa última categoria nós agrupamos, por exemplo, as generalizações feitas pelos estudantes sobre o fluxo migratório e também casos em que eles utilizaram o conceito de séculos para se referir ao fenômeno migratório, mas considerando uma escala histórica.

Os períodos históricos identificados pelos alunos em seus textos remetem àqueles já identificados pelos instrumentos utilizados na sequência didática. Organizamos uma tabela para sistematização das referências temporais citadas pelos textos da sequência didática:

Tabela 19 – Escalas temporais para a apreensão do fenômeno migratório identificadas nos instrumentos de aprendizagem da sequência didática

<b>Instrum.</b>	<b>Marco</b>	<b>Contexto</b>
Texto 1	década de 1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A autora cita que esse é o período em que a migração dos bolivianos ganhou visibilidade em jornais e na imprensa brasileira. Além disso, ela marca uma importante inflexão com o aumento do número de migrantes e mudanças em sua composição.</li> <li>- A autora destaca que os migrantes que compunham o fluxo migratório a partir da década de 1990 foram aqueles que sofreram com sérios problemas vividos na Bolívia na década de 1980.</li> <li>- Marco inicial do debate acerca da migração de bolivianos para São Paulo, no qual a paisagem em foco na cidade era a Praça Padre Bento, no Pari. A ênfase do debate no começo dessa década se relacionava às relações de trabalho entre bolivianos e coreanos nessa região.</li> <li>- Segunda metade da década também apresenta importante inflexão nos estudos e trabalhos: os exploradores do trabalho deixam de ser os coreanos; aumento da visibilidade do espaço interno das oficinas</li> </ul>
	ano de 1988	- A autora indica que Lei Anistia foi fundamental para regularizar os migrantes sem documentação no Brasil.
	1987 e 1992	- Taxa de migração interna anual na Bolívia chega a números enormes.
	final da década de 1980 e início década de 1980	- Necessidade de se diminuïrem custos de produção nas oficinas de costura dos coreanos e emprego da mão de obra boliviana.
	momento atual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diversificação das atividades pelos bolivianos. Há outros tipos de empreendimentos criados por essa população migrante que se consolida em São Paulo.</li> <li>- Além disso, a autora explicita que existe a entrada de outros migrantes, de modo que há alterações nas dinâmicas populacionais.</li> </ul>
Texto 2	Século XX e século XXI	- Principais fluxos migratórios dentro desse contexto.
Texto 3	2005 – 2010	- Principais países de origem dos migrantes vindos desses locais.
Texto 4	antes da década de 1970	- Distribuição proporcional de nascidos na Bolívia por local de residência – Brasil, Rondônia, São Paulo, Mato Grosso do Sul.
	1970 – 1980	
	1980 – 1990	
	1990 – 2000	

A partir do contato e da mediação do professor em sala de aula com os instrumentos da sequência didática, os textos dos alunos passam a incorporar alguns marcos fundamentais, já expostos por nós no gráfico anterior. Podemos propor algumas generalizações acerca da

análise da dinâmica temporal identificada nos textos dos alunos. Nos textos que se apoiam no marco temporal da década de 1930, há um enunciado recorrente acerca desse contexto: a partir dessa década o Brasil se abre para a população migrante. A elaboração final de Marcelo B. vem ao encontro dessa afirmação:

[...] E ANTIGAMENTE NA DÉCADA DE 1930 E, NOS ANOS 1980, ERA COMUM CONSIDERAR A POPULAÇÃO BRASILEIRA FECHADA, NOS ÚLTIMOS TEMPOS OS BOLIVIANOS ESTÃO SE DESTACANDO COM UM GRUPO DESLOCAMENTO EM FICAR NA RESIDÊNCIA DE SÃO PAULO (elaboração final de Marcelo B. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

O aluno explica, em seu enunciado, que transformações no Brasil acabaram impulsionando a migração da população boliviana e de outros contingentes populacionais. Marcelo também ressalta que a década de 1980 é um marco fundamental para a migração – considerando, sobretudo, a saída dos bolivianos de seu país.

A década de 1980 aparece em diversos enunciados dos estudantes como um período no qual ocorre uma crise ambiental na Bolívia decorrente do El Niño, assim como uma crise econômica e política. As informações acerca desses problemas vivenciados pela população boliviana são conhecidas pelos alunos por meio do texto principal da sequência didática, de Patrícia Freitas.

Nos enunciados dos alunos, o discurso alheio (VOLOSHINOV, 2017) de Patrícia Freitas aparece da seguinte maneira, por exemplo:

GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS PERDERAM O TRABALHO NA DÉCADA DE 1980 DEVIDO UMA PERDA DE ECONOMIA E INUNDAÇÕES CAUSADA PELA CHUVA (elaboração intermediária de Leandro C. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Em sua elaboração intermediária, Leandro C. dá motivos pelos quais o processo migratório de bolivianos cresce na década de 1980. E, logo em seguida, na elaboração final, o aluno passa a utilizar marcos temporais distintos e específicos para caracterizar o fluxo migratório dos bolivianos.

NA DISCUSSÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA, UMA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA PARA A CIDADE DE SÃO PAULO, A PARTIR DA DÉCADA DE 1990, ELA PASSA SER IMPORTANTE, PESSOAS INDO E VINDO PARA O BRASIL, SÃO PAULO CONHECIDO COMO A CIDADE QUE VEM MAIS BOLIVIANOS TEM UM NÚMERO DE 10.223, CRESCENDO ANTES DE 1970 A 2000. O BRASIL TER SIDO UM IMPORTANTE PAÍS QUE CHAMA A ATENÇÃO DOS BOLIVIANOS E OUTROS MIGRANTES AO LONGO DO SÉCULO XIX E NO MEIO DO SÉCULO XX (elaboração final de Leandro C. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Ele incorpora as décadas de 1990, 2000 e outros marcos temporais em sua análise, propondo ainda a periodização do fenômeno por séculos: ele cita o final do século XIX e

início do XX como período de grande recepção de migrantes no Brasil – esse período foi categorizado em nosso trabalho como “outros”, tendo em vista a diversidade que os alunos passam a incorporar em seu discurso acerca dessa dimensão temporal.

A década de 1990 é assinalada por Leandro e por muitos outros estudantes como inflexão da migração dos bolivianos para São Paulo, pois é nesse período que o número de migrantes aumenta e o contingente populacional em termos qualitativos é modificado. O aluno Alex T., por exemplo, cita essa transformação em sua elaboração intermediária e explicita o motivo pelo qual tal migração ocorre:

[...] Os bolivianos como muitos sabem, vem por muitos motivos, política, trabalho, vida escolas boa para seus filhos, e em São Paulo, eles trabalham ilegalmente, em casas de confecção, tendo como donos os coreanos, um dos lugares em 1990 era o espaço urbano a praça Padre Bento, um mercado de trabalho. [...] Eles migram, por serem as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização (elaboração intermediária de Alex T. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Por fim, na categoria “outros”, agrupamos distintas periodizações feitas pelos alunos em seus trabalhos. Na elaboração final, sobretudo, os enunciados dos alunos incorporam séculos a seus enunciados, como podemos ver neste trecho de Vinicius R:

[...] No começo do século 20 ao século 21 Houve aumento do fluxo migratório Boliviano Para o Brasil, Pois ninguém sabe por que. No Início acharam que era por trabalho mas vendo as famílias Bolivianas soubemos que era também Por saúde Por que lá as condições são muitos precárias Sem Hospitais, saneamento Básico e diciplina nas Escolas, Por entenderem o Espanhol ganharam empregos melhores (elaboração final de Vinicius R. – acervo da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino de Argumentação”).

Essa periodicidade é incorporada aos textos dos alunos, sobretudo após a leitura do texto 1 da sequência didática: “Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI”, de Patrícia Freitas.

Como já dissemos anteriormente, é interessante perceber de que maneira os alunos incorporam em seu próprio discurso as vozes desses outros autores com quem dialogam ao longo das atividades da sequência didática. Em muitos casos, *os discursos alheios* (VOLOSHINOV, 2017) são reproduzidos sem que os alunos identifiquem de onde eles vêm; em outras, porém, os enunciados alheios são incorporados aos discursos desses alunos, tal que se torne difícil identificar de quem são as palavras que ressoam no texto.

No caso da escala temporal identificada pelos alunos em suas elaborações, podemos dizer que, em sua maioria, aqueles que se referem a períodos específicos, identificados por anos e séculos, remetem imediatamente aos textos estudados ao longo da sequência didática. Esses textos são fonte de informação central para as elaborações dos estudantes e

fundamentam a formação do conceito de migração, de modo a compreender a dinâmica territorial e os processos nelas inscritos.

### 5.3. Considerações sobre a análise da escala espaço-temporal pelos alunos

A escala espaço-temporal dos fenômenos geográficos é elemento central para a argumentação em Geografia, pois, a partir da incorporação da mesma, podemos compreender tais fenômenos que se realizam na superfície terrestre de modo mais complexo e articulado. A sequência didática elaborada pelo professor-autor 1 teve papel crucial na formação do conceito de migração para os alunos a partir da articulação das escalas relacionadas ao fenômeno, sobretudo no caso específico trabalhado pela sequência: a migração de bolivianos para o Brasil.

Já afirmamos na conclusão do capítulo anterior que os alunos passaram a elaborar generalizações acerca da migração e compreender também suas especificidades. No caso do aprendizado acerca da escala geográfica e temporal do fenômeno migratório, os alunos adquiriram informações e palavras cruciais para a formação do conceito central da sequência – a migração:

[...] O conceito é impossível sem palavras, o pensamento em conceitos é impossível fora do pensamento verbal; em todo esse processo, o momento central, que tem todos os fundamentos para ser considerado causa decorrente do amadurecimento de conceitos, é o emprego específico da palavra, o emprego funcional do signo como meio de formação de conceitos (VIGOTSKI, 2010, p. 170).

Os alunos passam a empregar palavras e a se referir ao processo migratório de maneira cada vez mais precisa no decorrer das atividades da sequência didática e das elaborações realizadas. Eles destacam, por exemplo, a periodicidade da mesma, e suas nuances históricas: das diferenças entre os contingentes populacionais migrantes e de sua relação com o território usado (SANTOS, 2010) de seu local de destino. Todo conceito é formado por meio de operações intelectuais, tal que, ao aprenderem as diversas escalas que compõem o fenômeno migratório e, mais do que isso, se utilizarem de tais instrumentos analíticos e as palavras que fazem parte deles, os alunos dominem as nuances do conceito migração.

É interessante ainda destacar que os enunciados dos alunos incorporam problematizações acerca do local de chegar: o território que recebe tais migrantes deixa de ser visto como uma superfície abstrata e sem história que apenas receberá a população. Esse território passa a ser compreendido em sua diversidade, história e construções social, política e econômica.

Ao aprenderem que o processo de migração estudado na sequência didática ocorre no âmbito internacional e, posteriormente, serem capazes de relacionar esse processo às escalas local e regional, os alunos caracterizam o modo de vida dessas populações em seu local de origem e chegada, e também aprendem a compará-los. A migração passa a ser percebida de maneira mais complexa entre os alunos, que questionam o otimismo com o qual percebiam o processo migratório anteriormente, no qual o objetivo central era a busca por melhores condições de vida.

A escassez (SANTOS, 2000) vivenciada pela população que se desloca espacialmente e que acaba, como consequência desse processo, compartilhando o mesmo território que os sujeitos enunciadorez da sequência didática – alunos e professores –, passa a ser compreendida pelos sujeitos da sequência a partir de solidariedade com os sujeitos migrantes. Os alunos deixam de elaborar enunciados genéricos para se referirem aos migrantes: os bolivianos são sujeitos concretos, enunciadores e que compartilham difíceis vivências em seu país de destino. A argumentação dos estudantes passa, assim, a incorporar laços de solidariedade com tal população e, mais do que isso, considera as vozes diversas que compõem o fenômeno migratório.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *As perspectivas do ensino e aprendizagem da argumentação no ensino de Geografia*

Como já discutimos anteriormente, a argumentação estaria em todas as esferas de nossa vida. No momento que escolhemos determinadas palavras e pensamos a partir delas, estamos exercendo atividade argumentativa, defendendo uma determinada perspectiva sobre a realidade e assumindo uma posição. Segundo Fiorin (2015), todo enunciado é argumentativo e dialógico, pois o enunciador busca que suas posições sejam acolhidas e sempre responde a outros enunciadore, inscritos em temporalidades diversas (BAKHTIN, 2010). A argumentação é mais do que uma defesa de ideias: ela implica que consideremos o outro como nosso interlocutor e que sejamos sujeitos responsivos em nossa situação de enunciação.

O ensino e a aprendizagem da argumentação têm se destacado como objeto de estudos para o Ensino de Ciências e de Línguas. No primeiro campo de estudos, a ênfase está na dimensão epistêmica da argumentação, de modo que ensiná-la seria fundamental para que os jovens pudessem “falar ciência” (LEMKE, 1993) e se apropriar dos instrumentos discursivos fundamentais ao discurso científico. Já no segundo campo, no Ensino de Línguas, a argumentação é vista enquanto capacidade de linguagem fundamental para a elaboração dos enunciados em diversos gêneros de discurso e de texto.

Durante nossos estudos, identificamos que pesquisas no Ensino de Geografia não haviam dado ainda centralidade ao ensino e à aprendizagem da argumentação. Nosso trabalho constitui-se como um possível ponto de partida para esta reflexão, promovendo o diálogo entre as contribuições já realizadas no âmbito do Ensino de Ciências e de Línguas e afirmando a necessidade de pensarmos o ensino da argumentação no Ensino de Geografia, sobretudo por seu papel relacionado à formação e à apreensão dos conceitos científicos pelos estudantes.

A argumentação, para nós, é uma capacidade de linguagem importante para o aprendizado de conceitos científicos e para o desenvolvimento das estruturas de pensamento que surgem a partir dos mesmos, e, ao mesmo tempo, os conceitos científicos são fundamentais pra a construção dos argumentos dos alunos.

Partimos de Vigotski (2010), para afirmar esse último ponto. O autor explica que, ao assimilar determinado conteúdo que só pode ser apreendido por conceitos e por palavras, o indivíduo começa a participar de esferas da vida cultural e social antes não acessadas por ele. Os novos conteúdos aprendidos dizem respeito a novas tarefas e formas de atividade, de modo que a passagem para um novo tipo de percepção exterior se relaciona a um novo tipo de

atividade psíquica interior e vice-versa. A argumentação e seu aprendizado relacionam-se à estruturação do pensamento e à formação de conceitos: ao aprenderem conceitos, os alunos passam a incorporá-los em enunciados, os quais se tornam mais elaborados e complexos em termos de estruturação. Ao aprenderem a argumentar, os alunos passam a ter necessidade de buscar conceitos e palavras que sustentem seus discursos.

Por fim, cabe dizer que o ensino da argumentação no âmbito do ensino de Geografia tem papel fundamental de promover nos estudantes uma postura crítica relativa à construção do conhecimento e aos enunciados de seus interlocutores: segundo Nussbaum (2015), a ênfase no ensino do argumento é responsável por contribuir para a construção, nos estudantes, de uma atitude questionadora a partir da qual eles aprendem a investigar, avaliar dados e provas, a elaborar enunciados com argumentos e, mais do que isso, aprendem a respeitar os enunciados de outros e a disputa acerca das ideias. Segundo a autora:

[...] A ideia de que alguém vai se responsabilizar pelo próprio raciocínio e trocar ideias com os outros num clima de respeito mútuo em nome da razão é fundamental para a solução pacífica das diferenças tanto no interior de uma nação como num mundo cada vez mais polarizado por conflitos étnicos e religiosos (NUSSBAUM, 2015, p. 54).

Ao aprenderem a argumentar, os alunos passam a ser responsáveis por suas ideias e, por conseguinte, compreendem também a responsabilidade sobre suas ações. Como condição de tal ensino e aprendizagem, é necessário que o aluno seja visto pelo professor como “indivíduo cujas faculdades mentais estão desabrochando e de quem se espera uma contribuição ativa e criativa para as discussões em sala de aula” (NUSSBAUM, 2015, p. 55), de modo que o diálogo entre esses interlocutores se efetive e possa chegar a um lugar comum a partir do qual possam surgir convergência e divergência de ideias. No ensino de Geografia, aprender a argumentar possibilita o diálogo e o respeito com outras formas de habitar o espaço.

### *Os limites e o alcance da metodologia utilizada*

Com o objetivo de verificar as consequências da aplicação de uma sequência didática com ênfase na aprendizagem da argumentação no Ensino de Geografia, analisamos uma sequência didática intitulada “Migrações, Regiões Metropolitanas e Globalização”, idealizada pelo professor-autor 1 e realizada na Escola Estadual Marechal Deodoro com duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, buscamos construir uma metodologia de análise dialógica e responsiva, na qual dialogamos com as elaborações textuais dos estudantes e o relato do professor.

Esse trabalho é marcado por nossa posição específica de pesquisadores: participamos de todo o processo de elaboração da sequência didática junto ao professor e observamos de perto todos os relatos desse sujeito, de modo que nossa perspectiva é marcada por tal vivência. Além disso, nossa pesquisa coloca-se em um momento específico do processo de aprendizagem dos estudantes: o período de aplicação da sequência didática, tal que a verificação das consequências da sequência para o aprendizado dos alunos se realiza em um período curto, se considerarmos a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Tendo em vista tais limites, porém, cabe dizer que o estudo dessas elaborações nos permitiu identificar transformações nos enunciados dos estudantes sobre as quais nos debruçamos e consideramos relevantes.

A construção metodológica foi o principal desafio de nosso trabalho: dedicamo-nos a caracterizar o contexto de enunciação de modo minucioso e, muitas vezes, recorremos a citações diretas dos enunciados dos estudantes e do professor-autor, permitindo que os enunciados de nossos interlocutores tivessem destaque e fossem compreendidos pelo leitor. O discurso alheio (VOLOSHINOV, 2017) colocou-se como ponto de partida da elaboração de nossas categorias de análise, tal que nós, sujeitos pesquisadores, nos colocamos diante dos inúmeros textos elaborados pelos sujeitos pesquisados e buscamos atribuir sentido a eles.

Identificamos dois núcleos centrais nas elaborações dos estudantes para que pudessemos refletir sobre o aprendizado da argumentação no Ensino de Geografia durante as atividades propostas na sequência didática. A partir desses núcleos, construímos a análise na qual destacamos o modo pelo qual alunos incorporavam conceitos fundamentais da Geografia em seus enunciados e, mais do que isso, o modo pelo qual se apoiaram nestes para a construção de seus argumentos.

O primeiro núcleo de análise consistiu na apreensão da dinâmica territorial migratória a partir de suas causas, consequências e propostas de solução; já no segundo núcleo, as escalas espaço-temporais para a compreensão do fenômeno tiveram destaque.

Acerca da compreensão da dinâmica territorial, a maior parte das elaborações iniciais dos estudantes que participaram da sequência didática organizava-se a partir dos motivos pelos quais os migrantes se deslocam pelo espaço. Tais elaborações buscavam responder à pergunta central do enunciado da sequência didática, descrevendo as motivações pelas quais o deslocamento populacional é percebido.

A partir da elaboração intermediária, os enunciados dos estudantes passaram a incorporar a descrição acerca do ambiente no qual a população é recebida, e a problematizar a perspectiva que vê a migração enquanto uma solução para os problemas. A migração passa a

ser entendida a partir de dados mais complexos: analisa-se o contexto que motiva a migração e compara-se o mesmo com o local em que as pessoas chegam. Além disso, a quantidade de fatores motivadores do processo migratório é crescente da primeira elaboração até a última. Os alunos se apoiam e enumeram outros motivos e consequências para a migração boliviana para o Brasil – desta vez, embasados nos diversos instrumentos de aprendizagem utilizados pelo professor e pelos estudantes ao longo da sequência.

Na última elaboração textual, os alunos passam ainda a propor soluções para os problemas enfrentados pelos sujeitos migrantes bolivianos. Em muitos textos, os alunos se colocam como sujeitos partícipes da mudança com relação à migração dos bolivianos e propõem soluções específicas considerando o local de saída e de chegada da população. A dinâmica territorial e populacional torna-se objeto central dos enunciados dos estudantes, tal que os sujeitos que participam do processo migratório e a história que se inscreve em tais territórios passem a ser objetos de análise para esses alunos.

Este núcleo de análise destacou-se como o mais significativo e revelador do ponto de vista da argumentação. A partir dele, pudemos perceber de que maneira se pensam as dinâmicas territoriais e o território usado enquanto um espaço de disputa e de distintas práticas sociais, econômicas e políticas. Os alunos incorporaram argumentos de causalidade junto a conceitos geográficos relativos ao modo de vida da população em seu local de destino e saída, e também a proposições de soluções para tais questões.

Com relação ao segundo objeto textual analisado por nós – as escalas espaço-temporais – partimos da concepção de Haesbaert (2013) acerca da necessidade de apreensão dos fenômenos geográficos a partir de diversas perspectivas, com o objetivo de compreendê-los em toda sua complexidade. A tais perspectivas, o autor denomina escalas geográficas, pois elas dizem respeito ao modo pelo qual os fenômenos se realizam espacialmente e modificam o território. Esse autor ainda pontua a necessidade de pensarmos a relação entre espaço e tempo na configuração das espacialidades, tal que as escalas espaciais sempre se articulem à análise temporal. Não há como pensar uma dessas dimensões em detrimento da outra.

Nos enunciados dos estudantes, verificamos que não houve constância e permanência das escalas espaço-temporais de análise do fenômeno migratório. Em um primeiro momento, seguindo o enunciado da sequência, os alunos descrevem a migração como um fenômeno que ocorre entre a Bolívia e a Região Metropolitana de São Paulo. Com o passar das elaborações, os alunos dão ênfase ao fluxo entre países, destacando tanto o país de chegada quanto o de partida desse contingente populacional. Além disso, passam ainda a considerar o lugar

específico para o qual a população migra dentro do país e comparar as vantagens que impulsionam tais pessoas.

Houve dificuldade na análise desse critério, pois as escalas de apreensão do fenômeno migratório não tiveram centralidade na mediação do professor, e, como consequência, não houvesse constância e permanência das escalas entre as elaborações dos estudantes. Além disso, não houve rigor com relação à dimensão escalar do fenômeno nos textos escolhidos pelo professor: apesar do título da sequência didática se relacionar à apreensão do fenômeno migratório a partir do âmbito nacional e enfatizar, no país de destino da população, a escala regional – Região Metropolitana de São Paulo –, as elaborações dos alunos privilegiam a análise do fenômeno entre nações, somadas às variações políticas e administrativas de São Paulo.

Com relação à dimensão temporal e processual do fenômeno migratório, podemos dizer que ela foi objeto de análise em algumas elaborações, sobretudo a partir da elaboração intermediária. Os alunos propuseram uma periodização para o deslocamento de pessoas a partir de períodos temporais específicos, apoiados na organização temporal citada nos textos de referência para a sequência didática.

A sequência didática com ênfase no ensino da argumentação no Ensino de Geografia teve como principal consequência o aprendizado de conceitos científicos pelos estudantes e, mais do que isso, a incorporação de tais conceitos aos enunciados dos estudantes. Os alunos passaram a compreender as dinâmicas populacionais e a configuração territorial, tal que o conhecimento aprendido em Geografia serviu de explicação para fenômenos da realidade e para a formação do sujeito discursivo que se posiciona acerca da mesma.

O tipo de análise empregada em nosso trabalho, no qual partimos da dimensão qualitativa, categorizando enunciados e passando a quantificá-los seguindo critérios, possui limites, sobretudo quanto à apreensão e ao movimento individual e específico dos alunos participantes da sequência. No entanto, por meio das citações diretas dos textos dos alunos, tentamos observar e dialogar com esses movimentos de enunciação de perto. O estudo realizado e a metodologia empregada também se mostraram muito potentes, tendo em vista a possibilidade de elaborarmos generalizações acerca do processo de ensino e aprendizagem sem perder de vista as especificidades do processo de aplicação da sequência didática e as vozes dos sujeitos enunciadoreis.

Esperamos, com nossa pesquisa, contribuir para a construção de outras abordagens e perspectivas de estudos para o Ensino de Geografia. Colocamo-nos, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, diante de um desafio de elaborar uma metodologia de análise textual

a partir do diálogo com nossos interlocutores – professores e alunos –, de modo que suas vozes não ficassem em segundo plano perante a nossa em nosso texto. Além disso, considerando a nossa ênfase no ensino e aprendizagem da argumentação no Ensino de Geografia, objetivamos pontuar aspectos essenciais para a sua afirmação enquanto uma alternativa para um ensino de Geografia na qual a preocupação central recai sobre a formação dos sujeitos discursivos alunos.

E, por fim, como uma epígrafe, coloca-se a seguinte citação de BOURDIEU (2003) sobre os desafios de uma análise como esta:

Mas o analista não pode esperar tornar aceitáveis suas intervenções mais inevitáveis senão ao preço do trabalho da escrita que é indispensável para conciliar objetivos duplamente contraditórios: fornecer todos os elementos necessários a análise objetiva da posição da pessoa interrogada e à compreensão de suas tomadas de posição, sem instaurar com ela a distância objetivante que a reduziria ao estado de curiosidade entomológica; adotar um ponto de vista tão próximo quanto possível do seu, sem para tanto projetar-se indevidamente nesse alter ego que é sempre, quer queiramos ou não, um objeto, para se tornar abusivamente o sujeito de sua visão de mundo(BOURDIEU, 2003, p.11)

## REFERÊNCIAS<sup>50</sup>

- AMORIM, M. **O Pesquisador e o Seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)**. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 1998, p. 71- 210.
- BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAJTÍN, M. **Yo también soy** (fragmentos sobre el otro). Traducción de Tatiana Bubnova.
- BERLAND, L. K.; HAMMER, D. Framing for scientific argumentation. **Journal of Research in Science Teaching**, New York, v. 49, n. 1, p. 68-94, 2012.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003
- BRASSART, D. Elementos para una didáctica de la argumentación en la escuela primaria. **Comunicación, Lenguaje y Educación**, n. 7, p. 41-50, 1995.
- BRICKER, L. A.; BELL, P. Conceptualizations of argumentation from science studies and the learning sciences and their implications for the practices of science education. **Science Education**, Hoboken, v. 92, n. 3, p. 473-498, 2008.
- BUBNOVA, T. Prólogo. In: BAJTÍN, M. **Yo también soy** (fragmentos sobre el otro). Traducción de Tatiana Bubnova. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Godot, 2015.
- CAPECCHI, M. C. V. M.; CARVALHO, A. M. P. Argumentação em uma aula de conhecimento físico com crianças na faixa de oito a dez anos. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 171-189, 2000.
- CARMO, A. B. **A linguagem matemática em uma aula experimental de física**. 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências - Modalidade Física) - Instituto de Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CARVALHO, A. M. P. Building up explanations in physics teaching. **International Journal of Science Education**, London, v. 26, n. 2, p. 225-237, 2004.
- CARVALHO, A. M. P. et al. **Ciências no ensino fundamental: o conhecimento físico**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CLAVAL, P. **TERRA DOS HOMENS: A Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

---

<sup>50</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

COSTA, A. Desenvolver a capacidade de argumentação dos estudantes: um objectivo pedagógico fundamental. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 46/5, p. 1-8, 2008.

DOLZ, J. E.; SCHENEUWLY, B. Gêneros e Progressão em Expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: ROJO, R. & SALES, G. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J. E.; SCHENEUWLY, B. Gêneros e Progressão em Expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: ROJO, R. & SALES, G. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J. E.; SCHENEUWLY, B. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino In: ROJO, R. & SALES, G. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R. & SALES, G. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

DRIVER, R., NEWTON, P. E OSBORNE, J, GUESNE, E. & TIBERGHIE, A. Las ideas de los niños y el aprendizaje de las ciencias. In: DRIVER, R., NEWTON, P., OSBORNE, J, R., GUESNE, E. & TIBERGHIE, A. **Ideas científicas en la infancia y la adolescencia**. Ediciones Morata, Madrid, 2000.

DRIVER, R., NEWTON, P. E OSBORNE, J. Establishing the norms of scientific argumentation in classrooms. **Science Education**, Hoboken, v. 84, n. 3, p. 287-312, 2000.

DUSCHL, R. A.; GRANDY, R. E. **Teaching scientific inquiry: recommendations for research and implementation**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

ECHEVERRÍA, M. P. P.; POZO, J. I. Aprender a resolver problemas e resolver problemas para aprender. In: POZO, J. I. (Org.). **A solução de problemas**. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 43-65.

ELICHIRIGOITY, M. T. A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 181-206, 2008.

ERDURAN, S. Methodological foundations in the study of science classroom argumentation. In: S. ERDURAN & M. P. JIMENEZ-ALEIXANDRE (Ed.). **Argumentation in science education: perspectives from classroom-based research** (p. 47-69). Dordrecht, The Netherlands: Springer, 2008.

ERDURAN, S.; SIMON, S.; OSBORNE, J. TAPping into argumentation: developments in the application of Toulmin's argument pattern for studying science discourse. **Science Education**, Hoboken, v. 88, n. 6, p. 915-933, 2004.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAS, M. T. (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, M. P.; ERDURAN, S. Argumentation in science education: an overview. In: ERDURAN, S.; JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, M. P. (Ed.). **Argumentation in science education**. Dordrecht: Springer, 2007, p. 3-27.

JOBIM E SOUSA, S. & ALBUQUERQUE, E. D. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul/Dez, 2012.

JOLY, F. A cartografia. Campinas: Papirus, 1990.

KOZULIN, A. **Instrumentos Psicológicos: La Educación desde una perspectiva sociocultural**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 2000.

KUHN, D. Science as argument: Implications for teaching and learning scientific thinking. **Science Education**, 77 (3), 1993, p. 319-317.

KUHN, D.; SHAW, V.; FELTON, M. Effects of dyadic interaction on argumentative reasoning. In: **Cognition & Instruction**, 15 (3), p. 287-315, 1997.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p.25-38.

LEAL, T. F.; MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITÃO, S. O Lugar da Argumentação na Construção do Conhecimento em Sala de Aula. In: LEITÃO, S.; DAMIANOVIC, M. C. (Org.). **Argumentação na Escola: o conhecimento em construção**. Campinas: Pontes, 2011.

LEITÃO, S.; BANKS-LEITE, L. Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: Del RÉ, A. (Org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITÃO, S. Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 454-462, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722007000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 06 de agosto de 2017.

LEITÃO, S.; DAMIANOVIC, M. C. (Org.). **Argumentação e Escola: O Conhecimento em Construção**. Campinas: Pontes, 2011.

LEMKE, J. L. **Aprender a hablar ciencia**. Barcelona: Paidós, 1997.

LEMKE, J. Multiplying meaning: visual and verbal semiotics in scientific text. In: MARTIN, J. R.; VEEL, R. (Ed.). **Reading science**. London: Routledge, 1998, p. 87-113.

LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. Argumentação na atividade de formação crítica, colaborativa e criativa. In: Mateus, E.; Oliveira, N. B. (Org.). **Estudos Críticos da Linguagem e Formação de Professores/as de Línguas: Contribuições Teórico-Methodológicas**. São Paulo: Pontes Editora, 2014, v. 1, p. 49-77.

LIBERALI, F. C. **Argumentação em contexto escolar**. Campinas: Pontes. 2013.

LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. Argumentação e formação/gestão de educadores no quadro da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 8, n. 2, p. 131-151 - Jul/Dez, 2012.

LUKIANCHUKI, C. Dialogismo: a linguagem verbal como exercício do social. **Revista Sinergia**. São Paulo: CEFET-SP, v. 2, n. 2, 1º semestre, 2001.

MEYER, M.. Prefácio. In: PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

MIRANDA, M. E. Contribuição ao debate atual sobre a formação de professores no Brasil: pela formação de futuras gerações na perspectiva da reconstrução do sócio-cultural. In: **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP, 2010.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

MOTA, I. Z. **Territórios da educação: sete escolas públicas, sete entornos**. Monografia. (Trabalho de Graduação Individual) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NASCIMENTO, S. S.; VIEIRA, R. D. Contribuições e limites do padrão de argumento de Toulmin. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 8, n. 2, p. 1-21, 2008.

NASCIMENTO, S. S.; VIEIRA, R. D.; Uma proposta de critérios marcadores para identificação de situações argumentativas em salas de aula de ciências. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 81-102, 2009.

NUSSBAUM, M. **Sem fins lucrativos**. Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETRONE, P. Palestra Pasquale Petrone. **Boletim Paulista de Geografia**, Número 75. São Paulo: Dezembro, 1998.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

POZO, J. I. **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

POZO J. I.; CRESPO, A. G. A solução de problemas nas ciências da natureza. In: POZO, J.I. **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998, pp. 67-102.

REIGOSA CASTRO, C.; JIMÉNEZ-ALEIXANDRE, M. P. La Cultura Científica en la Resolución de Problemas en el Laboratorio. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 18, n. 2, p. 275-284, 2000.

SANDOVAL, W. A. Understanding students' practical epistemologies and their influence on learning through inquiry. **Science Education**, 89, p. 634-656, 2005.

SANDOVAL, W. A.; MILLWOOD, K. A. The quality of students' use of evidence in written scientific explanations. **Cognition and Instruction**, 23 (1), p. 23-55, 2005.

SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. O Papel Ativo da Geografia: um manifesto. In: **ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRÁFOS**, 17. Florianópolis, 2000.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. O ensino de ciências para a alfabetização científica: analisando o processo por meio de argumentações em sala de aula. In: NASCIMENTO, S. S.; PLANTIN, C. (Org.). **Argumentação e ensino de ciências**. Curitiba: CRV, 2009. p. 139-164.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Uma análise dos referenciais teóricos para estudo da argumentação no ensino de ciências. **Ensaio: pesquisa em educação em ciências**. Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 243-262, 2011a.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Construindo argumentação na sala de aula: a presença do ciclo argumentativo, os indicadores de alfabetização científica e o padrão de Toulmin. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 17, n. 1, p. 97-114, 2011b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151673132011000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151673132011000100007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 de março de 2015a.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. de. A construção de argumentos em aulas de ciências: o papel dos dados, evidências e variáveis no estabelecimento de justificativas. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 20, n. 2, p. 393-410, 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151673132014000200393&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132014000200393&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 de junho de 2015b.

SASSERON, L.H e CARVALHO, A. M. P. de. Construindo argumentação na sala de aula: a presença do ciclo argumentativo, os indicadores de alfabetização científica e o padrão de Toulmin. **Ciência & Educação**. Bauru, v. 17, n. 1, p. 97-114, 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151673132011000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132011000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 de junho de 2015c.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontológicas. In: ROJO, R.; SALES, G (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

TOULMIN, S. E. **Os usos do argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TREND, R. Commentary: Fostering Students' Argumentation Skills in Geoscience Education. **Journal of Geoscience Education**: September, v. 57, n. 4, p. 224-232, 2009.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. **Obras Escogidas**, T.4. Madrid: Antonio Machado, 2012.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

WOLFF, F. **Dizer o mundo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

WOLFF, F. O que é pensar? Aventuras do pensamento entre a antiguidade e a modernidade In: NOVAES, A. **A experiência do pensamento**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

### **Documentos legais**

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Portaria 4194/08** - Fixa módulo de Professor nas Escolas Municipais que especifica. Disponível em: [http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios\\_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=08102008P%20041942008SME](http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=08102008P%20041942008SME). Acessado em 01 de agosto de 2017.

**ANEXOS**

ANEXO A – Sequência didática elaborada pelo professor.....	179
ANEXO B – Elaborações textuais dos estudantes digitadas.....	191
ANEXO C- Elaborações textuais dos estudantes digitalizadas.....	225



ANEXO A



PROFESSOR AUTOR	Professor 1
COMPONENTE URRICULAR	Geografia
ESCOLA EM QUE SERÁ REALIZADA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	EMEF Marechal Deodoro da Fonseca
CURSO E SÉRIES/ANOS ENVOLVIDOS	Ensino Fundamental ciclo II. 7 <sup>o</sup> séries / 8 <sup>o</sup> anos A e B
NÚMERO DE ALUNOS ENVOLVIDOS	70
PERÍODO DA APLICAÇÃO	Início: 05 de Agosto de 2013 – Término: 03 de Outubro de 2013
AULAS PREVISTAS PARA TODA A SEQUÊNCIA	31

TÍTULO DA SEQUÊNCIA	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
---------------------	--

PROBLEMA a ser estudado	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
-------------------------	--

CAPACIDADE DE LINGUAGEM <sup>1</sup> TRABALHADA	ARGUMENTAÇÃO
---	--------------

GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL	Dissertação
---------------------------	-------------

<b>ELABORAÇÃO INICIAL: 3 aulas</b>	
<b>DISCUSSÃO PRÉVIA</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você explicaria que gênero discursivo-textual seja este: dissertação?</li> <li>2. Que características definiriam esse gênero discursivo-textual?</li> <li>3. Quem são os possíveis autores e possíveis receptores desse gênero discursivo-textual?</li> <li>4. Em que contexto esse gênero discursivo-textual é produzido?</li> <li>5. Qual a importância que esse gênero discursivo-textual tem na sociedade em que vivemos e em que ele se encontra?</li> <li>6. Como você explicaria a esfera <i>acadêmica</i> a que esse gênero discursivo-textual está vinculado?</li> <li>7. Como você explicaria a capacidade de linguagem que caracteriza esse gênero discursivo-textual: argumentar?</li> <li>8. Qual a importância da esfera discursiva <i>acadêmica</i> em nosso cotidiano?</li> </ol>

<b>SITUAÇÃO PROBLEMA (Contextualização)</b>	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais da onde eles saem e onde eles se estabelecem?</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>
---	--

<b>MÓDULO</b> <i>Leitor Crítico</i>	<b>OBJETIVO(S)</b>	Avaliação de competências das elaborações iniciais a partir do gênero discursivo textual dissertação, enquanto a estrutura textual e ao conteúdo relacionado ao problema proposto.
	<b>AULAS PREVISTAS</b>	3
	<b>INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO</b>	Tabelas e grades para correção

<sup>1</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

TÍTULO DA SEQUÊNCIA	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
---------------------	--

PROBLEMA a ser estudado	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
-------------------------	--

CAPACIDADE DE LINGUAGEM <sup>2</sup> A SER TRABALHADA	ARGUMENTAÇÃO
---	--------------

GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO	Dissertação
--	-------------

<b>MÓDULO</b> <b>O</b> <b>1</b>	<b>OBJETIVO(S)</b>	Desenvolver no aluno o conceito de migração a partir da leitura do texto “FREITAS, Patrícia Tavares de. <b>Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo.</b> ” e como se expressa através do espaço ao longo dos tempos, interferindo, entre outras coisas, nos contextos regionais.
	<b>CONCEITOS ENVOLVIDOS</b> (no desenvolvimento das atividades)	<i>Migração; espaço; região; sociedade; política; território; economia; trabalho; globalização e cultura.</i>
	<b>PALAVRAS-CHAVE DO ASSUNTO/TEMA/CONTEÚDO</b>	<i>Fluxo migratório; região; territorialidade; trabalho; bolivianos; setor de confecção; cidade de São Paulo; coreanos; política.</i>
	<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL</b> (trabalhado no módulo)	<i>Artigo científico</i>
	<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM</b> (trabalhada no módulo)	<i>Argumentar escrita e expor oral.</i>
	<b>AULAS PREVISTAS</b> (para a realização do módulo)	5
<b>INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO</b> (TODOS os recursos e materiais utilizados no módulo)	<i>FREITAS, Patrícia Tavares de. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. Pg. 155-163. Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível em <a href="http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf">http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf</a> Acesso em 08.jul.2013</i>	
<b>ATIVIDADES</b> <b>Leitura</b> de texto em grupo; <b>discussão</b> e <b>resolução</b> de atividades em grupo.	<p><b>1. Leia</b> a parte do artigo destinada a seu grupo. Após a leitura realizem as atividades propostas:</p> <p>a) <b>Definir</b> as funções dos articuladores sintáticos argumentativos que estão presentes no texto.</p> <p>b) <b>Identificar</b> e <b>sublinhar</b> as palavras-chaves contidas no texto.</p> <p>c) <b>Organizar</b> um painel a partir das palavras – chaves selecionadas pelo grupo.</p> <p>d) <b>Discutir</b> com a turma o que foi produzido pelo grupo.</p> <p style="text-align: center;"><u>Atividade para casa:</u></p> <p><b>Analise</b> todo o texto para que você possa ampliar seu embasamento teórico e <b>avaliar</b> a apresentação dos grupos;</p>	

<sup>2</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
<b>PROBLEMA a ser estudado</b>	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>3</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA: 3 aulas	
<b>RETOMADA DA DISCUSSÃO PRÉVIA</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você explicaria que gênero discursivo-textual seja este: dissertação?</li> <li>2. Que características definiriam esse gênero discursivo-textual?</li> <li>3. Quem são os possíveis autores e possíveis receptores desse gênero discursivo-textual?</li> <li>4. Em que contexto esse gênero discursivo-textual é produzido?</li> <li>5. Qual a importância que esse gênero discursivo-textual tem na sociedade em que vivemos e em que ele se encontra?</li> <li>6. Como você explicaria a esfera <i>acadêmica</i> a que esse gênero discursivo-textual está vinculado?</li> <li>7. Como você explicaria a capacidade de linguagem que caracteriza esse gênero discursivo-textual: argumentar?</li> <li>8. Qual a importância da esfera discursiva <i>acadêmica</i> em nosso cotidiano?</li> </ol>
<b>RETOMADA DA SITUAÇÃO PROBLEMA (Contextualização)</b>	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo de elevada miscigenação, ou seja, composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais onde eles se estabelecem?</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>

MÓDULO <i>Leitor Crítico</i>	OBJETIVO(S)	Avaliação de competências das elaborações intermediárias a partir do gênero discursivo textual dissertação, enquanto a estrutura textual e ao conteúdo relacionado ao problema proposto.
	AULAS PREVISTAS	3 aulas
INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO	Tablas e grades para correção	

<sup>3</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
<b>PROBLEMA a ser estudado</b>	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>4</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

MÓDULO 2	<b>OBJETIVO(S)</b>	Decodificar a partir do mapa os signos setas e identificar os seus movimentos migratórios. Fazer as analogias necessárias ao texto principal.
	<b>CONCEITOS ENVOLVIDOS</b>	Localização; orientação; espaço; região; migração; fluxo; globalização.
	<b>PALAVRAS-CHAVE DO ASSUNTO/TEMA/C ONTEÚDO</b>	Fluxos migratórios; região; país; setas; continentes; Brasil; Bolívia.
	<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL</b>	Gráfico
	<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM)</b>	Argumentação escrita, relato oral e descrição de ações.
	<b>AULAS PREVISTAS</b>	3
	<b>INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO</b>	Mapa dos principais fluxos migratórios internacionais no final do século XX e início do século XXI. Fonte: Disponível em <a href="http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009ed_geo.pdf">http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009ed_geo.pdf</a> Acesso em 08/07/2013

<b>Analisar e Responder ATIVIDADES com mapa em dupla; discussão coletiva das ações desenvolvidas.</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Selecione</b> 5 regiões do planeta que mais recebem imigrantes:</li> <li>2. <b>Selecione</b> 5 regiões do planeta que mais saem imigrantes?</li> <li>3. <b>Compare</b> as informações no mapa com as informações no texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo” e <b>descreva</b> quais as relações podem existir entre os fluxos migratórios?</li> <li>4. <b>Construa</b> uma legenda a partir dos números 1, 2 e 3 presentes no mapa.</li> <li>5. <b>Descreva</b> a partir das setas a situação do Brasil e da Bolívia no mapa?</li> <li>6. <b>Compare</b> as respostas com a do colega.</li> <li>7. <b>Ampliar</b> as discussões com o restante da turma.</li> </ol>
---	---

<sup>4</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
<b>PROBLEMA a ser estudado</b>	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>5</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

<b>MÓDULO 3</b>	<b>OBJETIVO(S)</b>	<b>Analisar</b> tabelas. <b>Comparar</b> dados estatísticos com a leitura do texto “Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo”. <b>Contextualizar</b> a situação problema.
	<b>CONCEITOS ENVOLVIDOS</b>	Mobilidade; migração; região; sociedade; cultura; globalização
	<b>PALAVRAS-CHAVE DO ASSUNTO/TEMA/CONTEÚDO</b>	Fluxo; migração; cultura; região; Brasil; Bolívia; porcentagem; residência
	<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL</b>	Gráfico
	<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM</b>	Argumentação, exposição e relato oral e escrito.
	<b>AULAS PREVISTAS</b>	5
<b>INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO</b>	Tabela 1. Principais países de origem dos imigrantes internacionais do Brasil entre 2005-2010. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em <a href="http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf">http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf</a> Acesso em 08.jul.2013 Tabela 2. Brasil e Unidades da federação selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil. Fonte: XAVIER, Iara Rolnik. <b>A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. pg. 117.</b> Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p.	

<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização
<b>PROBLEMA a ser estudado</b>	O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>6</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

<b>ELABORAÇÃO FINAL: 3 aulas</b>	
<b>RETOMADA DA DISCUSSÃO PRÉVIA</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como você explicaria que gênero discursivo-textual seja este: dissertação?</li> <li>2. Que características definiriam esse gênero discursivo-textual?</li> <li>3. Quem são os possíveis autores e possíveis receptores desse gênero discursivo-textual?</li> <li>4. Em que contexto esse gênero discursivo-textual é produzido?</li> <li>5. Qual a importância que esse gênero discursivo-textual tem na sociedade em que vivemos e em que ele se encontra?</li> <li>6. Como você explicaria a esfera <i>acadêmica</i> a que esse gênero discursivo-textual está vinculado?</li> <li>7. Como você explicaria a capacidade de linguagem que caracteriza esse gênero discursivo-textual: argumentar?</li> <li>8. Qual a importância da esfera discursiva <i>acadêmica</i> em nosso cotidiano?</li> </ol>
<b>RETOMADA DA SITUAÇÃO PROBLEMA (Contextualização)</b>	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo de elevada miscigenação, ou seja, composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais onde eles se estabelecem</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>

<b>MÓDULO Leitor Crítico</b>	<b>OBJETIVO(S)</b>	Avaliação de competências das elaborações finais a partir do gênero discursivo textual dissertação, enquanto a estrutura textual e ao conteúdo relacionado ao problema proposto.
	<b>AULAS PREVISTAS</b>	3 aulas
	<b>INSTRUMENTOS DE MEDIAÇÃO</b>	Tabelas e grades para correção

<sup>5</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

<sup>6</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

## TEXTO UM – IMIGRAÇÃO BOLIVIANA PARA SÃO PAULO E SETOR DE CONFECÇÃO – EM BUSCA DE UM PARADIGMA ANALÍTICO ALTERNATIVO <sup>1</sup>

Patrícia Tavares de Freitas

Em grande parte provenientes das regiões de terras altas do altiplano andino, o fluxo migratório de bolivianos direcionado para o trabalho informal em oficinas de costura, na cidade de São Paulo, adquiriu visibilidade, nos principais jornais da imprensa brasileira, a partir da década de 1990<sup>2</sup> – pouco tempo depois da implementação da Lei da Anistia, em 1988, que visava regularizar os imigrantes sem documentação, no país. Esse período também marca uma inflexão quantitativa<sup>3</sup> e qualitativa desse fluxo migratório para a cidade. Nesse sentido, enquanto os bolivianos que vieram em meados do século XX, em menor escala, eram, em sua maioria, estudantes e profissionais liberais, que saíam da Bolívia por motivos políticos, para ascender profissionalmente ou adquirir alguma formação específica, sendo significativa também a emigração de mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas (SILVA, 2006; CEPAL/CELADE/ OIM, 1999). A partir da década de 1990, esses fluxos passaram a ser compostos, principalmente, por jovens com baixas qualificações e, em geral, ex-trabalhadores das minas e fábricas bolivianas. E apesar de verificar-se uma inserção relativamente variada desses imigrantes – em atividades artesanais e/ou industriais, no comércio e em trabalhos domésticos – adquire proeminência, justamente, sua entrada concentrada no setor de confecção, em pequenas oficinas espalhadas pela cidade de São Paulo (AZEVEDO, 2005; BASSEGIO, 2004; BUECHLER, 2003; CYMBALISTA & XAVIER, 2007; FERRETI, 2002; SILVA, 1997 e 2006 e KADUBLA, 2007).

Esses novos estratos da população boliviana que começaram a migrar para São Paulo na década de 1990 são os que mais sofreram com o êxodo rural e desemprego urbano que atingiram a Bolívia a partir de meados da década de 1980, devido a uma forte recessão econômica e desastres naturais provocados pelo “El Niño”<sup>4</sup> (SILVA, 1997 e 2006). Essas circunstâncias dinamizaram movimentos migratórios internos, levando a uma taxa de migração interna anual, entre 1987 e 1992, de mais de 100 mil bolivianos por ano, em uma população que, naquele período, era de seis milhões e meio de habitantes<sup>5</sup>. E, em relação às migrações internacionais, percebe-se, nesse período, um importante adensamento e diversificação dos fluxos que, apesar de continuarem se dirigindo para a Argentina (principal destino dos emigrantes bolivianos desde o século XIX) e Brasil, se dirigiram também, intencionalmente, para o Peru e a Venezuela, na América Latina, para os Estados Unidos, países da União Europeia – principalmente, Itália e Espanha – e também Israel, Japão e Austrália. E estima-se que, atualmente, em torno de 20% da população boliviana viva fora de seu país (CEPAL/CELADE/OIM, 1999).

<sup>1</sup> Este estudo compõe a tese de doutorado e está inserido no Projeto Temático da FAPESP: Observatório das Migrações em São Paulo (fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo).

<sup>2</sup> Conforme foi possível verificar a partir de pesquisa realizada no Centro de Estudos Migratórios (Cem) em seu arquivo de notícias de jornal sobre os fluxos migratórios para o Brasil, entre 1989 e 2007. Ver pesquisa em minha dissertação de mestrado: FREITAS, 2009.

<sup>3</sup> Apesar da dificuldade para precisar o número de imigrantes, considerando que são indocumentados, percebe-se um importante aumento no fluxo. Por exemplo, pelos dados do censo, citados em Kadluba, 2007: em 1980, foram registrados 3213 bolivianos, em 1991, 4525 bolivianos e em 2000, 7722 bolivianos. Uma outra forma de verificar este aumento expressivo, de acordo com Cymbalista e Xavier (2007), seria através dos registros da Polícia Federal que, em 1995, registrava 255 bolivianos e, em 1999, 17897 bolivianos.

<sup>4</sup> Enquanto, por um lado, o “El Niño”, que atingiu a Bolívia em 1982 e 1983, levou a secas importantes na região do altiplano, com perdas nos setores agrícolas e pecuários que chegaram a 80% da produção, afetando, principalmente, os departamentos de Potossi, Oruro, Cochabamba e Chuquiaca, nos quais se concentrava, na época, de acordo com Pereira (2004), em média, 74% da população boliviana. A crise econômica boliviana, por outro lado, atingiu sua atividade industrial e mineira levando a políticas de “relocalização” no âmbito da Nova Política Econômica (NEP), implementada em 1985, que, de acordo com Pereira, citando dados da COB (Central Obrera Boliviana), somaram em torno de 120 mil demissões para 1988 e 150 mil, para 1996, em troca de um auxílio mínimo do governo.

<sup>5</sup> “[...] ou seja, mais de 100 mil bolivianos por ano que abandonaram terras, famílias, bens adquiridos, parentes, costumes, cultura e identidade” (PEREIRA, 2004:89, tradução própria).

No debate acadêmico brasileiro, essa imigração boliviana para a cidade de São Paulo, a partir da década de 1990, passa a ser considerada fenômeno representativo das novas tendências migratórias, do e para o Brasil, que passam a animar as discussões em torno do que a literatura internacional denominou “novos fluxos migratórios” (ASSIS & SASSAKI, 2001: 616)<sup>6</sup>. E no caso das pesquisas sociológicas<sup>7</sup> sobre as ligações entre esses fluxos migratórios de bolivianos e sua inserção no trabalho mal remunerado e em condições precárias em oficinas de costura informais na cidade de São Paulo, parte-se, em geral, de um diálogo com a literatura internacional sobre a emergência da “nova” informalidade no contexto contemporâneo, tendo em vista as “novas” necessidades da acumulação capitalista, que se conjugam aos contextos econômicos recessivos das décadas de 1970 e 1980 (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FREIRE, 2008; FREITAS, 2009).

Nessa perspectiva analítica, os imigrantes seriam as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização – que, enquanto, por um lado, acirra desigualdades regionais em nível mundial, impulsionando movimentos migratórios de massa nos países que perderam o jogo do desenvolvimento. Por outro lado, impõe a alguns setores econômicos como, por exemplo, o setor de confecção, padrões de competitividade que passam a se sustentar por processos de super exploração da força de trabalho em amplos circuitos de subcontratação<sup>8</sup>.

Apesar da reconhecida efetividade de tal perspectiva analítica para a compreensão das origens dos movimentos populacionais contemporâneos e da inserção em determinados setores econômicos nas sociedades de destino, elas não nos permitem perscrutar os efeitos socioculturais e espaciais que tais movimentos populacionais engendram. Em outras palavras: o que essas populações que se colocam em movimento criam, em termos de arranjos e territorialidades, a partir desse movimento e das respostas coletivas diante dos constrangimentos estruturais que lhes são impostos?

Estas questões nos remetem a outro debate que se constitui no início do século XX, no interior da disciplina sociológica, fundador de uma das mais tradicionais vertentes da sociologia urbana contemporânea, a Escola de Chicago, sobre a inserção, ou ainda os percursos de integração, de grupos de imigrantes no contexto urbano. Contemporaneamente, quase um século depois do início de tais investigações e tendo em vista as especificidades dos denominados “novos fluxos migratórios”, emerge na sociologia urbana francesa um diálogo crítico que pode,

<sup>6</sup> Note-se que apesar do Brasil ter sido um importante receptor de fluxos migratórios internacionais ao longo do século XIX e meados do século XX, essa tendência começa a ser revertida a partir da década de 1930 e, no anos 1980, era comum considerar a população brasileira como uma população fechada, em que não se percebia nem a entrada e nem a saída significativa de pessoas para fora do país. As outras tendências identificadas e analisadas nesses estudos sobre os novos fluxos migratórios internacionais no contexto brasileiro seriam: a de emigração de estratos médios urbanos, para os grandes centros urbanos, dos Estados Unidos, Europa e Japão; as migrações fronteiriças na região norte do país, vinculadas à questão indígena, ao garimpo e ao tráfico de drogas; as migrações fronteiriças entre os países do cone sul, vinculadas às questões da terra e produção agrícola e em menor número a imigração de refugiados políticos africanos. Ver ainda: SALES & SALLES, 2002 e PATARRA & BAENINGER, 1996.

<sup>7</sup> O primeiro grande estudo sobre a imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo é de um antropólogo, Sidney Silva (1997). E constitui-se em importante referência para os estudos posteriores, principalmente, pela significativa quantidade de informações compiladas. Entretanto, as questões teóricas abordadas em seu trabalho sobre a manutenção e/ou reinvenção da cultura boliviana no contexto urbano paulistano não tiveram muita ressonância nas investigações posteriores sobre este estrato específico de costureiros bolivianos.

<sup>8</sup> De acordo com Portes e Sassen-Koob (1987), o desaquecimento das economias “centrais” e “periféricas” teria levado a adoção, em ambos os casos, de estratégias de exportação para a obtenção de divisas e aceleração da produção interna. E, no entrecruzamento dessas estratégias de superação da crise, se constituiria a “nova” informalidade, especialmente ligada ao trabalho de imigrantes clandestinos, tanto nas economias “centrais” quanto nas “periféricas”: “Então, o processo de informalização é reforçado no Terceiro Mundo pelos esforços dos produtores e países para interromper a estagnação econômica a partir de uma estratégia orientada para a exportação; mas, esta estratégia promove como resultado, a reprodução de arranjos de trabalhos similares no mundo desenvolvido na medida em que as indústrias afetadas lutam para sobreviver. Simultaneamente, as várias circunstâncias da crise econômica e os vários esforços para lidar com ela, criaram uma abundante reserva de força-de-trabalho que, posteriormente, encoraja e facilita a informalização” (PORTES & SASSEN-KOOB, 1987:55, tradução própria).

conforme pretendemos argumentar neste artigo, nos fornecer ferramentas analíticas profícuas para o enquadramento da imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo: na medida em que possibilita destacar sua dimensão dinâmica e os jogos complexos e ambíguos entre “subordinação” e “agência” que caracterizam as atividades econômicas de grupos migrantes que se põe em movimento nas franjas da globalização.

Com o intuito de desenvolver este argumento, o artigo será dividido em três partes: primeiramente, apresentaremos, com mais detalhes, algumas características da forma como a imigração boliviana ligada ao setor de confecção se apresenta no contexto urbano paulistano. Posteriormente, abordaremos o diálogo contemporâneo que alguns sociólogos franceses estabelecem com a Escola de Chicago em relação às formas de inserção e circulação dos grupos imigrantes nos contextos urbanos de destino. E, finalizaremos, com considerações sobre a efetividade e viabilidade de utilização de tal perspectiva analítica para a abordagem da imigração boliviana ligada ao setor de confecção na cidade de São Paulo.

### Migração e Trabalho – a imigração boliviana por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo

Todos os domingos, a Praça Padre Bento, em frente à imponente Igreja Santo Antônio do Pari, em São Paulo, se transforma no cenário de uma insólita atividade, uma evocação moderna dos mercados de escravos que funcionaram na cidade dos barões do café até o século passado. Dezenas de imigrantes sul-americanos oferecem-se como força-de-trabalho para os coreanos que mantêm oficinas de costura na cidade. As condições de trabalho pouco variam: jornada de 16 horas diárias e um cativo que só pára da tarde de sábado à noite de domingo. (...) A partir das 18h, os primeiros imigrantes – na maioria bolivianos em situação irregular no país – chegam à praça e vão se agrupando nos bancos sob as árvores e nos bares das redondezas. Por volta das 21h, o mercado informal estabelecido na Praça Padre Bento já concentra cerca de 100 clandestinos. É nesse momento que os primeiros donos das oficinas chegam e transformam a praça numa bolsa de ofertas, misturando palavras em português, espanhol e coreano (O GLOBO, 13 dez. 1992).

Nos momentos iniciais do debate público sobre este fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo, na década de 1990, a paisagem em foco no espaço urbano era a Praça Padre Bento, no bairro do Pari – tradicionalmente acolhedor de imigrantes de diversas nacionalidades que se dirigiram para a cidade desde fins do século XIX<sup>9</sup>. Nessa Praça, aos domingos à noite, começava a ser possível entrever os vestígios de um mercado de trabalho paralelo, de subcontratação, entre donos de oficinas e lojistas da comunidade coreana e os trabalhadores bolivianos<sup>10</sup>.

Durante toda a primeira metade da década de 1990, o debate público sobre o assunto se concentrou na relação entre os lojistas e donos de oficinas coreanos e os trabalhadores bolivianos. Vinculação assumida, inclusive,

<sup>9</sup> “Localizado na convergência dos dois rios historicamente mais importantes de São Paulo, o Tietê e o Tamanduateí, o Pari é o ponto de convergência entre a zona leste, a zona norte e o centro. Foi também, ao longo do século XX, foco de convergência dos vários povos que imigraram para São Paulo. Primeiro, os alemães – fundadores do Clube dos Alemães, mais tarde a Associação Portuguesa de Desportos – depois os italianos e portugueses, seguidos pelos sírios e libaneses. Há cerca de 40 anos chegaram os nordestinos, e há 20 os coreanos. De cinco anos para cá vieram os bolivianos” (COSTA, 2001, s/p.).

<sup>10</sup> Sobre as ligações entre a imigração boliviana e a imigração coreana para São Paulo, ver: FREITAS & BAENINGER, 2010.

pelos próprios representantes da comunidade coreana em suas tentativas de resposta às inúmeras denúncias em pauta naquele momento<sup>11</sup>. Essa forma de organização da produção dos imigrantes coreanos – a partir do trabalho informal de imigrantes bolivianos, sem documentação, em pequenas oficinas de costura irregulares – conformava prática generalizada e bem sucedida para a diminuição dos custos de produção, em um ambiente recessivo para o setor de confecção como um todo, entre fins da década de 1980 e início dos anos de 1990.

Entretanto, a partir da segunda metade da década de 1990, percebe-se uma inflexão na abordagem dessa temática pela imprensa local: a ligação entre coreanos e bolivianos começa a se dissipar. E, enquanto, por um lado, a comunidade coreana adquire destaque e reconhecimento social devido ao sucesso comercial alcançado nos bairros do Brás e do Bom Retiro<sup>12</sup>. Por outro lado, os imigrantes bolivianos, passam a aparecer também como “exploradores” do trabalho de seus compatriotas. Além da questão da subcontratação, começa-se a evidenciar suas condições de trabalho, com o aumento da visibilidade do espaço interno das oficinas de costura<sup>13</sup>. Essas mudanças refletem uma estratégia de transferência do recrutamento de força de trabalho e do controle das oficinas de costura para a comunidade boliviana, na medida em que a comunidade coreana ligada ao setor de confecção passava para a formalidade e se consolidava comercialmente (FREITAS, 2009, SILVA, 1998)<sup>14</sup>.

Nesse momento, os bolivianos deixam de ser apenas força de trabalho recrutada para se transformarem também em pequenos empreendedores, donos das oficinas de costura e recrutadores da força de trabalho – um recrutamento que inicia, muitas vezes, na Bolívia. A partir de então, nos deparamos com a formação de um sistema cada vez mais complexo e heterogêneo no interior da comunidade boliviana inserida na cidade de São Paulo, cujo dinamismo se reflete, por exemplo, nas possibilidades de mobilidade social inscritas na passagem, plausível em médio prazo, da atividade de costureiro para a de “oficinista” (dono de oficina de costura) (SILVA, 1998)<sup>15</sup>. E no fato de que em torno da atividade dessas oficinas no setor de confecção e, na medida em que a comunidade boliviana se consolida na cidade, emergem outros tipos de pequenos empreendimentos de bolivianos: i) os estabelecimentos comerciais (em sua maioria, restaurantes, pequenos mercados/armazéns e cabeleireiros) e pontos de venda ambulante (para a comercialização de produtos típicos, comida, CDs, DVDs, cartões telefônicos etc); ii) o investimento em serviços de telefonia e transporte próprios (oficiais e clandestinos) para conectar os bolivianos e, atualmente, cada vez mais, outros imigrantes hispano-americanos aos seus lugares de origem; iii) a formação de rádios piratas que

<sup>11</sup> “O vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Coreana no Brasil, Tomás Choi, reconhece que foram os coreanos, donos de confecções, os primeiros a empregar os imigrantes bolivianos de forma ilegal. (...) O Consulado da Coreia, em São Paulo, de acordo com as informações do administrador Willian Taik, também assume que os coreanos exerceram por um bom tempo a função de empregadores de imigrantes bolivianos” (O Estado de São Paulo, domingo, 20 de julho de 1997, “Emprego ilegal teve início com colônia coreana”).

<sup>12</sup> Em 2006, de acordo com os dados da Associação de Lojistas do Brás (Alobrás) e da Câmara dos Dirigentes Lojistas do Bom Retiro (CDL), esses bairros, onde se concentra o comércio coreano de roupas, seriam responsáveis por 40% do faturamento do Estado de São Paulo no setor, gerando um montante anual em torno de 3,9 bilhões de dólares. Cf. site da CDL: <http://www.cdlobomretiro.org.br/06/> (último acesso março de 2009).

<sup>13</sup> Conforme se depreende das inúmeras matérias veiculadas pela mídia, as oficinas de costura fotografadas encontravam-se fora dos padrões de higiene e segurança mínimo definidos pela legislação brasileira, pois além da atividade de costura, serviam enquanto dormitório e refeitório dos trabalhadores e seus filhos e localizavam-se, em geral, em lugares pouco iluminados e pouco ventilados, não sendo difícil flagrar instalações elétricas clandestinas para o funcionamento das máquinas de costura. Concomitante a essas condições precárias de instalação, destacam-se também, nas notícias dos jornais, os intensos regimes de trabalho, com jornadas diárias de 15 horas ou mais, para o recebimento de remunerações inferiores às praticadas no mercado e, muitas vezes, pagas em espécie e não em moeda. Além de denúncias de situações de confinamento para o trabalho forçado.

<sup>14</sup> Nesse período também iniciam as denúncias sobre a existência de vínculos entre as oficinas bolivianas e grandes redes nacionais e multinacionais de comercialização de roupas. Entretanto, note-se que a vinculação das oficinas bolivianas ao comércio coreano ainda permanece muito forte, conforme foi possível perceber em trabalho de campo e outros estudos (AZEVEDO, 2005; BUECHLER, 2003; FERRETI, 2002; FREIRE, 2008; GALETTI, 1995; KADLUBA, 2007; SILVA, 1997 e 2006).

<sup>15</sup> E, atualmente, estamos diante de mais uma mudança na configuração da atuação da população boliviana no interior do setor de confecção na cidade de São Paulo: conforme foi possível perceber a partir do trabalho de campo realizado ao longo do ano de 2010, alguns donos de oficinas de costura bolivianos discutem a possibilidade de estabelecimento de circuitos próprios de comercialização de sua produção e de concepção das peças a serem produzidas.

transmitem programas em espanhol e em aymarará e-autor com informações sobre serviços – de saúde, educação e lazer – e questões relativas ao trabalho nas oficinas de costura e, iv) a consolidação de alguns lugares de referência da comunidade boliviana na cidade de São Paulo, como, por exemplo, a rua Coimbra, no Bresser e a Praça Kantuta, no Canindé<sup>16</sup>.

Atualmente, além da comunidade boliviana, percebe-se a entrada de paraguaios e peruanos<sup>17</sup>, no trabalho nas oficinas de costura na cidade de São Paulo – em oficinas próprias ou nas oficinas de bolivianos e/ou coreanos<sup>18</sup>. A entrada desses grupos, não apenas nas oficinas de costura, mas também em espaços de circulação da comunidade boliviana nos bairros do Brás, Canindé e Pari – principalmente na Rua Coimbra<sup>19</sup> e na Avenida Carlos de Campos – tem gerado uma série de conflitos e tensões que se refletem, entre outras coisas, no aumento significativo de casos de violência entre esses grupos registrados pela polícia<sup>20</sup>.

Dessa forma, ao invés do clássico e esperado percurso da integração e assimilação dessa força de trabalho boliviana ao mercado de trabalho local e às estruturas sociais e econômicas da sociedade de destino percebe-se, por um lado, a formação de espaços e dinâmicas próprios a partir de uma relação mediada (e não direta) com as estruturas institucionais e laborais da sociedade de destino e em torno da manutenção de relações e vínculos, materiais e/ou simbólicos, com as sociedades de origem. E, por outro lado, a entrada de outros grupos de imigrantes (peruanos e paraguaios), em circunstâncias semelhantes na cidade de São Paulo, no interior desses espaços e dinâmicas, inicialmente constituídos pela comunidade boliviana. Ao partirmos do fato da manutenção da diferença ou ainda de outras formas de integração (entre os diversos grupos e os autóctones) com a constituição de novas dinâmicas nos espaços urbanos de destino – emerge a questão dos arranjos, diálogos, rituais, espacialidades ou ainda a(s) sociabilidade(s) tecida(s) por esses novos personagens no contexto urbano e por entre suas fronteiras internas e externas em torno das atividades das oficinas de costura.

FREITAS, Patrícia Tavares de. **Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. Pg. 155-163.** Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepto/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível em [http://www.nepto.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro\\_bolivianos.pdf](http://www.nepto.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf) Acesso em 08.jul.2013

<sup>16</sup> Enquanto, por um lado, a feira de domingo na Praça Kantuta se estabeleceu a partir de uma reivindicação da comunidade boliviana junto à prefeitura municipal da cidade e trata-se de um espaço de comércio não permanente (só funciona aos domingos). Por outro lado, a Rua Coimbra teve uma história muito mais informal de inserção da comunidade boliviana – tratava-se, conforme foi possível verificar a partir de trabalho de campo, de uma rua em que se concentravam muitas oficinas de costura coreanas e bolivianas e, ao longo da década de 1990, começou a receber o comércio e salões de cabeleireiro bolivianos para atender os costureiros, além de uma central telefônica cujos donos são bolivianos. E aos finais de semana, passou a se consolidar como ponto de encontro da comunidade, recebendo comércio ambulante. Atualmente, destaca-se a existência de um posto do consulado boliviano e de uma empresa que é especializada em formalizar a situação de bolivianos e suas oficinas de acordo com os parâmetros legais vigentes no Brasil.

<sup>17</sup> Conforme foi possível verificar em trabalho de campo realizado ao longo de 2010. De maneira geral, note-se que os fluxos migratórios de paraguaios e peruanos para o Brasil também tem aumentado significativamente nesse período. De acordo com Sala (2005), a partir dos dados dos Censos Demográficos do IBGE de 1990 e 2000, enquanto a taxa de crescimento médio anual entre 1991-2000 da população boliviana no país foi de 29,5%, a taxa de crescimento da população paraguaia foi de 47,3% e a taxa de crescimento da população peruana foi de 71%.

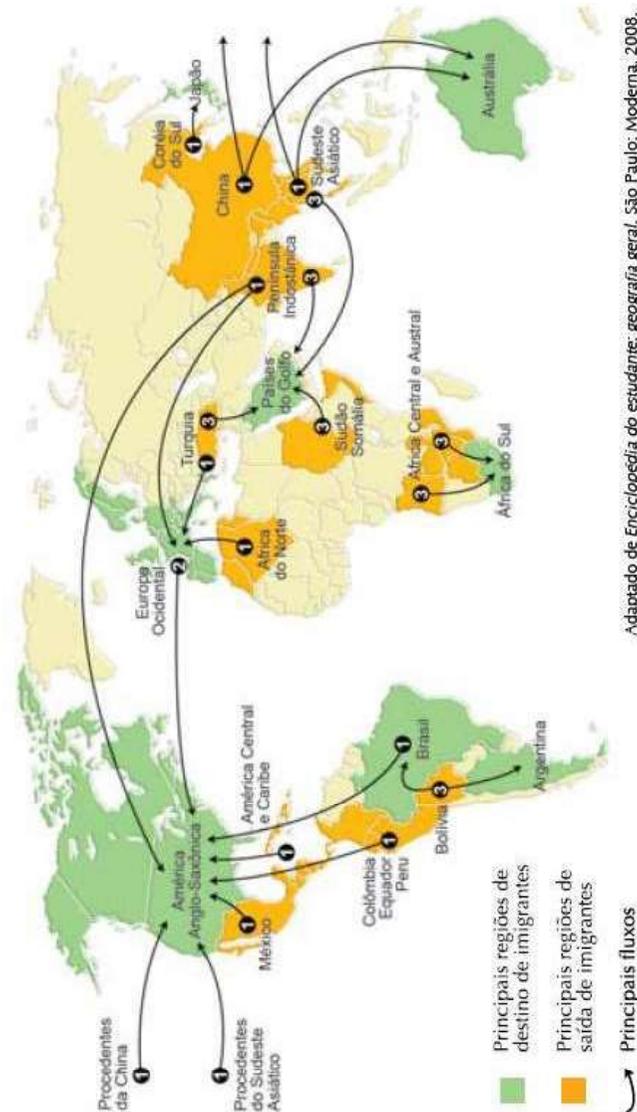
<sup>18</sup> Note-se que apesar de ter havido uma sensível diminuição da participação coreana no negócio das oficinas de costura e recrutamento de força de trabalho, ao longo do trabalho de campo encontramos casos de bolivianos que disseram trabalhar em oficinas de coreanos.

<sup>19</sup> A Rua Coimbra é considerada, atualmente, pela polícia militar um dos locais de maior foco das tensões entre bolivianos, paraguaios e peruanos, tendo sido registrados formal e informalmente, no primeiro semestre de 2011, 12 casos de brigas e 4 mortes.

<sup>20</sup> De janeiro a julho de 2001, a Polícia Militar atendeu 71 ocorrências de casos de brigas e um assassinato entre bolivianos, paraguaios e peruanos – na maioria dos casos tratava-se de costureiros. Entretanto, estima-se que o número seja bem maior, pois na imensa maioria dos casos a polícia não é chamada. Em geral, mas existem exceções, os paraguaios são os que mais agredem e os bolivianos são o grupo mais atingido. Além da existência de conflitos entre membros da mesma comunidade. Ver reportagem completa sobre o assunto em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/promotoria-apura-rixa-entre-peruanosbolivianos-e-paraguaios-em-sp.html> [último acesso em 18/08/2011].

## TEXTO DOIS – MAPA DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS

### Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI



Disponível em

[http://www.vestibular.uerj.br/portal\\_vestibular\\_uerj/arquivos/arquivos2009/provas\\_e\\_padroes\\_respostas/provas/2009\\_ed\\_geo.pdf](http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2009/provas_e_padroes_respostas/provas/2009_ed_geo.pdf) Acesso em 08/07/2013

**TEXTO TRÊS – Tabela 1. Principais países de origem dos imigrantes internacionais do Brasil entre 2005-2010**

País	Porcentagem %
Estados Unidos	25
Japão	20
Paraguai	12
Portugal	11
Bolívia	8
Reino Unido	6
Espanha	6
Itália	5
Argentina	4
França	3

Fonte: Adaptado. IBGE - Censo Demográfico 2010.

OBS: Dos 51.933 imigrantes provenientes dos Estados Unidos, 84,2% eram brasileiros. Entre os 41.417 imigrantes provenientes do Japão, 89,1% eram brasileiros. Já entre os 15.753 imigrantes provenientes da Bolívia, apenas 25% eram brasileiros.

Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf> Acesso em 08.jul.2013

**TEXTO QUATRO – Tabela 2. Brasil e Unidades da federação selecionadas. Distribuição proporcional dos nascidos na Bolívia por lugar de residência em 2000, segundo período em que fixaram residência no Brasil.**

Período que fixaram residência no Brasil				
Residência no Brasil	Brasil	Rondônia	São Paulo	Mato Grosso do Sul
Antes de 1970	25,8	20,6	20,4	47,7
1970 – 1980	16,0	15,1	14,7	13,7
1980 – 1990	20,5	28,8	20,3	13,4
1990 – 2000	37,8	35,5	44,5	25,2
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Total absoluto	20.389	2.354	10.223	1.873

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 (microdados da amostra). Sala, 2005: 63.

XAVIER, Iara Rolnik. **A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade.** pg. 117. Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População- Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p. Disponível em [http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro\\_bolivianos.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf) Acesso em 08.jul.2013

DISCIPLINA Geografia	PERÍODO 3º BIMESTRE	ANO/SÉRIE 8ª Série/ 7º ano	TURMA	PROFESSOR Prof. Kivam Arruda Izidoro	NOTA
LEITOR CRÍTICO		Ensino Fundamental II			
NOME: _____ Nº _____					DATA:
<b>ORIENTAÇÕES GERAIS:</b> 1. Leia a atividade com atenção antes de responder às questões; 2. Não entregue a atividade com respostas a lápis, utilize sempre caneta esferográfica azul ou preta; 3. Para esta atividade, você precisará da grade para correção de textos dissertativos seguida pelo INEP/ENEM e pela SEE/SP; 4. Não rasure; se errar, apenas passe um traço sobre o erro: <b>exceção</b> ;					

Um dos desafios de se tornar um leitor consciente é não apenas saber identificar – com clareza – os aspectos constitutivos dos mais variados gêneros textuais, mas, também, saber sugerir as correções para que um determinado texto cumpra com o objetivo que seu autor, uma vez, pensou, fosse este o de convencer, fosse o de informar, entre outros tantos.

NOME DO AUTOR DO TEXTO ANALISADO:	CUMPRIMENTO DAS OBRIGATORIEDADES		VALOR ATRIBUÍDO DE ACORDO COM A GRADE DE CORREÇÃO	AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
	SIM	NÃO		
<b>COMPETÊNCIA I – DEMONSTRAR DOMÍNIO DA NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA (ESCRITA).</b>	O texto considera o público-alvo?			
	O texto atende à norma culta da Língua Portuguesa?			
	O texto faz uso de um registro adequado para esse tipo de elaboração?			
<b>COMPETÊNCIA II - COMPREENDER A PROPOSTA DE REDAÇÃO E APLICAR CONCEITOS DAS VÁRIAS ÁREAS DE CONHECIMENTO PARA DESENVOLVER O TEMA, DENTRO DOS LIMITES ESTRUTURAIS DO TEXTO DISSERTATIVO- ARGUMENTATIVO.</b>	O texto responde a questão proposta?			
	O texto atende à proposta de redação?			
	O texto apresenta uma tese a ser defendida? O texto apresenta estrutura expositiva-argumentativa?			
<b>COMPETÊNCIA III - SELECIONAR, RELACIONAR, ORGANIZAR E INTERPRETAR INFORMAÇÕES, FATOS, OPINIÕES E ARGUMENTOS EM DEFESA DE UM PONTO DE VISTA.</b>	O texto apresenta argumentos relacionados ao tema?			
	Os tipos de argumento utilizados pertencem à esfera acadêmica?			
	O texto apresenta contra-argumento à tese defendida?			

		CUMPRIMENTO DAS OBRIGATORIEDADES		VALOR ATRIBUÍDO DE ACORDO COM A GRADE DE CORREÇÃO	AVALIAÇÃO DO PROFESSOR
		SIM	NÃO		
<b>COMPETÊNCIA IV - DEMONSTRAR CONHECIMENTO DOS MECANISMOS LINGÜÍSTICOS NECESSÁRIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO.</b>	Algum parágrafo do texto ficou incompleto (em suas ideias) ou confuso?				
	Os articuladores sintáticos foram utilizados adequadamente?				
	A ordem em que os argumentos foram apresentados leva ao fortalecimento da tese?				
<b>COMPETÊNCIA V - ELABORAR PROPOSTA DE SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA ABORDADO, MOSTRANDO RESPEITO AOS VALORES HUMANOS E CONSIDERANDO A DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL.</b>	O texto apresenta alguma solução à questão-problema apresentada?				
	O texto apresenta alguma solução eticamente exequível?				
	A solução dada à questão-problema considera a diversidade sociocultural?				
	A solução dada à questão-problema considera o autor do texto como participante desta?				

### GRADE DE CORREÇÃO PARA A AVALIAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES

**QUESTÃO-PROBLEMA:** O que motiva milhares de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?

**PROPOSTA:** ELABORAR UMA DISSERTAÇÃO QUE RESPONDA À QUESTÃO-PROBLEMA

<b>COMPETÊNCIA I – DEMONSTRAR DOMÍNIO DA NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA (ESCRITA)</b>	
1	Domínio precário da Língua Portuguesa (desrespeito às normas de utilização) e utilização de registro pouco adequado ao gênero discursivo-textual.
2	Domínio razoável da Língua Portuguesa (com eventuais desrespeitos às normas de utilização) e utilização de um registro pouco adequado ao gênero discursivo-textual.
3	Bom domínio da Língua Portuguesa, com pontuais desvios às normas de utilização.
4	Muito bom domínio da Língua Portuguesa, com raros desvios às normas de utilização.

<b>COMPETÊNCIA II - COMPREENDER A PROPOSTA DE REDAÇÃO E APLICAR CONCEITOS DAS VÁRIAS ÁREAS DE CONHECIMENTO PARA DESENVOLVER O TEMA, DENTRO DOS LIMITES ESTRUTURAIS DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO.</b>	
0	Elabora outro gênero discursivo-textual que não a dissertação.
1	Elabora um esboço de dissertação: desconsiderando a objetividade e a intenção deste gênero discursivo-textual, além de muitas das características essenciais (a identificação clara do tema em discussão ou de uma tese a se defender, por exemplo).
2	Elabora de forma precária uma dissertação: ora desconsidera a objetividade e a intenção deste gênero discursivo-textual, ora outras características essenciais (a identificação clara do tema em discussão ou de uma tese a se defender, por exemplo).
3	Elabora de forma adequada uma dissertação, ainda que cometa uma ou outra falha quanto às características essenciais deste gênero discursivo-textual.
4	Elabora uma dissertação, considerando todas (ou quase) as características essenciais deste gênero discursivo-textual.

<b>COMPETÊNCIA III - SELECIONAR, RELACIONAR, ORGANIZAR E INTERPRETAR INFORMAÇÕES, FATOS, OPINIÕES E ARGUMENTOS EM DEFESA DE UM PONTO DE VISTA</b>	
1	Responde à questão-problema de forma tangencial, isto é, apresenta aspectos pouco relevantes ao tema.
2	Responde à questão-problema de forma razoável, seleciona ora aspectos relevantes ao tema, ora não, construindo apenas um esboço de argumentação clara, coerente e científica..
3	Responde à questão-problema, selecionando aspectos relevantes ao tema, mas não os sintetizando adequadamente OU construindo uma argumentação clara e coerente, mas nem sempre científica.
4	Responde à questão-problema, selecionando aspectos relevantes ao tema e os sintetizando adequadamente, construindo uma argumentação clara, coerente e científica.

<b>COMPETÊNCIA IV - DEMONSTRAR CONHECIMENTO DOS MECANISMOS LINGÜÍSTICOS NECESSÁRIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO.</b>	
1	Dissertação precariamente elaborada: uso de palavras-chave que não se relacionam ao / sintetizam o tema E presença de muitos parágrafos e ideias desconexos.
2	Dissertação razoavelmente elaborada: uso de palavras-chave que não se relacionam ao / sintetizam o tema OU presença de um parágrafo / de uma ideia desconexos.
3	Dissertação bem elaborada: problemas eventuais na utilização das palavras-chave selecionadas para discutir o tema E ausência de parágrafos / ideias desconexos.
4	Dissertação muito bem elaborada: sem problemas na utilização de palavras-chaves selecionadas para discutir o tema E ausência de parágrafos / ideias desconexos.

<b>COMPETÊNCIA V - ELABORAR PROPOSTA DE SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA ABORDADO, MOSTRANDO RESPEITO AOS VALORES HUMANOS E CONSIDERANDO A DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL.</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não se pode esquecer que cabe ao autor – também – colocar-se enquanto sujeito ativo da solução que vier a propor.</li> </ul>	
1	A dissertação não explicita uma proposta de solução para a questão-problema. PORÉM, não fere direitos, nem valores de quem quer que seja.
2	A dissertação esboça algumas ideias que podem vir a ser uma proposta de solução para a questão-problema SEM ferir direitos, nem valores de quem quer que seja.
3	A dissertação apresenta uma proposta genérica de solução para a questão-problema, respeitando direitos e valores de quem quer que seja.
4	A dissertação apresenta uma proposta específica de solução para a questão-problema, respeitando direitos e valores de quem quer que seja.

<b>PROFESSOR AUTOR</b>	Professor 1
<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	Geografia
<b>ESCOLA EM QUE SERÁ REALIZADA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	EMEF Marechal Deodoro da Fonseca
<b>CURSO E SÉRIES/ANOS ENVOLVIDOS</b>	7ª séries/ 8º anos A e B
<b>NÚMERO DE ALUNOS</b>	70
<b>PERÍODO DA APLICAÇÃO</b>	Início: 05 de Agosto de 2013 – Término: 03 de Outubro de 2013
<b>AULAS PREVISTAS PARA TODA A SEQUÊNCIA</b>	31
<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização

<b>PROBLEMA a ser estudado nesta sequência didática</b>	O que motiva milhões de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>1</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

<b>ELABORAÇÃO INICIAL</b>	
<b>SITUAÇÃO PROBLEMA</b> (Contextualização)	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas raças e etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais da onde eles saem e onde eles se estabelecem?</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>

COMPETÊNCIAS <sup>2</sup>		1	2	3	4	Total de Pontos	Nota:
		I	Registro (Utiliza as convenções e normas do sistema de escrita?)				
II	Gênero (Apresenta os elementos característicos do gênero solicitado?)						
III	Argumentação (Apresenta argumentos de acordo com a proposta de atividade de elaboração de texto, tendo o conhecimento elaborado por referência?)						
IV	Coesão e Coerência (Organiza o texto de forma lógica, com os mecanismos linguísticos e textuais necessários?)						
V	Solução (Apresenta proposta de solução considerando o conhecimento elaborado e o respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural?)						

<sup>1</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.

<sup>2</sup> Adaptado a partir das competências e habilidades utilizadas na correção das redações dos concursos ENEM/SARESP, de acordo com [http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=18&Itemid=28](http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=28).

<b>PROFESSOR AUTOR</b>	Professor 1
<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	Geografia
<b>ESCOLA EM QUE SERÁ REALIZADA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	EMEF Marechal Deodoro da Fonseca
<b>CURSO E SÉRIES/ANOS ENVOLVIDOS</b>	7ª séries/ 8º anos A e B
<b>NÚMERO DE ALUNOS</b>	70
<b>PERÍODO DA APLICAÇÃO</b>	Início: 05 de Agosto de 2013 – Término: 03 de Outubro de 2013
<b>AULAS PREVISTAS PARA TODA A SEQUÊNCIA</b>	31
<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização

<b>PROBLEMA a ser estudado nesta sequência didática</b>	O que motiva milhões de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>1</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

<b>ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA</b>	
<b>SITUAÇÃO PROBLEMA (Contextualização)</b>	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas raças e etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais da onde eles saem e onde eles se estabelecem?</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>

COMPETÊNCIAS <sup>2</sup>					1	2	3	4	Total de Pontos	Nota:
<b>II</b>	<b>Gênero</b> (Apresenta os elementos característicos do gênero solicitado?)									
<b>III</b>	<b>Argumentação</b> (Apresenta argumentos de acordo com a proposta de atividade de elaboração de texto, tendo o conhecimento elaborado por referência?)									
<b>IV</b>	<b>Coesão e Coerência</b> (Organiza o texto de forma lógica, com os mecanismos linguísticos e textuais necessários?)									
<b>V</b>	<b>Solução</b> (Apresenta proposta de solução considerando o conhecimento elaborado e o respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural?)									

<b>PROFESSOR AUTOR</b>	Professor 1
<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	Geografia
<b>ESCOLA EM QUE SERÁ REALIZADA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	EMEF Marechal Deodoro da Fonseca
<b>CURSO E SÉRIES/ANOS ENVOLVIDOS</b>	7ª séries/ 8º anos A e B
<b>NÚMERO DE ALUNOS</b>	70
<b>PERÍODO DA APLICAÇÃO</b>	Início: 05 de Agosto de 2013 – Término: 03 de Outubro de 2013
<b>AULAS PREVISTAS PARA TODA A SEQUÊNCIA</b>	31
<b>TÍTULO DA SEQUÊNCIA</b>	Migrações, regiões metropolitanas e globalização

<b>PROBLEMA a ser estudado nesta sequência didática</b>	O que motiva milhões de bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo?
<b>CAPACIDADE DE LINGUAGEM<sup>1</sup> A SER TRABALHADA</b>	ARGUMENTAÇÃO
<b>GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL A SER TRABALHADO</b>	Dissertação

<b>ELABORAÇÃO FINAL</b>	
<b>SITUAÇÃO PROBLEMA (Contextualização)</b>	<p>O que provoca o deslocamento de populações, das mais diversas raças e etnias, por longos trajetos, para diferentes regiões? Desde os primórdios algo motiva estes deslocamentos. E nos dias atuais, quais os fatores que determinam esses movimentos? São os mesmos do passado? Quais os locais mais atrativos para estabelecer uma vida que satisfaça suas necessidades básicas? Os migrantes são bem sucedidos nos locais de seu destino?</p> <p>Ressalta-se o fato do Brasil, e em especial São Paulo, ter um povo composto por diversas formações étnicas que ocuparam este espaço ao longo dos tempos. Nas últimas décadas os bolivianos se destacam como um dos principais grupos que se deslocaram para estabelecer residência em São Paulo. O que estaria fazendo este povo se deslocar em grandes quantidades atualmente? O que pode ser alterado nos locais da onde eles saem e onde eles se estabelecem?</p> <p>Elabore um texto dissertativo no qual você responda ao seguinte problema: O que motiva milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo?</p>

COMPETÊNCIAS <sup>2</sup>					1	2	3	4	Total de Pontos	Nota:
<b>II</b>	<b>Gênero</b> (Apresenta os elementos característicos do gênero solicitado?)									
<b>III</b>	<b>Argumentação</b> (Apresenta argumentos de acordo com a proposta de atividade de elaboração de texto, tendo o conhecimento elaborado por referência?)									
<b>IV</b>	<b>Coesão e Coerência</b> (Organiza o texto de forma lógica, com os mecanismos linguísticos e textuais necessários?)									
<b>V</b>	<b>Solução</b> (Apresenta proposta de solução considerando o conhecimento elaborado e o respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural?)									

<sup>1</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.  
<sup>2</sup> Adaptado a partir das competências e habilidades utilizadas na correção das redações dos concursos ENEM/SARESP, de acordo com [http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=18&Itemid=28](http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=28).

<sup>1</sup> Este é o termo utilizado pelos professores Schneuwly e Dolz. Em Bakhtin, a mesma ideia é representada pelo termo “competência discursiva”.  
<sup>2</sup> Adaptado a partir das competências e habilidades utilizadas na correção das redações dos concursos ENEM/SARESP, de acordo com [http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=18&Itemid=28](http://historico.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=18&Itemid=28).

ANEXO B



**Elaborações textuais dos estudantes do 8º ano (antiga 7ª série) A e B (acervo de dados da pesquisa “Leitura e Escrita no Ensino de Geografia e Ensino da Argumentação”, coordenada pela Profª Drª Maria Eliza Miranda)**

Digitação das elaborações de Alex T.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Condições Melhores de Vida</p> <p>Os bolivianos vem atrás de emprego como muitos tem família e precisam de dinheiro para alimentá-la, e pagar contas e também em busca de escolas melhores para seus filhos, e assim poderem ter um bom futuro. Porém muitas pessoas acham que o Brasil está sendo invadido porém, isso é preconceito, mas mesmo assim os bolivianos continuam vindo, acreditando serem acolhidos pelas pessoas do Brasil, mas muitas pessoas acolhem de braços abertos e nessa confiança entre povos levá a paz entre todos.</p>	<p>Os Bolivianos em São Paulo</p> <p>Os bolivianos como muitos sabem, vem por muitos motivos, política, trabalho, vida escolar boa para seus filhos, e em São Paulo, eles trabalham ilegalmente, em casas de confecção, tendo como donos os coreanos, um dos lugares em 1990 era o espaço urbano a praça Padre Bento, um mercado de trabalho. Desde a década de 1990, os bolivianos aumentaram o fluxo migratório. Eles migram, por serem as principais vítimas dos efeitos perversos da globalização. O vice-presidente da Câmara de comércio e Indústria coreano no Brasil, Tomás Choi, reconhece que foram os coreanos, donos de confecções, os primeiros a emprestar os imigrantes bolivianos de forma ilegal.</p>	<p>Bolivianos</p> <p>Os bolivianos vem ao Brasil por diversos motivos, dinheiro, trabalho, política e educação, tudo para ter uma vida básica, casa, comida e escola para seus filhos.</p> <p>Os bolivianos vem de diversos lugares, porém há muitos outros povos que vem ao Brasil e a outros países. Tudo em busca de uma vida básica eles geralmente vem para a região metropolitana de São Paulo e trabalham principalmente em casas de costura ilegais, pois eles não tem carteira de trabalho, eles também trabalham em outros setores como babá e outros.</p> <p>O fluxo migratório de bolivianos direcionado para o trabalho informal em oficinas de costura, na cidade de São Paulo, adquiriu visibilidade, nos principais jornais da imprensa brasileira, a partir da década de 1990.</p>

Digitação das elaborações de Bruno K.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Eu acho que os bolivianos vem pra São Paulo, por que eles quer conhece São Paulo ou vem atrais de servisso ou visita parentes que mora em São Paulo</p>	<p>A migração dos bolivianos A imigração dos bolíviaños á São Paulo, começou na década de 90. O motivo dos boliviano ter vindo a São Paulo, foi por causa da grande produção de confecção no centro de São Paulo. E o salario que para nós brasileiros é pouco mas pros bolivianos é muito.</p> <p>Os bolivianos não tem registro na carteira, nem um beneficio e ganha cerca de 300 a 400 reais. Eles mora na região do Bras, grande São Paulo por que a produção de confecção é maior.</p>	<p>O que motiva os bolivianos migrar p/ São Paulo</p> <p>Os bolivianos migram para São Paulo afim de trabalho, vida melhor. Muitas mulheres vem para o Brasil para trabalhar como babá, governanta e faxineira E os homens trabalham mais nos comercios de costura, atualmente hoje 20% da população boliviana vive fora do seu pais.</p> <p>Se o governo investice nos trabalhadores com um aumento no salário e mais beneficios, os bolivianos não iria migra para o Brasil.</p> <p>Mas mesmo o governo boliviano investindo nos trabalhadores, ainda ia te uma certa porcentagi de bolivianos migrando para outros pais, por causa do desenvolvimento da bolivia que é mais lento que de outros paises</p>

Digitação das elaborações de Caio D.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A migração dos bolivianos</p> <p>Muitos bolivianos migraram para São Paulo em busca de emprego, um bom salário e também uma melhor condição de vida.</p> <p>Os bolivianos tem um país com ruim condição por isso vieram migrar aqui em São Paulo.</p> <p>Mas também muitos bolivianos não vieram para São Paulo e preferiram ficar em seu país.</p>	<p>Os migrantes da bolívia</p> <p>Muitos bolivianos migraram para São-Paulo metropole.</p> <p>A maioria migrou para São Paulo em busca de trabalho, e uma boa condição de moradia. A maioria dos bolivianos que vieram para São Paulo, e trabalham para coreanos em oficinas de costura.</p>	<p>A migração Boliviana</p> <p>Milhares de bolivianos migraram para São Paulo metropole. A maioria migrou em busca de trabalho.</p> <p>Eles também vieram em busca de uma condição de vida melhor que a da bolívia, para viver com sua família.</p> <p>As mulheres que vem da bolívia trabalham em oficinas de costura comandadas por coreanos, e também em casas de família como governantas, babá, fachineiras e também de arrumadeira.</p> <p>Portanto muitas mulheres vem para São Paulo trabalham muito recebem pouco dinheiro, mas é só para ter uma melhor condição de vida e de moradia do que na bolívia.</p>

Digitação das elaborações de Caique L.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>TRABALHO</p> <p>Pelo motivo do trabalho, de boa moradia, um bom salário ou até por férias tem vários motivos pelo que eu sei em alguns países a oferta e melhor do que (XXX) Brasil e outros é pior intão eu acredito que que seja por esse motivo, as ofertas de emprego</p>	<p>IMIGRAÇÃO BOLIVIANA</p> <p>Os bolivianos vem ao Brasil em busca de salários melhores empregos melhores moradias mais muitas vezes os empresarios Brasileiros contratam os bolivianos para trabalhar em suas empresas clandestinas porque os empregos são bem mais baratos na decada de 1930 o Brasil era um pais fechado e com a vinda dos bolivianos ele se tornou mais aberto.</p>	<p>IMIGRAÇÃO BOLIVIANA</p> <p>A todo momento há pessoas imigrando por todo o mundo há cada minuto deve haver umas pessoas imigrando</p> <p>No Brasil não são só os Bolivianos que imigram são outros tambem (XXX) do Brasil e outros países, vem para o Brasil mais (XXX) falam dos Bolivianos imigrando para o Brasil</p> <p>Muitos Bolivianos vem para o Brasil para trabalhar alguns são contratados para oficinas de costura clandestina alguns recebem pouco salario e não dá condições boas para o trabalho.</p> <p>Muitos vem tambem por moradias aqui no Brasil há varias oportunidades que não há na Bolivia.</p> <p>E nas oficinas de custura não mais (XXX) as mãos de obras Na decada de 1930 o Brasil era mais fechado e com a vinda dos bolivianos ele ficou mais aberto.</p>

Digitação das elaborações de Gabriel A. C.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Os bolivianos estão vindo para o Brasil pelo fato de estarem se interessando nos trabalhos brasileiros, e com isso a bolívia perde funcionários e não Lucra, assim a bolívia está caindo aos poucos. Também deve ser por que no Brasil esteja mais fácil de viver, mais fácil de comer e mais fácil de arranjar emprego.</p>	<p>A migração boliviana</p> <p>Os bolivianos migram para o Brasil por vários motivos, como quererem melhores empregos porque aqui o trabalho deve ser melhor do que na Bolívia, comida e moradia mais baratas, melhores condições de vida.</p> <p>Além disso uma boa parte de estudantes e profissionais liberais, saíram da Bolívia por motivos políticos, que também saíram mulheres para trabalhar em casas de família, como babas e empregadas domésticas. A partir da década de 1990, começou ocorrer isso, principalmente por jovens com baixas qualificações, em geral, ex-trabalhadores das minas e fabricas bolivianas.</p>	<p>Migrando para São Paulo</p> <p>Inicialmente, é preciso lembrar que uma parte do fluxo migratorio boliviano direciona para o trabalho informal, como oficinas de costura.</p> <p>Logo começaram a migrar mulheres em busca de trabalhos domesticos, como babas, empregadas (em casas de família).</p> <p>Em seguida, começaram a migrar para São Paulo os coreanos, paraguaios e peruanos, além da entrada de bolivianos, nas oficinas de costura na cidade de São Paulo.</p> <p>Consequentemente, os paraguaios e peruanos trabalaram em oficinas proprias ou nas oficinas de bolivianos ou de coreanos.</p>

Digitação das elaborações de Gabriela R. B.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A migração.</p> <p>Os milhares de bolivianos, deveriam ter vindo para a região metropolitana de São Paulo, pelo motivo de condições, para viver, ou até mesmo por alguma coisa, que deveria estar acontecendo na família.</p> <p>As alterações estão provavelmente sendo feitas nos locais a onde os bolivianos vivem por algum problema.</p> <p>Por algumas alterações ou até mesmo condições financeiras. Por conta desse motivo eles tentam ganhar uma vida melhor na região metropolitana de São Paulo.</p> <p>Ja se acostumando com a ideia eles começam a trazer os familiares e seu amigos conhecidos.</p>	<p>Os bolivianos</p> <p>Eles vem para região de são Paulo, para tentar uma vida melhor, as vezes ate vem para trabalhar para outros comerciantes, vem trabalhar em lojas, mercados etc.</p> <p>Todos vem com a intenção de melhorar a condição da sua familia ou até mesmo de si proprio.</p> <p>Alguns bolivianos vem até São Paulo para, conseguir ganhar um dinheiro, e mandar para seus familiares.</p> <p>Todos que vem para São Paulo, trabalham, para japoneses, e são as vezes obrigados ater contrato de trabalho com eles.</p>	<p>São Bolivianos</p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que o fluxo migratorio para a cidade de São Paulo, é atualmente direcionado para trabalho. mulheres geralmente para trabalhar em casas de familias, como empregadas ou até mesmo como babas, de crianças ou idosos.</p> <p>No setor de confecção, a comunidade boliviana costumam a se empregar em pequenos trabalhos, como em estabelecimentos comerciais (na maior parte, cabeleiros, restaurantes e pequenos mercados) Muitos ainda preferem, trabalhar como feiristas ou com o seu proprio negocio.</p> <p>Os Bolivianos, passaram a gostar de vim para São Paulo, até para morar, eles já estão ate conecando a trazer seus amigos e familiares de toda a bolivia, para morar em São Paulo.</p>

Digitação das elaborações de Jaine P.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>O que motiva os Bolivianos virem para São Paulo?</p> <p>Bom, o que motiva os bolivianos migrarem para as regiões metropolitanas de São Paulo é o trabalho, a vida melhor, uma casa e seus direitos.</p> <p>Mas, muitos morrem de fome, alguns não consegue achar lugares para poder ficar pelo menos uma noite, para os que tem sorte bom, mas para os outros é difícil viver aqui em SÃO PAULO sem trabalho.</p>	<p>A migração dos bolivianos</p> <p>Os bolivianos migram para São Paulo afim de achar uma vida melhor para suas famílias.</p> <p>Como o trabalho, só que muitos sofrem com o famoso “trabalho escravo” e acabam “morrendo” de tanto trabalhar.</p> <p>Os coreanos são os que empregam os bolivianos para trabalharem nas lojas de costura. Eles são os donos das lojas de costuras.</p>	<p>O que motiva os bolivianos virem para São Paulo?</p> <p>Bom, o que motiva os bolivianos migrarem para São Paulo (as regiões metropolitanas) é o trabalho, a vida melhor, uma casa e seus direitos.</p> <p>Mas, muitos morrem de fome, alguns não conseguem achar lugares para morar ou para poder ficar pelo menos uma noite, para os que tem “sorte” bom, mais para os outros é difícil viver aqui em São Paulo sem trabalho.</p> <p>Os bolivianos vem para São Paulo com o intuito de melhorar a vida de suas famílias.</p> <p>Como o trabalho, só que muitos sofrem com o famoso “TRABALHO ESCRAVO” e acabam “morrendo” de tanto trabalhar.</p> <p>Os coreanos são os que empregam os bolivianos para trabalharem nas lojas de costura Eles são os donos das lojas de costura</p>

Digitação das elaborações de Leandro C.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>OS BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR. OS BOLIVIANOS VEM PARA A REGIÃO METROPOLITA DE SÃO PAULO POR QUE O PAÍS DELES SÃO SUBDESENVOLVIDO E ELES QUEREM IR PARA UM PAÍS MELHOR.</p>	<p>OS BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR OS BOLIVIANOS VEM PARA SÃO PAULO DES DO FINAL DO SÉCULO XX, EM MENOR QUANTIDADE, ERAM, ESTUDANTES E DONOS DE COMÉRCIO.</p> <p>GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS PERDERAM O TRABALHO NA DÉCADA DE 1980 DEVIDO UMA PERDA DE ECONOMIA E IMUNDAÇÕES CAUSADA PELA CHUVA.</p> <p>OS BOLIVIANOS VEM PARA TER UTRABALHO MELHOR, US SALARIO MELHOR E UMA MORADIA MELHOR, UMA VIDA MELHOR.</p>	<p>O BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR OS BOLIVIANOS VEM PARA SÃO PAULO DES DO FINAL DO SÉCULO XX, EM MENOR QUANTIDADE, ERAM, ESTUDANTES E DONOS DE COMÉRCIO.</p> <p>GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS PERDERAM O TRABALHO NA DÉCADA DE 1980 DEVIDO UMA PERDA DE ECONOMIA E IMUNDAÇÕES CAUSADA PELA CHUVA.</p> <p>O BOLIVIANOS VEM PARA TER UM TRABALHO MELHOR, UM SALARIO MELHOR E UMA MORADIA MELHOR, UMA VIDA MELHOR.</p> <p>NA DISCUÇÃO CIENTIFICA BRASILEIRA, UMA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA PARA A CIDADE DE SÃO PAULO, A PARTIR DA DÉCADA DE 1990, ELA PASSA SER INPORTANTE, PESSOAS INDO E VINDO PARA O BRASIL, SÃO PAULO CONHECIDO COMO A CIDADE QUE VEM MAIS BOLIVIANOS TEM UM NUMERO DE 10.223, CRECENDO ANTES DE 1970 A 2000.</p> <p>O BRASIL TER SIDO UM IMPORTANTE PAÍS QUE CHAMA A ATENÇÃO DOS BOLIVIANOS E OUTROS MIGRANTES AO LONGO DO SÉCULO XIX E NO MEIO DO SÉCULO XX.</p>

Digitação das elaborações de Marcelo B.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>são Paulo e bolivianos um só O motivo deles migrarem e que seu país não é bom o bastante Para eles e eles viram que são Paulo é uma cidade muito bem sucedido, são Paulo também e um país trabalhador, os bolivianos vieram Para são Paulo também Porque aqui é bem mais fácil arruma um trabalho e assim os bolivianos Pode ter uma vida melhor.</p>	<p>AS NECESSIDADE BÁSICAS E AS NECISSE-CIDADE TRABALHADORAS DO BOLIVIANOS OS BOLIVIANOS NÃO VIERAM APENAS PARA TRABALHO, MAS TAMBÉM PARA SUAS NESSECIDADES BÁSICAS, COM O TODOS OS TURISTA. VEM PARA OS LOCAIS DIVERTIDOS PARA TE SUA NESSECIDADE BÁSICAS. NOS ULTIMO TEMPOS OS BOLIVIANOS ESTÃO SE DESTACANCO COM O UM GRUPO DESLOCAMENTO EM FICAR NAS RESIDÊNCIA DE SÃO PAULO. E ELES VEM COM O MOTIVO DE ESTABELECEER PORQUE AKI EM SÃO PAULO, APESAR DE MUITOS TRABALHOS, OS BOLIVIANOS VEM POR SUAS NESSECIDADES BÁSICAS. E ANTIGAMENTE NA DÉCADA DE 1930 E, NOS ANOS 1980, ERA COMUM CONSIDERAR A POPULAÇÃO BRASILEIRA FECHADA.</p>	<p>A CONFECÇÃO MIGRATORIA DE ALGUNS PAÍSES O MOTIVO DOS BOLIVIANOS VER PARA SÃO PAULO É QUE ELES BUSCAM EMPREGOS, MAS TAMBEM ELES VEM POR ATRAÇÕES DIVERTIDAS, MAIS NÃO SÃO APENAS OS COREANOS POR CONFECÇÃO E TAMBEM TEM ALGUMAS PESSOAS QUE TEM PARENTE AKI NO BRASIL, E OS BOLIVI-ANOS VEM POR SUAS NECESSIDADES BÁSICAS. E ANTIGA-MENTE NA DÉCADA DE 1930 E, NOS ANOS 1980, ERA COMUM CONSIDERA A POPU-LAÇÃO BRASILEIRA FECHADA, NOS ULTIMOS TEMPOS OS BOLIVIANOS ESTÃO SE DESTACANDO COM UM GRUPO DESLOCAMENTO EM FICAR NA RESIDÊNCIA DE SÃO PAULO. CLARO QUE NÃO SÃO APENAS OS BOLIVIANOS TEM MUITOS TURISTICAS QUE VEM PARA SÃO PAULO.</p>

Digitação das elaborações de Taynara S.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A migração e seu porém</p> <p>Milhares de bolívianos estão migrando na região metropolitana de São Paulo, o que será que os motiva?</p> <p>Em São Paulo há muitas opções de trabalho, há muitos comércios e lojinhas, também há muitas fábricas grandes e que precisa de muitos trabalhadores em diversas funções. Podemos dizer que eles também tenham vindo migrar a procura de algo, do próprio interesse? Podemos dizer também que possivelmente eles tenham algo aqui, ou descobriam coisas aqui e vieram buscar ou então souberam de algum valor descoberto aqui.</p>	<p>Os bolivianos e sua migração em São Paulo</p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que os bolivianos vieram para São Paulo para trabalhar em oficinas de costura, ou chamadas, setor de confecção.</p> <p>Dos bolivianos que vieram, a maioria eram estudantes e profissionais liberais.</p> <p>Os bolivianos saíram da Bolívia principalmente por motivos políticos, mas também por uma forte recessão econômica e por desemprego, os bolivianos vieram migrar em São Paulo à procura de uma vida melhor e estável.</p>	<p>Os bolívianos e sua migração</p> <p>Os bolívianos saíram da Bolívia por motivos políticos, forte recessão econômica e por desemprego, isso nós já sabemos, mais o que será que eles viram em São Paulo que os fez querer migrar aqui?</p> <p>Podemos dizer que eles viram uma boa economia, muitas opções de trabalho e uma boa política? Talvez sim, em São Paulo há muita coisa aproveitável, há diversos espaços culturais para ver e aprender, diversas opções de tecidos, já que eles também vieram para trabalhar em oficinas de costura, ou podemos chamar de setor de confecção.</p> <p>Podemos encontrar muitas coisas em São Paulo talvez esse seja o motivo de os bolivianos migrarem aqui, talvez aqui eles vejam o que na Bolívia não tem.</p>

Digitação das elaborações de Thaina S.M.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A migração dos bolivianos</p> <p>Por São Paulo ser uma cidade onde há muitos lugares que as vezes precisam de pessoas para trabalhar, os bolivianos provavelmente foram motivados à migrarem na região metropolitana de São Paulo por querer uma vida melhor. Acredita-se que na Bolívia as coisas sejam mais difíceis e pode ser que lá não tenha a metade das coisas que aqui tem para uma vida melhor para todos os bolivianos.</p>	<p>Migração boliviana</p> <p>Os bolivianos se motivam à migrarem para região metropolitana de São Paulo na esperança de ter uma vida melhor. Muitos do bolianos vem em busca de empregos, casa e etc. Quando em São Paulo o salário e pouco, na Bolívia é menor ainda. Mesmo que não seja todos, é a maioria! As mulheres vem para trabalhar como empregada, doméstica e babás e os homens para trabalhar nas oficinas de costura.</p>	<p>A migração dos bolivianos</p> <p>A Bolívia é um país subdesenvolvido, onde na década de 1980 ocorreu uma forte recessão econômica e desastres naturais causados pelo “El Niño”.</p> <p>Os bolivianos que mais sofreram com iso começaram migrar para São Paulo na década de 1990, em grande quantidade.</p> <p>Esse mesmos bolivianos migraram pra esta região em busca de um trabalho e uma vida melhor.</p> <p>Concluindo isso, os bolivianos deveriam investir em recursos que ajudam a melhorar o país, a qualidade de vida e a vida dos bolivianos, para eles poderem parar de migrar para outros países em grande quantidade e estabelecer suas vidas em seu país de origem</p>

Digitação das elaborações de Victor A.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>O que leva o deslocamento da população?            Acreditasse que a população migra para a cidade grande pois as condições de vida serem melhor. Pois ter mais chances de estudar em boas escolas e ter na vida um bom emprego. E ir crescendo na vida. E também o conforto de melhores hotéis, shopping e etc.</p>	<p>Motivo da migração boliviana            Milhares de bolivianos migram para São Paulo diretamente para metropole, por motivos salariais, políticos e saúde. A procura de emprego para ter uma vida melhor.            Pois na bolívia as famílias passam por dificuldades. Então querem empregos lucrativos para ter uma boa renda para ter boa condição de vida.            Mas quando chegam no Brasil muitas vezes não é o que pensavam. Homens trabalham excessivamente nas oficinas de costura e as mulheres em casas de famílias</p>	<p>Motivo da migração boliviana            Milhares de bolivianos, vem para o Brasil diretamente em São Paulo, por motivos financeiros, melhor condição para a sua saúde e até por motivos políticos.            Em de viver bem!            Na Bolívia é precário o modo de vida!            Por esse motivo migra para o Brasil para construir sua vida com mais luxo e conforto.            Mas quando chegam no Brasil muitas vezes não é o que pensavam. São explorados, homens trabalham excessivamente nas oficinas de costura e as mulheres em casas de família. E em troca um salário nada agradável!            Se os bolivianos tivessem um apoio político, os comerciantes poderiam aumentar seus negócios dando empregos a outros bolivianos. E até outros bolivianos abrindo seus próprios negócios.            Fazendo o país crescer.</p>

Digitação das elaborações de Vinicius R.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Bolivianos no Brasil</p> <p>Nos últimos tempos os Bolivianos estão vindo muito para o Brasil especialmente para São Paulo, pode ser para melhorar de vida, tentando melhorar de emprego.</p> <p>Eles podem pensar que aqui no Brasil é melhor que lá, mas estamos tendo muitos problemas, nessa região de São Paulo por isso está tendo paciências brigas com a polícia etc...</p> <p>Podem tentar do lugar de origem por que pensam que aqui é melhor que lá, mas estamos tendo os mesmos problemas ou pode ser pior.</p>	<p>FLUXO BOLIVIANO NO BRASIL</p> <p>Em uma grande parte do texto fala que os Bolivianos vem para o Brasil em grande quantidade em 1990 a trabalho.</p> <p>A maioria das pessoas também pensam assim, outras acreditam que é por motivos políticos ou vida melhor e outras acreditam nos dois. No começo eles trabalhavam, bem ganhando mais que no país de origem, tiveram lucro nas oficinas mais com a chegada de outros povos eram vendidos como escravos, até hoje ocorre isso de Bolivianos virem para o Brasil em busca de emprego.</p>	<p>Bolivianos no grande Brasil</p> <p>No começo do século 20 ao século 21 houve aumento do fluxo migratório Boliviano para o Brasil, pois ninguém sabe por que.</p> <p>No início acharam que era por trabalho mais vendo as famílias Bolivianas soubermos que era também por saúde por que lá as condições são muito precárias sem hospitais, saneamento básico e disciplina nas escolas, por entenderem o Espanhol ganharam empregos melhores.</p> <p>Os Bolivianos encontraram vários modos de trabalharem do sertão até as grandes cidades. Descobrimos o sofrimento dos Bolivianos como vindo até a pé para o Brasil, já que consideram o Brasil o melhor país da América do Sul.</p> <p>Em Vinhedo, interior de São Paulo vive uma família muito pobre, tentaram vir para o Brasil para uma vida melhor, por incrível que pareça tinham parentes aqui e com ajuda deles encontraram empregos muito bons. A verdade é que quase nenhum Boliviano vem como turista mas sim como uma vida melhor.</p>

Digitação das elaborações de Vitoria D.V.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A Migração dos bolivianos</p> <p>Inicialmente, irei falar sobre o que motiva os bolivianos a migrarem para São Paulo.</p> <p>Em seguida, darei algumas “supostas” respostas para esse motivo.</p> <p>Os bolivianos podem migrar para outra região por dificuldades financeiras, melhoria da condição de vida ou pra encontrar trabalhos melhores.</p> <p>Assim, concluímos que existem vários motivos para essas migrações.</p>	<p>A Migração dos Bolivianos</p> <p>Inicialmente, falarei sobre os motivos da migração dos bolivianos. Existem vários motivos para esse movimento, e um dos principais motivos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Política</li> <li>- Busca de trabalhos</li> <li>- Melhoria da condição de vida, entre outros...</li> </ul> <p>Consideremos o caso de que os bolivianos procuram outro local de trabalho devido a uma forte recessão econômica, outro motivo foram os desastres naturais provocados pelo “El Niño”, assim os bolivianos foi em busca de outro local de moradia.</p> <p>Enfim, foi feita uma pesquisa que diz que atualmente 20% dos bolivianos vive fora de seu país e a maioria dessa população saem de sua região por vários motivos, principalmente pelos citados acima, para solucionar esse problema deveria ser feito protestos para o governo de lá ver que os bolivianos querem defender seus direitos.</p>	<p>Os Bolivianos e suas migrações</p> <p>Inicialmente, é preciso lembrar que os bolivianos buscam outro local de moradia ou de trabalho devido a uma forte recessão econômica e desastres naturais.</p> <p>Entretanto, existem vários motivos que colaboraram para essas migrações, e os principais motivos são: A Política, busca de trabalho, melhoria de condição de vida, busca de moradias, entre outros...</p> <p>Aliás, em uma pesquisa estimou-se que, atualmente 20% da população boliviana vive fora de seu país e seus principais destinos são eles, Argentina e Brasil.</p> <p>No entanto, no meu ponto de vista as migrações não são um problema, mas é certo que para melhorar as condições de vida dessa população deviam ser feito “uma parceria” do governo boliviano com a de outro país, assim um dava apoio ao outro e melhoraria as condições de vida e de moradia, ou então, a população deveria pensar em fazer protestos onde todos defenderiam seus direitos, mas é certo de que todos esses protestos deveriam obter um resultado.</p> <p>Enfim, concluímos que existem vários motivos que levam os bolivianos a migrarem para vários países.</p>
Digitação das elaborações de Andressa M.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Migração para São Paulo</p> <p>Os bolivianos vem para São Paulo em busca de trabalho, salarios melhores, melhores escolas, melhores moradias, enfim por uma vida melhor. Eles esperam chegar aqui e entrar em contato</p>	<p>Migração dos Bolivianos</p> <p>Os bolivianos migraram para São Paulo, em busca de uma condição de vida melhor.</p> <p>Muitos bolivianos saem fugidos da Bolívia por causa de suas</p>	<p>A migração boliviana</p> <p>Os bolivianos vem para o Brasil em busca de melhores condições.</p> <p>Assim que os Bolivianos chegam ao Brasil são surpreendidos por coreanos que os exploram por serem</p>

<p>com uma vida mais fácil, no sentido desses aspectos, moradia, trabalho, escola e salário. Na verdade é o que se espera quando se faz uma mudança, tendência é que se faça uma mudança para se melhorar de vida. E é o que eles fazem vem pra cá e vão tentando melhorar a vida.</p> <p>Mas nem sempre dá certo as vezes eles acabam pior do que estavam antes de se mudar, talvez porque aqui em São Paulo já tenha muitas pessoas, e muita concorrência.</p>	<p>condições, quando chegam ao Brasil eles são explorados por coreanos na maioria das vezes, eles os obrigam a ficar em subsolos de prédios e trabalhar por pratos de comida ou por um salário muito baixo, 200 300 reais</p>	<p>ilegais no país, porque os bolivianos se descobertos podem ser deportados de volta a Bolívia e até preso. Consequentemente aceitam o pedido dos coreanos e foram trabalhar. A solução seria uma segurança mais rígida na fronteira. E o governo Boliviano dar melhores condições de vida.</p>
--	---	--

Digitação das elaborações de Bruno S.S.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A melhor vida</p> <p>Desde os primórdios os deslocamentos eram efetuados por as vezes não haver as melhores condições de vida porém em nossos dias não é diferente, populações se deslocam esperando fugir de problemas políticos economicos e sociais.</p> <p>O Brasil geralmente é uma das melhores opções por ser um pais grande e com várias oportunidades e também por não haver discriminação com estrangeiros.</p> <p>Alguns motivos como guerras, crime excessivo, corrupção são alguns dos motivos que fazem populações se deslocarem.</p>	<p>A mudança de Vida</p> <p>Deslocamentos geralmente são comuns em populações que vivem em lugares que não fornecem condições suficientes para a vida e estilo de algumas famílias.</p> <p>O desemprego é um grande fator em algumas dessas localizações em que pessoas se deslocam para lugares onde acreditam achar emprego, no caso de São Paulo (Brasil) acreditam achar liberdade por ser um estado de muitas variedades de etnias porém nesse processo alguns desses bolivianos se tornam “escravos” diante dos olhos dos coreanos por estarem clandestinamente em um país diferente em que são sujeitados a trabalhar em porções escondidos com péssimas condições de trabalho.</p> <p>Soluções seriam feitas em vão por estarem trabalhando sem carteira assinada e não resultaria em melhorias nos locais onde os bolivianos se estabelecem para trabalhar.</p> <p>Todavia alguns bolivianos conseguem ser elevados em status economico e se tornam pequenos empreendedores e são transformados nos próprios donos das oficinas de costuram e resulta em recrutamento boliviano para sairem daquela vida de “escravos”</p> <p>Uma solução que poderia ser possível para acabar com essa exploração dos coreanos é os bolivianos procurarem outros setores de trabalho que não fosse a produção têxtil seria esperto trabalhar em setores clandestinos que dessem melhoria para suas vidas desde que não fosse o comércio têxtil</p>	<p>Mais comum do que parece</p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que os bolivianos se deslocam clandestinamente por não terem condições de um bom salário e por quererem ter uma vida melhor. Mas uma coisa que poucas sabem é que a população boliviana começou a migrar para o Brasil na década de 1990 porque foram os que mais sofreram com o exôdo rural e o desemprego que atingiu a Bolívia</p> <p>De acordo com o IBGE 2010 grande partes dos imigrantes provenientes dos Estados Unidos e mais em cerca de 85% eram brasileiros ao contrário da Bolívia que mesmo possuindo um número bem inferior em comparação apenas 25% eram brasileiros, logo o maior numero de estrangeiros que vem da Bolívia são bolivianos naturais</p> <p>No entanto, os fluxos migratórios não acontecem apenas em países subdesenvolvidos tal é o caso da migração dos países da Europa Ocidental que migram para o Estados Unidos</p> <p>Porém em casos como esse a migração é efetuada para estudar e se especializar porque algumas profissões são mais valorizadas nos Estados Unidos</p> <p>É certo que a migração é comum em todos os lugares do mundo independento do motivo. Passemos então a solução para a migração boliviana que seria de grande ajuda se o governo brasileiro se desse conta do problema e fizesse uma lei que todos imigrantes que viessem clandestinamente por problemas sociais em seu país tenham direitos a auxílios do governo</p>

Digitação das elaborações de Cibele E.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A vida de um Bolíviano.</p> <p>Os Bolivianos eles vem para o Brasil em busca de emprego (uma vida melhor).</p> <p>Porque lá na bolívia eles passam fome, tem desigualdade e os ricos tem mais privilegio em tudo.</p> <p>Então eles começam a trabalhar de empregados domésticos, carpinteiro ajudante de obras etc... mas mesmo assim eles continuam, passando necessidade e desigualdade. Porque muitos Brasileiros pensão que os Bolivianos são ladrões, ou drogados, mas não a maioria é trabalhador, onesto. mas tem alguns Bolivianos eles vem aqui para o Brasil para faser trafico de droga, mais isso é a menoria dos Bolivianos.</p> <p>Eu não acho certo algumas coisas como o trafico de drogas, os roubos os asacinosos com o Povo da quí que são os Brasileiros mas tem alguns que veem para o Brasil para ter uma vida melhor.</p>	<p>Os Bolivianos</p> <p>Os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo, em busca de trabalho e uma vida melhor. Por que la na bolívia eles tem condição de vida ruim.</p> <p>Quando os bolivianos emigrão para São Paulo, os Brasileiros achão que o povo boliviano são drogados ou ladrões. Por que lá na bolívia a maioria dos Bolivianos para eles sobreviverem eles fabricam e vendem as drogas para o exterior então eles pensão que eles são drogados.</p> <p>mas a maioria deles não são droga-dos e nem ladrões eles só são simples pessoas em busca de uma vida melhor</p> <p>Quando eles veem para a cidade de São Paulo eles trabalham do setor de confecção de roupas ou artesanato o qual a quantia de salario que eles ganhão aqui no Brasil é maior do que la na Bolívia.</p> <p>Aqui em São Paulo eles ganhão em media de R\$300,00 e lá na bolívia é mais baixo o salario. No Brasil para eles esta exelente do que eles ganharam la na Bolívia mas para nós isso é pouco dinheiro.</p>	<p>A Vida de um Boliviano.</p> <p>Os Bolivianos eles migram a cidade de São Paulo para ter uma vida melhor, por que aqui em São Paulo é evidente que tem mais oportuniidade de emprego.</p> <p>Quando os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo eles trabalham no setor de confecção de roupa de artesanatos, que ganha-m em torno aqui no Brasil de R\$300,00 e lá na Bolívia, que o dinheiro deles é o Peso que não tem valor então lá varia o salario.</p> <p>Os Bolivianos eles emigram a Saõ Paulo como eu disse no primeiro Paragrafo, para ter uma vida melhor por que lá na Bolívia, eles tem uma condição de vida precaria. Na Bolívia a maioria trabalha na extração e na produção de drogas, que vendem dentro do pais e para o exterior.</p> <p>Alguns não vendem droga mas trabalham na confeção de roupas e artesanatos.</p> <p>Quando os Bolivianos emigram para o Brasil, alguns Brasileiros que são Preconceituosos pensão que os Bolivianos são drogados ou ladrões alguns não saõ mais outros sim. Para resolver problema tem que aumentar o salario dos Bolivianos dar mais educação e mais ensino as crianças Bolivianas e venham crescer e ser alguma pessoa no futuro.</p> <p>Quando eles viram para o Brasil eles vão ter que ter o mesmo privilegio do que nos e terem tem salario bom por que isso que eles querem ter uma educação melhor.</p>

Digitação das elaborações de Daniel S.S.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>O Que motiva os Bolivianos</p> <p>O Que motiva os Bolivianos migrarem para a região metropolitana de São Paulo.</p> <p>O Que motiva os Bolivianos migrarem para cá em São Paulo, a razão na região metropolitana e aqui em São Paulo os recursos de vida é melhor trabalho como (XXX), lixeiros e também sacoleiro de super-mercado.</p> <p>E por isso que os recursos de vida aqui em São Paulo é muito melhor do que os recursos da Bolívia, e por isso a maioria dos Bolivianos vieram para cá na região metropolitana nos últimos anos.</p> <p>Por isso os Bolivianos estão totalmente satisfeitos de migrarem para cá no Brasil.</p>	<p>Os Bolivianos</p> <p>Os Bolivianos emigram para o Brasil em busca de uma vida melhor, porque a vida que eles têm lá não é que não dá para viver, mas a situação de emprego, carteira assinada, não é realizada ou melhor comparada como aqui no Brasil.</p> <p>E os Bolivianos Preferem vir ao Brasil para ganhar mais dinheiro (300 Reais) por mês do que ganhar pouco na Bolívia</p> <p>E os que ficam na Bolívia a “maioria” preferem plantar coca, porque com isso eles ganham dinheiro muito mais rápido.</p> <p>Quando fala do dinheiro mais rápido, em legalmente aqui no Brasil como costureira, ou trabalhar na feirinha vendendo roupa do que plantar coca, em legalmente.</p> <p>E os Bolivianos veem o Brasil como uma oportunidade de uma vida melhor</p>	<p>Bolivianos</p> <p>O que motiva milhares de Bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo</p> <p>Motiva os Bolivianos a virarem para cá em São Paulo pela seguinte razão: uma vida melhor, em busca de trabalho como babá e empregada doméstica, assim eles(a) tentam garantir uma vida mais social do que no País natal (Bolívia).</p> <p>Mas também os Bolivianos não vêm só para o Brasil só em busca de dinheiro, mas pela situação social e econômica da Bolívia. É por isso que os Bolivianos Preferem vir ao Brasil que a sustentabilidade de vida muito melhor socialmente e econômica do que a Bolívia está oferecendo trabalho.</p> <p>Mas o Problema no Brasil é que algumas pessoas aproveitam a situação dos Bolivianos que vêm para o Brasil ilegalmente, e usam como escravos.</p>

Digitação das elaborações de Elias S.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>As Migrações</p> <p>Muitos dos Bolivianos vem para São Paulo com o intuito de conseguir uma vida melhor, mais dinheiro e muitos dos Bolivianos lá não conseguem um emprego de qualidade e migrão para São Paulo.</p> <p>Como o menino Boliviano que morreu em um assalto: os pais vieram para o trabalho.</p>	<p>A migração dos Bolivianos</p> <p>Muitos dos Bolivianos sem um trabalho que o dinheiro seja necessario para sobreviver com a família e por isso migram para São Paulo e muitos deles vem para trabalhar na confecção de roupas e muitas vezes são explorados pelos coreanos numa especie de trabalho escravo para sustentar a família.</p> <p>Sem condições de uma escola Boa, um trabalho Bom é difícil naquelas condições a melhor coisa a se fazer é migrar para São Paulo tentando ganhar dinheiro mas apesar do trabalho duro é pouco dinheiro que eles ganham para sustentar a família</p>	<p>Em primeiro lugar com o pensamento de uma vida melhor, tentam vir para São Paulo se arriscando perder a vida vindo a pé para ganhar um salario minimo enfrentando rios e tempos (XXX).</p> <p>Alias eles vem para trabalhar na confecção de roupas e tambem muitas vezes longe de onde eles moram ou seja uma parte do salario para condução.</p> <p>Muitos deles poderiam vir de avião mas as vezes não tem o dinheiro para vir legalmente e muitos deles vendem suas roupas no Bras</p> <p>Por ultimo eles são muito excluidos da sociedade Brasileira</p>

Digitação das elaborações de Gessyara F.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>“Estrangeiros”</p> <p>No Brasil há varios estrangeiros de varios Países, por certos motivos ou secustancia vieram para o nosso País, antes era muito dificil atravessar a fronteiras para outros paises, hoje tudo é legalizado.</p> <p>Alguns não aceitam a chegada dos estrangeiros no nosso país, pelo simples fato de ser de outro país. Mas não sabem ao menos o motivo que os tenha trazido aqui. Esse motivo é nada mais que a Procura de trabalho, uma vida melhor, guerras que destrõem milhões de habitantes dos outros paises, ou simplesmente conhecer o nosso pais. Esse é o motivo que os trazem aqui no nosso Pais.</p> <p>Os estrangeiros Passam por varias dificuldades nos paises que não são suas pátrias. O motivo talvez dessa dificuldade seja talvez o fato de não ser um brasileiro, ou por causa da cor.</p> <p>Estrangeiros que procuram trabalho, poucos conseguem garantir o sucesso. Alguns acabam voltando para sua Pátria pelo fato de não serem aceitos aqui.</p> <p>O Ponto principal da vinda dos estrangeiros é a desigualdade social, mas o que eles não sabem é que o Brasil tem esse grande fato na ponta das mãos</p> <p>Por isso quero deixar claro: Estrageiros lutem pelo seus direitos e procurem um pais sem desigualdade social, que não seja igual ao Brasil!</p>	<p>Os Bolivianos &amp; o Setor de confecções</p> <p>Os Bolivianos migram para o Brasil por causa do Baixissimo desenvolvimento Social econômico do País onde habita. Outros vem por causa de condicões de vida, como, comida, estudos, trabalhos e moradia, a única opção que eles tem, é migrar para o Brasil ou vender tomates nas estradas e trabalhar com drogas. Relativamente os bolivianos participam do fluxo migratório (uma certa quantidade de cidadãos Bolivianos.) chegando no Brasil os bolivianos procuram um lugar fixo para se abrigar e em alguns estantes procuram emprego, a única opção de trabalho é a confecção de Roupas (Lojas Brás...) á onde poderão trabalhar cansadamente arrecadando metade do Salário mínimo.</p> <p>A situação de trabalho dos Bolivianos é muito Precária, eles não obtém carteira assenada e passam á maior parte dos tempos no térreo do Predio onde trabalha. Os Bolivianos não tem documentos o que prejudica a falta de obter um trabalho qualificado. Os Bolivianos não são aceitos aqui no Brasil (chenofobia) quando alguém tem á versão contra o estrangeiro.</p> <p>Pode se concluir que os Bolivianos migram para o brasil á procura de um emprego melhor e uma ótima condição de vida. São Poucos os que conseguem obter uma condição de vida Ampla, outros continuam lutando para obter sua propria vida sem ser escravizados por outros.</p>	<p>A Migração dos Bolivianos</p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que a situação de vida dos Bolivianos é muito Precária, o estado de vida dos bolivianos é uma questão de escolhas onde poderaõ optar a vender tomates nas estradas ou mercadoria de droga, ganhando um rendimento salarial baixo não tendo uma condiçã de vida ótima.</p> <p>Passamos então a analisar que não há outra forma á não ser migrar para outro pais em busca de uma condição de vida melhor.</p> <p>É evidente que o brasil não é o unico pais que possam migrar elegalmente e trabalhar nas confecções de Roupas, ganhando o salario minimo que para eles é otimo</p> <p>A condição de vida dos Bolivianos é média eles tem um trabalho disqualificado onde passam parte do tempo trabalhando no térreo para obter diariamente 300,00 no Brasil.</p> <p>Pode se concluir que a unica opção é a busca de uma condição de vida melhor em outro pais.</p>

Digitação das elaborações de Giovana J.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Migrações Bolivianas</p> <p>Atualmente os bolivianos vem para São Paulo em busca de mais condições, e menos trabalho escravo.</p> <p>Existem dois pontos de vista, É bom por que muitas vezes eles que fazem muitos trabalhos que a sociedade não faz e eles fazem, E é ruim pois eles tem trabalho escravo, trabalhando muito sendo explorados.</p> <p>Finalmente a solução seria que o governo Boliviano desse melhores condeções e os que já migraram tenham menos horas de trabalho e mais condições sociais.</p>	<p>Migração de Bolivianos para São Paulo</p> <p>Os Bolivianos vieram para São Paulo para buscar uma melhor condição de vida. Na Bolívia o salario ganhando por eles é muito baixo, por isso vindo para São Paulo um salario de 300 reais para eles é otimo.</p> <p>Os bolivianos saem fugidos da miseria, mais ainda pior que hoje em dia no Brasil tem aproveitadores que só querem usar os Bolivianos e pagar um salario misero.</p> <p>Para concluir as autoridades deveriam ser mais rigidas a respeito disso, pois os bolivianos não podem continuar vivendo dessa maneira pois uma pessoa que trabalha em alguns casos 16 horas por dia e ganham 300 reais, ou só um prato de comida, eles ficam escondidos em subsolos de predios pois os “chefes” deles na maioria das vezes coreanos não deixam que eles saiam na rua.</p>	<p>Os Bolivianos</p> <p>Comecemos pela condição de vida dos Bolivianos que er precaria e escassa, na minoria das vezes tem Bolivianos ricosque ainda tem condições para morar na Bolívia.</p> <p>É evidente que para sobreviver é preciso comer e beber água, pela falta dos dois, sem duvida as pessoas vão querer mudar de vida.</p> <p>Pensando que na Bolívia tem muitas “fazendas” de drogas onde plantam e vendem. Justamente por isso que as mães saem com seus filhos daquela situação pois nenhuma mãe quer ver seu filho convivendo com essa situação</p> <p>Quando Finalmente os bolivianos vem para o Brasil, ainda sim são explorados em sua maioria das vezes esses exploradores são coreanos que escondem os bolivianos nos subsolos de predios antigos e os fazem trabalhar em sua maioria das vezes por apenas um prato de comida ou por 300 reais, somente em uma jornada diária de 16 horas.</p> <p>A solução seria unir o Brasil e a Bolívia para que não haja tal exploração. O Brasil tem que ser mais rigido quanto a exploração e ficar mais atento a fronteira. E a Bolívia teria que melhorar as condições e inspecionar as“fazendas”. Assim não teremos tanta exploração.</p>

Digitação das elaborações de Giulia V.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>São Paulo e Bolivianos</p> <p>São Paulo é cidade grande, com muitos comércios e vagas de emprego. Na Bolívia, não há muitos comércios nem vagas de emprego, mas também fica pendente na renda do país. Os bolivianos na maioria das vezes optam por migrar para o Brasil, pois a renda acaba sendo mais alta e com mais vantagens de vida</p>	<p>A causa da migração boliviana</p> <p>A migração boliviana está cada vez mais frequente. Os imigrantes bolivianos acabam optando por vir para São Paulo. Na Bolívia a vida é difícil, tem muita pobreza, assim os bolivianos imigram para outro país, optam pelo Brasil, principalmente para São Paulo, por ser um país mais próximo e com uma maior valorização do dinheiro.</p> <p>Aqui em São Paulo, a busca de trabalho nas periferias, os bolivianos trabalham irregularmente, de acordo com as leis eles deveriam receber o salário mínimo, mas o que eles ganham é bem menos que isso</p> <p>Trabalhando irregularmente, acabam sendo postos para trabalhar em porões em baixo das lojas, para assim não serem descobertos (OBS: os bolivianos são ótimos na confecção de roupas).</p>	<p>Os bolivianos</p> <p>Inicialmente os bolivianos acabam migrando para São Paulo (Brasil) por condições precárias em seu país. Consequentemente, chegam procurando na confecção de roupas, por exemplo.</p> <p>No entanto, acabam trabalhando ilegalmente, em periferias, no centro da cidade. Aliás, em periferias, no centro da cidade acabam sendo postos para trabalhar nos porões das lojas. Sem dúvida alguma eles ganham um tanto de dinheiro à mais do que se fosse em seu país, Bolívia.</p> <p>Logo, é possível pensar em uma solução, que assim seja, drástica. Com muito mais razão é preciso melhorar a fiscalização em locais que o produtor de roupas seja desconhecido, ou até mesmo mais leis, para impedir ambos a começar um comércio ilegal.</p>

Digitação das elaborações de Guilherme Y.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Os Bolivianos</p> <p>Os Bolivianos vem para o nosso país Para ter melhor custo de vida principalmente São Paulo porque tem um dos melhores empregos, uma das melhores moradias, e São Paulo é uma das hoje em dia é uma das melhores cidades do Brasil é um dos motivos são porque aqui não tem muita violência como na bolívia e porque aqui não tem muita droga como lá</p>	<p>Os Bolivianos</p> <p>Os bolivianos migraram para o Brasil especialmente Para São Paulo Porque aqui na capital porque tem melhor custo de vida do que na bolívia e um dos outros casos é melhores empregos transporte e alimentação; Em são Paulo os empregos são mais fasséis de encontrar e aqui na capital não tem muita violencia como lá e o outro caso é porque o país lá esta em crise e porisso tem muita morte. porisso que eu acho que os Bolivianos migram Para São Paulo</p>	<p>Os Bolivianos</p> <p>Os bolivianos vieram para São Paulo para buscar uma melhor condição de vida. Na bolívia o salario ganhado por eles é muito baixo, por isso vindo para São Paulo eles podem ganhar um salário de 500 reais para eles é ótimo.</p> <p>Os bolivianos saem fugidos da miseria, mais ainda pior que hoje em dia no Brasil tem muitos aproveitadores que só querem usar os bolivianos, e pagar um salário miseravel. Eu vi que eles trabalham mais ou menos 16 horas po dia e ganham 300 reais, ou só um prato de comida, eles ficam escondidos em subsolos de predios pois os “Chefes” deles na maioria das vezes são coreanos e tambem eles não deixão que os bolivianos sairem para rua.</p> <p>O que podemos fazer para ajudar os bolivianos e denunciarmos estes “Chefes” que fazem o trabalho escravo com eles, e talvez registrar eles e fazer um trabalho digno</p>

Digitação das elaborações de Luiz Henrique S.A.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>São Paulo e Bolívia</p> <p>São Paulo tem melhores condições de vida do que na Bolívia. As atrações turísticas podem impressionar vários bolivianos e convence-los a morar em São Paulo.</p> <p>A questão do trabalho traz a maioria dos bolivianos. Mas São Paulo não é um mar de rosas como os bolivianos e muita gente pensa. A violência é grande, por isso, bolivianos podem morrer por vandalos e bandidos, como o caso do menino boliviano morto em assalto. Acho que muitos bolivianos vão vir por motivos de melhor qualidade de vida e recomeçar a vida trabalhando em São Paulo. Mas também deve se preocupar por causa da violência e dos protestos em São Paulo e no Brasil inteiro.</p>	<p>A migração dos Bolivianos</p> <p>A migração dos bolivianos tem motivos importantes. A política é um dos motivos. Guerras e conflitos fez com que os bolivianos migrassem para São Paulo.</p> <p>O outro motivo é a qualidade de vida e o trabalho. Na Bolívia, o salário é baixíssimo, para eles R\$300,00 é como se fosse um salário mínimo, imagine o salário que eles ganhariam, por isso vários migraram, principalmente nas empresas têxteis, onde a maioria das empresas eram comandadas pelos coreanos, que migraram para o Brasil antes dos bolivianos.</p> <p>A qualidade de vida também é melhor do que na bolívia</p> <p>A minha opinião é que para eles é bom e para nós também, eles tem melhor qualidade de vida e ajudam bastante o Brasil nas fabricas têxteis e outros tipos de comércio. A bolívia está melhor do que na época da migração, esse fluxo migratório já passou.</p>	<p>A migração dos bolivianos</p> <p>Os bolivianos migraram para a região metropolitana de São Paulo por três motivos; Os conflitos que ocorreram na Bolívia que fizeram que os bolivianos migrassem para São Paulo. Entretanto, boa parte dos bolivianos vieram para recomeçar a vida, trabalhando nas fabricas têxteis de São Paulo.</p> <p>É por isso que os bolivianos começaram a vir em uma grande quantidade por causa do salário</p> <p>Na Bolívia, eles costumam a receber um salário muito baixo, por isso que o salário do Brasil comparado com o da Bolívia, o do Brasil é muito superior.</p> <p>Os conflitos que aconteciam deixava habitantes desabrigados e por isso que os bolivianos migraram para São Paulo</p>

Digitação das elaborações de Natália F.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Migrações – Bolívia</p> <p>Atualmente, muitos bolivianos têm migrado para o Brasil à procura de uma vida melhor.</p> <p>Os bolivianos vêm para o Brasil talvez porque o país deles (Bolívia) não satisfaz às necessidades básicas, então eles decidem migrar para algum outro lugar que possa dar uma vida melhor ao indivíduo e à família dele.</p> <p>O Brasil é uma grande opção para os estrangeiros, mas com muita gente do exterior vindo para cá (principalmente em São Paulo) o país acaba ficando desproporcionado pois todos vão para as metrópoles e o resto do país (norte, nordeste) ficam com uma população muito pequena em relação à São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, a população de São Paulo acaba ficando com poucos benefícios do povo brasileiro e os estrangeiros acabam saindo no “lucro”.</p> <p>Desde os primórdios, já haviam migrações, mas os motivos agora são outros. O que antes, o motivo era a busca por alimentos, hoje as pessoas migram pelo dinheiro.</p> <p>Futuramente, de tanto as pessoas migrarem para um mesmo local, a população mundial ficará localizada em determinados “pontos”, e esses locais não irão atender as necessidades dos migrantes.</p>	<p>Migração boliviana</p> <p>Muitos povos, de diversos lugares se deslocam para outros países, e às vezes até para outros continentes à procura de uma vida melhor.</p> <p>Atualmente, os motivos dessas migrações são as melhorias na qualidade de vida (tentar estabelecer sua vida), satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas.</p> <p>Um grande exemplo dessas migrações, são os bolivianos, que se destaca como um dos principais grupos para estabelecer residência em São Paulo (Brasil).</p> <p>Muitos bolivianos saíram da Bolívia, por motivos políticos e para crescer profissionalmente. As mulheres também se deslocaram, mas elas trabalhavam como babás e empregadas domésticas.</p> <p>Para os bolivianos, migrar para o Brasil, tem tanto pontos positivos quanto negativos.</p> <p>Muitos bolivianos não se adaptaram com o Brasil, por sua língua, costumes, clima e política; e sofriram preconceito por virem de outro país e falar outra língua.</p> <p>Porém, aqui eles poderiam tentar a vida, trabalhando em lojas, para sustentar sua família; ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho.</p> <p>Aqui no Brasil, parte dos bolivianos são imigrantes clandestinos, ou seja, são ilegais aqui no Brasil. Isso é muito comum, com países fronteiriços, onde as pessoas se deslocam, para o país vizinho, onde é mais desenvol-</p>	<p>As migrações bolivianas.</p> <p>Muitas pessoas se deslocam de vários lugares, em busca de uma vida melhor.</p> <p>Atualmente, os bolivianos vêm se destacando pela sua grande população no Brasil. Os motivos dessas migrações são vários, onde no topo está a busca para tentar estabelecer suas vidas, satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas (estudo, alimentação, saúde, moradia e transporte) de boa qualidade.</p> <p>Porém, muitos bolivianos não migram apenas para o Brasil mas também para a Argentina. Isso é muito comum entre países fronteiriços, onde um país menos desenvolvido (Bolívia) entra ilegalmente no país vizinho (Brasil/Argentina), onde é mais desenvolvido.</p> <p>As migrações acontecem no mundo todo, onde muitas vezes, as pessoas de países subdesenvolvidos vão para países desenvolvidos ou até mesmo para outros países subdesenvolvidos, onde tem uma melhor qualidade de vida.</p> <p>Muitos bolivianos saem da Bolívia por motivos políticos e para crescer profissionalmente; mas outros apenas tentam uma vida melhor trabalhando em lojas (principalmente em confecções na área têxtil), para sustentar sua família, ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho. Porém, muitos bolivianos não se adaptam ao Brasil, por sua língua, costumes, clima e política, e as vezes, sofrem até preconceito por virem de outro país e falar outra língua.</p> <p>Os bolivianos que trabalham nas indústrias têxteis na confecção de tecidos,</p>

	<p>vido e pode ter uma vida melhor.</p> <p>Ao contrário da Bolívia, aqui no Brasil eles podiam trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro nas indústrias têxteis, trabalhando na confecção de tecidos, muitas vezes no subsolo dos prédios, trabalhando geralmente para os coreanos, recebendo um salario muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos (porque o real vale mais que o peso boliviano).</p> <p>Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outro país, pela sua qualidade de vida, deveria melhorar o país, investindo em melhoras internas (dentro do país), como fábricas, industrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país, assim milhares de bolivianos não teriam que se deslocar para ter uma vida melhor.</p>	<p>geralmente trabalham no subsolo dos prédios (pois são ilegais no Brasil e dependem do emprego para sobreviver) para os coreanos e tendo um trabalho escravo, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos.</p> <p>Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outro país, pela sua qualidade de vida, deveria melhorar o país, investindo em melhoras internas como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país, assim milhares de bolivianos não teriam que se deslocar para ter uma vida melhor.</p>
--	--	---

Digitação das elaborações de Nayhara R.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Os bolivianos em São Paulo</p> <p>Bolivianos vem para região metropolitana de São Paulo para arrumar uma condição melhor de se viver porém bolívia tem uma condição mais baixa. Muitos bolivianos vem para arrumar trabalho e muitos são escravizados para trabalhar de costureiros, etc. Como na televisão passou uma reportagem de bolivianos em uma pensão que foram assaltados por bandidos aqui de São Paulo, um menino deu todas as economias que ele tinha no cofrinho e começou á chorar e um dos mafiosos acabou disparando um tiro no menino de (5 anos) foi morto no colo da mãe, Depois disso embalaram o corpo e suas coisas e voltaram para bolívia falando que nunca voltariam, mais para São Paulo.</p>	<p>Os bolivianos em São Paulo</p> <p>Bolivianos vem para região metropolitana de São Paulo para arrumar uma condição melhor de se viver porém bolívia tem uma condição mais baixa. Muitos bolivianos vem para arrumar trabalho e muitos são escravizados para trabalhar de costureiros, etc. Como na televisão passou uma reportagem de bolivianos em uma pensão que foram assaltados por bandidos aqui de São Paulo, um menino deu todas as economias que ele tinha no cofrinho e começou á chorar e um dos mafiosos acabou disparando um tiro no menino de (5 anos) foi morto no colo da mãe, Depois disso embalaram o corpo e suas coisas e voltaram para bolívia falando que nunca voltariam, mais para São Paulo.</p>	<p>Bolivianos</p> <p>Os Bolivianos migraram em São Paulo em busca de emprego e eles conseguiram trabalho de vender algumas coisas e vendiam comidas, cds, dvds, cartões telefonicos.</p> <p>Mulheres trabalhavam muitos como empregadas, domesticas, babas e vendedoras. Os homens trabalhavam mais como vendedores e eram jovens bem sucedidos um Ex: migradores, e eles tinham comunicação por radios piratas.</p> <p>Uma coisa que preocupa os bolivianos é que eles são ilegais e podem ser deportados de volta de onde veio ou eles podem ser presos.</p> <p>E podem ser subornados pelos coreanos e voltam a trabalhar.</p> <p>A única coisa é uma segurança muito mais asseguradas e rigidas na fronteira.</p> <p>E que o governo bolivianos de a eles uma condição melhor de vida.</p>

Digitação das elaborações de Paulo H.F.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Migração a região metropolitana</p> <p>O que motiva a vinda de milhares de bolivianos a migrarem para a região metropolitana de São Paulo é a procura de emprego e vida melhor, ter condições melhores de vida melhor, ter condições melhores de vida do que encontrada na Bolívia. Eles geralmente trazem os seus familiares para dar uma vida melhor a todos.</p>	<p>O bolivianos vêm para São Paulo em busca de emprego, moradia e melhores condições de vida. Na bolívia algumas famílias vivem muito mal. mais muitas vezes aqui eles são escravizados.</p>	<p>Bolivianos.</p> <p>Os bolivianos vêm ao Brasil em busca de vida melhor no Brasil, pois na Bolívia á problemas sociais que atrapalham a qualidade de vida no país. Muitas vezes eles trazem a sua família para garantir uma vida melhor para todos, mais muitas vezes são escravizados e ganham muito pouco. A cidade mais procurada por eles é a “metropole” São Paulo, pois é a maior e têm mais oportunidade de melhorar de vida</p>

Digitação das elaborações de Ricardo J.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Um certo grupo de pessoas acham que os Bolivianos vem ao Brasil, ou especificamente em São Paulo, pela falta de estrutura na Bolívia, por varios motivos um deles e o proprio capital (Dinheiro) que o proprio pais ganha, que é muito pouco para manter o pais, com isso vem a falta de capital para comprar alimentos (grãos para plantino na propria Bolívia e inportação de vegetais e carnes) e também; a falta de capital para cultura e Lazer dos Bolivianos (esportes, museus, ...)</p> <p>E com isso os Bolivianos, vem ao Brasil, especificamente em São Paulo, porque é conhecida como a maior cidade da America Latina, e pelo grande capital conseguido durante os anos.</p> <p>Mas para um outro grupo, eles vem para o Brasil, por causa da grande extensão de terreno no Brasil, para usar como terreno agricola, e construir suas proprias moradias.</p>	<p>A Migração Dos Bolivianos</p> <p>Os Bolivianos vem ao Brasil, especificamente em São Paulo, Pela estrutura que tem em São Paulo.</p> <p>Um certo grupo de cientistas, Postaram no seu Blog na internet sua opinião, (que esta muito empeado nessa pesquisa) mostra a quatidade de Bolivianos que vem, e porque vem.</p> <p>Na opinião que um grupo tem eles falam a verdade, porque fala que os Bolivianos vem para São Paulo pela estrutura que na Bolívia e pelo “grande salario” de São Paulo (grande salario, porque na Bolívia o salario na media, é 230, em Reais) , e o motivo de moradia, que ela a população, viveu, quase toda no campo, sem estrutura.</p> <p>Uma solução para isso na opinião desse grupo, e ter uma conta na ONU (A Bolívia) para ajudar a população com Dinheiro.</p>	<p>Os Migrantes</p> <p>A primeira observação importante a ser feito é a de que os bolivianos escolhem preferencialmente São Paulo para morar.</p> <p>Passemos, então a os motivos porque eles vem ao Brasil.</p> <p>Em Primeiro lugar, por causa da condição financeira deles na Bolívia, em seguida as moradias precarias deles, por ultimo a falta de emprego na Bolívia.</p> <p>E certo que a maioria dos bolivianos que vem ao Brasil são ilegais, no entanto alguns vem por meios legais, como avião, carros pela froteira vistoriada, etc.</p> <p>Passemos, então a como eles vivem no Brasil, vivem em casas com o basico de estrutura (agua, banheiro, tratamento de esgoto basico, e um lugar para tomar banho), trabalham na industria textil (fazendo camisas, calças, shorts, etc...) e ganhando pouco dinheiro para sobreviver.</p> <p>Consequentemente, para melhorar, solucionar, é preciso melhorar a estrutura na Bolívia e ter pelo menos um emprego com um salario minimo e casas como o basico de estrutura para se morar.</p>

Digitação das elaborações de Samuel D.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>Na minha opiniao migrarão para São Paulo porque é uma cidade, melhor com melhor beneficios tem mais oportuniades de empregos tem melhor condição financera e</p>	<p>Os Bolivianos migraram para o Brasil</p> <p>Os bolivianos migrarão para o Brasil em busca de uma vida melhor, os principais motivos para essa atitude, são</p>	<p>Soluções para os Bolivianos</p> <p>A primeira observação importante a ser feito é que todos os bolivianos saem da Bolívia em busca de melhores condições de vida.</p>

<p>mudarão também pra te uma vida melhor.</p>	<p>mais oportunidades no trabalho, salários melhores, uma política melhor dentre outros aspectos que melhoram a condição de vida.</p> <p>Mesmo migrando para o Brasil alguns não são aceitos pela população, mesmo assim (XXX) migrando para o Brasil em busca de empregos melhores, salários melhores e uma vida melhor.</p>	<p>Os principais casos que colaboram para a migração dos bolivianos são busca de emprego, escolas melhores para seus filhos, e uma política melhor, e sair dificuldades que a Bolívia está passando.</p> <p>Entretanto o problema só poderá ser resolvido com ajustes por parte do governo da Bolívia e pela parte dos brasileiros, deveríamos tratar-os de forma sem preconceito e abrir mais portas para eles</p>
---	---	---

Digitação das elaborações de Sophia S.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>A Migração no Brasil</p> <p>A migração, o deslocamento de população, acontece desde a pré-história, por uma série de motivos que variam de acordo com as necessidades das pessoas, as condições locais e outras.</p> <p>No mundo, muitas pessoas são migrantes ou imigrantes, pois saíram dos países em que nasceram e foram para outros, muitas vezes em busca de oportunidade de trabalho e melhores condições de vida, mas, nem sempre são bem sucedidos.</p> <p>No Brasil, a migração é muito comum, pessoas vão de uma cidade para outra, de um estado para outro e muitas vezes vão morar em outros países. A migração, não só no Brasil como no mundo todo, geralmente ocorre com pessoas que moram no interior e vão morar nas metrópoles, como São Paulo.</p> <p>Atualmente, muitos bolivianos vêm para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida não só para eles, mas também para sua família. E</p>	<p>A imigração boliviana</p> <p>A migração (o deslocamento de populações) acontece desde os primórdios, motivado por uma série de fatores que podem ser econômicos, ambientais ou sociais, por exemplo, e podem variar de acordo com a época.</p> <p>No mundo, é muito comum a migração de pessoas de países subdesenvolvidos para países desenvolvidos.</p> <p>No Brasil, a migração é algo muito comum, um grande exemplo é a migração de pessoas do interior, como as regiões Norte e Nordeste, para a região metropolitana de São Paulo em busca de trabalho e melhores condições de vida.</p> <p>Mas, no Brasil não existe só a migração do interior para a cidade, como também existe a migração de brasileiros para outros países em busca de oportunidades de estudo, trabalho e melhores condições de vida.</p> <p>Embora muitos brasileiros vão para outros países desenvolvidos, pessoas de outros países</p>	<p>A imigração entre a Bolívia e o Brasil</p> <p>A migração (nome dado ao deslocamento de populações), acontece desde a pré-história, sendo motivada por uma série de fatores que, por exemplo, podem ser políticos, econômicos, ambientais, sociais e variam de acordo com a época e com o local.</p> <p>No mundo, o tipo de migração mais comum é a de um país subdesenvolvido, para um país desenvolvido. Mas, também existe a migração entre países desenvolvidos e entre países subdesenvolvidos, tal é o caso da imigração entre a Bolívia e o Brasil, embora só tenha ganhado atenção da mídia no final do século XX ela existe a muito mais tempo.</p> <p>Neste fluxo migratório, os bolivianos vêm para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida para sua família, grande parte vem morar em São Paulo, geralmente para trabalhar no setor de confecção onde seus chefes muitas vezes são coreanos.</p> <p>No entanto, o Brasil não é o único destino dos bolivianos, que também tem como destino a Argentina (principal destino desde o século XIX) e outros países vizinhos da América Latina, tornando este fluxo um exemplo de migração fronteiriça.</p> <p>Voltando ao assunto do setor de confecção de São Paulo e os bolivianos sabemos, que os bolivianos só começaram a vir para o Brasil no</p>

<p>também para fugir de problemas políticos ou econômicos que podem estar ocorrendo em seu país.</p> <p>Grande parte dos bolivianos que vem para o Brasil estão em São Paulo, por ser a maior e mais importante cidade brasileira e por isso tem mais oportunidades e melhores condições de vida.</p> <p>Como dito anteriormente, a migração acontece desde a pré-história e continuará a acontecer por muito tempo.</p>	<p>também vem para o Brasil, um grande exemplo disso são os bolivianos.</p> <p>Muitos bolivianos vem para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida para suas famílias. Grande parte desses bolivianos que vem para o Brasil, vem para São Paulo, por ser a cidade mais importante do Brasil de um ponto de vista econômico.</p> <p>Estudos sobre a vida dos imigrantes bolivianos em São Paulo dizem que a maioria dos bolivianos atualmente trabalham no setor de confecção e seus chefes são geralmente coreanos.</p> <p>Também dizem que muitos bolivianos são vítimas da subcontratação em que eles trabalham muito e não ganham o suficiente por isso.</p> <p>Mas mesmo trabalhando nessas condições os bolivianos estão felizes por ter um trabalho e melhores condições de vida das que tinha em seu país natal.</p>	<p>século passado, enquanto os coreanos vieram a mais tempo, e criaram lojas no setor de confecção que atualmente empregam muitos bolivianos.</p> <p>Mas, trabalhar para os coreanos sendo um imigrante ilegal não é sempre bom no ponto de vista dos brasileiros, pois muitas vezes os bolivianos são vítimas da subcontratação, em que a jornada é longa em condições precárias e não ganham nem um salário mínimo brasileiro.</p> <p>Porém, o salário que eles ganham (média de 300 reais) pode parecer pouco em reais, mas, é uma boa quantidade de dinheiro para os bolivianos por valer bastante em seu país natal.</p> <p>É por isso que podemos dizer que mesmo trabalhando em condições precárias e ganhando pouco, os bolivianos estão felizes por ter um trabalho e melhores condições de vida. E, um dia, esperam voltar para seu país quando ele tiver uma economia mais forte, menos problemas políticos e melhores condições de vida.</p>
--	---	--

Digitação das elaborações de Vitor E.D.		
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p>O que motiva bolivianos virem para São Paulo</p> <p>Bom, na minha opinião, o que leva, os bolivianos migrarem para São Paulo, é a falta de recursos em seu país como, falta de hospitais e escolas. Mas acho que o principal motivo é a falta de empregos e isso gera baixas condições financeiras, uma renda que mal dá para sustentar a família.</p> <p>Hoje em dia é muito fácil ver pessoas bolivianas, principalmente em comércios do centro de São Paulo</p>	<p>Migrantes Bolivianos no trabalho informal – setor de confecção.</p> <p>Como já foi dito anteriormente: esses fluxos migratórios de Bolivianos que migraram para o Brasil foi direcionado ao trabalho informal no setor de confecção</p> <p>Vários migrantes que vieram da Bolívia saíram de regiões de terras altas do Altiplano Andino. Essas migrações foram causadas por vários motivos, um deles é o clima da região.</p> <p>No Altiplano Andino, há um grande problema quanto à questão do clima, pois ele é uma região montanhosa, e em lugares com bastante altitude faz muito frio, por isso boa parte dos bolivianos que vieram para o Brasil, vieram porque não aguentava o frio de sua região.</p> <p>Outro motivo, ou melhor o principal motivo é a falta de emprego e o pouco salário que é recebido mensalmente, essa renda é tão baixa que ficou difícil para alguns bolivianos sustentar à própria família. Isso então causou esses fluxos de migração boliviana.</p> <p>Depois da migração, quando os bolivianos já estavam na região metropolitana de SP, eles não podiam ficar parados sem emprego, por isso antes da suas especialização, eles buscaram algo direcionado ao trabalho informal, por exemplo o setor de confecção em oficinas de costuras e empresas que produziam materiais da área têxtil.</p> <p>A partir de 1990 esse bolivianos adquiriram visibilidade pois um tempo depois surgiu a implementação da lei Anista, que visava regularizar os imigrantes sem documento no país.</p>	<p>Imigração Boliviana para SP no setor de confecção</p> <p>A primeira observação a ser feita, é que essas imigrações foi realizada através de fluxos de migração É preciso lembrar que esses fluxos vieram da bolívia, consequencia de muitos problemas por lá.</p> <p>Vale lembrar que grande parte desses imigrantes, saíram de regioes com bastante altitude como o Altiplano Andino. Concerteza todos saíram de lá por motivos climáticos pois tinham dificuldade de viver em um frio abundante.</p> <p>Outro motivo pode ser também problemas político por isso alguns imigrantes vieram para esta região em busca de uma melhor formação, mais específica.</p> <p>É importante falar sobre uma migração Boliviana significativa para a metrópole. A migração de mulheres foi um marco importante nessa imigração. Podemos afirmar que as mulheres que migraram não tinham certeza do que iriam fazer na metrópole. Após a imigração quando elas já estavam aqui elas descobriram o trabalho informal.</p> <p>Além do setor de confecção elas começaram a trabalhar em casas de família, babá e empregadas domésticas.</p> <p>Com tudo isso, podemos concluir que, de um modo geral, os bolivianos vieram para região metropolitana de São Paulo, apostando na sorte em uma vida melhor na metrópole. A maioria dos imigrantes começaram à trabalhar no setor de confecção, como fabricação de tecidos e materiais da area textil</p> <p>Podemos arfirmar que muitos bolivianos que apostaram em uma vida melhor na metrópole já se deram bem, atualmente são empresários e donos de comércio, só que nem todos tem essa mesma sorte, por isso, as vezes algumas pessoas podem até voltar o seu país, onde imigrou.</p>

ANEXO C





	Bruno K.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Bolivianos</u></p> <p>O boliviano vem ao Brasil por diversos motivos, trabalho, política e educação, onde para ter uma vida melhor, casa, comida e escola para seus filhos.</p> <p>Os bolivianos vem de diversos lugares, porém há muitos outros países que vem ao Brasil e a outros países, todos tem de uma vida melhor eles geralmente vem para a região metropolitana de São Paulo e trabalham principalmente em casas de cozinha ilegais, pois eles não têm carteira de trabalho, eles também trabalham em outros setores como loja e outros.</p> <p>O fluxo migratório de bolivianos direcionado para o trabalho informal em algumas de Curitiba, na cidade de São Paulo, adquiriu visibilidade por principais jornais da imprensa brasileira, a partir da década de 1970.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOMATICA - LEMAR - DG - FTELK - USP - Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Menezes. A LETURA E A ESCREVA NO TÓRREX DE GEOMATICA E A APROFUNDAMENTO DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p>Eu acho que os bolivianos vem para São Paulo por que eles quer melhorar São Paulo ou um outro de sua vida ou outro parentes que mora em São Paulo.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOMATICA - LEMAR - DG - FTELK - USP - Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Menezes. A LETURA E A ESCREVA NO TÓRREX DE GEOMATICA E A APROFUNDAMENTO DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>



Caio D.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - REDAÇÃO - 3º SEMESTRE/2023  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A migração dos brasileiros

Muitos brasileiros migraram para São Paulo em busca de emprego, uma ótima rede de transporte e também uma melhoria de vida.

Os brasileiros têm uma vida com boas condições por isso muitos migram para São Paulo.

Mas também muitos brasileiros não querem ir para São Paulo e preferem ficar em seu país.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO - IFERJ - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DA INSTRUÇÃO - IPEI  
7º SEMESTRE 2023

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - REDAÇÃO - 3º SEMESTRE/2023  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Os migrantes da Ilíria

Muitos brasileiros migraram para São Paulo metropolitano.

A maioria migrou para São Paulo em busca de trabalho, e uma boa condição de vida. A maioria dos brasileiros que migrou para São Paulo, e trabalham para trabalhar em empresas de construção.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO - IFERJ - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DA INSTRUÇÃO - IPEI  
7º SEMESTRE 2023

	Caique L.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;">(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A migração Brasileira</u></p> <p>Milhares de brasileiros migraram para São Paulo metropolitã. A maioria migrou em busca de trabalho.</p> <p>Eles também vieram em busca de uma casa digna de viver melhor que a da Bahia, partes viram como sua família.</p> <p>As mulheres que vêm da Bahia trabalham em empresas de construção como construtoras, pedreiras, e também em outros setores como comércio, indústria, faculdades e também de administração.</p> <p>Porém muitas mulheres vêm para São Paulo trabalham muito recebem pouco salário, mas é só para ter uma melhor condição de vida e de estudar de que na Bahia.</p>	<p style="text-align: center;">(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Trabalho</u></p> <p>Éla migra de trabalho, de sua família, com uma relação com ali, por fazer um bom trabalho pelo que se dá em alguns países a gente e melhor de que outros. <del>Brasil</del> Brasil e outros é para trabalhar, mas não se sabe por que migra, por que outros, por que...</p>
<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - UEMAD - DG - FECH - USP - Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Machado. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2014.</small></p>	<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - UEMAD - DG - FECH - USP - Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Machado. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2014.</small></p>

Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - 6, TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>1ª</u> <u>IMAGINAÇÃO</u> <u>de</u> <u>crianças</u></p> <p>A imaginação tem se manifestado em obras de diversos autores, desde os antigos até os modernos, também em muitas obras de expressão plástica, tanto em pintura, como em escultura, em suas diversas modalidades, quer seja em forma de desenho, pintura, escultura, etc. Com isso, basta um olhar de 1930 e Brasil em suas obras, desde a época das descobertas de se tornarem mais abertas.</p> <p style="text-align: center;">ORGÃO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTeIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO - LEMAP - DE - 1124 - 201 - 2013 Coordenação: Prof. Dr. Maria da Glória A. LOPES (E-MAIL: MGLORIA@UNESP.BR) E APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO - 2º BIMESTRE 2013.</p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - 6, TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>1ª</u> <u>IMAGINAÇÃO</u> <u>de</u> <u>crianças</u></p> <p>A toda criança há "penas" exigindo por parte a mente de "cada criança há suas próprias exigências". No Brasil não são os "Brasilianos" que exigem, são os outros, talvez a mente da criança e a própria criança, um pouco a mente, mas como ficam os "Brasilianos" exigindo por parte a mente. Nestes "Brasilianos" um pouco a mente para trabalhar algum país, talvez a mente para trabalhar de forma diferente, alguns países, talvez a mente de "crianças" para parte a mente. Muitos têm exigido por parte a mente, após no Brasil há muitos países, talvez a mente para trabalhar. Em alguns países há muitos países, talvez a mente para trabalhar. No Brasil há muitos países, talvez a mente para trabalhar. No Brasil há muitos países, talvez a mente para trabalhar.</p> <p style="text-align: center;">ORGÃO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTeIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO - LEMAP - DE - 1124 - 201 - 2013 Coordenação: Prof. Dr. Maria da Glória A. LOPES (E-MAIL: MGLORIA@UNESP.BR) E APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO - 2º BIMESTRE 2013.</p>

Gabriel A.C.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A LÍNEA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Os bolivianos estão vindo para o Brasil pelo fato de estarem se interessando nos trabalhos brasileiros, e com isso a Bolívia perde funcionários e não lucra, assim a Bolívia está caindo aos poucos. Também deve ser porque no Brasil esteja mais fácil de viver, mais fácil de comer e mais fácil de arranjar emprego.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UMACS – UNIV. FUEL – USP – Coordenador: Prof. Dr. Marco Eliseu Miranda. A LÍNEA É A ESCALA DO TÍTULO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA REPRESENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A LÍNEA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### A migração boliviana

Os bolivianos migram para o Brasil por vários motivos, como querem melhor emprego, porque aqui o trabalho é melhor do que na Bolívia, comida é mais barata, melhores condições de vida.

Além disso, uma boa parte de estudantes e profissionais liberais, saem da Bolívia por motivos políticos, que também saiam mulheres para trabalhar em casas de família, como babás e empregadas domésticas. A partir da década de 1990, começou a ser visto, principalmente por jovens com famílias que dependem, em geral, de trabalhadores das minas e fábricas bolivianas.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UMACS – UNIV. FUEL – USP – Coordenador: Prof. Dr. Marco Eliseu Miranda. A LÍNEA É A ESCALA DO TÍTULO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA REPRESENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.

	Gabriela R.B.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Migrando para São Paulo</u></p> <p>Inicialmente, é preciso lembrar que uma parte do fluxo migratório biliziano direciona para o trabalho informal, como oficinas de costura.</p> <p>Logo começaram a migrar mulheres em busca de trabalho doméstico, como babás, empregadas (em casas de família).</p> <p>Em seguida, começaram a migrar para São Paulo os coreanos, paraguaios e peruanos, além da entrada de bilizianos, nas oficinas de costura na Grande cidade de São Paulo.</p> <p>Conseqüentemente, os paraguaios e peruanos trabalharam em oficinas próprias ou nas oficinas de bilizianos, e de coreanos coreanos.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMACY – DE – FICH – USP – COORDENADORA: PROF. DRª MARIA ELIZABETH MORAES DE OLIVEIRA – INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>de migração.</u></p> <p>Os milhares de bolivianos, deixam seu sudeste para a região metropolitana de São Paulo, pelo motivo de condições, para viver, ou até mesmo por alguma coisa que deveria estar acontecendo na família.</p> <p>Essas autuações estão provavelmente sendo feitas nos locais a onde os bolivianos vivem por algum problema.</p> <p>Por algumas alterações, ou até mesmo condições financeiras. Ter conta desse motivo eles tentam ganhar uma vida melhor na região metropolitana de São Paulo.</p> <p>Já se acostumando com a ideia eles começam a trazer os familiares e seus amigos conhecidos.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMACY – DE – FICH – USP – COORDENADORA: PROF. DRª MARIA ELIZABETH MORAES DE OLIVEIRA – INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</small></p>

Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – À TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os bolivianos</u></p> <p>Ellos van para região de São Paulo, para tentar uma vida melhor, ou vezes até vem para trabalhar para outras comerciantes, vem trabalhar um dia por semana etc.</p> <p>Todos vem com a intenção de melhorar a condição do sua família ou até mesmo de si próprio.</p> <p>Alguns bolivianos vem até São Paulo para, conseguir ganhar um dinheiro, e manda para seus familiares.</p> <p>Todos que vem para São Paulo, trabalham, para japoneses, e são os seus obrigados até contacts de trabalho com eles.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UNESP – USP – FFLCH – UNP – Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – À TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os Bolivianos</u></p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que o fluxo migratório para a cidade de São Paulo, é atualmente direcionado para trabalho. Mulheres geralmente para trabalhar em casas de famílias, como empregadas ou até mesmo como babás de crianças em idosas.</p> <p>No setor de confecção, a comunidade boliviana costumam a se empregar em pequenos trabalhos, como em estabelecimentos comerciais (na maioria parte, cabuleiros, restaurantes e pequenas confecções.) Muitos ainda preferem, trabalhar como feiteiros ou com o seu próprio negócio.</p> <p>Os Bolivianos, passaram a gostar de vir para São Paulo, até para suas férias, eles já estão até contando a trazer seus amigos e famílias de todo a Bolívia, para morar em São Paulo.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UNESP – USP – FFLCH – UNP – Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

Jaime P

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - À TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

O que motiva os bolivianos a ir para São Paulo?

Bom, o que motiva os bolivianos a migrarem para as regiões metropolitanas de São Paulo é o trabalho, a vida melhor, uma casa e seus direitos.

Mas, muitos moram de favela, alguns não conseguem achar lugares para poder ficar pelo menos uma noite, para os que tem sorte bem, mas para os que tem outros é difícil viver aqui em São Paulo sem trabalhar.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMAR - DE - FFLCH - USP  
Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO.  
2º SEMESTRE 2013.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - À TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A migração dos bolivianos

Os bolivianos migram para São Paulo afim de achar uma vida melhor para suas famílias.

Como o trabalho, só que muitos fazem com o famoso "trabalho escravo" e acabam "morrendo" de tanto trabalhar.

Os coreanos são os que empregam os bolivianos para trabalharem nas lojas de costura. Eles são os donos das lojas de costuras.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMAR - DE - FFLCH - USP  
Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO.  
2º SEMESTRE 2013.

	Leandro C.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>É que muitos bolivianos</u> <u>vêm para São Paulo?</u></p> <p>Bom, é que muitos bolivianos migram para São Paulo (as regiões metropolitanas) é o trabalho, o salário, melhor, uma casa e plus de tudo.</p> <p>Mas, muitos moram de favela, alguns não conseguem achar lugares para morar ou para poder ficar pelo menos uma noite, pois, os que tem "certo" bom, mais para os outros é difícil morar aqui em São Paulo sem trabalho.</p> <p>Os bolivianos vêm para São Paulo com o intuito de melhorar a vida de suas famílias.</p> <p>Como o trabalho, os que muitos sofrem com o famoso "trabalho escravo" e também "morando" de tanto trabalhar.</p> <p>Os convênios são os que empregam os bolivianos para trabalharem nos lojas de costura. O salário é dentro das lojas de costura.</p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>OS BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR.</u> <u>OS BOLIVIANOS VEM PARA ARRELIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO PA</u> <u>RA QUE APÓS DELES SÃO MELHORES VIVENDO E ELES QUEREM PARA VIDA MELHOR</u></p> <p style="text-align: center;">CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO - LEMADE - UG - FOLCA - USP Coordenação: Prof. Dr. Maria Célia Miranda. A LITERA E A ESCOLA NO TEMA DE EDUCAÇÃO E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO 7º SEMESTRE 2013</p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

OS BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR  
OS BOLIVIANOS VEM PARA SÃO PAULO POR- DES DO FINAL  
DA DÉCADA DO SÉCULO XX, EM MENOR QUANTIDADE DE FRAM,  
ESTUDANTES E DONOS DE COMÉRCIO.

~~OS BOLIVIANOS PERDARAM~~ GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS  
PERDARAM O TRABALHO NA DÉCADA DE 1950 DEVIDO UMA  
PERDA DE ECONOMIA E IMUNDA GÕES CAUSADA PELA  
CHUVA.

OS BOLIVIANOS VEM PARA TER TRABALHO MELHOR,  
UM SALÁRIO MELHOR E UMA MORADIA MELHOR, UMA VIDA  
MELHOR.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

OS BOLIVIANOS QUEREM UMA VIDA MELHOR  
OS BOLIVIANOS VEM PARA SÃO PAULO DES DO FINAL DO SÉCULO  
XX, EM MENOR QUANTIDADE, COM ESTUDANTES E DONOS DE  
COMÉRCIO.

GRANDE PARTE DOS BOLIVIANOS PERDARAM O TRABALHO NA DÉCADA  
DE 1950 DEVIDO UMA PERDA DE ECONOMIA E IMUNDA GÕES CAUSADA  
PELA CHUVA.

BOLIVIANOS VEM PARA TER UM TRABALHO MELHOR, UM SALÁRIO MEL-  
HOR E UMA MORADIA MELHOR, UMA VIDA MELHOR.

NA DISSERTAÇÃO CIENTÍFICA PRÉVIA, UMA INSCRIÇÃO BOLIVIANA PARA  
APOSENTAR-SE APÓS A DÉCADA DE 1950, ELO PASSA SEU TRABALHO  
PARA NÃO EVITAR PARA O BRASIL, SEU PAÍS DE ORIGEM COMO BOLIVIANO EM  
PARA BOLIVIANOS TEM UM ANO DE 1950, ~~PERDANDO O TRABALHO~~  
(PERDANDO ANTES DE 1950) A JORNADA.

O BRASIL ~~TEM~~ TER SIDO EM IMIGRANTE PÍS QUE CHAMA A ATENÇÃO  
DOS BOLIVIANOS E OUTROS ~~IMIGRANTES~~ IMIGRANTES, AUMENTO NO SÉCULO XIX E  
NO MEIO DO SÉCULO XX.

Marcelo B.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

São Paulo e bolivianos não são  
 O motivo deles migrarem, que não são mais é um  
 o motivo Para eles e eles vivem que não Paulo  
 é uma cidade muito bem cuidada, São Paulo também é  
 um país trabalhador, os bolivianos vivem para não Paulo  
 também porque aqui é um país mais fácil encontrar um  
 trabalho e assim os bolivianos pode ter uma vida melhor

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
 Coordenação: Profa. Dra. Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
 2º SEMESTRE 2013.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

AS NECESSIDADES BÁSICAS EAS NECESSIDADES  
 CIDADE TRABALHADORAS DO BOLIVIANOS  
 OS BOLIVIANOS NÃO VEM APENAS PARA O  
 TRABALHO, MAS TAMBÉM PARA SUAS NECESSIDADES  
 BÁSICAS, COM O TO DOS 25 ANOS, VEM PARA OS  
 LOCAIS DIVERSOS PARA TER SUAS NECESSIDADES BÁSICAS.  
 NOS ÚLTIMOS TEMPOS OS BOLIVIANOS ESTÃO  
 SE DESTACANDO COM UM GRUPO DE DESELOCAMENTO EM FICAR  
 NAS RESIDÊNCIAS DE SÃO PAULO.  
 ELLES VEM COM O MOTIVO DE ESTABELE CER  
 PRO CONQUE AÍ EM SÃO PAULO, ADEJAN DE MUITOS  
 TRABALHOS, OS BOLIVIANOS VEM POR SUAS NECESSIDADES  
 BÁSICAS. E ANTIAMENTE NA DÉCADA DE 1930,  
 NOS ANOS 1980, ERA COMUM CONSIDERAR ADULTA-  
 FÃO BRASILEIRA DECHADA.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
 Coordenação: Profa. Dra. Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
 2º SEMESTRE 2013.

	Taynara R.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A COFEÇÃO MÍGRA ATORIA DE ALGUNS PAÍSES</u></p> <p>O motivo dos bolivianos ir para São Paulo é que eles buscam em empregos, mas também eles vem por atrações divertidas, mas não são apenas os bolivianos que vêm para São Paulo porque os coreanos por exemplo também tem algumas pessoas que tem parentes aqui no Brasil, e os cidadãos vem para suas necessidades básicas. E antigamente na década de 1990 é, nos anos 1980, era comum a migração da população brasileira, fechada nos últimos tempos os bolivianos estão se destacando com um grupo de deslocamento em ficar na residência de São Paulo.</p> <p>Claro que não são apenas os bolivianos tem muitos outros que vem para São Paulo.</p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL - RASCUNHO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A migração e seu porém</u></p> <p>Milhares de bolivianos estão migrando na região metropolitana de São Paulo, o que leva que a migração?</p> <p>Em São Paulo há muitas opções de trabalho, há muitas cemitérios e lojas, também há muitas fábricas grandes e que precisa de muitos trabalhadores em diversas funções. Podemos dizer que eles também vem para migrar a procura de algo, de próprio interesse? Podemos dizer também que provavelmente eles também algo aqui, ou descobriam coisas aqui e vão buscar ou não trabalham de algum modo trabalhando aqui.</p>
<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS PRÁTICAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LENEAR - DE - FFLCH - USP Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Miranda. A LINGUAGEM DA LINGUAGEM E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2014.</small></p>	<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS PRÁTICAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LENEAR - DE - FFLCH - USP Coordenação: Prof. Dr. Maria Elza Miranda. A LINGUAGEM DA LINGUAGEM E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2014.</small></p>

Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os belizianos e sua migração em São Paulo</u></p> <p>Inicialmente é preciso lembrar que os belizianos vêm para São Paulo para trabalhar em oficinas de costura, ou chamadas, setor de confecção.</p> <p>Dos belizianos que vêm, a maioria são estudantes e profissionais liberais.</p> <p>Os belizianos saem da Belíza principalmente por motivos políticos, mas também por uma forte recessão econômica e por desemprego, os belizianos vêm migrar em São Paulo a procura de uma vida melhor e estável.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Prof.ª Dr.ª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 3º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os belizianos e sua migração</u></p> <p>Os belizianos saem da Belíza por motivos políticos, forte recessão econômica e por desemprego, isso nos faz sabermos, mas o que é isso que eles vêm em São Paulo que os faz querer migrar aqui?</p> <p>Podemos dizer que eles vêm uma boa economia, muitas oportunidades de trabalho e uma boa política? Talvez sim, em São Paulo há muita coisa a aprender, diversas opções culturais para ver e aprender, diversas opções de trabalho, é que eles também vêm para trabalhar em oficinas de costura, ou podemos chamar de setor de confecção.</p> <p>Podemos encontrar muitas coisas em São Paulo talvez esse seja o motivo de os belizianos migrarem aqui, talvez aqui eles tenham o que na Belíza não têm.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Prof.ª Dr.ª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 3º SEMESTRE 2013.</small></p>

Thaina S.M.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A migração dos bolivianos

Por São Paulo ser uma cidade onde há muitos lugares que as vezes precisam de pessoas para trabalhar, os bolivianos provavelmente ficam motivados à migrarem na região metropolitana de São Paulo por querer uma vida melhor. Acredito-se que na Bolívia as coisas sejam mais difíceis e pode ser que lá não tenha a metade das coisas que aqui tem para uma vida melhor para todos os bolivianos.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Migração boliviana

Os bolivianos se motivam à migração para região metropolitana de São Paulo na esperança de ter uma vida melhor. Muitos de bolivianos vem em busca de empregos, casa e etc. Vivendo em São Paulo o salário é baixo, na Bolívia é menor ainda. Mesmo que não seja todos, é a maioria! As mulheres vem para trabalhar como empregada, doméstica e babás e os homens para trabalhar nas oficinas de costura.

	Victor A.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A migração dos bolivianos</u></p> <p>A Bolívia é um país subdesenvolvido, mas na década de 1980 conheceu uma forte expansão econômica e desenvolvimento causados pelo "Éxito".</p> <p>Os bolivianos que mais se beneficiaram com isto começaram a migrar para São Paulo na década de 1990, em grande quantidade.</p> <p>Esses mesmos bolivianos migraram pra esta região em busca de um trabalho e uma vida melhor.</p> <p>Concomitante a isto, os bolivianos começaram a investir em negócios que ajudaram a melhorar o país, a qualidade de vida e a vida dos bolivianos, para isso poderiam pensar de migrar para outros países em grande quantidade e estabelecer suas vidas em seu país de origem.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UEMAD – DG – FECH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LITURIA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO.</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>De que forma o deslocamento da população?</u></p> <p>Credita-se que a população migra para a cidade grande por as condições de vida serem melhores, ter mais chances de estudar em boas escolas e ter na vida um bom emprego. E ir que crescendo na vida, é também o conforto de melhores hotéis, shopping e etc.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – UEMAD – DG – FECH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LITURIA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Motivos da migração boliviana

Milhares de bolivianos migram para São Paulo diretamente para metrópole, por motivos salariais, políticos e saúde. E procura de emprego para ter uma vida melhor.

Por na Bolívia as famílias passam por de-  
fícil dificuldades. Então querem empregos lucrati-  
tivos para ter uma boa renda para  
ter boa condições de vida.

Mas quando chegam no Brasil muitas  
vezes não é o que pensaram. Homens trabalham  
excessivamente nas oficinas de costura e  
as mulheres em casas de casas  
de famílias.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Motivos da migração boliviana

Milhares de bolivianos vêm para o  
Brasil diretamente em São Paulo, por  
motivos financeiros, melhor condições para  
a sua saúde e até por motivos políticos.  
Em de viver bem!

Na Bolívia é precário o modo de vida!  
Por esse motivo migra para o Brasil para  
construir sua vida com mais lucros e  
conforto.

Mas quando chegam no Brasil muitas  
vezes não é o que pensaram. São expira-  
dos, homens, trabalham excessivamente  
nas casas oficinas de costura e as  
mulheres em casas de família. E em  
troca um salário não agradável!

Se os bolivianos tivessem um apoio  
político, os comerciantes poderiam aumentar  
seus negócios dando empregos outros  
bolivianos. E até outros negócios bolivia-  
nos abrindo seus próprios negócios.  
Fazendo o país crescer.

Vinicius R.

## Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – À TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Bolivianos No Brasil

Nos últimos tempos os Bolivianos estão vindo muito para o Brasil especialmente para São Paulo, onde são para melhorar de vida, também muitos de emprego. Eles podem pensar que aqui no Brasil é melhor que lá, mas estamos tendo muitos problemas, nessa região de São Paulo por isso está tendo muitos brigas com a Polícia etc...

Podem ter os lugares de origem por que pensam que aqui é melhor que lá, mas estamos tendo os mesmos problemas ou pode ser pior.

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE – À TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Fluxo Boliviano No Brasil

Em uma grande parte do texto fala que os Bolivianos vieram para o Brasil em grande quantidade em 1990 a trabalho.

A maioria das pessoas também pensam assim, outras acreditam que é por motivos políticos ou vida melhor e outras acreditam nos dois. No campo eles trabalham, sem ganhando mais que no país de origem, tiveram lucro nos primeiros meses com a chegada de outros, mas eram vendidos como escravos, até hoje ocorre isso de Bolivianos vindo para o Brasil em busca de emprego.

	Vitoria D.V.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p>ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><u>Bolivianos no Grande Brasil</u></p> <p>No começo do século 20 ao século 21 houve aumento do fluxo migratório boliviano para o Brasil. Não ninguém sabe porque. No início achavam que era por trabalho mas depois as famílias bolivianas sabiam que era também por saúde por que lá as condições são muito ruins sem hospitais, saneamento básico e educação. Por entenderem o Brasil ganharam empregos melhores. Os bolivianos encontram fazer melhor de trabalhar do que lá as grandes cidades. Describimos o sofrimento dos bolivianos como não até aqui para o Brasil, já que conhecem o Brasil a melhor parte da América do Sul. Em muitos tentam ir para o Brasil para uma vida melhor, por incrível que pareça também fazem aqui e com ajuda deles encontram empregos muito bons. A verdade é que quase nenhum boliviano vem como turista mas sim como uma vida melhor.</p>	<p>ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - VITORIA D.V. 2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><u>A Migração dos bolivianos</u></p> <p>Inicialmente, irei falar sobre o que motiva os bolivianos a migrarem para São Paulo.</p> <p>Em seguida, darei algumas "supostas" respostas para esse motivo.</p> <p>Os bolivianos podem migrar para outra região por dificuldades financeiras, melhoria da condição de vida ou pra encontrar trabalhos melhores.</p> <p>Assim, concluímos que existem vários motivos para essas migrações.</p> <p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</p>

Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A migração dos Bolivianos</u></p> <p>Inicialmente, falei sobre os motivos da migração dos bolivianos. Existem vários motivos para esse movimento, e um dos principais motivos são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Política</li> <li>• Busca de trabalho</li> <li>• Melhoria da condição de vida, entre outros...</li> </ul> <p>Considere o caso de que os bolivianos procuram outro local de trabalho devido a uma forte recessão econômica; outro motivo foram os desastres naturais provocados pelo "El Niño", assim os bolivianos foi em busca de outro local de moradia.</p> <p>Enfim, foi feita uma pesquisa que diz que atualmente 20% da população boliviana vive fora de seu país e a maioria dessa população nam de sua região por vários motivos, principalmente pelos citados acima, para solucionar esse problema deveria ser feito protestos para o governo de lá ver que os bolivianos querem defender seus direitos.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff. Drª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os Bolivianos e suas migrações</u></p> <p>Inicialmente, é preciso lembrar que os bolivianos buscam outros locais de moradia ou de trabalho devido a uma forte recessão econômica e desastres naturais.</p> <p>Entretanto, existem vários motivos que colaboraram para essas migrações, e os principais motivos são: A política, busca de trabalho, melhoria de condição de vida, busca de moradia, entre outros...</p> <p>Além disso, em uma pesquisa estimou-se que, atualmente 20% da população boliviana vive fora de seu país e seus principais destinos são eles, Argentina e Brasil.</p> <p>No entanto, no meu ponto de vista as migrações não são um problema, mas é certo que para melhorar as condições de vida dessa população deveria ser feito "uma parceria" do governo boliviano com a de outro país, assim um daria apoio ao outro e melhoraria as condições de vida e de moradia, ou então, a população deveria pensar em fazer protestos onde todos defendiam seus direitos, mas é certo de que todos esses protestos deveriam obter um resultado.</p> <p>Enfim, concluímos que existem vários motivos que levam os bolivianos a migrarem para (vários) vários países.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff. Drª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

Andressa M.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### Migração para São Paulo

Os brasileiros vem para São Paulo em busca de trabalho, salários melhores, melhores escolas, melhores mercearias, enfim por uma vida melhor. Eles esperam chegar aqui e entrar em contato com uma vida mais fácil, no sentido de seus aspectos, moradia, trabalho, escola e salários. Na verdade o que se espera quando se faz uma mudança, a tendência é que se faça uma mudança para se melhorar de vida e o que eles fazem sem pra ca e não tentam melhorar a vida.

Mas os negos nem sempre da corte os negos eles acabam por <sup>que</sup> estavam antes de se mudar, talvez porque aqui em São Paulo já tenha muitas feiras, e muita concorrência.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### Migração dos Belizenses

Os belizenses migraram para São Paulo, em busca de uma condição de vida melhor.

Muitos belizenses saem fugidos da Beldia por causa de suas condições, quase de chegam ao Brasil eles são explorados por empresas na maioria dos negos, e eles os obrigam a ficar em subsídios de pedras e trabalhar por pratos de comida ou por um salário muito baixo, 200 300 reais

	Bruno S.S.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A migração boliviana</u></p> <p>Os bolivianos vem para o Brasil em busca de melhores condições.</p> <p>Assim que os Bolivianos chegam ao Brasil são muito prejudicados por causa que os exploram por serem ilegais no país, porque os bolivianos se descontentam podem ser deportados de volta a Bolívia e até preso.</p> <p>Conseqüentemente aceitam o pedido dos brasileiros e foram trabalhar.</p> <p>A situação seria uma situação mais rígida na fronteira.</p> <p>E o governo Boliviano das melhores condições de vida.</p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>A melhor vida</u></p> <p>Desde os primeiros deslocamentos eram efetuados por os negos não havia as melhores condições de vida porém em nossos dias não é diferente, populações se deslocam esperando fugir de problemas políticos e econômicos e essas.</p> <p>O Brasil geralmente é uma das melhores opções por ser um país grande e com várias oportunidades e também por não haver discriminação com estrangeiros.</p> <p>Alguns motivos como guerras, crises econômicas e corrupção são alguns dos motivos que fazem populações se deslocarem.</p>
<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FLECH - USP - Coordenação: Proff D<sup>rs</sup> Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FLECH - USP - Coordenação: Proff D<sup>rs</sup> Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## A migração de Lula

Deslocamentos geralmente são comuns em populações que vivem em lugares que não possuem condições suficientes para a vida e saúde de algumas famílias.

O desemprego é um grande fator em algumas dessas localidades em que pessoas se deslocam para lugares onde acreditam achar emprego no caso de São Paulo (Brasil) acreditam achar liberdade por ser um estado de muitas variedades de etnia porém ~~sem~~ nesse processo alguns desses brasileiros se tornam "escravos" diante dos altos dos salários por estarem clandestinamente em um país diferente em que são sujeitos a trabalhos em péssimas condições e muitas vezes sem trabalho.

Soluções seriam feitas "em vão" por estarem trabalhando sem carteira assinada e não resultam em melhorias nos locais onde os brasileiros se estabelecem para trabalhar.

Já havia alguns brasileiros conseguem se elevar em status econômico e se tornam pequenos empreendedores e são transformados em próprios donos das firmas de costuras e resulta em recrudescimento brasileiro para saírem daquela vida de "escravos".

Uma solução que poderia ser possível para acabar com essa exploração das pessoas e os brasileiros procuram outros setores de trabalho que não seja a produção ~~de~~ têxtil seja espalhando trabalhos em setores ~~de~~ clandestinos que dessem melhores para suas vidas desde que não seja o comércio têxtil.

## Elaboração Final

(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## Mais comum do que parece

Inicialmente a maioria acredita que os brasileiros se deslocam clandestinamente por não terem condições de um bom salário e por querer ter uma vida melhor. Mas uma coisa que poucas sabem é que a população brasileira começou a migrar para o Brasil na década de 1990 porque foram os que mais sofreram com a crise social e o desemprego que atingiu a Bahia.

De acordo com IBGE são grande parte dos imigrantes provenientes dos Estados Unidos mas um terço de 35 é nam brasileiro de contrário da Bahia que possui um número bem inferior embora comparado apenas 25/1000 brasileiros logo a maior parte de estrangeiros ~~que~~ que vêm da Bahia são brasileiros nativos.

No entanto, os fluxos migratórios não acabam apenas em países subdesenvolvidos tal e a caso de migração despois de Europa Ocidental que migram para o Estados Unidos.

Porém em certos casos essa migração é efetuada para estudos e se especializam porque "algumas vezes" são não mais valorizadas nos Estados Unidos.

É certo que a migração é comum em todos os lugares do mundo independentemente do motivo. Passamos então a solução para a migração brasileira que seria de grande ajuda se o governo brasileiro se desse conta do problema e fizesse uma lei que todos imigrantes que ~~que~~ viessem clandestinamente por problemas sociais em seu país tenham direito a auxílio do governo.

Cibele E.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISERTIVA  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

da vida de um boliviano.

Os bolivianos eles vêm para o Brasil em busca de emprego (uma vida melhor). Porque lá na Bolívia eles passam fome, tem desigualdade e os ~~ricos~~ ricos tem mais privilégio em tudo.

Então eles começam o trabalho de empregados domésticos, carpinteiro ajudante de obra etc... mas mesmo assim eles continuam passando necessidade e desigualdade. Porque muitos brasileiros pensam que os bolivianos são ladrões, ou drogados, mas não a maioria é trabalhadora, honesta, mas tem alguns bolivianos eles vêm aqui para o Brasil para fazer tráfico de drogas, mais isso é a maioria dos bolivianos.

Eu não acho certo algumas coisas como o tráfico de drogas, os traficantes eles não são a parte de qui que são os brasileiros, mas tem alguns que vêm para o Brasil para ter uma vida melhor.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
Coordenação: Profa Dfl Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

Elaboração Intermediária

### Os Bolivianos

Os bolivianos eles migram a cidade de São Paulo, em busca de trabalho e uma vida melhor. Por que lá na Bolívia eles tem condições de vida ruim.

Quando os bolivianos emigram para São Paulo os brasileiros acham que o povo boliviano são drogados ou ladrões. Porque lá na Bolívia a maioria dos bolivianos são eles trabalham em fábricas e vendem as drogas para o exterior então eles pensam que eles são drogados.

mas a maioria deles não são drogados e nem ladrões eles só são simples pessoas em busca de uma vida melhor.

Quando eles vêm para a cidade de São Paulo eles trabalham de solda, de confecção de roupas ou artesanato e o qual é quanto de roupa que eles ganham aqui no Brasil é mais do que lá na Bolívia.

~~mas~~ aqui em São Paulo eles ganham em média de R\$ 300,00 e lá na Bolívia é mais baixo o salário. No Brasil por eles são excelentes do que eles ganham lá na Bolívia mas por isso eles poucos dinheiro.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
Coordenação: Profa Dfl Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

	Daniel S.S.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><u>A vida de um Boliviano</u></p> <p>Os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo para ter uma vida melhor, porque aqui em São Paulo é evidente que tem mais oportunidade de emprego.</p> <p>Quando os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo eles trabalham no setor de confecção de roupa ou artesanato, que ganha em em torno aqui no Brasil de R\$300,00 e lá no Bolívia, que o dinheiro deles é o Pao que não tem valor então lá seria o Bolívio.</p> <p>Os Bolivianos eles emigram a São Paulo como eu disse no primeiro parágrafo, para ter uma vida melhor por que lá no Bolívia eles tem uma condição de vida precária - há Bolívia o maior trabalho na extração e na produção de drogas, que vendem dentro do país e para o exterior. Alguns não vendem droga, mas trabalham na confecção de roupas e artesanato.</p> <p>Quando os Bolivianos emigram para o Brasil, alguns brasileiros que são preconceituosos pensam que os Bolivianos são drogados ou ladres, alguns não são mais, outros sim, mas também problema tem que aumentar o salário dos Bolivianos das áreas educacionais e mais ensinar os crianças Bolivianos e também crescer e ser alguma pessoa no futuro.</p> <p>Quando eles virem para o Brasil eles não tem que ter o mesmo privilégio de que não se tem em Bolívia, mas por que isso por eles podem ter uma</p> <p><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><u>A vida de um Boliviano</u></p> <p>Os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo para ter uma vida melhor, porque aqui em São Paulo é evidente que tem mais oportunidade de emprego.</p> <p>Quando os Bolivianos eles emigram a cidade de São Paulo eles trabalham no setor de confecção de roupa ou artesanato, que ganha em em torno aqui no Brasil de R\$300,00 e lá no Bolívia, que o dinheiro deles é o Pao que não tem valor então lá seria o Bolívio.</p> <p>Os Bolivianos eles emigram a São Paulo como eu disse no primeiro parágrafo, para ter uma vida melhor por que lá no Bolívia eles tem uma condição de vida precária - há Bolívia o maior trabalho na extração e na produção de drogas, que vendem dentro do país e para o exterior. Alguns não vendem droga, mas trabalham na confecção de roupas e artesanato.</p> <p>Quando os Bolivianos emigram para o Brasil, alguns brasileiros que são preconceituosos pensam que os Bolivianos são drogados ou ladres, alguns não são mais, outros sim, mas também problema tem que aumentar o salário dos Bolivianos das áreas educacionais e mais ensinar os crianças Bolivianos e também crescer e ser alguma pessoa no futuro.</p> <p>Quando eles virem para o Brasil eles não tem que ter o mesmo privilégio de que não se tem em Bolívia, mas por que isso por eles podem ter uma</p> <p><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## Os Bolivianos

Os bolivianos migram para o Brasil em busca de uma vida melhor, porque a vida aqui eles têm lá não e que não dá para viver, mas a situação de muitas, poderia assumir, nas e realizada ou melhor comparada como aqui no Brasil.

E os bolivianos preferem vir a Brasil para ganhar mais o menor (300 Reais) por mês do que ganhar quase nada na Bolívia. E os que ficam na Bolívia a maioria preferem plantar palha de coca, por que com isso eles ganha o dinheiro muito mais rápido.

Quando fala de dinheiro mais rápido, em legal mente a qui no Brasil como construtora, ou trabalhar na feira vem dando mais do que plantar, palha de coca, ilegalmente.

E os bolivianos vejam o Brasil como uma oportunidade de uma vida melhor

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## Bolivianos

Os que nativa milhares de bolivianos a migram para a região metropolitana de São Paulo

Milhares de bolivianos e vivem para cá em São Paulo pelo seguinte razão uma vida melhor, em busca de trabalho como labor e empregados doméstica, a sim eles também ganham uma vida mais social do que no país natal (Bolívia).

Mas também os bolivianos não vivem no País o Brasil se em busca de dinheiro, Mas pela os problemas sociais e econômico da Bolívia e por isso que os bolivianos preferem vir ao Brasil que a sustentabilidade de vida muito melhor socialmente e economicamente do que a Bolívia está oferecendo trabalho.

Mas o problema no Brasil é que a maioria pensa a privida a situação dos bolivianos que vem para o Brasil ilegalmente, e vivem sem os impostos.

Elias S.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A migração  
 Muitos dos bolivianos vem para São Paulo com o intuito de conseguir uma vida melhor, mais dinheiro e muitos dos bolivianos já não conseguem um emprego de qualidade e migram para São Paulo.  
 Como o mesmo boliviano que morreu em um acidente:  
 ele não tem um bom trabalho.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A migração dos bolivianos  
 Muitos dos bolivianos tem um trabalho que o dinheiro seja necessário para sobreviver com a família e por isso migram para São Paulo e muitos deles vem para trabalhar na confecção de roupas e muitos deles são imigrantes pelo consumo mínimo específico de trabalho escasso para sustentar a família.  
 Sem condições de uma escola boa, um trabalho com a diferença na qualidade a melhor coisa a se fazer é migrar para São Paulo buscando ganhar dinheiro mas custa de trabalho duro e pouco dinheiro que eles ganham para sustentar a família.

<p>Elaboração Final</p>	<p>Gessyara F. Elaboração Inicial</p>
<p>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p>Em primeiro lugar com o pensamento de uma sala molhada, também sei, porque são países se conhecendo melhor, a vida muito a pé para ganhar um salário mínimo importante nos e sempre mais.</p> <p>Alguns deles são para trabalhar na construção de ruínas e também muitos vezes longe de onde eles moram ou seja uma parte do salário para conduzir muitos deles pediram um de cidade mas as regras não tem o dinheiro para se uplamente muitos deles, também suas roupas no Brasil.</p> <p>Foi sempre eles são muito incluídos da sociedade brasileira.</p>	<p>ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><u>"Estrangeiros"</u></p> <p>No Brasil há vários estrangeiros de vários países, por certos motivos ou necessidade viciam para o nosso país, antes era muito difícil atravessar a fronteira para outros países, hoje tudo é legalizado.</p> <p>Alguns não aceitam a chegada dos estrangeiros no nosso país, por exemplo, fato de ser de outro país. Mas nós sabemos os motivos e motivos que os tenha trazido aqui. Esse motivo é muito mais que a procura de trabalho, uma vida melhor, quero que tenham muitos de habitantes dos outros países, ou simplesmente conhecer o nosso país. Esse é o motivo que os trazem aqui no nosso país.</p> <p>Os estrangeiros passam por várias dificuldades nos países que não são suas pátrias.</p> <p>O motivo talvez dessa dificuldade seja talvez o fato de não ser um brasileiro, ou por causa da cor. Estrangeiros que procuram trabalho, poucos conseguem ganhar o suficiente. Alguns acabam voltando para sua pátria por fato de não serem aceitos aqui.</p> <p>O ponto principal da vida dos estrangeiros é a desigualdade social, mas o que eles não sabem é que o Brasil tem esse grande fato na vida dos seus por isso queo deixar claro.</p> <p>Estrangeiros lutem por seus direitos e procurem um país sem desigualdade social, que não seja igual ao Brasil!</p>
<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff Dny Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</p>	<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff Dny Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - À TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### Os Bolivianos e o Dilema de Condições

Os bolivianos migram para o Brasil por causa de baixíssimos desenvolvimento social e econômico do país onde habitam. Outros vem por causa de condições de vida, como, comida, estudos, trabalho e moradia, a única opção que eles têm, é migrar para o Brasil ou vender tomates nas estradas e trabalhar com dogas. Relativamente os bolivianos participam do fluxo migratório (uma certa quantidade de cidadãos bolivianos). Chegando no Brasil os bolivianos procuram um lugar fixo para se abrigar e em alguns estados procuram emprego, a única opção de trabalho é a confecção de roupas (bras. bras...) a onde podem trabalhar cerca de metade do salário mínimo. A situação de trabalho dos bolivianos é muito precária, eles não obtêm carteira assinada e passam a maior parte dos tempos no meio do favelado onde trabalha. Os bolivianos não tem documentos o que prejudica a falta de obter um trabalho qualificado. Os bolivianos não são aceitos aqui no Brasil (Cherópolis) quanto alguém tem a visada contra o estrangeiro.

Podem se concluir que os bolivianos migram para o Brasil a procura de um emprego melhor e uma ótima condição de vida.

Das poucas que conseguem obter uma condição de vida ampla, outros continuam lutando para obter sua própria vida sem ser esmagados por outros.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - À TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### A Migração dos Bolivianos

Inicialmente é preciso lembrar que a situação de vida dos bolivianos é muito precária, o estado de vida dos bolivianos é uma questão de qualificação onde podem obter a renda diária nas estradas ou mercaderia de dogas, ganhando um rendimento baixo. Não tendo uma condição de vida ótima passamos então a analisar que não há esta forma a não ser migrar para outro país em busca de uma condição de vida melhor.

É evidente que o Brasil não é o único país que podem migrar legalmente e trabalhar nas confecções de roupas ganhando o salário mínimo que para eles é ótimo. A condição de vida dos bolivianos é média eles tem um trabalho de qualificação onde passam parte do tempo trabalhando no Brasil para obter diariamente 300,00 no Brasil.

Podem se concluir que a única opção é a busca de uma condição de vida melhor em outro país.

Giovana J.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Migração Boliviana

Atualmente os bolivianos vêm para São Paulo em busca de mais condições e menor trabalho escravo.

Existem dois pontos de vista, e é bom porque muitas vezes eles que fazem muitos trabalhos que a sociedade não faz e eles fazem, e é ruim pois eles têm trabalho escravo, trabalhando muito sendo explorados.

Simultaneamente a solução seria que o governo Boliviano desse melhores condições e os que já migraram tenham menor hora de trabalho e mais condições sociais.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Migração de Bolivianos para São Paulo

Os bolivianos vêm para São Paulo para buscar uma melhor condição de vida. Na Bolívia o salário ganhado por eles é muito baixo, por isso vêm para São Paulo um salário de 500 reais para eles é ótimo.

Os bolivianos são fugidos da miséria, mais ainda pior que hoje em dia no Brasil tem aproveitadores que só querem usar os bolivianos e pagar um salário miserável.

Para concluir as autoridades deveriam ser mais rígidas a respeito disso, pois os bolivianos não podem continuar vivendo dessa maneira pois uma pessoa que trabalha um alguns casos 16 horas por dia e ganham 500 reais, ou só um prato de comida, eles ficam escondidos em subteles de prédios pois os "chefes" deles na maioria das vezes coreanos não deixam que eles saiam na rua.

	Giulia V.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os Bolívianos</u></p> <p>lemos pela condição de vida dos Bolívianos que era precária e escassa, na maioria das vezes tem Bolívianos que ainda tem condições para morar na Bolívia. É evidente que para sobreviver é preciso comer e beber água, pela falta dos dois, sem dúvida as pessoas vão querer mudar de vida. Pensando que na Bolívia tem muitas "fazendas" de drogas onde plantam e vendem, justamente por isso que as mães saem com seus filhos daquela situação por nenhuma mãe quer ver seu filho convivendo com essa situação. Quando finalmente os bolívianos vêm para o Brasil, ainda assim são explorados em sua maioria das vezes, esses exploradores são pessoas que usam os bolívianos nos subletos de pedras antigas e os fazem trabalhar em sua maioria das vezes por apenas um prato de comida ou por 30 reais, somente em uma jornada diária de 16 horas. A solução seria unir o Brasil e a Bolívia para que não haja tal exploração. O Brasil tem que ser mais rígido quanto a exploração e ficar mais atento a fronteira. E a Bolívia tem que melhorar as condições e impulsionar as "fazendas". Assim não temos tanta exploração.</p> <p style="text-align: center;">CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff. Drs. Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO.</p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</p> <p style="text-align: center;">(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>São Paulo e Bolívianos</u></p> <p>São Paulo é cidade grande, com muitos comércios e vagas de emprego. Na Bolívia, não há muitos comércios nem vagas de emprego, mas também fica pendente na renda do país. Os bolívianos na maioria das vezes optam por migrar para o Brasil, pois a renda acaba sendo mais alta e com mais vantagens de vida.</p> <p style="text-align: center;">CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Proff. Drs. Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO.</p>

Elaboração Intermediária	Elaboração Final
<p style="text-align: center;"><small>ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</small></p> <p style="text-align: center;"><small>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</small></p> <p style="text-align: center;"><u>A causa da migração beliziana</u></p> <p>A migração beliziana está cada vez mais frequente. Os imigrantes belizianos acabam optando por ir para São Paulo.</p> <p>Na Beliza a vida é difícil, tem muita pobreza, assim os belizianos migram para outro país, optam pelo Brasil, principalmente para São Paulo, por ser um país mais próximo e com uma maior salvação de dinheiro.</p> <p>Aqui em São Paulo, a busca de trabalho nas periferias, os belizianos trabalham irregularmente, de acordo com as leis eles deveriam receber o salário mínimo, mas é que eles ganham o bem menos que isso.</p> <p>Trabalhando irregularmente, acabam sendo postos para trabalhar em péssimas condições das leis, para assim não serem descobertos (OBS: os belizianos são eternos na confecção de roupas).</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profa. Dra. Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><small>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</small></p> <p style="text-align: center;"><u>Os belizianos</u></p> <p>Inicialmente os belizianos acabam migrando para São Paulo (Brasil) por condições precárias em seu país.</p> <p>Consequentemente, chegam procurando na confecção de roupas, por exemplo.</p> <p>Porém, acabam trabalhando ilegalmente, em periferias, no centro da cidade. Aliás, em periferias, no centro da cidade acabam sendo postos para trabalhar nos péssimas das leis. Sem dúvida alguma eles ganham um tanto de dinheiro a mais do que se fosse em seu país, Beliza.</p> <p>Logo, é possível pensar em uma solução, que assim seja, drástica. Com muito mais rigor e preciso melhorar a fiscalização em locais que o produtor de roupas seja descoberto, ou até mesmo mais leis, para impedir ambos a começar um comércio ilegal.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profa. Dra. Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

Guilherme Y.

## Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Os Babilônios

Os Babilônios não foram para o nosso país. Para ter melhor custo de vida e ~~principalmente~~ principalmente São Paulo porque tem um das melhores empregos, uma das melhores mercedes, melhores empregos e São Paulo é uma das hoje em dia é uma das melhores cidades do Brasil e um dos motivos são porque aqui não tem muita violência como na Babilônia e porque aqui não tem muito droga como lá.

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Os Babilônios

Os babilônios migraram para o Brasil especialmente para São Paulo porque aqui na capital porque tem melhor custo de vida do que na Babilônia e um das outras coisas é melhores empregos, transporte e alimentação; em São Paulo as empresas são mais fáceis de encontrar e aqui na capital não tem muita violência como lá e a outra coisa é porque o país lá está em crise e por isso tem muita morte, por isso que eu acho que os babilônios migraram para São Paulo.

Elaboração Final	Luiz Henrique S.A.
<p>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p>	<p>ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p>
<p style="text-align: center;"><u>Os Belizianos</u></p> <p>Os belizianos vieram para São Paulo para buscar uma melhor condição de vida. Na Belízia o salário ganhado por eles é muito baixo, por isso vindo para São Paulo eles podem ganhar um salário de 500 reais para eles é ótimo.</p> <p>Os belizianos são fugidos da miséria, mais ainda pois que há em dia no Brasil tem muitas oportunidades que se querem usar os belizianos, e pagar um salário mensal e fu no que eles trabalham, mais ou menos 16 horas por dia e ganham 300 reais, ou sei um prato de comida, eles ficam encarcerados em subdes de prisão para os chefes deles, já muitos dos chefes são carceres e também eles não deixam que os belizianos saiam para rua.</p> <p>Hoje O que podemos fazer para ajudar os belizianos e denunciarmos estes chefes que fazem o trabalho escravo com eles, e fazer registrar eles e fazer um trabalho digno.</p>	<p style="text-align: center;"><u>São Paulo e Belízia</u></p> <p>São Paulo tem melhores condições de vida do que na Belízia. As atrações turísticas podem impressionar vários belizianos e convencer-los a morar em São Paulo.</p> <p>A questão do trabalho traz a maioria dos belizianos. Mas São Paulo não é um mar de rosas como os belizianos e muita gente pensa. A violência é grande, por isso belizianos podem morrer por vandalas e bandidos, como o caso de menino beliziano morto em assalto. Acho que muitos belizianos vão vir por melhores de melhor qualidade de vida e recomeçar a vida trabalhando em São Paulo. Mas também deve se preocupar por causa da violência e dos protestos em São Paulo e no Brasil inteiro.</p>
<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</p>	<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</p>

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### A migração dos bolivianos

A migração dos bolivianos tem motivos importantes. A política é um dos motivos. Guerras e conflitos fez com que os bolivianos migrassem para São Paulo.

O outro motivo é a desigualdade de vida e o trabalho. Na Bolívia, o salário é baixíssimo, para eles R\$ 300,00 é como se fosse um salário mínimo, imagine o salário que eles ganhavam, por isso muitos migraram, principalmente nas empresas têxteis, onde a maioria das empresas eram comandadas pelos coreanos, que migraram para o Brasil antes dos bolivianos.

A qualidade de vida também é melhor do que na Bolívia.

A minha opinião é que para eles é bom e para nós também, eles tem melhor qualidade de vida e trabalham bastante no Brasil nas fabricas têxteis e outras tipos de comércio. A Bolívia está melhor do que na época da migração, esse fluxo migratório já passou.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### A migração dos bolivianos

Os bolivianos migraram para a região metropolitana de São Paulo por três motivos: Os conflitos que ocorreram na Bolívia que fizeram que os bolivianos migrassem para São Paulo. Importante por parte dos bolivianos migrarem para enfrentar a vida, trabalhando nas fabricas têxteis de São Paulo.

É por isso que os bolivianos procuraram a vida em uma região de oportunidade para os seus filhos bolivianos. Na Bolívia, eles enfrentam a vida com salário muito baixo, por isso que o salário do Brasil comparado com a da Bolívia, a vida Brasil é muito superior.

Os conflitos que ocorreram deixaram habitantes desabrigados e por isso que os bolivianos migraram para São Paulo.

Natália F.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### Migrações - Bolívia

Atualmente, muitos bolivianos têm migrado para o Brasil à procura de uma vida melhor.

Os bolivianos vão para o Brasil talvez porque o país deles (Bolívia) não satisfaz às necessidades básicas, então eles decidem migrar para algum outro lugar que possa dar uma vida melhor ao indivíduo e à família dele.

O Brasil é uma grande opção para os estrangeiros, mas com muito gente de exterior vindo para cá (principalmente em São Paulo) o país acaba ficando desproporcionalmente cheio. São Paulo não para as metrópoles e o resto do país (norte, nordeste) ficam com uma população muito pequena em relação a São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, a população do São Paulo acaba ficando sem muitos benefícios de posse brasileira e os estrangeiros acabam vindo no "lucro".

Desde os primórdios, já haviam migrações, mas os motivos agora são outros. O que antes, o motivo era a busca por alimentos, hoje as pessoas migram pelo dinheiro.

Infelizmente, de tanto as pessoas migrarem para um mesmo local, a população mundial ficará localizada em determinadas "partes", e esses locais não vão atender as necessidades dos migrantes.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
Coordenação: Profª Drª Maria Eliza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

### Migração boliviana

Muitos povos, de diversos lugares se deslocam para outros países, e às vezes até para outros continentes à procura de uma vida melhor.

Atualmente, os motivos dessas migrações são as melhorias na qualidade de vida (tentar estabelecer sua vida), satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas.

Um grande exemplo dessas migrações, são os bolivianos, que se destaca como um dos principais grupos para estabelecer residência em São Paulo (Brasil).

Muitos bolivianos saíram da Bolívia, por motivos políticos e para crescer profissionalmente. As mulheres também se deslocaram, mas elas trabalharam como babás e empregadas domésticas.

Para os bolivianos, migrar para o Brasil, tem tanto pontos positivos quanto negativos.

Muitos bolivianos não se adaptaram com o Brasil, por sua língua, costumes, clima e política, e sofriam preconceito por serem de outro país e falar outra língua.

Porém, aqui eles poderiam tentar a vida, trabalhando em lojas para sustentar sua família; ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho.

Aqui no Brasil, parte dos bolivianos são imigrantes clandestinos ou seja, são ilegais aqui no Brasil. Isso é muito comum, com países fronteiriços, onde as pessoas se deslocam, para o país vizinho, onde é mais desmoralizado e pode ter uma vida melhor.

Ao contrário da Bolívia, aqui no Brasil

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP -  
Coordenação: Profª Drª Maria Eliza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

<p>Elaboração Intermediária</p>	<p>Elaboração Final</p>
<p>eles pediam trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro nas indústrias têxteis, trabalhando na confecção de tecidos, muitas vezes no subsolo dos prédios, trabalhando geralmente para os cearenses, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas alto para os bolivianos (porque o real vale mais que o peso boliviano).</p> <p>Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outro país, pela sua qualidade de vida, desejava melhorar o país, investindo em melhorias internas (dentro do país), como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidadão de seu país, assim milhares de bolivianos não tinham que se deslocar para ter uma vida melhor.</p> <p><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – IEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Proff D<sup>rs</sup> Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p><small>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</small></p> <p><u>As migrações bolivianas</u></p> <p>Muitas pessoas se deslocam de vários lugares, em busca de uma vida melhor.</p> <p>Atualmente, os bolivianos vêm se destacando pela sua grande população no Brasil. Os motivos dessas migrações são vários, onde no Japo está a busca para tentar estabelecer suas vidas, satisfazendo pelo menos suas necessidades básicas (estudo, alimentação, saúde, moradia e transporte de boa qualidade).</p> <p>Porém, muitos bolivianos não migram apenas para o Brasil, mas também para a Argentina. Isso é muito comum entre países fronteiriços, onde um país menos desenvolvido (Bolívia) entra ilegalmente no país vizinho (Brasil/Argentina), onde é mais desenvolvido.</p> <p>As migrações acontecem no mundo todo, onde muitas vezes, as pessoas de países subdesenvolvidos vão para países desenvolvidos ou até mesmo para outros países subdesenvolvidos, onde tem uma melhor qualidade de vida.</p> <p>Muitos bolivianos saem da Bolívia por motivos pessoais e para buscar profissionalmente; mas outros apenas tentam uma vida melhor trabalhando em lojas (principalmente em confecções na área têxtil) para sustentar sua família, ao contrário da Bolívia, que não há muitas opções de trabalho. Porém, muitos bolivianos não se adaptam ao Brasil, por sua língua, costumes, clima e política; e as vezes, sofrem até preconceito por virem de outro país e falar outra língua.</p> <p>Os bolivianos que trabalham nas indústrias têxteis na confecção de tecidos, geralmente trabalham no subsolo dos prédios (país não legais no Brasil e dependem do emprego para sobreviver) para os cearenses e tendo um trabalho pesado, recebendo um salário muito baixo para os brasileiros, mas</p> <p><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – IEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Proff D<sup>rs</sup> Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

	<p>Nayara R.</p>
<p>Elaboração Final</p>	<p>Elaboração Inicial</p>
<p>salto para os bolivianos.</p> <p>Enfim, o governo boliviano, vendo seu povo se deslocar para outros países, pela sua qualidade de vida, deveria melhorar o país, investindo em melhorias internas como fábricas, indústrias, tecnologia e qualidade de vida, atendendo pelo menos as necessidades básicas de cada cidade de seu país, assim milhares de bolivianos não teriam que se deslocar para ter uma vida melhor.</p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013 (PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Os bolivianos em São Paulo</u></p> <p>Bolivianos vêm para região metropolitana de São Paulo para buscar uma condição melhor de vida porém Bolívia tem uma condição mais baixa. Muitos bolivianos vêm para buscar trabalho e muitos são empregados para trabalhar de costureiros, etc. Como no telejornal atual uma reportagem de bolivianos em uma pensão que foram assaltados por bandidos aqui de São Paulo, um menino de 10 anos morreu com as crianças que ele tinha no colunho e começou a chorar e um dos mafiosos acabou disparando um tiro no menino de 10 anos) foi morto no colo da mãe. Depois disso embalsamaram o corpo e suas coisas e voltaram para chelivá falando que nunca voltariam, mas para São Paulo.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>
<p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO - 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	

## Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## Os Belizianos

Os Belizianos migraram para SP em busca de melhores condições de vida. Na Belízia as condições de vida são precárias por isso. Muitas pessoas vem até aqui ao Brasil. Os pais de crianças vem até SP para que eles tenham um futuro. O Salário que eles ganham para eles é muito os 300 reais que ganham por mês para trabalhar 8 horas por dia. Para finalizar tem que ser tomadas atitudes mais eficazes para que não haja pessoas que abusam destes belizianos as autoridades tinham que dar um jeito.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

## Belizianos

Os Belizianos migraram em São Paulo em busca de emprego e eles conseguiram trabalhar de vender algumas coisas e vendiam: comidas, colts, DVDs, cartões telefônicos. Mulheres trabalhavam muitas como empregadas, domésticas, babás e vendedoras. Os homens trabalhavam mais como vendedores e eram jovens bem sucedidos um Ex: migradores, e eles tinham comunicação por radios piratas. Uma coisa que preocupa os belizianos é que eles são ilegais e podem ser deportados de volta de onde veio ou eles podem ser presos. E podem ser subjugados pelos coreanos e voltam a trabalhar. A única coisa é uma segurança muito mais assegurada e rigida na fronteira. É que o próximo beliziano de a eles uma condição melhor de vida.

Paulo H. F.

Elaboração Inicial

ELABORAÇÃO INICIAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Migração a região metropolitana

• Aquele milhares a cidade de milhares de habitantes a comparecer para a região metropolitana de São Paulo a migração para a região metropolitana de São Paulo a procura de emprego e vida melhor, as condições melhores de vida e melhores condições de vida de que encontradas no Brasil. Eles geralmente trazem os seus familiares para dar uma vida melhor a vida.

Elaboração Intermediária

ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013  
(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

o trabalho em São Paulo em busca de emprego, moradia e melhores condições de vida. No entanto algumas famílias vivem muito mal em São Paulo. Mas muitos preferem aqui do que não encontrar.

	Ricardo J.
Elaboração Final	Elaboração Inicial
<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Bolivianos</u></p> <p>Os bolivianos vêm ao Brasil em busca de vida melhor no Brasil, pois no Bolívia há problemas sociais que atrapalham a qualidade de vida no país. Muitos deles trazem a sua família para garantir uma vida melhor para todos, já que muitos deles são agricultores e ganham muito pouco. A cidade mais procurada por eles é a metrópole São Paulo, pois é a maior e tem mais oportunidades de melhorar a vida.</p>	<p style="text-align: center;">ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO – 3º BIMESTRE/2013 (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p>Um certo grupo de pessoas acham que os Bolivianos vêm ao Brasil, ou especificamente em São Paulo, pela falta de estrutura no Bolívia, por vários motivos, um deles é a própria Capital (Cochabamba) que é pequena país grande, que é muito pobre para manter o país, sem isso tem a falta de Capital para mercadorias, as bolivianos; falta de Capital para comprar alimentos (grãos para plantar no próprio Bolívia e importação de vegetais e carnes) e também; a falta de Capital para cultura e lazer dos Bolivianos (esportes, músicas, ...)</p> <p>E com isso os Bolivianos, vêm ao Brasil, especificamente em São Paulo, porque é conhecido como a maior cidade do América Latina, e pela grande Capital conseguida durante os anos.</p> <p>Mas para um outro grupo, eles vêm para o Brasil, por causa da grande extensão de terreno no Brasil, para usar como terreno agrícola, e construir suas próprias mercadorias.</p>
<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Proff Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</p>	<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Proff Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</p>

## Elaboração Intermediária

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A Migração dos Belizianos

Os Belizianos vêm ao Brasil, especificamente em São Paulo, pela estrutura que têm em São Paulo.

Um certo grupo de cientistas, listaram no seu blog sua internet sua opinião, (que está muito ampla nessa pesquisa) mostra a qualidade de Belizianos que vêm, e porque vêm.

No episódio que um grupo tem este valor e a verdade, porque fala que os Belizianos vêm para São Paulo pela estrutura que no Brasil é pelo "grande salário" de São Paulo (grande salário, porque na Beliziana o salário na média, é 1230, em Reais), e o motivo de maioria, que é a população, vivem, quase todo no campo, sem estrutura.

Uma solução para isso na opinião desse grupo, é ter uma conta na ONU e a Beliziana, para ajudar a população com dinheiro.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

Os Migrantes

A primeira observação importante a ser feita é a de que os belizianos escolhem preferencialmente São Paulo para morar. Podemos, então, os motivos porque eles vêm ao Brasil.

Em primeiro lugar, por causa da situação financeira deles na Beliziana, em seguida as migrações precárias deles, por último a falta de emprego na Beliziana.

É certo que a maioria dos belizianos que vêm ao Brasil são ilegais, no entanto alguns vêm por meios legais, como criação, carros pelo programa Vistosol, etc.

Podemos, então, a como eles vivem no Brasil, vivem em casas sem a básica de estrutura (água, banheiro, tratamento de esgoto básico, e um lugar para tempo família), trabalham na indústria têxtil (fornecedores comitês, calças, shorts, etc...) e geralmente pouco dinheiro para sobreviverem.

Conseqüentemente, para melhorar, solucionar, é preciso melhorar a estrutura na Beliziana e ter pelo menos um emprego com um salário mínimo e casas com a básica de estrutura para se morar.

Samuel D.

Elaboração Inicial

No mundo existem migrações para São Paulo porque é uma cidade, melhor com melhor benefício tem mais oportunidades de empregos tem melhor condições financeiras e mudanças também para se uma vida melhor.

Elaboração Intermediária

As Migrações migraram para o Brasil  
 As migrações migraram para o Brasil em busca de uma vida melhor, as primeiras pessoas migraram para esse estado, por mais oportunidades de trabalho, salários melhores, uma política melhor dentre outras partes que melhoram a condição de vida. Mesmo migrando para o Brasil alguns não são aceitos pela população, mesmo assim muitos migraram para o Brasil em busca de empregos melhores, salários melhores e uma vida melhor.

Elaboração Final	Sophia S
<p>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p><del>Elaborar</del> a situação para os bolivianos</p> <p>A primeira observação importante a ser feita é que todos os bolivianos saem do país em busca de melhores condições de vida.</p> <p>Os principais cargos que colaboram para a migração dos bolivianos são busca de emprego, salários melhores, por sua saúde, filhos, e uma política melhor, e as dificuldades que a Bolívia está passando.</p> <p>Entretanto o problema não poderá ser resolvido com ajustes por parte do governo da Bolívia e pelo parte dos trabalhadores, deviamos tratar de forma sem preconceito e abrir mais portas para eles.</p>	<p>(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p>A Migração no Brasil</p> <p>A migração, o deslocamento de populações, acontece desde a pré-história, por uma série de motivos, que variam de acordo com as necessidades dos grupos, as condições locais e outras.</p> <p>No mundo, muitas pessoas são migrantes ou imigrantes, pois saem de seus países em que nasceram e foram para outros, muitas vezes em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida, mas, nem sempre são bem recebidos.</p> <p>No Brasil, a migração é muito comum, pessoas vão de uma cidade para outra, de um estado para outro e muitas vezes vão morar em outros países. A migração, não só no Brasil como no mundo todo, geralmente ocorre com pessoas que moram no interior e vão morar nas metrópoles, como São Paulo.</p> <p>A verdade é, muitos bolivianos vem para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida não só para eles, mas também para sua família. E também para fugir de problemas políticos ou econômicos que podem estar ocorrendo em seu país.</p> <p>Grande parte dos bolivianos que vem para o Brasil estão em São Paulo, por ser a maior e mais importante cidade brasileira e por isso tem mais oportunidades e melhores condições de vida.</p> <p>Como dito anteriormente, a migração acontece desde a pré-história e continuará a acontecer por muito tempo.</p>
<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</p>	<p>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FFLCH - USP - Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO. 2º SEMESTRE 2013.</p>

## Elaboração Intermediária

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A imigração boliviana

A migração (o deslocamento de população) acontece desde os primórdios, motivada por uma série de fatores que podem ser econômicos, ambientais ou sociais, por exemplo, e podem variar de acordo com a época.

No mundo, é muito comum a migração de pessoas de países subdesenvolvidos para países desenvolvidos.

No Brasil, a migração é algo muito comum, um grande exemplo é a migração de pessoas do interior, como as regiões Nordeste e Nordeste, para a região metropolitana de São Paulo em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Mas, no Brasil não existe só a migração do interior para a cidade de, como também existe a migração de brasileiros para outros países em busca de oportunidades de estudo, trabalho e melhores condições de vida.

Embora muitos brasileiros vão para outros países mais desenvolvidos, pessoas de outros países também vêm para o Brasil, um grande exemplo disso são os bolivianos.

Muitos bolivianos vêm para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida para suas famílias. Grande parte desses bolivianos que vêm para o Brasil, vêm para São Paulo, por ser a cidade mais importante do Brasil de um ponto de vista econômico.

Estudos sobre a vida dos imigrantes bolivianos em São Paulo dizem que a maioria dos bolivianos atualmente trabalham no setor de confecção e seus chefes são geralmente brasileiros.

Também dizem que muitos bolivianos são vítimas da subcontratação em que eles trabalham muito e não ganham o suficiente por isso.

Mesmo trabalhando nessas condições os bolivianos estão felizes por ter um trabalho e melhores condições de vida do que teria em seu país natal.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FELCH - USP -  
Coordenação: Prof.ª Dr.ª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

## Elaboração Final

ELABORAÇÃO FINAL - DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013

(PASSE - A TINTA - SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)

A imigração entre a Bolívia e o Brasil

A migração (o movimento de população) acontece desde a pré-história, sendo motivada por uma série de fatores que, por exemplo, podem ser políticos, econômicos, ambientais, sociais e variam de acordo com a época e com o local.

No mundo, o tipo de migração mais comum é a de um país subdesenvolvido para um país desenvolvido. Mas, também existe a migração entre países desenvolvidos e entre países subdesenvolvidos, tal é o caso de imigração entre a Bolívia e o Brasil, embora os tenha ganhado atenção da mídia no final da década de 90 ela existe há muito mais tempo.

Neste fluxo migratório, os bolivianos vêm para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida para sua família, grande parte vem morar em São Paulo, geralmente para trabalhar no setor de confecção onde seus chefes muitas vezes são brasileiros.

No entanto, o Brasil não é a única destino dos bolivianos, que também têm como destino a Argentina (principal destino desde o século XIX) e outros países vizinhos da América Latina, tornando este fluxo um exemplo de migração fronteiriça.

Valtando ao assunto do setor de confecção de São Paulo e os bolivianos, sabemos que os bolivianos se compararam a um país o Brasil no século passado, enquanto os brasileiros vivem o mais tempo, e empacaram logo no setor de confecção que atualmente emprega muitos bolivianos.

Mas, trabalhar para os brasileiros sendo um imigrante ilegal não é sempre bom no ponto de vista dos brasileiros, por muitas vezes os bolivianos são vítimas da subcontratação, em que a jornada é longa em condições precárias e não ganham nem um salário mínimo brasileiro.

Porém, o salário que eles ganham (muito de 300 reais) pode parecer pouco em reais, mas é uma boa quantidade de dinheiro para os bolivianos por valer bastante em seu país natal.

E por isso que podemos dizer que mesmo trabalhando em condições precárias e ganhando pouco, os bolivianos estão felizes por ter um trabalho e melhores condições de vida. E, um dia, esperam voltar para seu país quando ele tiver uma economia mais forte, mesmo problemas políticos e melhores condições de vida.

CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA - LEMADI - DG - FELCH - USP -  
Coordenação: Prof.ª Dr.ª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO -  
2º SEMESTRE 2013.

Vitor E.D.	
Elaboração Inicial	Elaboração Intermediária
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INICIAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>O que motiva bolivianos a ir para São Paulo</u></p> <p>Bom, na minha opinião, o que leva os bolivianos a migrarem para São Paulo, é a falta de recursos em seu país como, falta de hospitais e escolas. Mas acho que o principal motivo é a falta de empregos e isso gera buscas por condições financeiras, uma renda que mal dá para sustentar a família?</p> <p>Hoje em dia é muito fácil ver pessoas bolivianas, principalmente em serviços de bairro de São Paulo</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO INTERMEDIÁRIA – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p>NOME: <u>Vitor Eduardo Dumont Fraga</u> Nº: <u>24</u> SÉRIE/TURMA: <u>FB</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Migrantes Bolivianos no trabalho informal – setor de confecção,</u></p> <p>Como já foi dito anteriormente: esses fluxos migratórios de Bolivianos que migram para o Brasil foi direcionado ao trabalho informal no setor de confecção</p> <p>Vários migrantes que vieram da Bolívia saíram de regiões de terras altas do Altiplano Andino. Essas migrações foram causadas por vários motivos, um deles é o clima da região,</p> <p>No Altiplano Andino, há um grande problema quanto à questão do clima, pois ele é uma região montanhosa, e em lugares com bastante altitude faz muito frio, por isso boa parte dos bolivianos que vieram para o Brasil, vieram porque não aguentavam o frio da sua região.</p> <p>Outro motivo, ou melhor o principal motivo é a falta de emprego e o pouco salário que é recebido mensalmente, essa renda é tão baixa que ficou difícil para alguns bolivianos sustentarem a própria família. Isso então causou esses fluxos de migração boliviana.</p> <p>Depois da migração, quando os bolivianos já estavam na região metropolitana de SP, eles não podiam ficar parados sem emprego, por isso antes de suas especialização, eles buscaram algo direcionado ao trabalho informal, por exemplo o setor de confecção um esquema de costuras e empacotamento que produziam materiais da área têxtil.</p> <p>A partir de 1990 esses bolivianos adquiriram regularidade pois um tempo depois surgiu a implementação da lei Anacleto, que passou a regulamentar os migrantes sem documento no país.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Elza Miranda. A LECTURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</small></p>

Elaboração Final	Elaboração Final
<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;"><u>Imigração Boliviana para SP no setor de confecção.</u></p> <p>A primeira observação a ser feita, é que essa imigração foi realizada através de fluxos de migração. É preciso lembrar que esses fluxos vieram da Bolívia, consequência de muitos problemas por lá.</p> <p>Vale lembrar que grande parte desses imigrantes, saíram de regiões com bastante altitude como o Altiplano Andino. Conseqüentemente saíram de lá por motivos climáticos pois tinham dificuldade de viver em um frio abundante.</p> <p>Outro motivo pode ser também problemas político por isso alguns imigrantes vieram para esta região em busca de uma melhor formação, mais específica.</p> <p>É importante falar sobre uma migração Boliviana significativa para a metrópole. A migração de mulheres foi um marco importante nessa migração. Podemos afirmar que as mulheres que migraram não tinham certeza de que vão fazer na metrópole. Após a migração quando elas já estavam aqui elas descobriram o trabalho informal.</p> <p>Além do setor de confecção elas começaram a trabalhar em casas de família, bairros e empregadas domésticas.</p> <p>Com tudo isso, podemos concluir que, de um modo geral, os bolivianos vieram para região metropolitana de São Paulo, apostando na obter em uma vida melhor na metrópole. A maioria dos imigrantes começaram a trabalhar no setor de confecção, como fabricação de tecidos e materiais de área têxtil.</p> <p>Podemos afirmar que muitos bolivianos que apostaram em uma vida melhor na metrópole já se deram bem, atualmente são empresários e donos de comércio, só que nem todos tem essa</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</small></p>	<p style="text-align: center;"><b>ELABORAÇÃO FINAL – DISSERTAÇÃO - 3º BIMESTRE/2013</b> (PASSE – A TINTA – SUA REDAÇÃO PARA ESTE ESPAÇO, APÓS TER FEITO O RASCUNHO)</p> <p style="text-align: center;">mesma sorte, por isso, na região algumas pessoas podem até voltar para o seu país, onde amigáveis.</p> <p style="text-align: center;"><small>CÍRCULO DE PESQUISA E ESTUDOS DAS FRONTEIRAS TEÓRICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA – LEMADI – DG – FFLCH – USP – Coordenação: Profª Drª Maria Eliza Miranda. A LETURA E A ESCRITA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A APRENDIZAGEM DA ARGUMENTAÇÃO – 2º SEMESTRE 2013.</small></p>